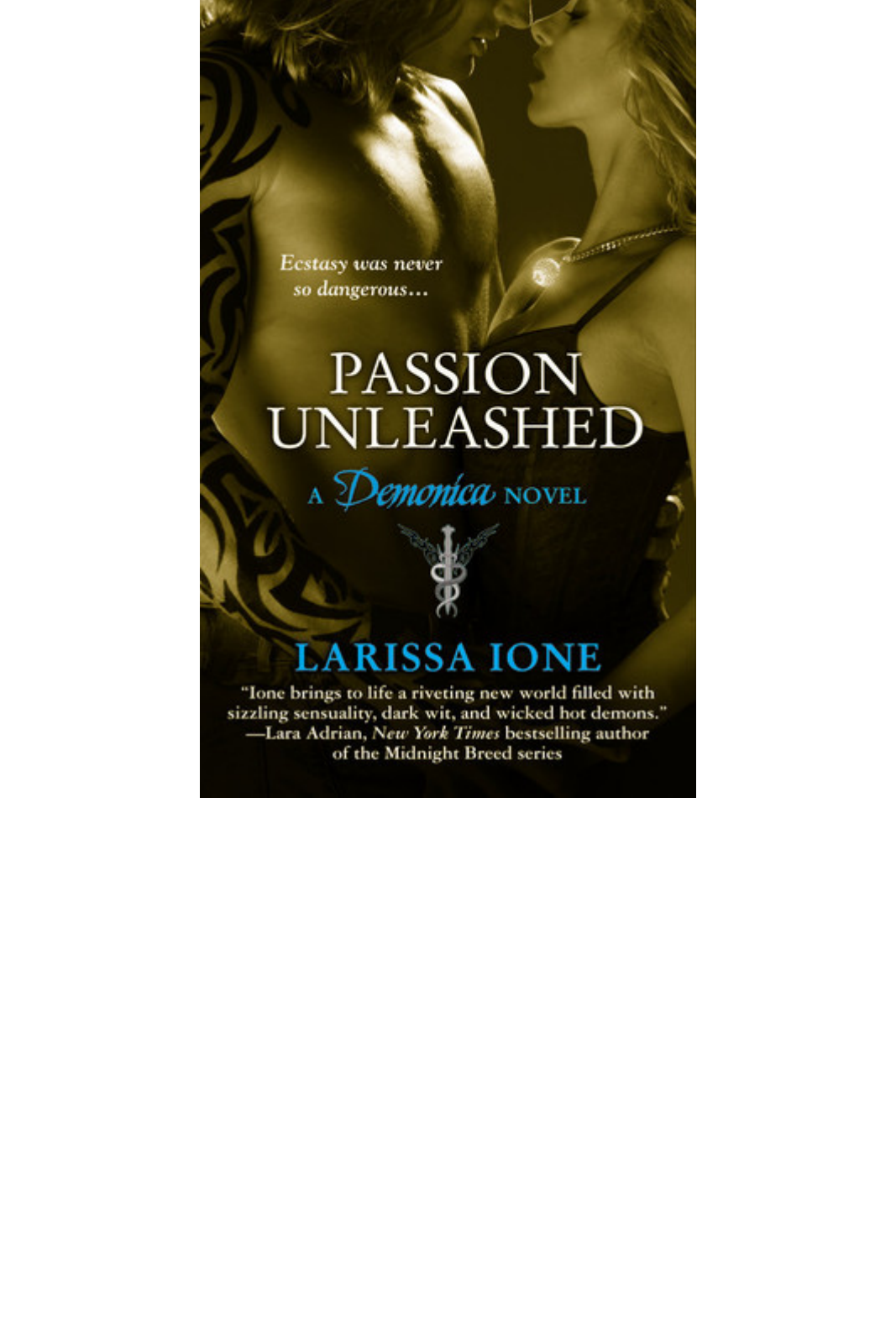




Ecstasy was never
so dangerous...

PASSION UNLEASHED

A *Demonica* NOVEL



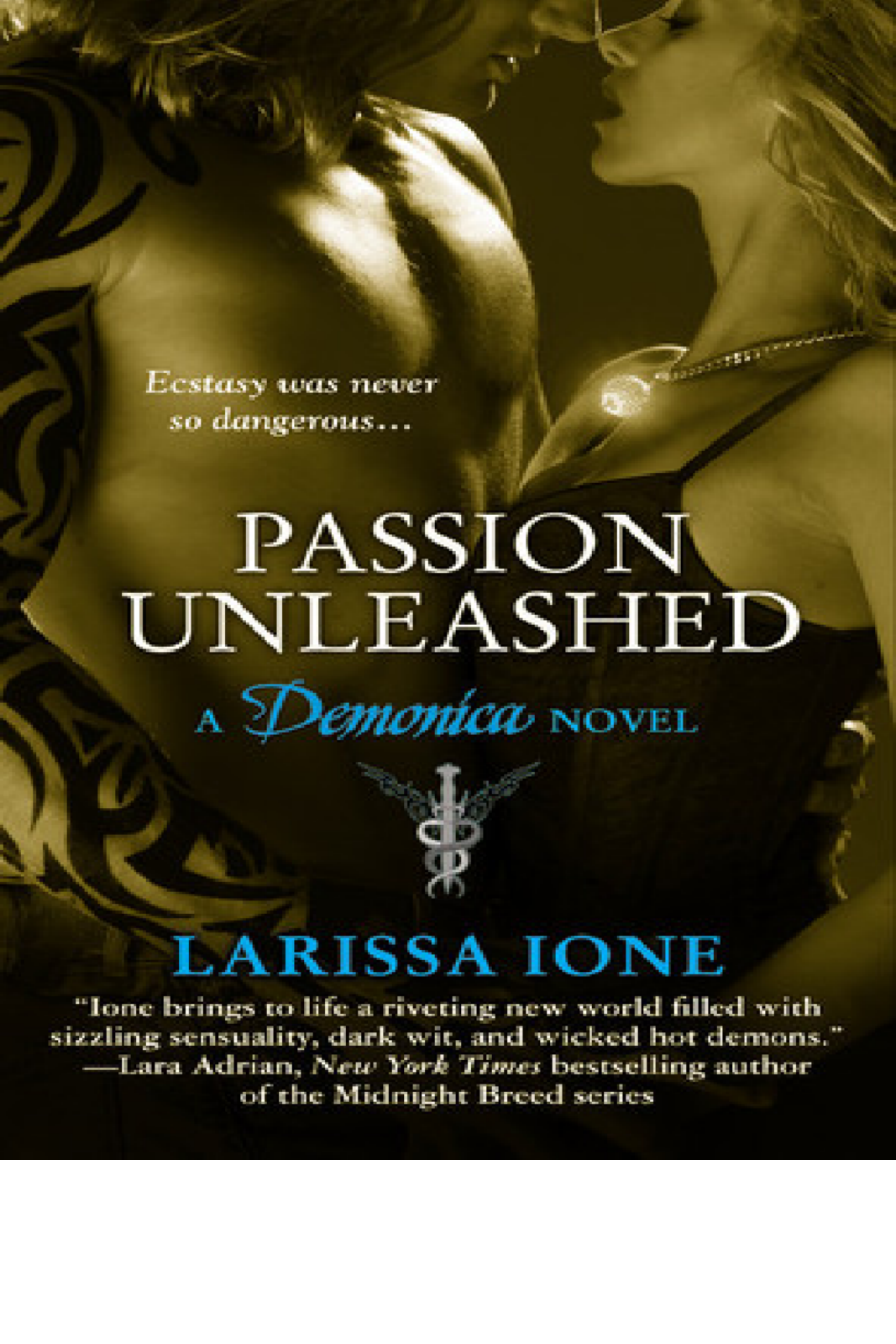
LARISSA IONE

"Ione brings to life a riveting new world filled with
sizzling sensuality, dark wit, and wicked hot demons."

—Lara Adrian, *New York Times* bestselling author
of the Midnight Breed series

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Ecstasy was never
so dangerous...

PASSION UNLEASHED

A *Demonica* NOVEL



LARISSA IONE

"Ione brings to life a riveting new world filled with sizzling sensuality, dark wit, and wicked hot demons."

—Lara Adrian, *New York Times* bestselling author
of the *Midnight Breed* series

Glossário

O Aegis – Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Veja: Guardiões, regente, Sigil.

Carceris – Os carcereiros do submundo. Todas as espécies de demônios enviam representantes para servir no Carceris. Os membros do Carceris são responsáveis pela apreensão de demônios acusados de violar a lei dos demônios e por atuar como guardas nas prisões dos Carceris.

Conselho – Todas as espécies e raças de demônios são regidas por um Conselho, que faz as leis e aplica a punição para cada membro de sua espécie ou raça.

Dresdiin – O equivalente a demônio dos anjos.

Guardiões – Guerreiros para o Aegis, treinados em técnicas de combate, armas, magia. Após a introdução no Aegis, todos os Guardiões são presenteados com um pedaço encantado de jóias contendo o escudo Aegis, que, entre outras coisas, permite a visão noturna e capacidade de ver através do encantamento de invisibilidade demoníaca.

Harrowgate – Portais verticais, invisível para

os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais na Terra e Sheoul.

Infadre – A fêmea de qualquer espécie de demônio, que tem sido fecundada por um demônio Seminus.

Maleconcio – Mais alto nível de regras de demônio, servido por um representante de cada uma das espécies do Conselho. Como as Nações Unidas, do mundo dos demônios.

Orgesu – A escrava sexual demônio, muitas vezes tomada de raças criadas especificamente para a finalidade de fornecer sexo.

Regente – Chefe de uma célula Aegis local.

S'genesis – Ciclo de maturação final de demônios Seminus. Ocorre com cem anos de idade. Os machos S'genesis são capazes de procriar e possuem a habilidade de mudar de forma para qualquer espécie de demônio masculino.

Sheoul – Reino Demoníaco. Localizado nas entranhas da terra, acessível somente por Harrowgates.

Sheoulic – Língua universal dos demônios, falada por todos, embora muitas espécies falem sua própria língua.

Sigil – Junta de doze humanos conhecidos como Anciães, que servem como os líderes supremos do Aegis. Com sede em Berlim, supervisionam todas as células Aegis por todo o mundo.

Ter'taceo – Demônios que podem se passar por humanos, porque sua espécie tem a aparência naturalmente humana, ou também porque eles podem se transformar na forma humana.

Therionidryo – Termo que uma besta usa para uma pessoa que ele/ela mordeu e se transformou em outra besta.

Therionidrysi – Qualquer sobrevivente de um ataque de uma besta. Termo usado para explicar a relação entre o pai e seu therionidryo.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de maldade. Todas as criaturas sobrenaturais e todos os humanos do mal podem ser categorizados em cinco Tiers, com o Quinto Tier composto pelo pior dos perversos.

Classificação dos demônios, enumeradas por Baradoc, demônio Umber, utilizando a raça demônio, Seminus, como exemplo:

Reino: Animalia

Classe: Demônio

Família: Demônio Sexual

Gênero: Terrestre

Espécie: Incubus

Raça: Seminus

Larissa Ione

Demonica 02

03 - Passion Unleashed

TENTAÇÕES PROIBIDAS

Serena Kelley é uma arqueóloga, caçadora de tesouros e uma mulher com um segredo. Desde que ela tinha sete anos, ela tem sido a guardiã de um poderoso encanto que garante a sua saúde e a imortalidade. . . enquanto ela permanecer virgem. Mas Serena não é tão inocente. E quando um estranho perigosamente bonito lhe traz para a beira do êxtase, ela se pergunta se ela finalmente conheceu o homem que não pode resistir.

DESEJOS FATAIS

Wraith é um demônio Seminus com um desejo de morte. Mas quando um velho inimigo o envenena, ele deve encontrar Serena e persuadi-la a dar-lhe o único antídoto conhecido no universo - seu charme. No entanto, quando ela começa a se render à sua sedução e os sentidos de Wraith a cura está dentro de seu alcance, ele percebe uma terrível verdade: ele está se apaixonando por uma mulher cuja vida ele deve tomar a fim de salvar a sua própria.

Um

"Quando você está jantando com um demônio, você tem que ter uma longa colher."

—Navjot Singh Sidhu

Havia três coisas que Wraith fazia bem: caçar, lutar, e foder. Ele faria todos os três esta noite. Exatamente nessa ordem. Agachado no telhado de uma loja gerenciada por imigrantes que provavelmente vinham de um país de merda, onde a violência nas ruas de Brownsville, Brooklyn, não os intimidavam, Wraith esperou. Ele havia espiado os membros da gangue antes, sentiu sua agressividade, sua necessidade de buscar sangue, e a própria necessidade de Wraith em fazer o mesmo, o provocou. Como qualquer predador, escolhera seu alvo com cuidado. Mas diferentemente da maioria dos predadores, não ia para os fracos ou os idosos. Foda-se isso. Ele queria o mais forte, o maior, o mais perigoso. Ele gostava de seu litro de sangue com a adrenalina de um caçador.

Infelizmente, Wraith não poderia ter uma noite de mortes. Ele já alcançara sua cota de uma morte humana por mês estabelecida pelo Conselho Vampiro, e não havia maneira que Sheoul o deixasse escapar. Estranho que estivesse preocupado com isso, dado que 10 meses atrás Wraith atravessou feliz através de sua *s'genesis*, uma mudança que deveria ter feito dele um monstro que operava apenas por instinto - instinto para foder quantas fêmeas demônio possível, com o objetivo de impregná-las. Uma vantagem adicional do *s'genesis* foi que os demônios Seminus masculinos se tornavam tão focados em seus impulsos sexuais que não se importava com mais nada. Mas no caso de Wraith, que também era um vampiro, levava em seu sangue a necessidade de matar.

Ansioso para começar com sua nova vida, Wraith encontrou uma maneira de passar pela mudança mais cedo. Infelizmente, ele não mudou uma maldita coisa. Oh, ele queria foder e engravidar as fêmeas, mas isso não era novidade. A única diferença era que agora ele poderia engravidá-las. Ah, e ele também podia se metamorfosear

em qualquer macho que quisesse, porque não há mulheres na Terra ou no Sheoul, o reino demônio no núcleo do planeta, que iriam conscientemente para a cama de um demônio Seminus pós *s'genesis*. Ninguém queria dar à luz a filhos que nasceriam puros Seminus, apesar da mistura do casal.

Então, sim, algumas coisas mudaram, mas não o suficiente. Wraith ainda se lembrava dos horrores de seu passado. Ele ainda se preocupava com seus dois irmãos e o hospital que começaram juntos. Às vezes, ele não tinha certeza o que era pior.

Wraith sentiu o ar, pegou a cheiro de chuva recente, os odores rançosos de urina velha, lixo em decomposição, comida haitiana picante da porta da choupana seguinte. Trevas giravam em torno dele, escondendo-o nas sombras, e uma brisa fria de janeiro arrepiou o cabelo no comprimento dos ombros, mas não fez nada para aliviar o calor nas veias.

Ele podia ser a paciência personificada quando se tratava de esperar por sua presa, mas isso não significava que por dentro não estivesse tremendo de antecipação. Porque estas não eram as gangues típicas que caçava. Não, os Bloods, Crips, e Latin Kings não se pareciam em nada com o impiedoso e cruel Upir.

O próprio nome fez os lábios de Wraith ondularem em um rosnado silencioso. O Upir funcionava como qualquer outra gangue de rua territorial, exceto que quem puxava as cordas eram os vampiros. Eles usavam seus idiotas humanos para cometer os crimes, para fornecer sangue-e-esporte quando necessário, e levar a culpa quando a polícia os flagravam. Por seu serviço e sacrifício, os humanos acreditavam que seriam recompensados com a vida eterna. *Idiotas*.

A maioria dos vampiros adere as rigorosas normas de transformar seres humanos, uma vez que era permitido a um vampiro algumas transformações apenas em toda sua vida, eles não desperdiçariam com gangues violentas. Claro, as gangues não sabiam disso. Eles brincavam nas ruas, suas presas pingando sangue e tatuagens com as cores vermelhas e douradas da gang gritando outros avisos. Ninguém mexia com um Upir.

Ninguém exceto Wraith.

O Upir veio. Sete deles, falando besteiras, fanfarrões, com arrogância exagerada. Hora do Show.

Wraith ficou em pé, em seus 1,95 metro de altura, e depois

saltou, a 4,5 metros no chão, pousando em frente da quadrilha.

— Ei, idiotas?

O líder, um cara branco, atarracado, usando um lenço em volta de sua protuberante cabeça, cambaleou para trás um passo, mas escondeu a sua surpresa atrás de uma maldição.

— Que porra é essa?

Um dos punks, um baixo, gordo, com um nariz torto como um troll – não um troll literalmente, o que era infeliz, porque Wraith poderia ter matado-o sem arrependimentos, alcançou a lâmina livre de seu bolso do casaco. Wraith riu, e dois punks, sacaram suas próprias facas. Wraith riu mais forte.

— A escória da sociedade humana me diverte — Wraith disse.
— Os roedores com armas. Exceto que os roedores são inteligentes. E possuem o gosto terrível.

O líder chicoteou uma pistola para fora de sua calças. — Você tem um desejo filho da puta de morte.

Wraith sorriu.

— Você entendeu isso direito. Só que desejo somente a sua morte. — Ele quebrou seu punho na cara do líder.

O líder balançou para trás, segurando o nariz quebrado e sangrento. O cheiro de sangue elevou a temperatura de Wraith ... e ele não estava sozinho. Os dois bandidos na parte traseira sentiram o cheiro, as cabeças estalando ao redor.

Vampiros. Um homem negro, uma mulher latina, ambos vestidos como os outros, em largos jeans, moletons, e tênis surrado.

Sorte grande, baby. Depois de tudo, Wraith obteria algumas mortes esta noite. Antes que qualquer um dos seres humanos atordoados pudessem se recuperar, Wraith correu por uma rua lateral.

Raiva seguiu-o como uma perseguição. Ele diminuiu, atraindo os bandidos. Agilmente, pulou em cima de uma lixeira e depois virou até um telhado e esperou até eles passarem. Sua fúria deixou uma trilha de cheiro que poderia seguir com os olhos vendados, mas em vez disso, ele caiu no chão, usou sua visão vampírica infravermelha para vê-los nas sombras mais escuras à frente. Ele odiava usar

qualquer uma de suas habilidades de vampiro, incluindo super velocidade e força, mas a visão era a que ele realmente desprezava.

Desprezada, pois não nasceu com ele. Em vez disso, chegou há vinte e dois anos, com os olhos que Eidolon transplantou em sua cabeça quase a oitenta anos atrás. Cada vez que Wraith olhava para o espelho, para o azul bebê, ele era lembrado da tortura e dor que precedeu os novos espíões.

Chutando a si mesmo por deixar o passado distraí-lo, ele silenciosamente começou a caçada. Normalmente, ele pegaria os vampiros primeiros, mas o troll estava logo à frente, ofegando, bufando e bem atrás dos outros. Ele aproveitou, tirou o fôlego do homem atarracado, e deixou seu inconsciente corpo atrás de uma pilha de caixas. Em seguida, acompanhou o vampiro do sexo masculino, o qual pensou que havia ganhado vantagem ao posicionar-se as costas de Wraith.

Wraith fingiu distração, ficando de pé a céu aberto sob o clarão de um poste de uma rua, quando o vampiro rastejou para a frente. *Mais perto ... mais perto ... sim.* Wraith girou, golpeando o grande macho com uma enxurrada de punhos e pés. O vampiro não teve a chance de lançar um único soco, e uma vez que Wraith o transportou para a escuridão debaixo de um viaduto, o apagou. Com um joelho no intestino do macho e uma mão enrolada em torno de sua garganta, Wraith tateou uma estaca a partir do arsenal de armas sob sua jaqueta de couro.

— O — o macho ofegou, seus olhos arregalados de choque e terror, — o que... é ... você?

— Companheiro, às vezes eu me faço a mesma pergunta. — Ele lançou a estaca. Não esperando para assistir ao show enquanto o vampiro se desintegrava. Havia outro para pegar.

Antecipação brilhou em suas veias enquanto ele perseguia a mulher pelas ruas laterais e becos. Como o macho, ela acreditava que era a única caçando, e Wraith pegou-a desprevenida quando ela penetrou nas sombras atrás de um prédio. Ele a empurrou na parede, levantando-a pela garganta para que ela ficasse fora do chão.

— Isso foi muito fácil — Wraith disse. — O que é que o Conselho Vampiro ensina para os novatos esses dias?

— Eu não sou nenhum novato. — Sua voz era um ronronar, baixa, sedutora, e até mesmo quando falou, ela levantou as pernas

para envolvê-las em torno dos quadris de Wraith. — Eu vou te mostrar.

O cheiro de luxúria saiu dela em ondas. Seu corpo incubus respondeu, endurecendo e aquecendo, mas ele preferia se matar do que foder um vampiro ou um ser humano, embora tivesse diferentes razões para não ir para cama com fêmeas humanas. Ele se inclinou, seus lábios escovando sua orelha, que era perfurada por toda a borda. — Não estou interessado — ele rosnou, mas ainda assim, ela se arqueou contra ele, afetada por seus feromônios incubus.

Você não deve brincar com a comida. A voz de Eidolon soou em seus ouvidos, mas Wraith ignorou isso como ignorava praticamente tudo o que seus irmãos lhe diziam. Ele não pretendia fazer uma refeição desta fêmea.

— Poderia ter me enganado — ela disse, revirando os quadris em sua ereção.

— Talvez você precise de um pouco de convencimento. — Wraith puxou-se para trás e mostrou-lhe a estaca de madeira. Seus olhos foram à loucura.

— Por favor... — Ela engoliu em seco, sua garganta convulsando abaixo da palma de sua mão. Seu corpo murchou como uma flor morrendo, e rapidamente a mulher sedutora foi embora.

— Por favor. Apenas ... faça rápido.

Ele piscou. Ele esperava que ela implorasse por sua vida. Ele conhecia o seu olhar largo e assombrado, e lentamente, com um sentido doente de medo, ele arrastou os dedos em seu pescoço. Um padrão elevado escapava por debaixo do colarinho de seu moletom. *Maldição.*

Ele empurrou sua estaca no bolso e puxou seu moletom de lado para revelar um padrão combinado em seu punho. Uma marca de escravo. Não apenas qualquer marca de escravo. A marca de ossos cruzados dos donos de escravos Neethul, o mais cruel dos demônios traficantes de escravos. Esta fêmea foi forçada a viver no inferno, sabe deuses, por quanto tempo. De alguma forma ela ganhou sua liberdade, provavelmente fugindo... e agora ela fazia qualquer coisa para sobreviver.

Ela sofreu. Estava, provavelmente, sofrendo, agora mesmo.

Algo agarrou em seu intestino, e não foi até que abaixasse-a no chão, sem perceber, que ele identificou o sentimento estranho. Simpatia.

— Vá — ele disse, asperamente. — Antes que eu mude de ideia.

Ela fugiu de lá, e assim o fez Wraith. Aturdido por sua não característica exibição de misericórdia, ele, impiedosamente, empurrou de lado o incidente. Ele precisava voltar para à pista.

Ele precisava se alimentar. Ele precisava causar alguma dor. Os punks se separaram, e um por um, ele perseguiu-os, com quase eficiência mecânica até que restava apenas o líder. Em algum lugar próximo, um tiro ecoou, um som familiar nesta parte da cidade, tão familiar que duvidava que os policiais sequer fossem chamados.

O líder estava à frente, andando na frente de uma loja, a sua voz se enrolava com agitação enquanto ele latia as ordens em seu celular.

— Ei, escória — gritou Wraith. — Eu estou aqui! Ajudaria se eu usasse um sinal de néon?

Com o rosto vermelho de fúria, o líder entrou em um beco após Wraith. Metade para dentro, Wraith articulou ao redor. O gangster puxou sua arma, mas Wraith desarmou-o antes que ele pudesse sequer piscar. A arma escorregou no asfalto molhado quando Wraith colocou o cara em uma parede e enfiou o antebraço através de pescoço grosso do ser humano.

— Isso é decepcionante — Wraith falou. — Eu esperava mais luta. Eu seriamente queria amaciar antes de comer você. Quando vocês vão aprender que uma arma não é nenhum substituto para aprender técnicas de combate corpo a corpo?

— Foda-se — o cara cuspiu.

— Cara como eu? — Wraith sorriu, inclinou-se até seus lábios passarem no rosto do cara. — Vai. Sonhando.

A indignação o fez sorrir ainda mais. Ele inalou o aroma da raiva do homem, contaminado por um fio tentador de medo. Fome assolou Wraith, e suas presas começaram a se alongar. A brincadeira acabou. Ele cravou

os dentes na garganta do bandido. Quente e sedoso, o sangue encheu sua boca, e depois de alguns espasmos, sua presa ficou mole.

Wraith poderia ter usado o seu dom Seminus para encher a cabeça do cara com felizes e agradáveis visões, mas esse cara era escória. As coisas que ele fez eram como um tapa no cérebro de Wraith como uma rápida sucessão de fogo. Claro, Wraith não era nenhum anjo, embora ferrou um ou dez, mas com exceção dos Guardiães Aegis, ele não prejudicava as mulheres humanas ou crianças.

Esse cara... bem, Wraith desejou que não tivesse estragado a cota de matança deste mês com aquele caçador clandestino em Sumatra[1]. Ainda assim, atormentar o bandido poderia ser divertido. Engolindo o álcool misturado no sangue do ser humano com prazer, Wraith usou seu poder da mente para alimentar o cara com imagens horríveis do que faria com ele se descobrisse que ele havia cometido outro crime violento. Em grande parte ele não poderia se importar menos se um ser humano vivesse ou morresse, mas esse cara desfrutava saqueando os fracos e os velhos.

Não havia esporte nisso.

Poder subiu através de Wraith, poder, adrenalina e relâmpagos de calor cruzavam sua pele. Sua *dermoire*, uma história de sua paternidade demônio Seminus, pulsava da pontas dos dedos da mão direita até o ombro e pescoço, e todo o caminho para o lado direito do rosto, onde os glifos negros marcava-o como um Seminus pós *s'genesis*.

Humanos pensavam que era uma tatuagem, alguns achavam que era legal, os demais ficavam horrorizados.

Os seres humanos eram estupidamente tensos. O pulso de sua presa acelerou enquanto o seu coração tentava compensar a perda de sangue.

Wraith deu mais dois fortes goles, desengatando suas presas, hesitou antes de lambe os furos para selar a ferida. Ele nunca se incomodou de beber de suas vítimas, mas ele odiava lambê-los, degustando o suor, poeira, perfume, e pior, a sua essência individual.

Amaldiçoando silenciosamente, ele lambeu os buracos com a língua e tentou não tremer, mas os violentos tremores assaltaram seu corpo de qualquer maneira.

— Você deve matá-lo.

A voz masculina, profunda e calma, o assustou. Ninguém esgueirava-se com Wraith. Nunca.

Ele lançou o cara, deixando-o bater no pavimento com um baque. Em um fluido e fácil movimento ele enfrentou o recém-chegado, mas era tarde demais, ele viu um flash e um borrão, sentiu a picada de um dardo em sua garganta.

— Merda! — Wraith arrancou o dardo do pescoço e atirou-o no chão, enquanto enfrentava o cara que atirou nele. Ele iria para o intestino do bastardo.

Wraith agarrou a camisa do macho, uma espécie de túnica, mas seus dedos só escovaram o colar. O cara era anormalmente rápido, anormalmente rápido para um ser humano.

Este macho era demônio, espécie desconhecida. O macho não fazia um som enquanto deslizava na noite, caminhando para um bueiro. Sem jeito, porque o seu lado esquerdo começou a enfraquecer, Wraith Tateou uma estrela de seu cinto de armas. Ele atirou, pegando o recém-chegado na parte de trás. A orelha do macho tremeu, um grito estridente se levantou na noite quando ele caiu. Wraith diminuiu, uma súbita sensação de medo pesando-o, deixando seus membros lentos e descoordenados.

Ele tropeçou, tentou apoiar-se do lado de um prédio, mas seus músculos se transformaram em água. Sua visão ficou turva, a boca ficou seca, e cada respiração era como se ele estivesse tomando chamas em seus pulmões. Ele tentou alcançar seu telefone celular, mas seu braço não colaborou. E então sua mente não colaborou, e tudo ficou escuro.

†††††

A dor latejante na cabeça de Wraith o acordou, e um caso grave de boca seca o fez engasgar. Ele cheirava a doença. Sangue. Antisséptico. Merda, o que ele fez na noite passada? Ele havia estado limpo há meses ... bem, ele não se alimentou de um drogado apenas por uma questão de ficar alto, de qualquer maneira. Ele comeu sua parte dos seres humanos e demônios que tinham drogas em seus sistemas, mas não foi por isso que Wraith os escolhia como alimento. Pelo menos, é o que ele dizia a si mesmo.

Em qualquer caso, ele não havia acordado com uma ressaca de droga ou álcool em meses, mas isso... isso era a mãe de uma ressaca. Ele forçou abrir os olhos, a dor o convenceu que suas pálpebras foram revestidas com uma lixa. Deram de beber, e ele teve que piscar várias vezes antes que pudesse se concentrar. Através da visão embaçada viu correntes penduradas em argolas em um teto escuro. Baixas e abafadas vozes misturavam com o som do bipe de equipamentos hospitalares e o zumbido nos ouvidos. Ele estava no Underworld General.

Ele deveria estar aliviado, consolado de estar seguro. Em vez disso, suas entranhas arranhavam. Claramente, ele estragou tudo outra vez, e seus irmãos estavam indo atrás do seu traseiro, mas ok. *Falando de demônios*, ele pensou, quando Eidolon e Shade entraram na sala. Wriath tentou levantar a cabeça, mas o quarto girou em um redemoinho nauseante de cores escuras.

— Ei, mano — Shade disse, assim que agarrou o pulso de Wraith. Uma quente e pulsante sensação correu pelo braço de Wraith. Shade estava fazendo a sua coisa de sondar o corpo, verificando sinais vitais e qualquer outra porcaria necessária para ser verificado. Talvez ele pudesse fazer algo sobre as náuseas.

— O que foi? — Ele resmungou. — Vocês garotos estão usando o rosto sombrio. — O que significava que ele havia fodido ainda mais do que ele pensava. Eidolon não sorriu, nem mesmo o falso sorriso de doutor tudo-está-indo-bem.

— O que aconteceu na outra noite?

— Outra noite?

— Você ficou fora por duas semanas — *E* disse. — O que aconteceu?

Wraith se levantou tão rápido que sua cabeça ameaçou cair.

— Oh, não. Foda-se, não. *E*, eu matei alguém?

Seus irmãos o empurrou de volta na cama. — Não que nós sabemos. Ainda. Mas nós precisamos saber o que aconteceu.

Alívio o fez cair no colchão enquanto procurava no buraco negro que era sua memória. Um beco. Ele esteve em um beco. E em dor. Mas por quê?

— Eu não tenho certeza. Como eu cheguei aqui?

Shade grunhiu. — Eu senti o seu sofrimento. Peguei uma equipe de médicos e cheguei até você através de um Harrowgate.

— O que você lembra? — *E* perguntou, levantando a cabeceira da cama para que Wraith pudesse sentar-se.

Ele vasculhou as memórias difusas, mas uni-las era como tentar montar um quebra-cabeças de olhos vendados.

— Eu estava comendo uma gangue. Saboroso, surpreendentemente livre de drogas. — Ele franziu o cenho. Se ele tivesse matado o cara? Não, ele não tinha ... se lembrava de fechar os furos. — Senti uma picada em meu pescoço. E havia um homem. Demônio, eu acho. Por quê?

O pulsar em seu braço desapareceu, mas Shade manteve a mão onde estava. Apesar dele não estar mais usando seu poder de cura, sua *dermoire* continuou a se contorcer.

— Você foi atacado por um assassino. Enviado por Roag.

— Ah... vocês caras perderam o boletim que dizia que Roag se foi? — Wraith olhou a seus irmãos, aguardando a piada, mas eles não pareciam brincar com ele.

— Oh, vamos lá. Roag está tão bem como um morto. De verdade dessa vez.

Seu irmão mais velho havia traçado uma vingança macabra contra os três deles, e quase teve sucesso. Não seria tão cedo que Wraith veria as escuras profundezas de uma masmorra novamente.

Eidolon passou a mão pelo seu cabelo curto e escuro.

— Sim, bem, ele contratou o assassino para lidar com a sua vingança contra nós, no caso de sua morte. Você deve ter ferido-o, porque ele estava em má forma. Tayla o rastreou e o pegou, enquanto Shade te trazia de volta. Ele confessou tudo antes que Luc o comesse.

— O comesse?

E acenou com a cabeça.

— O assassino era um leopardo. Nada o assusta mais do que lobisomens, por isso, acorrentamos-o no porão de Luc para fazê-lo falar. Nós pensamos que tínhamos Luc longe o suficiente. — Ele

encolheu os ombros.

— Aparentemente, não.

— Eu amo lobisomens — disse Wraith, tirando de Shade um sorriso malicioso. — Acho que é melhor você não irritar Runa. Ela poderia comê-lo. — Shade havia se ligado a um lobisomem no ano passado, e era desagradavelmente feliz desde então. — Por que está aqui, afinal? Você não deveria estar ajudando-a com os monstros?

— Você quer dizer os que você não se preocupou em ver ainda?

— Shade. — A voz de Eidolon realizou uma advertência suave, o que era estranho. Normalmente era Shade a voz da razão quando se tratava de Wraith.

Mas desde que Runa teve seus trigêmeos, Shade estava seriamente superprotetor e era facilmente ofendido. Ele só não entendia que nem todos estavam tão melosos sobre sua prole como ele estava. Wraith empurrou o lençol para fora de seu corpo e viu que estava nu. Não que ele se importasse, mas era melhor seu casaco não ter sido arruinado quando o tiraram. Sabendo que Shade ama as tesouras de trauma, as chances de Wraith de ter que comprar outro eram grandes.

— Então, por toda a desgraça e melancolia? O assassino falhou. — Shade e *E* trocaram olhares, que deixou Wraith em alerta máximo. Isso não era bom.

— Não, ele não falhou — Shade disse suavemente. — O cara tem um parceiro. Ele ainda está lá fora, e ele está atrás de todos nós.

— Então eu caçarei seu traseiro e matarei. Eu não vejo o problema.

A pausa de Shade fez o intestino de Wraith deslizar lentamente para os pés.

— O problema é que o primeiro assassino atirou um dardo envenenado de ação lenta.

Wraith bufou.

— É só isso? Basta dar-me o antídoto.

— Lembra-se da incursão de Roag no depósito? — *E* perguntou, e sim, Wraith lembrava. No ano passado, durante a

vingança de Roag, ele serviu-se da coleção de artefatos raros de *E* e porcarias que Wraith reunia para ele. — Uma das coisas que ele levou foi o necrotoxin mordlair[2]. Isso é o que o assassino usou. — *E* exalou lentamente. — Não há antídoto.

Sem Antídoto?

— Então, um feitiço. Encontre um feitiço para curá-lo. — Pânico começou a brigar pelo controle, e Shade deve ter percebido isso, porque seu aperto ficou mais firme.

— Wraith, consultamos cada texto, cada xamã, cada bruxa... não há nada que possa liberar o veneno de seu sistema.

— Então, ponto principal. O que você está dizendo?

E entregou um espelho a Wraith. — Dê uma olhada em seu pescoço.

Wraith tirou o cabelo para revelar o seu símbolo pessoal no topo de sua *dermoire*. A ampulheta, que sempre apareceu cheia na parte inferior, emergiu seguindo seu ciclo de primeira maturação em vinte anos de idade. Wraith inalou agudamente com o que viu agora: A ampulheta estava invertida, a areia fluindo de cima para baixo, marcando o tempo.

— Você está morrendo — disse Eidolon. — Você tem um mês, talvez seis semanas, para viver.

[1] Sumatra é a sexta maior ilha do mundo e a maior ilha inteiramente pertencente à Indonésia.

[2] Um veneno que não tem cura, mencionado no 2º livro.

Dois

Serena Kelley morria. Bem, não literalmente, mas assim parecia, pela maneira em que o ar de seus pulmões era aspirado por um vampiro extremamente sexy, que a beijava sem sentido.

Ela não gostava de ir aos clubes góticos, mas nesta noite a música Euro-Goth no Alquimia prometia atrair vampiros, tanto os aspirantes da variedade humana como os atuais não mortos.

A música ressoava nas paredes do velho matadouro, tão alto que interferia com as batidas de seu coração, sobressaltando sua pulsação em um ritmo desigual, caótico. O odor de perfume, suor e sexo deixavam o ar denso, acelerando sua libido.

Ela se moveu com esmagamento de corpos na sala de baile, indo como uma maré para o vampiro, cujo nome ela descobriu recentemente. Ela detectou sua fome, sua necessidade obscura, e sim, era um erro se deixar levar. Errado por lhe deixar pensar que ele ia conseguir comida e um espaço em seu caixão. Mas que diabos. Uma garota precisava *paquerar* de vez em quando. Especialmente quando o *paquerar* era tudo que ela podia fazer com um indivíduo.

— Venha — disse Marcus, em um baixo sussurro que os vampiros faziam de alguma maneira audível sobre qualquer ruído. — Minha mesa espera.

Marcus era um velho vampiro, formal, de discurso rígido como parte de seu encanto, os hormônios de Serena ficaram loucos quando ele a levou a um canto reservado, onde grupos de humanos tremiam como lapdogs[1], emocionados com sua aproximação. Como a maioria dos vampiros de sua geração, ele se vestia com bom gosto, conservador sob uma capa que o ajudava a mesclar-se entre os góticos e os punkys do bar. Seu cabelo era negro brilhante, chegando até a cintura, os lábios de cor vermelho rubi sobre um severo rosto pálido, culminavam seus look.

Ele acenou sua mão e os lapdogs se dispersaram, alguns deles se mostraram ciumentos. Ela se perguntou quantos sabiam que ele era um verdadeiro vampiro. Poucos que estavam nas profundezas do atual estilo de vida de um vampiro realmente acreditavam nos não mortos. Os que o fizeram, tinham a tendência a converter-se em *Renfields*[2],

oferecendo-se como parasitas para serem usados de qualquer modo que o vampiro quisesse.

Serena podia ter uma coisa pelos vampiros, mas ela nunca caminhava sobre a linha para se transformar em comida ou em amante descartável. Entraram no reservado, roçando sua escura carga através dos bancos de couro falso. Marcus envolveu seu braço ao redor de sua cintura e a puxou.

Perfeito. Pois bem, ela tinha um fetiche com vampiro, porém seu benfeitor Aegis pessoal, Valeriu Macek, teria um grande ataque se descobrisse, e sim, ela gostava de viver seu lado selvagem. Mas ela também gostava de mesclar os negócios com prazer, e neste mesmo momento, seu negócio como caçadora de tesouros implicava roubar um objeto muito valioso e antigo que Marcus tinha como pulseira em seu pulso. Devagar, com cuidado, ela deslizou sua mão, repousando seus dedos sobre a antiga joia macedônica.

Ele não notou, seu olhar fixo no centro de sua garganta e sua ereção espetando seu quadril.

— Iremos para fora ou permaneceremos aqui? — Ele perguntou, e ela se perguntava se ele sabia que ela estava plenamente consciente do que ele era. A maneira com que ele manteve suas presas encobertas lhe disse que, provavelmente, ele não sabia. Então, após centenas de anos sendo um não morto, manter-se oculto se transformou, provavelmente, na sua segunda natureza.

E, realmente, as presas dos vampiros não eram óbvias, a menos que o vampiro estivesse excitado, e então estalariam como chicletes, alongando-se cada vez mais... tão erótico. Serena inclinou seu maxilar, expondo sua garganta sedutoramente. Distraindo-o. Ela ronronou. — Aqui. — Trabalhando a pulseira com uma mão, e a outra sobre o seu peito. Músculos poderosos dobrados sob sua palma e, pela milésima vez, ela desejava não ser celibatária. Desejava se deixar fazer todas as coisas estúpidas, aventuras que os seres humanos faziam quando estavam em seus vinte anos.

O sorriso de Marcus revelou as pontas de suas presas quando este se inclinou, estremecendo quando seu peito comprimiu o pingente entre eles. Ele olhou com o cenho franzido através dos vidros escuros.

— Uma joia.

— Um presente de minha mãe — ela disse facilmente, mesmo o colar sendo muito mais do que isso.

A pulseira se soltou livremente. Ela a deslizou dentro de um bolso em sua calça e lançou um olhar em seu relógio. — Oh! Olha que horas são! Eu deveria ir. Não quero me transformar em uma abóbora.

A mão de Marcus apertou seu bíceps. — Eu não terminei com você.

Ela sorriu docemente. — Oh! Sim, já terminou. Eu não sou um cisne. — Ela disse, usando um termo que os seres humanos usavam para oferecer seu sangue ou energia psíquica aos vampiros, mesmo que geralmente os vampiros acreditassem que era a respiração, a variedade humana - o que os não mortos verdadeiros, chamavam humoristicamente de *faquires*[\[3\]](#).

A raiva congelou seus olhos escuros e seus lábios se retraíram, revelando suas presas em forma de punhais. Aterrorizariam qualquer ser humano saudável, mas não Serena. Ela tinha um pequeno segredo. Ela estava protegida por um encanto divino há dezoito anos, desde o dia em que foi concedido a ela, aos sete anos, que a livrava de qualquer tipo de perigo.

Sempre e enquanto ela continuasse sendo virgem.

Marcus se jogou em sua garganta. Serena se afastou, e sem nenhuma razão evidente, o vampiro perdeu o equilíbrio, escorregando para fora do banco e aterrissando no chão. Os Groupies que estavam perto se moveram para trás, alguns entraram precipitadamente para lhe ajudar a se levantar, mas ele se levantou em uma explosão de cólera.

Entrecerrou seus olhos e apertou os punhos, ele havia evitado ser assassinado pelos guardiões Aegis durante séculos. Sabiamente, ele não fez nada mais ameaçante do que esbravejar, então girou para longe, da forma mais dramática que um vampiro podia, se perdeu na multidão e os *Renfields* o seguiram nos calcanhares.

Antes que Marcus a descobrisse, ela levantou a pulseira, precisava se mover depressa.

Algo brilhava diante dela. Não... dentro dela. Uma explosão de música pop estalou em seus ouvidos, repetindo-se em alguma parte dentro de sua cabeça. Uma onda de náuseas fez com que ela explodisse em um suor frio. Instintivamente, ela alcançou seu pingente, deixando que seu frio a confortasse. Exceto que, o conforto era de breve duração. O pingente brilhou intensamente. Uma advertência. Sua barreira... estava em perigo. Estava exposta. Movendo seus pés com um puxão, ela tropeçou para a saída, com as pernas trêmulas. Ela precisava ir para casa. Novamente a mansão de Val. Porque, pela primeira vez em

dezoito anos, vivendo uma vida despreocupada, protegida, Serena estava com medo.



Byzamoth desceu de seu assento, ofegando, seu corpo estremecia. Bombeando ondas orgásticas de energia através dele, abriu os lábios pronunciando suavemente seu nome.

Serena Kelley.

Ele não sabia a identidade do humano que ele esteve procurando, mas tudo sobre ela era agora tão claro como a bola de cristal de uma bruxa.

Rapidamente, a energia se consumou, deixando-o fraco, mas não menos estático. Sua palma queimou, mas era uma dor encantadora, fácil de aguentar. Ele abriu o punho onde havia lhe causado a queimadura, um círculo como uma bola de golf, conhecido como olho de Eth, brilhando intensamente vermelho. Vermelho em vez de dourado, porque foi utilizado mais para o mal do que para o bem.

Exausto, ele se deixou cair contra a parte dianteira do assento e olhou fixamente para cima do teto da casa israelita que descobriu esta manhã. A família que a habitava se colocou ao redor dele, com os olhos mortos, olhando fixamente, às cegas. A jovem virgem teria oferecido voluntariamente seu sangue como sacrifício a Byzamoth para ativar as malvadas capacidades do Olho de Eth.

Oferecida voluntariamente era provavelmente uma palavra muito forte, mas em todo caso, Byzamoth conseguiu o que ele queria.

Ele encontrou o ser humano mais importante do universo, a que contribuiria decisivamente para começar o acontecimento mais significativo na história dos demônios.

— Começou — ele disse ao demônio que se colocava na entrada da sala de estar.

Lore entrou, um varão maciço, coberto do pescoço aos pés, incluindo suas mãos, em couro negro combinando com seu cabelo curto. Ele era um dos assassinos mais eficientes que Byzamoth teve, um macho cujo toque matava qualquer coisa que entrasse em contato com ele.

Byzamoth podia ser imortal, mas, até mesmo ele, se mantinha afastado.

— Não me importa uma merda a sua guerra. Quero o meu dinheiro.

— Porque a pressa?

— Meu sócio não pôde matar o demônio vampiro. Preciso acabar o trabalho.

Byzamoth agitou a mão. — Eu conseguirei seu pagamento, mas isso não importa, em breve o dinheiro não terá nenhum valor. A dor será a nova moeda.

— Sim, bem, o dinheiro compra cerveja agora, então me entregue.

†††††

Byzamoth sorriu. Mesmo agora, o submundo começaria a se agitar com o sentido de que viria algo, mesmo se esse algo continuava sendo um mistério para eles. Poucos entenderiam o significado do que ele acabava de fazer, que era levantar o divino manto da invisibilidade que blindara Serena dos olhos do demônio durante tanto tempo.

Por anos ela caminhou pela terra disfarçada como um ser humano normal, e poucos, se houver, eram mais sábios. Até agora.

Felizmente para ela, ainda havia o encanto e o cuidado do colar de Heofon, e ninguém poderia lhe tirar nenhum dos dois, não contra sua vontade.

Ninguém, exceto poucos indivíduos. Como Byzamoth. Ele tinha a intenção de tomá-la. E quando o fizesse, ele teria posse de uma arma com um alcance inimaginável e os demônios, finalmente, governariam o mundo.

†††††

A doutora Gemella Endri sentou-se na sala de reuniões do UG com sua irmã Tayla, companheira de Eidolon, a sua direita e Shade a sua esquerda. Eidolon e os doutores Shakhvan e Reaver sentaram-se ao redor.

A tensão encheu o ar, crescendo opressivamente à medida que passava a noite sem novas ideias que salvariam Wraith, o qual foi sedado depois que Shade e *E*, lhe disseram que ele estava morrendo.

Wraith recebeu a notícia assustadoramente bem, mas nem Eidolon nem Shade confiavam que ele não fosse sair para matar o segundo assassino. O queriam aqui, onde podiam supervisionar sua saúde, mesmo que soubessem que seu irmão mais novo não poderia ficar imóvel durante muito tempo. Esse demônio não podia ficar imóvel e sem fazer nada, não estava em seu DNA.

Havia assuntos piores, o hospital estava atormentado por estranhos equipamentos e falhas estruturais. Todas as janelas que revestiam o interior do domínio administrativo se quebraram, as luzes na cafeteria oscilavam constantemente e havia um vazamento no banheiro social atrás da ala três, destruindo o banheiro com vapor de enxofre que estava ao lado. Eidolon esteve muito ocupado com os problemas médicos, ele se fixava em uma coisa por vez, mas ele sabia que algo estava errado.

— Tive uma consulta com um mago Orph esta manhã — disse Gem.
— Mas não foi de nenhuma ajuda.

Ela não esperou que o mago Cruentus fosse de grande ajuda, mas valia a pena tentar. O Cruentus tinha um amor sanguinário pela matança, inclusive não se detinha nem em sua própria espécie, por isso pensou que talvez um mago Cruentus, que faz as mortes mágicas mais vis, saberia alguma coisa sobre como interromper a necrotoxin Mordlair. Porém, ele estava mais interessado em como conseguir um pouco para ele.

— Eu poderia tentar outra vez — disse ela com um suspiro.

De repente uma rajada sinistra de energia rodou sobre ela, seguida por vários pequenos abalos cerebrais, como se uma pedra tivesse caído sobre a água, contaminando-a. Ela estava a ponto de perguntar se alguém mais o sentia, mas por suas expressões, ela definitivamente não era a única na mesa que o experimentava... independente do que fosse. Mesmo após as minúsculas ondas pararem, continuava havendo uma sensação de inquietude, uma sensação de que algo ruim havia rasgado o próprio tecido da vida.

Algo ruim, algo muito, muito ruim foi colocado em movimento.

— O que foi isso? — Disse *E*, em um tom áspero, parecendo mais afetado do que Gem, ele, um demônio de raça pura, devia ser mais

sensível as correntes malignas do que ela, que era meio humana.

Gem balançou a cabeça, o qual não adiantou nada para se desfazer do mau pressentimento.

— Reaver? — Tayla saltou sobre seus pés. — Merda!

Todas as cabeças viraram para o anjo caído, que estava sentado em sua cadeira de couro com encosto alto... convulsionando. Imediatamente, os médicos e o paramédico Shade, o colocaram no chão e determinavam sua condição, mas isto não era algo clínico, Gem e Tayla sabiam.

— Deixem-no sozinho. — A voz de Tayla soou agitada, assim como as mãos de Gem.

Graças a sua metade Soulshredder, as irmãs podiam sentir que Reaver foi aberto de lado a lado ao longo da costura de uma cicatriz invisível que corria de sua garganta até a virilha. Os Soulshredders possuíam a capacidade de ver as cicatrizes físicas e emocionais que ninguém mais via. Sua espécie utilizava sua capacidade de expor feridas antigas, as eclodia, deixando-as piores.

Gem passou seus vinte e seis anos lutando contra sua natureza, às vezes sem êxito. Porém, sua natureza também lhe deu muitas vantagens em seu trabalho.

Gem se aproximou, agachando-se ao lado de Reaver, os olhos azuis safira rodearam sua cabeça. Os outros médicos se aproximaram ainda mais, Tayla e Gem juntas, os empurraram para um lado.

Debilmente, Gem olhou para *E* perguntando, *o que diabos estava acontecendo*, mas sua atenção estava completamente em Reaver.

Ele agarrou o pulso de Gem com tanta força que ela teve que apertar os dentes para evitar gritar. — Alguém a encontrou... — ela colocou a mão em seu peito, ao lado da cicatriz emocional que ele tinha, como se a tivessem aberto.

Como Soulshredder, ela podia utilizar sua energia para curar as cicatrizes como também para piorá-las, mesmo que seu sangue misturado diluísse sua capacidade e esta fosse muito grande para saber corrigi-la. No entanto, ela precisava tentar.

— Quem Reaver? De quem você está falando?

Ele não parecia ouvi-la, ele murmurava coisas incoerentes.

— Serena... Sentinela... exposta... fudida.

Gem estava confusa como o inferno, mas Tayla, inclinando-se, colocou uma mão ao lado de Gem.

— Reaver? O que acontece a Serena? Significa que ela foi enfeitiçada?

Reaver não respondeu, mas suas convulsões se transformaram em suaves espasmos. Algo ruim se apoderou do interior de Gem, ela queria manter a cicatriz aberta, queria sondar mais profundamente. Sentia o impulso de cavar e causar dor, aterrorizando-a, ela retirou a mão repentinamente, apenas Tayla o segurava.

— Isto é importante. — Tay grunhiu, sentindo seu próprio instinto de Soulshredder. — Precisamos saber mais.

Gem respirou profunda e desigualmente, saindo de sua parte demônio. Impiedosamente, ela cravou seus dedos na cicatriz e puxou, da mesma maneira que Tayla o fazia. Reaver gritou, mas Gem não deu importância ao som, concentrando-se em seu rosto.

— Quem é Serena? Kelley... — Reaver gemeu, murmurando em um idioma que Gem não conhecia.

— Ela é uma Sentinela marcada? — Tayla perguntou, e Reaver paralisou. Então, repentinamente, com um flash de luz, ele voou através do quarto como se tivesse sido espancado por um demônio Gangantua, e caiu em uma pilha amassada contra a parede.

— Merda. — Eidolon bateu no interfone na parede e pediu uma maca, em um momento, algumas enfermeiras e outro médico chegaram para atender Reaver em um setor de emergência. O médico Shakvhan ia com ele, deixando Gem, Tayla, E, e Shade.

Shade andava por todo o cômodo, com os punhos apertados.

— Alguém pode explicar o que acaba de acontecer? Alguém teve a mesma estranha sensação antes que desse o ataque em Reaver?

— Isso. Aterrorizou-me. Ainda posso senti-lo. — Tayla cruzou os braços, como se, de repente, ela sentisse frio. Eidolon a abraçou de forma protetora contra seu peito.

Dor e um sentimento de saudade borbulharam através de uma antiga

ferida. Gem estava feliz porque sua irmã encontrou o amor, mas não podia cortar o fio de ciúmes que havia tecido em seu coração após Kynan a deixar, há apenas dez meses, quando, finalmente, cada um encontrou o seu caminho.

— Eu também. — Gem despejou de sua garganta a amargura que persistia em sua voz. Diferente de Tayla, ela perdeu o amor de sua vida. — Alguma coisa está revirando no submundo.

— Isto não me agrada. — Murmurou Eidolon. — Isto pode ser ruim.

— Ou — Shade disse, cruzando os braços sobre seu amplo peito, — pode ser nada.

— Certo. — Eidolon disse com sarcasmo. — Porque Reaver muitas vezes tem ataques falando em outros idiomas.

Tayla soltou-se de Eidolon. — Reaver disse algo que penso que pode ser importante. Para Wraith. — *E* e Shade ficaram tensos.

Gem, pegando uma de suas tranças negro-rosadas disse: — Essa coisa da Sentinela? — Quando Tayla não respondeu, Gem colocou uma mão em sua irmã. — Tay?

Tayla assentiu. — Há histórias, rumores, na verdade... sobre seres humanos encantados por anjos. Ninguém sabe o motivo, ou se são verdadeiros, as histórias somente dizem que estes seres humanos são invencíveis. Imortais.

— Como isso pode ajudar ao Wraith? — Shade perguntou.

Tayla hesitou até que Shade limpou sua garganta. Ela lhe dirigiu um olhar fulminante antes de começar a falar.

— Segundo a lenda, as Sentinelas marcadas podem entregar seu encanto a alguém.

Ela mexeu seus pés, claramente desconfortável em compartilhar segredos íntimos Aegis, mesmo que com seu próprio cunhado.

— Se pudermos encontrar esta Serena Kelley, Wraith poderia sobreviver. Tudo o que ele precisa fazer é tirar sua virgindade.

[1] Lapdog: um pequeno cão que pode ser segurado no colo.

[2] Renfield é o personagem fictício do Drácula de Bram Stoker.

[3] Termo depreciativo usado por vampiros para descrever humanos que acreditam serem vampiros os fingem ser.

Três

Levou menos de um dia para Gen e Tayla localizarem Serena Kelley, e sua descoberta chegou a um alto custo. Tiveram que consultar um Shaman Darquethoth, o qual lançou um feitiço de busca, mostrando um forte interesse no ser humano. Muito forte. Eidolon tinha a sensação de que o Shaman estaria encantado de revelar a localização da jovem ao mais alto posto.

Wraith precisava chegar a Serena imediatamente, porque não era apenas a sua vida que estava em jogo, mas também o futuro do Hospital.

Mas, antes que Eidolon desse os detalhes ao seu irmão, teria que falar com Reaver, que se recuperou de sua terrível experiência e estava a ponto de receber alta.

Entrou na habitação de Reaver, onde o Anjo se encontrava molhado por acabar de sair da ducha.

— Temos que conversar sobre Serena Kelley.

Eidolon viu Reaver xingar com as mãos antes de apertar os punhos nas costas.

— Quem?

— O humano encantado do qual você falava ontem. Pensamos que pode ser a cura para Wraith...

Numa batida do coração, Reaver envolveu seus punhos na camisa de Eidolon e o puxou até a sua cara.

— Mantenha Wraith longe dela. — A voz de Reaver era um grunhido baixo, perigoso, mas a escrita sobre as paredes da sala contra a violência não começaram a pulsar, o que significava que ele não queria machucar-lhe.

Shade entrou na habitação, elevando as sobrancelhas diante da nudez de Reaver. — Estou interrompendo um momento íntimo?

Shade encontrou o olhar acalorado de Reaver, lançando-lhe um olhar

glacial.

— Eu te sugiro que se afaste de mim. — Disse Eidolon com frieza. — Agora.

Reaver lançou uma maldição, baixando-o. — Eidolon, você não pode permitir que isto aconteça.

— Wraith morrerá.

— Eu sinto muito por isso. — Disse Reaver, pegando um par de calças de corte baixo. — Mas ele mesmo se meteu nesta confusão. Serena é inocente.

— Ele não vai machucá-la. Ele só deve fazer sexo com ela. Você sabe que ele não pode violentá-la se ela está protegida pelo encanto, tem que se entregar de forma voluntária.

Eidolon estava mentindo enquanto realizava uma cirurgia exploratória no Anjo caído. A informação que Tayla conseguiu do Aegis sobre encantados era principalmente especulação, mas até agora parecia como se sua informação fosse inexistente.

Reaver passou suas mãos por seu cabelo dourado e as manteve ali, como se estivesse tentando segurar sua cabeça. — Porque ela? Porque não qualquer outro dos seis seres humanos encantados?

— Há apenas seis deles? — Quando Reaver não respondeu, Eidolon encolheu os ombros. — Você nos disse seu nome. Gem e Tay consultaram um Shaman que realiza feitiços de localização. Ela acendeu como um sinal de cerveja barata.

— Maldição — sussurrou Reaver. — A capa que mantém todos os seres humanos encantados invisíveis aos olhos dos demônios se rompeu. — É o que causou o... meu estado. Alguém tem a intenção de lhe fazer um grande mal.

Antes que Eidolon pudesse perguntar-lhe algo mais, Reaver negou com a cabeça. — Você tem que se esquecer de Serena, Wraith não pode tocá-la.

A dor de cabeça persistente que *E* vinha sentindo durante dias, alcançava um nível alto na escala de dor. — Este não é seu assunto.

— Não o faça. Eu falo sério, *E*. Ela precisa do encanto.

— Por quê?

— Porque — disse Reaver, sua voz soou tão fria quanto uma tumba, — o encanto é o que a mantém viva. Se o perder, ela morrerá.

†††††

Reaver viu a expressão na cara de Eidolon cair. Shade deu-lhe um olhar de irritação. Como é habitual.

— O que diabos você quer dizer com *ela morrerá*? — Shade exigiu. — Isso é o que acontece com todos os seres humanos encantados que renunciam ao seu encanto?

Reaver novamente quis retrucar, não queria falar de algo tão sagrado, e realmente preferiria chutar-lhe o rabo até derramar suas tripas do que falar dos Sentinelas marcados. A existência dos seres humanos encantados foi um segredo bem guardado durante milhares de anos e se isto fosse conhecido... o estômago de Reaver... revirou violentamente.

— Responda a pergunta. — *E* se mostrava calmo, como um promotor de justiça, o que era enganoso; ele poderia queimá-lo todo em um instante. Ele havia tomado parte da justiça, demônios que administravam justiça, frios e imparciais, isto apenas o fazia muito mais letal, já que raramente se deixava influenciar pela emoção.

— Serena, é um caso único. — A voz de Reaver era gutural, o instinto de proteger os seres humanos encantados não podia reprimi-lo, apesar de que já não era digno de fazê-lo. Tecnicamente, nenhum Anjo poderia interferir na vida de um Sentinela, não diretamente. Esse trabalho recaía sobre o Guardião Aegis do humano.

Esfregou as têmporas, considerando quanto podia revelar. Não podia fazer nada a respeito do que tenha rompido a capa de proteção, mas se pudesse salvá-la de Wraith, Reaver faria bem em apelar pelo lado médico de seus irmãos, as partes deles que salvavam vidas.

— A mãe de Serena, Patrice, era a encarregada do encanto até que Serena fez sete anos, então Patrice o deu a ela.

Shade o interrompeu. — Espere. Patrice tinha que ser uma virgem, não? Portanto Serena, foi adotada?

— Patrice era virgem. — Disse Reaver. — Mas ela era a mãe biológica de Serena. Ela foi fecundada através da fertilização *In Vitro*.

Eidolon apoiou o quadril na pia e olhou para Reaver com a intensidade de um falcão.

— Como você sabe disto?

— Quando há poucos seres humanos encantados no mundo, você sabe tudo sobre eles. — Disse, mesmo que não fosse tudo verdade.

— E porque ela foi encantada?

— Não importa. — Reaver estava dizendo aos demônios mais do que devia. Eidolon e Shade eram tão decentes quanto os demônios podiam ser, mas se Reaver tivesse alguma esperança de entrar novamente no céu, não queria estragar entregando informação vital para os demônios. Unindo-se com os demônios que trabalham em um Hospital de demônios... caminhava por uma corda fina.

— O que importa é que pouco depois de Serena nascer, um demônio Mara descobriu de alguma maneira a verdade sobre Patrice. Mordeu os pais de Patrice... e Serena.

Ser mordido por um Mara era uma má notícia. Cada um levava uma doença única dentro de seu corpo, propaga-se através da mordida, e apenas o demônio possui o antídoto da doença.

— Ela queria o encanto, em troca da cura. Patrice tinha uma terrível escolha a fazer, e ela optou por matar o demônio. Como resultado, seus pais sofreram durante meses antes de morrerem. Serena passou anos entrando e saindo dos hospitais e os médicos não puderam fazer nada. Justo antes de seu sétimo aniversário, seu tempo se esgotou.

A voz de Reaver soava cruelmente enquanto se arrastava pelo caminho de sua memória. — Quando ficou evidente que Serena ia morrer e não se encontrava a cura, Patrice passou seu encanto para Serena com a finalidade de mantê-la viva.

— Como? — Shade interrompeu. — Achei que o sexo era a chave.

— Serena, é um caso especial. — Disse Reaver. A verdade era que a transferência não deveria ter acontecido, era algo que não lhe importou discutir. Ou pensar.

Shade captou a indireta e dirigiu a conversa para uma nova direção.

— E o que aconteceu depois que Serena teve o encanto?

— Sua saúde melhorou no mesmo instante, mas se perder seu encanto, a doença volta. Ela morreria em questão de dias. Horas, talvez.

— Oh, merda — murmurou Shade. — Não podemos dizer isso a Wraith.

Eidolon arqueou suas escuras sobrancelhas dizendo: — Ele tem que saber.

— Se ele souber, não pegará seu encanto.

Reaver o olhou. — Estamos falando do mesmo Wraith que fode e come todo mundo que conhece?

— Wraith não costuma matar as fêmeas humanas.

— Isso é uma falha de caráter que ainda não arrumou — murmurou Reaver.

— Se te faz sentir melhor, ele faz exceções para mulheres Aegis. — Disse Shade, e virou-se para *E*. — Ela simplesmente é um ser humano, não sei qual é o seu problema.

— Sua companheira é humana.

— Era humana. Ela está curada disso agora.

Reaver revirou os olhos. Era um argumento estúpido, homens lobos, tantos os nascidos como os mordidos, tinham alma humana, portanto eram tecnicamente humanos. Os vampiros eram também, mesmo que o destino de suas almas fosse mais complicado do que dos seres humanos, lobos e metamorfos.

— Procurem outra maneira de curar Wraith — disse Reaver. — Porque eu não vou permitir que isto aconteça.

Era uma mentira, em nenhum caso os Anjos, especialmente os caídos, podiam interferir na vida de um Sentinela marcado.

Por outro lado, ele o havia feito quando facilitou a transferência do encanto de Patrice para Serena. E pagou um alto preço.

Shade colocou-se imediatamente diante de Reaver. — Se você interferir, eu farei com que se arrependa.

— Não pode me matar, Incubus.

— Eu te asseguro que poderia tentar. E se falhar, eu poderia arrastar teu lamentável rabo eternamente até o Sheoul apenas por diversão.

O suor umedeceu o rosto de Reaver. Neste momento Reaver estava preso entre reinos, afastado do céu, mas não arruinado por completo. Um anjo caído que caísse no mundo humano ainda tinha a chance de voltar ao céu, mas se ele entrasse no Sheoul, estaria perdido para sempre.

— Shade. — Eidolon pegou-o por seus fortes bíceps. — Retroceda, isso não ajuda em nada. Wraith fará o certo.

Wraith? Fazer o certo? Reaver não podia acreditar no que havia saído da boca de Eidolon.

Reaver tentou controlar seu ritmo cardíaco mais lentamente para poder ouvir através do rugido de sangue em seus ouvidos. Ele não se preocupava pela sobrevivência de Wraith, nem a de Serena, não importava quanto gostasse dela. Já que isto não era sobre sua vida ou morte.

Cada Sentinela marcado estava encantado por uma razão. Cada um deles tinha em seu poder um objeto indispensável para o bem estar da humanidade.

E o que Serena tinha era o mais importante de todos.

Shade abaixou a cabeça. — Nós lhe dissemos. Deus ajude-nos a dizer-lhe.



A escuridão se aproximou de Serena tão rapidamente como os demônios que a rodeavam. Quatro deles, as criaturas mais feias, parecidas com um sapo, que não chegavam a sua cintura, emboscaram-lhe quando ela parou o carro na caixa de correio, do lado de fora da porta principal da mansão de Valeriu.

Ontem ela esgotou suas economias para pagar uma bruxa para que reparasse sua capa protetora, mas claramente não funcionou.

Ainda não disse a Val. Não havia nenhuma razão neste momento e, além disso, já estava na beira, porque o alarme havia soado dentro do

Aegis, do qual Val era um alto membro.

Segundo Val, o Aegis se preparava para o que pensava que poderia ser uma incursão demoníaca. As aparições gerais dos demônios sobre a população humana iam aumentando, as brigas entre demônios e o Aegis aconteciam com muito mais frequência e estavam tendo grandes perdas.

Em um esforço por combater a ameaça crescente, a organização que lutava contra os demônios reduziu suas regras para o recrutamento, antigos guardas foram colocados em alarme e implantavam os atuais membros das missões de investigação e reconhecimento.

Serena estava com vontade de ajudar, esperava que Val a enviasse a sua própria atribuição, e se a mensagem que chegou dele dizendo-lhe que se apressasse a chegar em casa era uma indicação, poderia acabar com suas aspirações.

Mas antes ela precisava se livrar destes demônios, suas bocas eram arrepiantes, abertas amplamente com uma fileira de dentes afiados que desapareciam na garganta. Um tremor de emoção disparou através dela, porque raras vezes lidava com coisas como estas. Sua especialidade era a caça de tesouros, e normalmente, seus desafios consistiam apenas em relíquias cobertas por pó, insetos tóxicos e as armadilhas, que poderiam ser física ou mágica.

Presume-se que ela devia ter cuidado depois de tudo, se a capa de proteção desapareceu talvez seu encanto também pudesse desaparecer, mas ela ainda não acreditava nisso.

Há um caminho ao redor de cada encanto, feitiço e maldição. Escutava Val dizê-lo, com seu sotaque romano, em sua cabeça. Ela estava gravemente paranoica.

Um dos demônios que sibilava saltou para ela. Ela cravou-lhe sua bolsa na cara e este caiu para trás, derrubando outros dois.

Girando, abriu a porta do motorista do Land Rover, batendo em um demônio que vinha para ela. Ela arrancou com sua SUV[1], passando por cima dos demônios e esmagando-os como insetos.

Embora ela nunca tivesse matado um demônio antes, Val lhe assegurou que eles se desintegravam, e para confirmar, enquanto ela seguia pelo caminho de entrada observou, através do retrovisor, como eles desapareciam, deixando manchas de gordura no caminho.

Ela não diria a Val sobre isto.

Seu telefone tocou. Val novamente. Pouco a pouco desacelerou. Estacionou na mansão onde viveu durante os últimos seis anos e foi correndo para a porta principal. Encontrou Val e seu filho, David, na luxuosa biblioteca, que estava cheia de estantes de livros sobre arqueologia, antropologia, história do mundo e demonologia. Val podia ser um Elder, um membro sênior de Aegis, mas foi também um professor de arqueologia durante anos, um dos poucos que se especializou em arqueologia paranormal e artefatos de demônios.

Nenhum dos dois se incomodou em saudá-la. Val inclusive, não afastou os olhos de seu computador.

— Onde você estava? — Fez um gesto com a mão. — Não importa. Já está aqui. Você irá ao Egito. Sai esta noite.

— Mas pensei que você queria que eu terminasse a investigação sobre o projeto de Philae antes de ir.

— Realmente — disse Val, com um sorriso astuto. — Acho que encontrei algo.

Mil perguntas se formavam em seus lábios, entrelaçavam-se até que apenas uma saiu, em um sussurro hesitante. — O Templo de Hathor[2]?

— Sim.

— E o outro artefato? A moeda?

— Alexandria. As Catacumbas de Kom El-Shuqafa, o Salão de Caracalla[3], em concreto.

— Oh! Meu Deus! — Seus dedos tremiam enquanto ela tirava o amuleto de sua corrente de ouro. — É claro.

Esta era uma notícia incrível. Os dois artefatos que ele vinha procurando eram de grande importância histórica, mas mais do que isso, Val acreditava que seriam muito importantes para a batalha entre o bem e o mal. Uma batalha que o Aegis tinha certeza que ocorria neste mesmo minuto.

Os artefatos eram uma antiga tabela gnóstica e uma moeda de bronze, que por si só, eram capazes de uma potente proteção contra o mal. Mas juntos poderiam oferecer um grande golpe nos demônios.

— Você pode estar pronta dentro de duas horas?

— Não há problema.

Ela foi ao frigobar que estava no canto e colocou gelo e uísque em um copo de vidro.

— Mal posso esperar. Adoro Alexandria.

— Sim — disse Val, dirigindo seu dedo sobre os intrincados desenhos gravados no bracelete roubado do vampiro na noite anterior. — Eu sei. Mas não há tempo para turismo. Você deve entrar e sair tão rápido quanto possa.

Ela ficou paralizada enquanto inclinava a garrafa de uísque em seu copo.

— Sozinha? Vocês não irão comigo?

— Infelizmente não. O Sigil chamou todos os membros antigos. David e eu iremos para Berlim amanhã à noite.

David, uma versão de Val, de trinta e quatro anos, impetuoso, de cabelo e olhos escuros, por fim levantou os olhos do mapa que estava analisando. — Ninguém te levará pela mão desta vez.

Ele fazia piadas frequentemente, o que por vezes trazia problemas com Val, mas ele estava certo, o que era muito incomum. Raramente Val lhe deixava ir sozinha em viagens de mais de uma noite sem ele. Sua segurança não era um problema, ele estava mais preocupado pela possibilidade de que um homem a arrastasse pelos pés, e ela finalmente cedesse ante o desejo de uma relação que incluísse todas as coisas normais, como o sexo. Muito sexo; se pudesse dizer algo a respeito. Deus, seu corpo era um barril de pólvora a ponto de explodir e Val sabia disso.

Era como um pai superprotetor com uma escopeta.

Em muitos sentidos, alegrava-se por ele. Ela cresceu sem pai, sem a influência de um homem.

Depois que sua mãe morreu, foi criada em um convento, educada pelas madres que esperavam que ela se convertesse em madre também. Mas Serena era muito aventureira. Gostava da emoção e das viagens, deixou para trás as boas irmãs e seguiu os passos de sua mãe para se transformar em uma mulher tipo Indiana Jones.

Ela riu sobre o se transformar em Indiana Jones, bem, porque não era o que ela havia esperado.

Aos dezoito anos de idade, com fome de vida, foi a universidade, seus dias cheios de arqueologia e cursos de antropologia.

Foi chato. Após um ano trabalhando em tempo parcial no Departamento de Arqueologia e cochilos na aula, percebeu que transformar-se em uma arqueóloga poderia não ser a carreira adequada para ela. Muita investigação, antigas maldições, muito poucas balas e excesso de velocidade.

E foi então que Val interveio.

Ele foi um professor substituto de antropologia na universidade Yale e de fato, esta havia sido a razão para que ela o escolhesse. Lembrava-lhe o Guardião, que viu sua mãe até que ela morresse e que visitou Serena às vezes, enquanto crescia.

Ele incentivou seu amor pela arqueologia desde o momento em que ela demonstrou uma extraordinária capacidade de encontrar coisas perdidas, e então na universidade, quando levou um seleto grupo de estudantes em uma viagem de estudos a um histórico campo de batalha da Guerra Revolucionária.

Um sentimento a afastou de seu grupo para uma área arborizada, pouco além do campo de batalha. Ali, próximo aos remanescentes de uma vala de pedra e a um metro sob a terra, ela descobriu uma caixa de sapatos que continha algumas moedas, um cachimbo e uma carta que detalhava uma traição infame do líder dos americanos.

Um líder que passou a história como um herói, mas se a carta pudesse ser autenticada, a história mudaria algo que nunca aconteceria.

Neste mesmo dia, Val lhe ofereceu um cargo de arqueóloga em sua empresa particular e um lugar para viver em uma das duas casas de hóspedes, ao lado de sua mansão-museu, por um baixo preço. Não é que o salário realmente importasse, ela não queria nada, em parte porque Val pagava pelos utensílios de primeira necessidade, e em parte porque ele a mantinha tão ocupada em viagens que ela não tinha muito tempo livre.

Ele deixou a universidade logo depois de contratá-la. Dessa forma poderia vigiá-la. Ainda o fazia com frequência.

Portanto, tinha tudo, uma grande vida e a carreira de seus sonhos.

Ela possuía quase tudo o que queria e só teve medo em duas ocasiões: nos anos de doença e no tempo empregado nos hospitais, o que lhe deu um medo irracional da morte, porque enquanto estivesse encantada não poderia morrer. Bom, a menos que ela fosse vítima de outro de seus medos: que algum dia cedesse ante o desejo de uma relação.

Neste momento ela era forte, mas estava aterrorizada com o dia em que conhecesse o homem de seus sonhos, porque tão forte como era também era curiosa e faminta, e a tentação era um amante do mal.

— Presumo que todas as minhas viagens, hotéis e a entrada nas catacumbas estejam organizadas?

Val empurrou um arquivo através da escrivaninha para ela.

— Está tudo aqui. Um ex-tutor, chamado Josh Nichols, se encontrará com você em Alexandria para te dar um objeto que pode precisar para subir na câmara onde acho que está a moeda.

Deixando seu copo de lado, pegou a pasta e folheou o arquivo.

— Ele sabe sobre mim? O que eu sou?

— Não.

Muito poucos seres humanos sabem. Pelo que ela sabia, apenas uns poucos, doze dos Sábios de Aegis, incluindo Val e David, o sabiam.

— O que se supõe que eu devo lhe dizer?

— Não precisa lhe dizer nada. Ele está acostumado que nós peguemos o artefato emprestado, que acreditamos ser a chave.

Ela arqueou as sobrancelhas. — Porque nós pegamos emprestado?

— Está em sua família há séculos, mas ninguém sabe exatamente o que faz. Só que se associou as catacumbas, e cada vez que se escava uma nova sessão, seu artefato se transforma em um objeto de interesse.

— E agora que você sabe a localização da moeda, acha que seu artefato é importante?

— Exatamente.

— Muito bem, então terei que ir. — Atordoada, já que isto poderia ser

a descoberta de toda uma vida, Serena dirigiu-se para a porta.

— Serena — a voz de Val a parou bruscamente, e quando virou, seu olhar escuro deu-lhe um calafrio de apreensão pelas costas, — tenha muito cuidado.

— Sempre — mentiu.

— Nunca é demais ser cuidadosa — disse. — Nunca se esqueça, Sere. Nunca.

[1] SUV: utilitário esportivo.

[2] O templo é o mais preservado entre muitos templos egípcios. Foi construído no século I a.C pelo rei Petolomeo VIII e a rainha Cleopatra II. O templo foi dedicado a Hathor, deusa do amor, música, maternidade e alegria que foi identificada pelos gregos com a deusa Afrodite.

[3] As Catacumbas de Kom el Shoqafa (significa monte de cacos) são um sítio arqueológico histórico localizado em Alexandria no Egito, foram descobertas em 28 de setembro de 1900 e são um dos maiores sítios funerários romanos egípcios. O complexo foi construído em fins do século I e foi utilizado até o século IV.

Quatro

A pior coisa sobre morrer lentamente não era a parte de morrer. Era o fato de que o veneno que o assassino usou matou tudo, menos a libido de Wraith. Ele costumava exigir sexo uma dúzia de vezes por dia. Desde a semana passada quando despertou do torpor da droga que seus irmãos colocaram nele, ele teve a sorte de sentir uma excitação a cada dois dias.

Yeah, morrendo sugado. Morrendo sugado lentamente, de qualquer forma. Ele fez algumas valentes tentativas para acelerar um pouco as coisas. Desde que ele escapou do hospital sem o conhecimento de seus irmãos, se colocou em algumas sérias situações de merda em pubs de demônios, antagonizou com ninhos inteiros de vampiros só por diversão, e interrompeu a caça de um demônio Nightlash – nunca é uma boa ideia se intrometer entre uma dúzia de Nightlashes e suas refeições. As batalhas foram emocionantes, breves, e sangrentas. Wraith esteve em menor número, mas nunca ultrapassado, mas saiu mancando de cada uma das brigas.

Se ele realmente ganhou ou não era a pergunta.

E ligou várias vezes por dia, ligações que Wraith ignorou, embora ele tivesse ido para UG na noite passada e o que ele viu lá o chocasse.

O hospital estava severamente sem pessoal. E ele ficou no departamento de emergência, uma seção em que o teto havia desmoronado. Cada demônio que passava parecia agitado; corriam rumores de que um exército começava a se reunir nos confins de Sheoul, mas ninguém poderia confirmar isso. Além disso, um exército de demônios estava sempre se reunindo em algum lugar, cada vez que algum guerreiro de um território começava uma guerra com outro.

Wraith não se incomodou de bater na porta de *E*. Ele a abriu e imediatamente o furão de Tayla, Mickey, saiu em disparada para o corredor, suas unhas minúsculas clicando sobre o piso de madeira. O bicho subiu pelos jeans e cintura de Wraith até que ele estava aninhado felizmente na curva do braço direito de Wraith.

— Hey, amigo — Wraith murmurou. — Onde está o meu irmão?

Ele se dirigiu para o escritório de *E*, acenando para Tayla e Gem, que assavam algo de chocolate na cozinha, mas que pareciam malditamente bem severas enquanto ficavam lá, com copos grandes de suco de laranja em suas mãos. Sua espécie Soulshredder era tropical, e necessitava de grandes quantidades de vitamina C, especialmente se estivessem estressadas.

Wraith se perguntou quantos galões elas já tomaram essa manhã. Inferno, Gem descia a coisa como vodka desde que Kynan deixou o hospital e voltou para os militares. Seja o que for. O cara era descente – ele voluntariou seu domínio ao Wraith uma vez ou duas – mas quando soube do fato, Wraith poderia matar Kynan tão facilmente quanto ele poderia olhar para ele.

— Eidolon está na caverna com Shade — Tay disse, e *oh, ótimo...* uma reunião familiar. Deve estar realmente ruim.

Xingando a si mesmo, porque ele realmente não precisava dessa merda, entrou na sala de *E*, onde Shade estava relaxado no sofá de couro com o cachorro de *E*, Mange, em seus pés. Eidolon estava sentado em sua escrivaninha, nariz enterrado em um texto médico. Ele olhou para cima quando Wraith fechou a porta, e pela primeira vez desde que disse ao Wraith que ele estava morrendo, *E* não olhou para ele com tristeza em seus olhos escuros.

— E aí? — Wraith disse, pegando um lugar para sentar. Mickey bateu indignado e mexeu em seu ombro, em seguida cobriu-se ao redor do pescoço de Wraith como uma estola de pele.

— Eu acho que encontramos uma maneira de salvar sua vida.

O pulso de Wraith acelerou, mas ele se forçou a ficar calmo. O que *E* disse soava incrível, mas ainda havia uma séria contração em sua boca, o que indicava que não era só sangue e diversão aqui. — Joga isso em mim.

— Você terá que roubar um encanto de alguém.

— Um encanto? Como algo colocado em uma pequena pulseira?

— Não exatamente — Shade disse. — Esse encanto é uma bênção divina que faz o recipiente imune ao mal. Você terá que tomar isso do proprietário.

Wraith estreitou os olhos para Shade. — Algo me diz que

roubar esse encanto não será tão fácil quanto levantar a saia de um Orgesu.

— Depende de como você olha para isso. — Shade mudou no sofá, suas calças de couro chiando nas almofadas. — Quero dizer, envolve sexo.

— Bem, então, as coisas estão melhorando. Então qual é o desafio?

Shade trocou olhares com Eidolon antes de dizer: — Ah, bem... você terá que seduzir a proprietária. O encanto só pode ser transferido através de sexo. Sexo permitido. Obviamente, se ela é encantada, ela não pode ser forçada.

— Sedução não é um problema. — Inferno, não. Fêmeas vinham a ele de bom grado. Ao menos elas vinham, até que ele passou pela *s'genesis* e ganhou as marcas faciais que brilhavam avisos para todas as coisas de demônios femininos. Agora ele precisava recorrer a artifícios para transar.

Se ele fosse como qualquer outro demônio Seminus maduro no planeta, a decepção não o incomodaria. Obrigado pelo DNA humano, mamãe querida. A parte humana nele odiava ser incapaz de ter sexo em sua forma verdadeira, odiava ter que recorrer a truques para conseguir uma fêmea para transar com ele. A parte demônio dele exigia isso.

— Espera. — Wraith esteve acariciando Mickey, mas agora ele congelou, sua mão pairando sobre a espinha da fuinha. — Há um porém, não há? Há sempre um porém.

E assentiu. Paralisado. Finalmente deixou escapar. — Ela é humana.

Wraith balançou para trás, ganhando um rosnado afiado de Mickey. — Não.

— Wraith...

— Eu disse, não! — Ele xingou robustamente, em vários idiomas. — Que tipo de encanto fodido lançado por feitiço exige sexo? — A menos que... *oh, merda*. — Ela é virgem, não é? Dane-se Hades, ela é uma porra de uma virgem. — *E* não disse nada, o que era confirmação suficiente. Wraith ficou de pé. — Não apenas não, mas porra de não. De fato, deixe-me contar as maneiras que eu posso dizer

não. — Ele começou a assinalar em seus dedos, mas Shade ficou em pé, lentamente, como se tivesse medo que um movimento repentino fizesse Wraith fugir.

— Mano. Esfria. Não é grande coisa. Uma vez feito você estará encantado e o Conselho Seminus não será capaz de punir você. Mesmo se eles pudessem, não é tão ruim.

— Não tão ruim? Levou um dia inteiro para *E* se recuperar depois de ficar com aquela hippie.

Violar a virgindade de humanos era proibido para a maioria das espécies de demônios, e *E* havia, acidentalmente, tomado a virgindade de uma mulher há quase cinquenta anos atrás. E, dado que os Anjos Guardiões eram solenes fofoqueiros, *E* foi forçado a suportar um severo castigo dos membros do Conselho Seminus.

A relutância de Wraith para tomar uma virgem tinha pouco a ver com a punição, e ambos seus irmãos sabiam disso. — Eu jurei que nunca treparia com uma humana de novo, muito menos uma virgem...

— Eu sei — *E* interrompeu. — Mas isso é vida ou morte.

Flashes do passado piscaram em sua cabeça, os anos que passou em uma cela, mantido ali por sua própria mãe má. Fêmeas humanas inocentes foram despidas e jogadas em sua cela depois que suas virgindades foram tomadas brutalmente pelos vampiros que as trouxeram para ele. Vampiros, uma vez que eles eram tecnicamente humanos, não eram sujeitos a regra de não-pode-deflorar-vingens. Então eles ficavam a espera, até que Wraith estivesse quase louco de desejo, e então eles estupravam as fêmeas em frente a ele, jogavam-nas na cela, e sentavam para assistir e esperar.

Mesmo agora, oitenta anos depois, ele ainda suava frio quando pensava sobre isso.

Passar pela *s'genesis* deveria tê-lo feito esquecer. Não importa. Não teve essa sorte.

— Quem é essa garota? Porque ela é encantada? — Wraith deu um passo, tentando desesperadamente acalmar sua energia nervosa. — E como você a encontrou?

E fechou o livro que estava lendo. — Longa história. Mas através das conexões Aegis entre Gem, Reaver, e Tayla, nós fomos capazes de conseguir um ponto de mira em Serena.

Mickey aconchegou-se a orelha de Wraith, como se tentando confortá-lo. — Eu não acharia que informação como essa estaria disponível a Aegis mundanos.

— Tay não é exatamente mundana. — *E* se recostou na cadeira da escrivaninha, parecendo irritado. Não, Tayla era definitivamente mais do que mundana. Ela dirigia a célula de matadores de Nova York, e desde que assumiu o comando, a contagem de corpos de demônios diminuiu, e assim a violência de demônios em humanos. Uma frágil trégua foi declarada entre a célula de Nova York e demônios pacíficos, o que deixou aos matadores mais tempo para concentrar em tirar as espécies nocivas.

O relacionamento simbólico funcionou bem até agora, mas com a agitação no submundo ultimamente, relações entre demônios e Guardiões estavam mais uma vez em terreno movediço. Wraith esfregou a palma de sua mão no rosto. — Eu não gosto disso. Preciso pensar sobre isso.

— Você não tem tempo — *E* disse. — E há mais uma coisa que você precisa saber. — Ele arrastou seu dedo ao longo do relevo dourado da capa do livro em frente a ele. — Ela foi mordida por um Mara antes de ser encantada. Depois que você a tomar, a doença irá progredir rapidamente, e ela irá morrer.

Wraith parou a meio passo. *O quê?* Ele olhou para Shade. Então *E*. Então Shade novamente.

— Isso é muita besteira. Não vou fazer isso.

— Você tem que...

— Não!

E ficou em pé, batendo sua cadeira na parede e surpreendendo Mange em seus pés. — Então você condena o hospital.

— Que porra você está falando?

Eidolon plantou seus punhos sobre a mesa e se inclinou, cravando Wraith à parede com a intensidade de seu olhar. — Nós construímos isso com nosso sangue, suor e lágrimas. — Literalmente. Quando a fundação foi erguida, cada um deles desistiu de um dos elementos a fim de tornar o hospital forte, encantado, e indetectável para os humanos.

Wraith deu seu sangue. *E*, lágrimas. Shade, suor.

— Sim, e?

Shade limpou uma mão sobre seu rosto. — Eu não acredito que não vimos isso vindo.

— Ver o quê? — Wraith estalou, ao fim de sua paciência.

— Nossas forças de vida estão vinculadas ao hospital — *E* disse suavemente. — Você está morrendo... — *Ah, porra*. Wraith exalou lentamente. — Então o hospital está morrendo. É por isso que merdas estranhas estão acontecendo lá.

— Sim.

Náusea rolou por ele. — É também por isso que está correndo com metade do pessoal?

E balançou sua cabeça. — O que quer que esteja chacoalhando o submundo está chacoalhando o pessoal. Eles não estão se apresentando em seus turnos. Estão desistindo. Estão apavorados. As coisas estão bagunçadas. E por mais estranho que pareça, tudo isso coincide com a aparição da humana encantada em cena.

— Inferno — Wraith respirou. Ele pode não dar a mínima para muita coisa, mas o hospital dera uma finalidade em sua vida, em um momento que esteve sem direção e autodestrutivo.

Não que não fosse essas coisas agora, mas ele amadureceu muito. Ele provavelmente ainda estava vivo somente por causa de seus irmãos e o hospital.

Mais importante, significava o mundo para *E* e Shade. Mais do que qualquer coisa, exceto suas almas gêmeas e a prole de Shade. Wraith poderia não dar uma merda sobre sua própria vida, mas não poderia deixar o hospital morrer só porque ele não queria sobrepular e matar uma humana. Isso era realmente uma desculpa patética para um demônio. Era hora de deixar ir aquele trauma infantil particular. Se ele não fizesse, sua mãe ganharia.

Ela o quis morto no momento que nasceu, graças ao horror que seu pai infringiu a ela. Não que Wraith pudesse culpá-la; ela era uma humana a ponto de se tornar uma vampira quando seu pai a estuprou, então só a manteve deste lado da vida com o mesmo dom que Shade possuía. Por nove meses ele a manteve em um estado horrível de

imobilidade, estuprando e abusando dela até que ela deu à luz.

Não surpreendentemente, ela ficou insana. Seu pai foi embora após seu nascimento, assim como todos os demônios Seminus não acasalados faziam, embora, geralmente, eles abandonavam a fêmea imediatamente depois do sexo e concepção.

Sua mãe completou sua transformação em vampira, se tornando viciada assim como insana, e virou sua raiva para Wraith. Ele lutou para viver, e apesar de ter feito algumas coisas incrivelmente estúpidas para conseguir se matar como um adulto, alguma coisa profunda dentro dele sempre se manteve lutando.

Então foda-se. Ele viveria. Ele iria encontrar a humana encantada, pegar o que ele precisava, e dane-se.

E uma vez que ele estivesse muito bem encantado e invencível, ele começaria a matar vampiros, como sempre desejou fazer desde que se livrou de sua prisão.

Começando com o Conselho Vampiro.

Oh, sim. Deixe que os bons tempos venham.

†††††

O plano de Wraith para encontrar e seduzir a mulher humana atingiu uma barreira de imediato. A extraordinariamente elegante mansão Novo Paraíso onde ela vivia era protegida contra demônios.

Durante horas, Wraith se viu forçado a se esconder na mata que abraçava a área rica e bem cuidada, mas quando um homem de meia idade saiu, carregando sua Mercedes com bagagens, e subiu ao volante, atingiu Wraith.

Ele arrancou por todo o pavimento e escorregou no banco de trás.

— Mas que... — A respiração do homem se cortou quando o braço de Wraith foi ao redor de seu pescoço. O cara se debateu, desferindo um golpe no queixo de Wraith antes que Wraith torcesse sua cabeça entre suas mãos. Um segundo mais tarde, Wraith usava seu dom Seminus para entrar na mente do cara e fazer um pouco de sondagem.

O homem, Valeriu, possuía um pequeno e impressionante bloqueio mental que impediu Wraith, mas não por muito. Logo, ele descobriu que Serena saiu para o Egito na noite anterior, e que ela deveria receber um tipo de chave de um homem chamado Josh em... merda, uma hora.

Rapidamente, Wraith encheu a cabeça de Valeriu com novas memórias, umas que cobririam o fato de que ele fora atacado em seu próprio terreno. Uma vez feito, ele colocou o cara para dormir, então, embora Valeriu pudesse se perguntar por que ele caiu no sono atrás do volante, ele não se lembraria.

Wraith se escorregou para fora do carro e correu para a próxima grade do portão. Ele precisava chegar até aquele cara Josh. Agora ele sabia que a chave para o tesouro que Serena caçava era também a chave para ela.

†††††

Serena sempre gostou do Egito, e Alexandria era sua cidade favorita de todas as cidades egípcias. Conhecida como a Pérola do Mediterrâneo, que se gabava pelos lindos bairros residenciais, jardins elegantes, e um clima suave, pouco comum no Oriente Médio.

Ela passou o dia tentando localizar o primeiro dos dois objetos pelo que veio em uma antiga abóboda sob a cidade. Assim que o sol começou a se pôr, ela o encontrou. Seu lugar de descanso, de qualquer maneira. Infelizmente, os horários de visita ao Kom El-Shugafa a forçavam a desistir pelo dia. Val conseguiu falsificar um acesso especial para as áreas fora de limite das catacumbas, mas aparentemente horas de visita não eram negociáveis.

Além disso, se Val estava certo, ela precisaria da chave para acessar o cofre, e ela já estava atrasada para encontrar Josh no hotel dela.

Ela pegou um táxi, mas o tráfego, como de costume, era um emaranhado de carros, carroças puxadas por burros, bicicletas e pedestres. As ruas estreitas, pequenos acidentes, e sinais de trânsito sem funcionar resultaram em um progresso extremamente lento. Antigos egípcios poderiam ter construído uma pirâmide inteira no tempo que levou para o táxi dela andar apenas um quarteirão.

Cansada, faminta, e uma pilha de nervos após assistir vários

pedestres quase serem atropelados, ela saltou fora do táxi a vários quarteirões do hotel, imaginando que poderia andar mais rápido do que o táxi poderia levá-la lá.

Vestida conservadoramente em calças de estilo militar de cor canela e blusa de algodão branca e mangas compridas, ela não chamava muita atenção, apesar de seu cabelo loiro e olhos azuis gritarem *estrangeira*.

Nenhuma mulher deveria andar sozinha nessas ruas, mas Serena estava mais segura do que se tivesse viajado com um exército inteiro de guardas.

A calçada irregular rachada, não representava um problema para ela enquanto andava acariciada por uma leve brisa vinda do porto. Tudo ao redor, comerciantes e donos de restaurantes vendiam suas mercadorias, que variava de roupas para legumes frescos até pombo assado, que perfumava o ar com especiarias enquanto Serena passava. À frente, um homem se aproximou, sua túnica marrom fluía ao redor de seus tornozelos, e um **Taqiya**, espécie de boné branco, em forma de balde, absorvendo as sombras da noite e as luzes pálidas dos edifícios próximos. Ele andou com sua cabeça abaixada, mas quando ele parou em frente à Serena sua cabeça se levantou, e ela respirou assustada. O homem era lindo. Tão lindo que doía olhar para ele. Ele irradiava um brilho tão feroz como o reflexo do sol no domo dourado da mesquita do Sultão Omar Ali Saifuddin[1], e suas feições eram tão perfeitas que ele poderia ter sido desenhado com um pincel de pêlo de camelo.

— Serena.

Ela não parou para pensar como ele sabia seu nome, porque sua voz musicalmente melódica a hipnotizou. Ela não reconheceu o sotaque, mas pareceu familiar, de uma maneira antiga.

— Sim — ela respirou, e os lábios dele se curvaram em um sorriso, o que transformou o cérebro dela em mingau.

Ele lançou um olhar furtivo ao redor deles, e foi quando ela notou que as ruas normalmente movimentadas estavam desertas. Seus instintos de autopreservação e sobrevivência estavam enferrujados pelo desuso, mas agora eles se mexeram, como o despertar de um sono profundo, escuro. A sensação era estranha, mas ela a reconheceu pelo o que era - perigo.

Ainda assim, ela não estava com medo. Nada poderia tocá-la.

Mesmo assim, ela escovou seus dedos automaticamente no pingente sob a blusa. Era um hábito estúpido, mas um que ela não poderia quebrar mais do que poderia quebrar a corrente encantada de onde ela ficava pendurada. Estranhamente, o colar sentiu-se quente contra sua pele.

— Hey.

Outra voz profunda veio de trás dela, e ela se virou para o recém-chegado, um homem vestido casualmente em um jeans desbotado e uma camiseta da Guinness, com uma mochila apoiada sobre seus ombros. Ele era alto, cerca de 1,98m, com cabelo loiro que caía perto de seus ombros e uma tatuagem, que estendia de seus dedos de sua mão direita todo o caminho até o seu rosto, onde o padrão em turbilhão preto esticava da linha de sua mandíbula até sua têmpora.

Pareceu-lhe que este homem era fonte de vibrações perigosas. Ela podia sentir isso no jeito que seu corpo lavou com o calor, a maneira que sua pele formigava, no modo que seu pulso saltou.

— S-sim? — *Pateta*. Ela não só gaguejou, como soou toda sem fôlego, como Renfield encontrando seu primeiro vampiro.

O cara de túnica se virou para o outro homem. — Nos deixe. — O tom de seu comando a fez pular, mas o cara da camiseta apenas ergueu suas mãos.

— Hey, camarada, eu deveria estar aqui. Qual é seu negócio?

Ela olhou para o loiro. — Josh?

— Sim. Eu estava indo para o hotel te encontrar. — Ele olhou o desconhecido de túnica com olhos entrecerrados, e *uau*, Serena pensou que Val poderia ter mencionado que seu amigo parecia uma estrela de cinema gostoso e que tinha um físico de um marinheiro SEAL. — Esse babaca está te incomodando?

— Uh... — De novo, outra resposta inteligente. Deus, ela era aleijada.

O ar pareceu brilhar com agressão, e havia aquela sensação de perigo novamente, fazendo sua pele formigar e seu coração disparar. Alguma coisa estava acontecendo aqui, mas o que, ela não sabia. Tudo o que sabia era que dois homens impossivelmente lindos olhavam um ao outro, como gatos rivais, e ela estava no meio disso tudo.

Algo primitivo e feminino ficou excitado nela, substituindo seu cérebro, que gritava que algo tão anormal não poderia ser bom. Depois de um momento longo, e tenso, o homem vestindo a túnica abaixou a cabeça e se virou para Serena.

— Meu nome é Byzam al-Majid. Val me mandou para ajudá-la em sua busca.

Josh bufou. — Você vai acreditar isso? Porque esse cara tem ‘*plano maligno*’ escrito por toda a sua testa estranhamente lisa.

A situação era estranha; ela não poderia negar isso, e sabia malditamente bem que se Val estivesse mandando alguém com exceção de Josh, ele teria contatado.

Sorrindo polidamente, ela apertou a mochila[2] perto de seu corpo. — Eu não quero ser rude, Sr. al-Majid, mas você entende que eu terei que contatar Val sobre isso.

— Claro. — Ele fez uma mesura e se afastou. — Ficarei em contato.

Ela sentiu uma estranha sensação de alívio quando ele se dissolveu para longe na noite... até que ela percebeu que agora estava sozinha com o outro homem, um que emanava força erótica e sensualidade feroz.

Engolindo, ela olhou para cima quando ele se erguia sobre ela, um canto de sua boca exuberante inclinando em um sorriso mais empertigado que já viu. Ela deixou cair seu olhar para os ombros largos que testavam os limites da elasticidade de seus tee[3], deixando-se admirar seu peito profundo e cintura estreita, feitos para uma mulher envolver suas pernas em volta.

Val disse que Josh era um ex-Guardião, e ela poderia imaginá-lo tirando o máximo de sua constituição de guerreiro para combater demônios e satisfazer as necessidades de uma mulher na cama.

Ele não usava uma aliança de casamento...

Normalmente ela aproveitaria a oportunidade para paquerar, deixar o seu lado selvagem ter um pouco de diversão. Mas apenas ficando parada perto dele trouxe a sensação de perigo cintilando para a vida dentro dela. Ela não tinha nenhuma dúvida de que ele era perigoso em uma maneira letal, animal... e que a verdadeirameaça era para tudo o que a fazia uma mulher. Especialmente sua virgindade.

Oh, sim, esse homem era assustador, em mais formas que ela poderia contar, ou provavelmente imaginar.

[1] A Grande Mesquita do Sultão Omar Ali Saifuddin (ou simplesmente Mesquita de Omar) é uma mesquita real islâmica localizada em Bandar Seri Begawan, a capital do sultanado de Brunei. A mesquita é classificada como uma das mais espetaculares mesquitas da Ásia Pacífica e uma grande atração turística.

[2] Parecida com aquelas mochilas que alpinistas usam.

[3] Tee, quer dizer a forma em T do seu peito.

Cinco

Wraith se permitiu um momento para deleitar-se com sua vitória, mas ele não ficou convencido. Isto ainda não terminou. Ainda assim, a evidência da atração de Serena o rodeava: um franco aroma almiscarado de excitação misturado com seu próprio e limpo aroma de baunilha amendoado. Oh, sim, ela o queria.

Tanto para não ficar convencido. Mas ei, metamorfos leopardos não mudam de habitat, certo?

Sombras engoliram Byzam - que porcaria de nome - mas Wraith manteve os olhos abertos. — Devemos ir antes que ele volte. Algo sobre ele não estava certo.

Serena estreitou seu olhar para ele, mas seu tom era provocador quando disse: — Como eu sei que você é mais seguro?

Piscando, ele ativou o charme. — Você não sabe.

— Bem, pelo menos você é honesto.

— Nem de perto tão frequentemente como eu deveria ser.

Ela ergueu uma sobrancelha loira. — É bom saber. Vou me manter atenta, mesmo se você for um amigo de Val e um ex-Guardião.

Guardião. Sim, isto foi uma revelação interessante. Ele teve que deixar Val rápido demais para extrair muitos detalhes de sua mente, mas, uma vez que chegou a Josh em seu quarto de hotel, ele gastou um pouco de tempo para descobrir quais eram os negócios do cara. Então, ele fez Josh acreditar que já havia se encontrado com Serena e precisava ir para casa. Esperançosamente, o Josh real já teria saído do hotel e estaria em um avião com destino a Itália.

Serena seria toda sua.

Os olhos de Wraith foram para o V de sua blusa, que era abotoada, conservadora demais para o seu gosto, e então para baixo, até a pequena cintura que se alargava em quadris que ela provavelmente achava que eram grandes demais, mas que excitava tanto o macho primitivo quanto o incubus com tesão nele. Seu corpo foi feito para amortecer a luxúria de um macho, e para carregar seus descendentes.

O primeiro iria acontecer, o último não. Ele podia sentir a fertilidade em qualquer mulher, e Serena não estava ovulando. Além disso, nenhum Seminus com respeito próprio impregnaria uma humana. Crias nascidas de outras espécies de demônio seriam demônios Seminus de raça pura; aquelas nascidas de mulheres humanas seriam mestiços, e sem utilidade em relação a continuar a raça Seminus.

Wraith relutantemente arrastou seu olhar de volta para seu rosto e tentou esquecer que ela era humana. — Querida, por mais gostosa que você seja, não deve confiar em homem algum.

O riso fácil dela cortou o frio da noite, e através de seu intestino. Ele gostou do som macio e feminino, de uma maneira que o deixava vulnerável... e *disso* ele não gostava.

— Você é bajulador — disse ela. — Eu vou admitir. Algo me diz que você deixa um rastro de corações partidos por seu caminho.

Ele cruzou os dedos sobre seu próprio coração. — Prometo não deixar nenhum no caminho para o hotel.

Ela bufou e começou a seguir pela calçada. — Puxa, obrigada, Josh.

— Meus amigos me chamam de Wraith.

Ela fez uma careta. — Wraith? Isso é um apelido horrível. Eu vou chamá-lo de Josh.

Ótimo. Apenas ótimo. Ruim o suficiente que ele tivesse que fingir ser legal. Agora ele precisava fazer isso enquanto é chamado de *Josh*.

Wraith ficou armado e pronto, enquanto caminhavam em direção ao hotel. Ele não tinha certeza de qual era a do estranho cara Byzam, mas ele sabia, sem dúvida, que o homem não era humano. O que significava que não era coisa boa. Talvez ele estivesse atrás do encanto de Serena, talvez soubesse a razão dela estar no Egito e queria aquilo que ela buscava. De qualquer forma, sua presença era uma pedra no caminho de Wraith. A última coisa que precisava era de interferência.

O olhar de Wraith voltou ao corpo ágil e gracioso de Serena. Seus seios eram menores do que ele gostava, mas quando chegasse a esse ponto, ele não precisava gostar dela. Ele estava atrás de uma coisa. Ainda assim, ele estaria preso com ela por algumas horas pelo menos, assim ele poderia muito bem observar. E não era como se ela fosse difícil de olhar. Longe disso.

Ela era baixa, talvez 1,68m, com cabelos loiros ondulados que ela puxou em um rabo de cavalo alto, preso através do orifício em seu boné de beisebol bege. Cílios longos, enquadrando grandes olhos castanhos com linhas douradas. Altas maçãs do rosto acrescentavam definição a uma face ligeiramente arredondada, e sua boca generosa entortava uma ponta para a direita quando ela sorria.

— Você vai ficar no meu hotel? — Ela perguntou quando eles pararam na esquina de uma rua movimentada. Ele amava o natural e sensual raspar em sua voz que fazia tudo soar como se ela tivesse acrescentado *na cama* ao final de cada frase.

— Sim. Voei nesta tarde. Eu já fiz o check-in.

— Você vive na Itália, certo? — Ela teve que gritar sobre o som de uma buzina.

Ele assentiu, lembrando o que extraiu da mente de Josh, e disse: — Eu sou originalmente de Ohio, mas estive em Perugia pelos últimos seis meses. — Ele não fazia ideia de por que Josh se mudou para lá, então torcia para que ela não perguntasse.

— Eu amo a Itália. — *Na cama.* Seu sorriso ficou sonhador, e ele realmente desejou que ela não tivesse feito isso, porque o fez querer beijá-la.

O que era louco, porque ele nunca beijou uma fêmea antes, não em seus cem anos de vida. Mas subitamente ele queria colocar sua boca na de Serena e ver sobre o que era toda a agitação.

Ela o observou, os olhos brilhando de curiosidade, e ele se perguntou se ela sentiu o crepitar estático de percepção entre eles. Quando o olhar dela deslizou para sua boca e ela balançou, ele soube que ela sentiu.

Em um estado quase sonhador, ele se aproximou dela. Seus sentidos de vampiro captando o doce aroma, o som de sua pulsação crescente. A sua própria ficou errática e fora dos gráficos enquanto ele se inclinava. Antecipação fez sua pele formigar, mas do nada um odor podre, parecido com carne queimada sequestrou o ar.

Ele se afastou, retomando sua sanidade. Ah, ele iria beijá-la, Tayla lhe deu uma bela cartilha sobre o que as mulheres humanas gostavam, e ela insistiu que beijar fazia parte da sedução, mas atacar Serena a céu aberto não era provavelmente o caminho a percorrer.

— Você está sentindo isso? — Ele balançou a cabeça, mirando o odor. Lá, atrás de uma caminhonete estacionada em um declive entre duas lojas trancadas... olhos. Olhos vermelhos, brilhantes.

— Eu não sinto nada.

— Fique aqui. — Ele partiu em direção a ameaça, seu corpo acelerado para a batalha, adrenalina bombeando quente em suas veias.

A criatura atrás da caminhonete rosnou, um som arrepiante que fez o cabelo da nuca de Wraith se levantar. Isto era um *khnive*, um demônio rastreador convocado, vinculado por seu mestre a cumprir sua ordem até que o feitiço controlando-o se esgotasse.

— O que é isso?

Wraith parou na voz de Serena. Ela estava bem atrás dele. — Eu disse para ficar onde estava.

— Na última vez que olhei, você não era meu chefe.

Então ela era sexy e espirituosa. Uma combinação admirável, mas ainda irritante.

— Fique. — Ele correu em direção à criatura. Ela gritou e deslizou pela rua em direção a um bueiro. Se ele escapasse, iria relatar a seu mestre que havia encontrado Serena. — Oh, não, você não vai.

Wraith agarrou a criatura, que parecia um gambá esfolado do tamanho de um mastim, por sua cauda de rato. Ela se virou, estalando dentes afiados.

— Monstro mau. — Wraith a atirou com um movimento de pulso. Ela pousou sem jeito de lado com um estalar de ossos, mas a lesão não a parou. O demônio veio para ele, uma abominação com baba e olhos de fogo.

Uma mochila bateu em seu rosto e o *khnive* ganiu, se erguendo para trás e arranhando em seu olho, que foi empalado por um lápis. Serena atacou a criatura novamente, que a golpeou com garras envolvidas com veneno, mas que de alguma forma erraram apesar de sua proximidade.

Luzes brilhantes cegaram Wraith. Um veículo agitado avançou sobre eles, seu motorista, aparentemente bêbado, os pneus do veículo ricocheteando no meio-fio.

— Serena! — Wraith a pegou pela cintura e jogou os dois em um carrinho vazio de algum vendedor. Freios e pneus cantaram. O carro compacto colidiu com a caminhonete em que o *khnive* estava se escondendo, e a criatura saltou para a traseira da picape enquanto rolava para frente, ganhando força com a altura.

Serena se soltou do aperto de Wraith, disparou em direção a caminhonete, e saltou agilmente na traseira com o demônio.

Inacreditável. A mulher *não* tinha senso de autopreservação. Wraith os perseguiu, pousando ao lado de Serena enquanto ela socava a coisa. Com uma maldição, ele se lançou atrás do demônio, passou o braço em torno do seu pescoço, e estalou forte. Ele ficou mole, afundando no banco da picape.

A caminhonete atingiu uma lombada, catapultando Wraith para trás. Ele agarrou o teto com uma mão, e Serena com a outra. Buzinas soaram, e um cruzamento movimentado agigantava-se à frente. Merda. Ele mergulhou em cima de Serena, cobrindo-a quando o caos explodiu em torno deles. A caminhonete bateu na lateral de um ônibus, e depois, pelo menos mais dois veículos bateram em sua traseira e na porta do lado do motorista, girando-o violentamente em outros carros. O som de metal amassando, vidro quebrando e pessoas gritando rasgou o véu de fumaça e vapor que se levantou em torno deles.

— Você está bem? — Ele ajudou Serena a ficar de pé. Embora ela parecesse um pouco atordoada e tivesse perdido seu boné, ela sorriu timidamente.

— Eu estou bem. — Ela balançou cacos de vidro de seu cabelo.
— Coisas assim acontecem muito comigo.

— Seus pretendentes devem amar você. — Sirenes berraram à distância. — Vamos dar o fora daqui antes que as pessoas comecem a fazer perguntas. Ou antes que um avião pouse em você ou alguma merda.

Mantendo posse da mão dela, ele pulou da caminhonete e os dois correram, costurando através do emaranhado de carros destruídos

e da multidão de pessoas. Ela o acompanhou facilmente, seus passos rápidos e graciosos, uma gazela em fuga. O predador nele queria caçá-la, levá-la ao chão. O macho nele queria atacá-la enquanto ela estava ali.

Agora mesmo, o melhor que podia fazer era manter outros predadores à distância.

Eles não desaceleraram até chegarem ao hotel. Ele a puxou para pararem em frente à porta.

— O que era aquela coisa? — Serena ofegante, olhando para trás, por cima do ombro, como se estivesse com medo que ela viesse atrás deles, mesmo que tivesse começado a se desintegrar antes mesmo deles pularem da caminhonete.

— Não suponho que você acredite que era um cão raivoso?

— Dificilmente. Eu sei que era um demônio.

— Um rastreador. — Ele a observou de perto, imaginando o quanto ela estava disposta a dizer. — O que você acha que está rastreando?

Ela ergueu o queixo e o olhou diretamente nos olhos. — Não faço ideia. Mas obrigada por matá-lo. Estou contente que suas habilidades de Aegis não estejam enferrujadas.

Bem, excelente. Ele ganhou sua gratidão. Tayla lhe disse para ser agradável, mas talvez matar coisas para ela fosse ainda melhor. Para não falar, mais do seu estilo. E mais divertido.

Tayla também disse que as fêmeas humanas gostavam de homens educados, então ele abriu a porta do hotel, liberando uma brisa aromática de café e cordeiro picante vinda do restaurante. Ele entrou atrás dela, e falando de traseiras... a dela era *boa*.

— Eu poderia tomar uma bebida — ela disse, gesticulando em

direção ao bar. — Quer se juntar a mim antes de falarmos de negócios? Você tem o artefato, certo?

— Está no meu quarto.

— Excelente. — Ela deu-lhe um sorriso, o que fez suas entranhas estremecerem. Estranho. Nenhuma mulher havia feito suas entranhas fazerem isso. Seus exteriores, sim, mas isto não precisava de muito.

Talvez o veneno estivesse o afetando em ainda outro modo. Além da libido amortecida, ele estava intermitentemente nauseado e atordoado, e às vezes seus músculos e órgãos apertavam enquanto morriam lentamente.

Coisa divertida, aquela toxina mordlair.

— Eu definitivamente poderia tomar um uísque. — O que não afetava Wraith, a não ser tomado pelas veias de um humano que o tinha absorvido. Ele olhou a garganta de Serena. Ele não sugava fêmeas humanas, mas adoraria agarrar-se ao pescoço longo e fino de Serena e beber sua dose, talvez ajustar-se entre suas coxas...

— Eu poderia tomar um pouco mais do que uma bebida.

— Meu tipo de mulher. — Wraith poderia realmente gostar dessa garota se ele algum dia se permitisse afeições, o que ele não permitia.

Encontre uma desculpa para tocá-la. Tayla lhe disse. Ela disse algo sobre como ele precisava começar devagar. Toques leves e inocentes.

Ele *não* era bom em leve e inocente. Atacar e pilhar... este era o seu estilo.

Xingando a si mesmo, ele armou o braço em um gesto cavalheiresco, algo não comum para ele, a fim de acompanhá-la. Para

sua surpresa, ela encaixou a mão delicada em torno de seu antebraço e lhe permitiu levá-la até o bar, onde eles foram recebidos por um homem egípcio de meia-idade que torceu o nariz para a *dermoire* facial de Wraith.

Wraith se coçava para enfiar a cabeça do cara no traseiro, mas ele se manteve reprimido e pediu um uísque duplo, puro.

— Eu vou querer o que ele pediu — disse Serena, e Wraith sentiu a queimação lenta de admiração subindo por dele. Ele esperava que ela bebesse algo doce e afeminado.

Essa garota não era o que ele esperava, e ele não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou ruim.

Ele colocou a mão no joelho dela.

Ela a apanhou e a colocou novamente no colo dele.

Bater. E. Queimar.

Como se Wraith não existisse, Serena apoiou os cotovelos no topo do bar e brincou com seu guardanapo, sorrindo para o garçom quando ele colocou a bebida a sua frente. *Maldição*. O brilho sensual que irradiou dela quando sorriu foi totalmente profano, e ele sentiu uma onda erótica subir como uma maré em suas veias. E em seu jeans.

Ele desprezava esta reação nos humanos. Isso o fez se sentir sujo, e ele reprimiu seus impulsos, impiedosamente, embora fosse esses impulsos que iriam fazê-lo ganhar o prêmio.

Ele planejou conhecê-la, levá-la a algum lugar privado, possuí-la, e ter terminado com isto sem jamais trocar os nomes. Ele era, afinal de contas, um maldito incubus. Sexo sem esforço era o que ele fazia. Nenhuma mulher jamais havia resistido a ele. Parecia que a que ele não precisava que resistisse seria a única que teria de trabalhar para seduzir.

Esta situação foi pobremente planejada de sua parte, o que era inaceitável. Ele costuma passar semanas, se não meses, pesquisando suas missões, seus prêmios, seus alvos. Não que ele gostasse de investigação, mas melhor saber cada detalhe do que passar muito tempo perseguindo o próprio rabo quando ele poderia estar perseguindo o rabo de alguma fêmea. Ele gostava de entradas e saídas rápidas. Esmagar e agarrar.

Serena não seria uma entrada e saída rápida, apesar de que *haveria* um pouco disso.

— Eu não teria tomado você por alguém que gosta das coisas fortes — ele comentou quando o barman deslizou seu copo em direção a ele.

Ela bebeu seu uísque de uma vez e empurrou o copo para o barman reabastecer. — Amo a queimação.

Queimação. É. Porque era isso que ela estava fazendo com ele agora.

— Você provavelmente acha que estes não são os modos de uma dama, não é?

Ele balançou a cabeça, que começou a latejar nas têmporas. O veneno de novo. — Eu acho que te faz muito sexy.

— Bem, você não é um sedutor. — Ela franziu o cenho. — Você está bem?

— Ótimo. — Ele enfiou seu pé através de uma das alças de sua mochila e a puxou para mais perto da perna do banquinho. Seus medicamentos estavam lá, e ele queria mantê-los perto. — Uma leve dor de cabeça.

— Aquela coisa não machucou você, não é? — Ela colocou a mão sobre o lado de sua cabeça, passando os dedos pelos cabelos dele. Seu couro cabeludo formigou, seu corpo se enrolou e ele sibilou em

uma respiração. Ela afastou os dedos de uma vez. — Desculpe. Não queria machucá-lo.

— Está tudo bem. — Sua voz estava humilhantemente rouca.
— Eu tenho aspirina.

Ela aceitou a sua resposta idiota e arrastou seu dedo ao longo da borda de seu copo recarregado, circulando-o quase amorosamente.
— Então, quando você volta para casa, Josh?

Josh. Cara, ele não ia sobreviver a isso. Wraith tomou sua bebida, acolhendo a mordida defumada da queimação, assim como ela. Ele sinalizou por mais uísque.

— Assim que eu quiser. Decidi fazer desta viagem, umas férias. Uma dessas cento e uma coisas para fazer antes de morrer.

Ela bateu outra dose, e um prego de luxúria martelou em sua virilha. — Assim, você nunca esteve aqui, então?

— Eu estive aqui. — Centenas de vezes, na verdade. O Egito era um tesouro de artefatos úteis para a coleção mágica de Eidolon. — Mas sempre a trabalho, nunca por... prazer.

— Ah. Que tipo de trabalho que você faz?

Aqui era onde ele precisava jogar suas cartas direito. Informação demais pode deixá-la desconfiada, especialmente se não combinasse com o que lhe disseram sobre o *verdadeiro* Josh. Mas ele precisava provocá-la, envolvê-la com interesses comuns.

— Meus irmãos e eu administramos um centro médico que usa curas não tradicionais para tratar os pacientes, e eu estou encarregado das coletas.

— Coletas? Como em, fazer as pessoas pagarem?

— Coletas, como na reunião dos ingredientes e objetos místicos que os médicos às vezes usam na cura.

— O seu centro médico soa muito inovador.

— Você pode dizer isso. — Ele se inclinou para trás em seu banquinho e esticou as pernas, deixando suas panturrilhas *acidentalmente* roçarem a dela. O calor dela se lançando diretamente para seu pênis. — E o que traz você ao Egito? Obviamente, algo a ver com o artefato que eu trouxe.

Serena praticamente saltou em seu assento. — Val não lhe disse?

— Ele apenas me disse que você precisava da chave. Eu estou supondo que você esteja procurando por algo nas catacumbas?

— Possivelmente.

Wraith a observou sobre a borda de seu copo. — Tão evasiva — ele murmurou enquanto abaixava o copo. — Por quê?

— Bem... — Ela firmou seus braços no topo do bar, inclinou-se e baixou a voz em uma exibição dramática e conspiratória. — Eu não sei se deveria dizer a concorrência qual é o prêmio. Eu não gostaria que você o tirasse de debaixo de mim.

Oh, ele levaria o prêmio, de debaixo ou de cima dela. Qualquer um serviria para ele. — Não se preocupe. Estou de férias, e se eu não receber pagamento, eu não faço o trabalho. — Ele lhe atirou um olhar severo. — E por que você está perambulando ao redor do Egito sozinha? Isso é perigoso, sabe. Como esta noite deve ter provado.

— Isto não é o sujo falando do mal lavado?

Ele encolheu os ombros. — Eu posso cuidar de mim mesmo.

— E você acha que eu não posso?

Ele sorriu, apreciando interpretar o desinformado quando ele sabia muito bem que, graças a seu encanto, ela podia cuidar de si mesma. — Val sabe que você tem demônios atrás de você?

Seus olhos queimaram. — Eles não estão atrás de mim.

— Besteira. Eu vi como o *khnive* observava você. Por que isso?

— Eu não tenho ideia.

— Então eu acho que Val deve saber — ele disse. — Ele ficaria irritado se soubesse que você esteve em perigo.

— Você não pode dizer a ele!

Seu pânico lhe deu a abertura de que ele precisava. — Então eu tenho uma proposta. Você me deixa ir junto com você em sua pequena caça ao tesouro, e eu mantereí minha boca fechada.

— Absolutamente não.

Ele tomou um gole de uísque. — Eu acho que você não quer a chave tanto assim.

Manchas vermelhas de raiva colocaram cor em suas bochechas. — Isso é chantagem.

— Sim.

— Por quê?

— Estou intrigado — ele disse, e não era uma mentira. — Não é sempre que eu encontro alguém que faz o mesmo trabalho que eu. Quero dizer, você tem o tipo arqueólogo enfadonho, mas eles fazem tudo tão devagar. Com tanto cuidado. — Ele pegou o copo dela, levou seus dedos nos dele, e estudou as unhas. Curtas, quadradas, fortes.

Não bem cuidadas, e mantidas na condição perfeita para serem funcionais em vez de bonitas. — Mas você não é lenta e cuidadosa, não é? Você gosta da caçada. Da perseguição. Você gosta de pular de cabeça. Usar suas mãos. Você almeja a sensação. A *queimação*. — Sua própria adrenalina bombeou através dele no mero pensamento da sensação da caçada e da perseguição, seja por sangue, sexo ou um artefato antigo.

Um lento rubor subiu de seu pescoço até seu couro cabeludo, e sim, ela estava ficando animada também. Excitada. Ele esperou por sua negação, mas ela o surpreendeu, inclinando-se agressivamente, travessura dançando em seus olhos chocolate.

— Você está errado sobre uma coisa — ela ronronou.

Ele se inclinou para frente assim seus rostos estavam a apenas alguns centímetros de distância. — E o que é isso?

— Eu não *gosto* disso — disse ela, sua voz sussurrante, rouca e me-leve-para-cama-baby. — Eu *amo* isso.

Seus olhos estavam fixos nela, seu coração batendo forte. — Então parece que temos ainda mais em comum do que eu pensava.

Tomando sua mão da dele, ela se sentou de volta e o estudou, parecendo muito mais composta do que ele. — Eu ainda não entendo por que você quer fazer isso.

— Como eu disse, minha agenda está livre. E por que eu não iria querer andar com alguém que acho tão interessante? Para não falar bonita. — Deuses, ele poderia muito bem estar lendo poesia para ela, de tão estranha que sua bajulação estava soando. Estranha, mas não falsa.

Algo passou sobre seu rosto, uma emoção que não podia ser nomeada. — Olha — ela suspirou, — eu deveria avisá-lo agora que eu não estou disponível. Romanticamente.

— Tudo bem. Nem eu estou.

Ela levantou as sobrancelhas. — Você é casado?

— Não.

— Namorada?

— Uh-uh.

— Namorado?

Ele estremeceu. Qualquer Seminus que tivesse uma coisa por homens estariam em um monte de problemas, uma vez que eles só podiam ter orgasmo com uma fêmea, e se eles não conseguissem esta liberação diariamente, várias vezes ao dia, eles morreriam.

— Nem de perto.

— Então o quê? — Ela fez uma careta. — Ou isso é algo que eu não deveria perguntar?

— Depende. Eu vou te dizer por que, se você me disser por que. — Ele sabia, mas queria ver como ela se explicava aos homens, queria obter uma leitura de como se sentia sobre ser celibatária. Quanto a sua desculpa... bem, ele não poderia dizer a verdade, que seu objetivo nos últimos oitenta anos foi passar pela *s'genesis*, para que assim pudesse ser tão imprudentemente livre com as fêmeas quanto possível, sem se importar com vínculos e sem preocupações sobre onde ele iria conseguir sua próxima transa.

Isto não havia se saído tão bem.

Ele apenas rezava para que isso acabasse melhor.

Seis

O bartender desapareceu como eles instintivamente fazem quando os clientes afundavam na conversa. Serena sentou lá em silêncio, se perguntando o quanto ela poderia dizer a Josh. Ela, depois de tudo, pediu a ele para explicar a racionalidade por trás de sua romântica indisponibilidade, então era justo que ela dividisse seus motivos. Mas ela sempre mantivera o assunto da virgindade para si mesma, imaginando que não era assunto de mais ninguém a não ser dela.

Os caras que sabiam que ela era virgem, ou a viam como um desafio ou achavam que ela não era mais que uma provocação, e eles costumavam ficar irritados.

Somente uma vez ela se deixou acreditar que podia ter um relacionamento útil, pensando que poderia ter intimidade sem ter relações sexuais. Foi um desastre.

Matthew estava no quarto ano da faculdade e trabalhava meio período para Val enquanto terminava a graduação em arqueologia. Eles cresceram juntos por meses de trabalho juntos, e ela insistira que poderiam ter um relacionamento romântico sem sexo. Por um tempo, eles foram bem, um casal normal que saía para jantar e piqueniques, cinema e caminhadas no bosque. Eles andavam de mãos dadas, abraçados. Se beijavam.

Mas, eventualmente, ela queria mais. O toque se transformou em quentes sessões de apalpadinhas, nas quais os dois davam o melhor que podiam, mas algo faltava, e uma noite, após uma festa de Natal, quando os dois estavam bêbados, ela quase cedeu ao desejo de fazer amor.

Isso foi como um aviso para ela, especialmente quando ele começou a falar sobre casamento. Como ela iria explicar o fato de que mesmo depois do casamento ela teria que continuar com o celibato?

— Serena? Você não precisa falar disso se não quiser.

Josh virou o uísque no copo, e ela fugiu do passado, que era um dos lugares mais desagradáveis que poderia estar.

— Tudo bem. Não, hum... tudo bem. Eu me sinto meio boba contando isso às pessoas.

— Contando às pessoas o quê?

— Que sou celibatária — ela soltou.

Pronto. Ela havia dito. Ela virou a bebida.

— E?

— Você não vai perguntar o motivo?

— Isso importa? Eu disse que queria me juntar a você na sua caça ao tesouro. Não entrar nas suas calças — ele piscou. — Mas não vou mentir em dizer que não fantasio com isso.

A ideia de que ele poderia tê-la nua em sua mente a deixou selvagemmente quente. Mas isso não mudava o fato de que sua mente era o único lugar onde ele poderia vê-la nua.

— Por que eu deveria acreditar que você está à vontade?

— Por que eu não estaria? — Ele perguntou, e ela devia estar com uma cara de ceticismo, pois ele bufou. — Ei, se eu estivesse atrás de um rabo de saia, eu estaria rondando algum bar detestável em Roma, não passeando em Alexandria, Egito. Certo?

Ela piscou com a franqueza dele.

— Acho que sim.

— Então você vai deixar eu me juntar?

Ele a encarou com seus olhos azuis perfurantes, a luz da vitória dançando neles. Ele achou que ela aceitaria, e Deus, era tentador. Especialmente se ele estivesse falando sério sobre entregar ela para Val. Mas ela não cairia em chantagens ou falas polidas, não importando o quão bonito o cara fosse.

— Não acho — ela disse. — Eu trabalho melhor sozinha.

O choque completo na cara dele quase a fez rir. Ele não era um homem acostumado com rejeição, e ele deveria estar sofrendo.

Ela olhou para o relógio, sentindo uma pontada de decepção por ser tão tarde, porque entre o demônio, o multiveículo, e os gracejos com Josh, hoje a noite foi bem adorável.

— Eu tenho que ir. Tenho uma grande manhã pela frente.

— Pelo menos me deixe tentar te convencer no caminho até o seu quarto. — Ele se levantou suavemente, uma pantera se desencolhendo do descanso. Ele estendeu a mão, e por um momento ridiculamente longo, ela hesitou.

— Você está falando sério sobre ir comigo, não é? — Ela finalmente pegou sua mão e o deixou ajudá-la a se levantar.

Ele olhou para ela, a intensidade de sua expressão tão opressiva que ela deu um passo para trás, mas ele apertou a mão e a trouxe contra seu corpo rígido.

— Quando eu digo que vou fazer algo, eu faço. — Seu polegar deslizou pelos dedos dela em afagos preguiçosos, fazendo sua respiração falhar, deixando-a consciente do contato entre eles. — E quando eu quero algo, eu consigo.

Oh... Deus. O tom sombrio e sedutor na voz dele alcançou-a profundamente e agarrou seu útero. E uau, os olhos dele diziam: — Vou te levar para cama e te levar ao Paraíso.

— Você é bem seguro de si mesmo, não é?

— Quando você não pode ter certeza de nada mais nesse mundo de merda, você tem que ser seguro de si mesmo. — Ele soltou a mão dela, mas só para tocar o ombro dela num movimento que foi inocente, mas ainda a excitava perigosamente. — Vamos lá.

A caminhada até o elevador parecia durar uma eternidade. Serena estava intensamente ciente da presença de Josh, seu toque leve, o raspar da calça jeans dele na perna dela quando ele esbarrava nela. Quando eles alcançaram o elevador, a mente dela estava tão confusa que precisou se concentrar para lembrar o número do quarto.

No momento em que as portas se fecharam Serena desejou terem ido de escada. O espaço pequeno e fechado parecia aumentar a energia erótica pulsando dele, até o elevador inteiro estar cheio e sua pele formigando. Enquanto os dedos de Josh vagueavam sobre o ombro dela num movimento de vai-e-vem, o ar ficou denso com uma consciência sensual. Ela podia ser virgem, mas ela não era ingênua ou inocente, e ela reconhecia a tensão sexual quando via... e sentia.

Ele esperou ela sair antes de se juntar a ela, longos passos o deixando lado a lado com ela em uma dúzia de passos. Uma secreta parte ruim dela desejava que ele andasse na frente dela, assim ela poderia observar aquele traseiro extremamente bonito, numa calça

jeans bem vestida.

— Seus passos são bastante leves — ela disse, estupidamente, e por não ter nada a dizer, mas era verdade. Ele se movia como um gato a espreita.

— Eu sou um caçador — ele disse simplesmente, e então parou repentinamente no corredor deserto.

Surpresa, Serena congelou. À última vez que fizera isso, um demônio a caçava.

— O que foi? — Ele estava olhando para o chão, o cabelo caído para frente de modo que ela não visse sua expressão. — Josh?

Ele levantou a cabeça, e um raio predatório faiscou em seus olhos.

— Eu quero te beijar. Eu *vou* te beijar.

Quando eu digo que vou fazer algo, eu faço.

A declaração inesperada deixou Serena de boca aberta, mas nenhum som saiu mesmo enquanto ele ia na direção dela. Os pés dela continuaram congelados no lugar, mesmo que a pulsação martelasse e a mente gritasse para ela correr no estilo bater-ou-correr. Mas nada disso ia acontecer, pois ela não podia escapar, e também não podia lutar.

As mãos dele desceram pelos ombros dela, com um aperto firme e inflexível enquanto a colocava contra a parede.

— Você quer isso, não quer?

Ela queria dizer não, mas isso seria uma mentira. Ela nunca quis nada mais que isso, o que, no momento, o transformava na pessoa mais perigosa do planeta.

— Sim.

O sorriso dele era puro triunfo masculino enquanto ele tirava as mãos dos ombros dela e as colocou sobre a cabeça dela de forma que ela ficasse presa sem tocar nele. Ela precisava inclinar a cabeça para trás para olhar para ele, e ela imaginou se ela parecia como se sentia, um rato emboscado por um gato.

Devagar, ele se inclinou, afundando em seus braços apoiados

na parede. Ele estava perto, tão perto que ela conseguia sentir o calor irradiando dele, conseguia ouvir cada inspiração que ele dava mesmo sobre a própria pulsação em seus ouvidos.

A boca dele abriu. Os joelhos dela tremeram, e graças a Deus ela estava apoiada contra a parede, pois ela sentiu que poderia cair a qualquer momento. O pânico a envolveu pelo peito como uma cinta de aço, e não, ela não podia fazer isso. Algo dizia a ela que nunca mais seria a mesma...

Os lábios dele pediam os dela, não gentilmente. Vorazmente. Sem qualquer sinal de arrependimento. Como se ele fizesse isso o tempo todo, e ela achava que ele fazia.

— Abra para mim. — Sua voz, um comando rouco e ressonante, a fez obedecer sem pensar duas vezes, e em um momento, ele tinha o que queria. A língua dele entrou na boca dela e passou por seus dentes, o céu de sua boca, e então escorregou contra sua língua numa carícia brava, molhada.

O corpo de Serena doeu, arqueando sem permissão como se procurasse a permissão dele, mas ele ainda não a tocara, o único contato físico entre eles era onde as bocas se conectaram. Ele a seduzia com nada mais que sua língua, dando a ela um gostinho do que ela estava perdendo.

Deus, ela queria mais. Naquele lugar, naquele momento.

Mesmo assim, ela se pegou murmurando contra os lábios.

— Não posso fazer isso...

Josh se afastou um pouco. Bastante longe, mas não longe o suficiente.

— Estou te assustando — ele sussurrou. — Mas você não está com medo de *mim*. Você tem medo de que o que estou fazendo te leve a mais. — Ele deixou os lábios roçarem nos dela, pouco, mas com tamanha paixão que ela ofegou. — Não se preocupe, Serena. Se eu quisesse mais agora mesmo, você saberia. Minhas mãos estariam deslizando por baixo de sua camisa para eu poder acariciar seus peitos. Eu pegaria seus mamilos, só um pouquinho, até eles ficarem duros para que eu possa golpear minha língua contra eles.

Oh, isso. O corpo dela cedeu, mas ele a pegou, fazendo pressão contra ela e a prendendo contra a parede.

— Eu não pararia aí — os lábios dele deslizaram pelo ouvido dela. Um arrepio passou por ela, e calor passou entre suas pernas. — Eu desceria uma mão até sua cintura, mas não sei se eu conseguiria ser paciente para desabotoar sua calça ou se eu a rasgaria. De qualquer forma, eu conseguiria. Eu encontraria aquele doce lugar entre suas pernas com meus dedos, e eu brincaria até nós estarmos arquejando. Você estaria molhada e pronta para mim quando eu me ajoelhasse e trocasse meus dedos pela minha boca.

Ela fez um barulho, algo entre um guincho e um gemido enquanto imaginava tudo que ele dizia. Ninguém nunca falara com ela daquele jeito, e um jato de excitação correu direto em seu cerne, que estava ficando molhado assim como ele disse.

— Por favor... — ela perdeu o rumo, sem ter certeza se ela estava implorando para ele parar de falar daquele jeito ou para continuar, já que sua mente já havia ficado confusa e seu corpo tinha ficado líquido. Mas era hora de virar o jogo.

Prendendo a perna envolta da perna dele, ela lutava enquanto empurrava o peito dele. O movimento inesperado o pegou de guarda baixa, e ela o girou, colocando-o facilmente contra a parede, apesar de ter a impressão de que ele poderia tê-la impedido se ele quisesse. A respiração dele estava constante e uniforme enquanto ela lutava para respirar. Ela quase pensara que ele estava completamente inalterado pela tensão sexual queimante entre eles, mas o olhar dele estava sossegado, pesado, e quando ela baixou o olhar, ela viu a impressionante evidência do desejo por baixo da braguilha da calça.

— Olhe — ela falou baixinho, — isso tem que parar. Você deve ter saído das páginas da *Playgirl*, mas eu consigo resistir até a você...

Josh a puxou forte contra ele e a beijou novamente, um agressivo, porém gentil encontro de lábios que mais uma vez a deixou sem fôlego e vacilante. Ele empurrou sua coxa musculosa entre as dela. As mãos dele desceram para o quadril dela, e ele a manteve firme enquanto forçava a perna contra ela.

A pressão era incrível, e ela não tinha dúvida de que ela poderia chegar a isso. Facilmente. Talvez ela devesse. O prazer subindo de seu centro era irresistível, e ela se curvava na direção dele sozinha agora, conseguindo o que queria...

Ele parou. Interrompeu o beijo e simplesmente a observou com aquele maldito lábio levantado.

— Isso era resistência?

Desejo insaciado e irritação por causa da arrogância dele e de sua própria fraqueza se enlaçaram num nó de fúria.

— Me dê a chave — ela vociferou.

Ele balançou as sobancelhas.

— Venha ao meu quarto e pegue.

— Qual a parte do celibato você não entendeu? Não vou mudar de ideia. Nunca mudarei de ideia — ela deu um passo para trás para que não tivesse que esticar o pescoço para olhar para ele. — Não pense que você pode me chantagear para dormir com você pela chave, pois eu te prometo que isso não vai acontecer.

— Eu sei que isso não vai acontecer — ele disse, pegando sua mão e levando-as à sua boca, e mordiscou os dedos dela. — Mas podemos fazer outras coisas. E eu quero fazer outras coisas. Não se engane sobre isso. E quanto ao artefato, se te interessa tanto, deixe-me ir junto.

Ultrapada pela manipulação dele, ela afastou a mão.

— Tudo bem. Você pode ir comigo. Mas o resto? Você não daria conta de *outras coisas* comigo. Um cara como você, se contentando com carícias? *Por favor.*

Foi a coisa errada de dizer, porque a luz erótica nos olhos dele ficou mais quente e mais intensa... a luz do desafio, da batalha.

Ela havia acabado de fazer o desafio, e repentinamente ela ficou com medo que entre os dois, ela perdesse.

†††††

Enquanto Wraith observava Serena escapar pelo corredor, seu corpo zumbia como se ele tivesse acabado de comer, mas isso era bem melhor. Era como aquela bela droga correndo nas veias de um executivo de Wall Street ou uma estrela de Hollywood. Então, é melhor... e pior. Porque ele não ia ser capaz de satisfazer as necessidades de seu corpo. Não ainda. O que ele achava que seria um amasso com Serena estava se transformando em qualquer outra coisa. Apesar de que ela parecia afetada pelos feromônios sexuais que eram

um problema-padrão na espécie dele, ele tinha um pressentimento de que o veneno estava afetando a potência deles. E isso era um saco.

Por outro lado, o veneno também o deixava ficar excitado sem sentir a necessidade irreversível e impulsiva de fazer sexo ou sofrer, que sempre foi uma preocupação para sua raça. Demônios Seminus não podiam liberar sua luxúria com suas próprias mãos, e uma vez que eles eram provocados, sua lascívia precisava ser saciada, ou eles sofreriam agonia intensa ou até mesmo a morte.

Deus, ela tinha fogo. Fogo e luta, e ela poderia muito bem ser sua companheira de qualquer jeito. Mas a vida dele estava em jogo, e ele iria lutar até ganhar. A decisão dela foi forte, mas com a Morte, ou um de seus **asseclas**, na sua cola, a decisão de Wraith era tão forte quanto. E nesse momento, ele precisava ter certeza de que ela acreditava que ele pudesse estar com ela porque ele queria estar com *ela*, não simplesmente porque ele queria transar com ela.

Ainda mais, estava ficando claro que ser doce e encantador não iria funcionar, na só porque não era ele, mas porque ela não acreditava que ele fosse um garoto de coro. Ele deveria ser ele mesmo o máximo possível se quisesse seduzi-la.

Ele simplesmente teria que passar por isso sem se deixar ficar preso, o que não seria um problema. A habilidade de cuidar de tudo e de todos saiu dele sob tortura muito tempo atrás.

Claro, ele admitia relutantemente cuidar de seus irmãos, e suas cunhadas não eram meretrizes. E havia a Gem, que era bem legal por ser meio humana, mas dizer que ele se preocupava com ela... isso seria exagero.

Ele continuava a observar Serena enquanto ela entrava no quarto. Wraith não fazia ideia do que passava na cabeça dela, mas ele sabia o que sussurrava na dele. Ele gostara do beijo, e ele queria beijá-la outra vez. Ele tentou dizer a si mesmo que o desejo de fazer isso vinha da necessidade, da necessidade de seduzi-la, mas se isso fosse verdade, por que sua respiração ficou mais rápida e quente quando ela se virou para olhar para ele uma última vez?

Ele manteve o olhar, e mesmo através da distância ela pegou a mensagem, a chama dos olhos dela entregando-a enquanto ela pegava sua declaração silenciosa de seu intento. Amanhã, ela seria sua.

A Lua de Festa estava para fora esta noite. A lua nova sempre atraía os loucos do submundo. As mortes. Seria pior agora que a inteligência do Exército determinara que uma batalha se aproximava, um confronto entre o bem e o mal que ameaçava cada vida humana no planeta.

Kynan Morgan sempre havia sido sensível às marés da noite, e a vibração em seu sangue lhe dizia que essa seria uma das más. Seu estômago revirou enquanto ele saía do carro no estacionamento do Underworld General Hospital, sabendo que a Sala de Emergência logo estaria cheia.

Ele sentia falta da correria em tratar os pacientes, de trabalhar enquanto viajava na adrenalina para salvar uma vida, e não pela primeira vez ele se perguntou por que ele passara os últimos dez meses com o Exército ficando ocioso e desestimulado quando ele poderia estar de volta com o Aegis, batalhando contra demônios e suturando Guardiães.

Ou podia estar de volta aqui, trabalhando em um hospital de demônios para salvar a vida deles.

De qualquer forma, ele não tinha mais conflitos com sua lealdade aos humanos e demônios. Ele trabalhava dos dois lados, pois nenhum dos dois era completamente bom ou ruim, e ele descobriu que o bem dos dois lados queria a mesma coisa: paz.

Ele fazia seu caminho entre os veículos, parando rapidamente quando Gem saía do hospital pelas portas deslizantes. Seu coração deu uma volta e entrou no ritmo de uma arma de fogo.

Ela era bem mais bonita do que ele lembrava. Ela mudou o cabelo, ainda preto e caindo nos ombros, mas ela trocou as listras azuis por listras cor-de-rosa que combinavam com ela.

Ela andou na direção de seu Mustang vermelho, girando as chaves no dedo. Ele planejou procurá-la após falar com Eidolon, mas dane-se. Ele abriu a boca para chamá-la, mas fechou-a rapidamente quando um homem grande se aproximou dela. De onde ele veio? Seu cabelo escuro curto o lembrou Eidolon, e seu couro preto indo dos pés à cabeça, incluindo as luvas, trouxe Shade à mente. A aura mortal era o puro Wraith.

Ele não conseguia ouvir o que os dois diziam, mas Gem sorria, seus dentes brilhando com o contraste com o batom preto. Ele beijara

aquela boca, quisera fazer muito mais antes de serem interrompidos no apartamento dela pela unidade paranormal do Exército dos EUA, o Regimento X-Ranger. Eles quase deram a ele uma chance de dizer adeus.

Isso foi quase um ano atrás. Uma semana atrás ele decidira que já era o suficiente. O RX-R determinou que ele era descendente de um anjo caído, e eles tinham bastante certeza que ele era parte da profecia, mas eles desistiram.

E ele, nascido entre homem e anjo, morrerá em face ao mal e poderá exercer a responsabilidade dos Céus...

Quanta baboseira. Era muito perguntar se a profecia fazia mesmo sentido?

Ele deixara o RX-R com dois objetivos: pegar Gem de volta, e ser restabelecido como Regente do Aegis.

O negócio com o Aegis não foi bem, eles não ficaram felizes por ele ter saído da organização após a morte de sua esposa, e pior, ele deixou o Aegis para trabalhar num hospital de demônios. Mas com o problema surgindo, sem mencionar seu parente anjo-caído e a ligação com a profecia, eles estão com vontade de dar a ele uma nova chance.

Se ele usasse suas conexões com demônios para descobrir tudo o que conseguisse sobre o que estava se preparando no submundo.

Basicamente, eles o queriam para espionar por eles.

Então não, o negócio com o Aegis não foi tão sutil como ele queria. Mas ainda havia esperança com a Gem.

Ele começou a ir na direção dela, mas hesitou quando o cara pegou a mão dela e a conduziu ao seu Hummer.

Sentindo como se tivesse sido atropelado por um tanque, ele observou desamparado enquanto o idiota segurava a porta aberta para ela, sua mão passando casualmente na bunda dela como se tivesse sido um acidente. *Acidente, uma ova.* Ela na verdade sorriu para ele. *Sorriu.*

Diga a ela para não esperar. A mensagem que ele dera a Runa para passar a Gem veio rugindo de volta. Quando o RX-R o levou, ele não sabia quando retornaria, ou se retornaria, e ele queria que Gem

fosse feliz.

Mas não feliz *assim*.

A vontade de bater no sr. Mãos Pegajosas, de forma que nem Eidolon pudesse curar, o fez se contrair. E isso não impressionaria Gem. *Hey, amor, eu te quero tanto que eu mataria qualquer um que chegasse perto de você, mesmo que eu te liberte.*

É, ele poderia dizer *Ordem de Restrição*.

Com um feio palavrão, ele observou Gem ir embora com o cara que era, sem dúvida, um demônio. O portão que levava ao estacionamento superior abriu, e o Hummer teve de se afastar para uma das ambulâncias pretas do hospital passar, com as luzes piscando.

As coisas estavam prestes a ficarem caóticas. Kynan voltaria amanhã para falar com os garotos Seminus, Tayla, e Gem. Principalmente Gem, pois isso não acabou, não por um bom tempo.

Sete

O som da batida acordou Serena às três da manhã. Grogue, ela saiu da cama e se arrastou até a porta. Uma sensação de presságio estremeceu toda a sua carne. Ela sabia que não deveria abrir, mas por alguma razão não conseguia evitar.

Josh preenchia a soleira da porta, sua tatuagem facial se mexendo como ondas em um lago, olhos cintilando dourados, e lhe ocorreu que ela não estava acordada. Isso era um sonho. Um sonho onde o homem mais sexy que ela já viu, o homem mais sexy que ela já beijou, a encarava como se ele fosse um leão e ela um antílope, ela deveria correr por sua vida. Seu segundo pensamento era que ela queria ser pega.

— Você é minha — ele disse, sua voz retumbando através dela como uma carícia em seus músculos.

Não lhe ocorreu discutir. Não quando isso era algo pelo qual ela esperou a vida inteira, esperou, sonhou acordada... e agora se tornava verdade. Bem, se tornava verdade em seu sonho, que era o único local seguro para isso acontecer.

Parada, enquanto ele se aproximava, ela colocou os braços ao redor de si e se afastou, percebendo tarde demais que ele a encurralava.

Na direção da cama.

— Josh...

— Wraith. Nos seus sonhos, você vai me chamar de Wraith. — Ele tirou sua camiseta, e oh, sim, ela o chamaria de qualquer coisa que ele quisesse contanto que ele continuasse a tirar a roupa. Seu peitoral era suave, os grossos nós de músculos se mexendo embaixo de sua pele bronzeada. E o seu abdômen, querido Senhor, seu abdômen... seu tanque poderia atravessar o granito egípcio.

As partes de trás de seus joelhos atingiram a cama, e ela sentou-se desajeitadamente. Quando ela se olhou, ela prendeu o ar. Os shorts e blusinha que ela usava sumiram. E no lugar deles, ela usava um sexy conjunto preto e vermelho de pelúcia, ligas com meias pretas, e sem calcinha. Ela tentou se cobrir, mas Josh... Wraith... ou como

quiser que o chame, a derrubou de costas na cama e levantou suas mãos acima da cabeça.

— Nunca esconda o seu corpo de mim. Eu quero olhar para você. — Ele roçou seus lábios no dela e fez uma trilha de beijos pelo seu pescoço. — Você é tão linda. Você tem o gosto tão doce.

Ela tremeu, sentiu a cama balançando embaixo dela enquanto os dedos dele acariciavam o seu quadril.

— Não tenha medo — Wraith murmurou contra a sua pele. — Eu serei gentil.

Gentil? Não. Ela esperou muito por isso. De repente, sua hesitação se derreteu, porque isso não era real, não importa o quão real tudo parecesse. Esta era a chance dela de ter o que fora negado a ela, e poderia ser a única oportunidade que teria.

Contorcendo-se, ela tirou suas pernas de onde ele as prendera com as suas, até que ele estava aninhado contra ela, a dura haste de sua excitação esfregando contra o seu núcleo. — Faça agora. Por favor. Eu quero fazer antes de acordar.

Sua cabeça se levantou, seus olhos ainda brilhando com um dourado magnífico. — Não se preocupe sobre isso. Nós podemos demorar o tempo que quisermos. — Os dedos dele encontraram a bainha de seu pijama e devagar a levantou. — E eu definitivamente quero.

Ela tirou uma mão de seu aperto e a trouxe para o cóis dele. — Este é o meu sonho — ela grunhiu, — e eu quero agora. — Ela enfatizou suas palavras rasgando a sua braguilha, e ele sibilou quando a ponta dos dedos dela roçaram a ponta de sua ereção.

— Você é uma coisinha gananciosa, não é? — A voz dele estava rouca com apreciação enquanto ele pegava seus seios. — Vamos ver o quão gananciosa você é... oh, sim. — Os dedos dele encontraram seus mamilos apertados e sensíveis, prontos para ter atenção.

O corpo inteiro dela se arqueou para cima, procurando o toque dele. Sorrindo maliciosamente, ele se focou nos seios dela, e de repente a blusinha foi embora, deixando seus seios nus e expostos para o seu olhar faminto.

— Eu vou chupar tanto eles, — ele sussurrou. — Talvez

mordiscar... morder...

— Sim. — Ela se esfregou embaixo dele, precisando que ele fizesse o que estava descrevendo.

Ao invés, a boca dele veio no pescoço dela, e ela se arrepiou com o raspar de seus dentes sobre a sua pele. Devagar, ele arrastou sua boca mais para baixo, algumas vezes mordiscando, algumas vezes lambendo. O desejo chamuscou nela, diminuindo apenas quando ele pegou um mamilo entre os seus lábios.

Mas o doce alívio era temporário. A língua dele passou por um bico duro enquanto a boca dele sugava profundamente e as mãos dele acariciavam e massageavam ambos os seios. O fôlego escapou dela, deixando-a à procura por ar e se esfregando embaixo dele. Deus, se isso não fosse um sonho ela estaria humilhada pelo jeito que agarrou suas coxas grossas entre as dela e se impulsionava contra ele, já a beira do orgasmo.

Ela agarrou seus grandes ombros, e quando ela enfiou suas unhas na pele dele, ele soltou um grunhido erótico e encorajador. — Isso — ele murmurou contra o seio dela. — Pegue o que você quiser. — Ele mexeu seus quadris e deixou a sua mão viajar, passando pelo seu abdômen e então mergulhando entre as suas pernas. — Oh, droga... você está tão molhada. Tão malditamente molhada.

Os dedos dele deslizaram para cima e para baixo pela sua abertura, e com cada carícia, ele gentilmente esfregava seu clitóris entre a ponta dos seus dedos, ficando cada vez mais no limite.

Ele era cruel. Habilidoso. Malicioso. Ela queria tudo e mais um pouco.

Ainda trabalhando nos seus seios com a língua, ele colocou um dedo dentro dela, e então ambos gemeram. Ele começou a fazer um ritmo firme e lento com sua mão, trabalhando o círculo de sua entrada com seu dedo, fazendo pequenos círculos fechados ao redor de seu clitóris com o seu polegar. Ele trouxe seus lábios até o ouvido dela e mordiscou gentilmente o seu lóbulo. — Você gosta de ser tocada desta maneira?

Seus lábios ficaram moles, e ela teve que morder seu lábio para não gritar. — Sim — ela disse. — Oh, sim.

— Bom. Eu quero te tocar bem mais.

Ela se impulsionou selvagememente, querendo mais, mas sem conseguir falar o seu desejo porque estava presa em um turbilhão de prazer tão intenso que ela não conseguia falar. Mal podia respirar.

— É isso. Goze Serena. — Ele adicionou outro dedo e deslizou para dentro e para fora, mais rápido, mas o seu polegar parou de circular. Ele aplicou uma vibração firme e vibratória no mesmo lugar, e a comandou, — Goze agora.

Ela gozou, com um grito, ele a capturou com a sua boca. Cores explodiram por detrás de seus olhos enquanto ela se despedaçava. Antes que voltasse a si, ele abriu a sua braguilha até o final e entrou com força nela. Ela sabia que haveria dor, não só por causa do seu hímen, mas porque ele era enorme, e não era gentil. Mas isso era um sonho, um perfeito e lindo sonho que parecia tão real que ela se perguntou se estaria dolorida pela manhã.

Ela agarrou os ombros dele, uma pele suave se esticava firme embaixo do músculo de aço, e apertava suas coxas ao redor da cintura dele, levando-o profundamente e fazendo a dor lá dentro pulsar.

— Você ainda não quer devagar e gentil?

— Não. Por favor... só mova-se. — Isso era bom, tão certo, e quando ele começou a impulsionar seus quadris, as réplicas do primeiro orgasmo transformaram-se no prelúdio de um segundo.

— Ah... merda. — A cabeça dele caiu para trás, os tendões de seu pescoço ficando tensos, a boca dele aberta em um êxtase masculino, seus caninos alongados e transformados em presas.

Presas?

Ele abaixou sua cabeça para frente novamente, olhos focados como lasers dourados nela. — Eu sou um vampiro, Serena. — Ele se impulsionou dentro dela com tanta força que ela bateu a cabeça na cabeceira, mas ela não ligou. Ela estava perdida na sensação, no prazer, na maravilha, *e uau* — ele era um vampiro. O quão legal era isso?

— Você me morderia? Quer dizer... você vai me morder? — Por favor, diga sim.

— Infernos, sim. Eu quero ter você dentro de mim, como você me teve dentro de você. — Ele lambeu o pescoço dela com uma carícia breve e molhada. — Isso te assusta?

Um desconforto cintilou em sua barriga, porque isso não a assustava, e o que isso dizia sobre ela? — Não — ela gemeu, — não assusta.

Ele esfregou-lhe a garganta, onde ele a provou. — Você sabia que alguns vampiros podem chegar ao orgasmo se os dentes dele são acariciados? Você faria isso? Passar seus dedos para cima e para baixo nas minhas presas até eu gozar?

— Sim... — Ela queria tocá-los, lambê-los... mas ele não deu chance a ela. Em um instante, ele estava no pescoço dela, suas presas cortando a pele dela. Não havia dor, somente o prazer mais incrível enquanto ele começou a sugar.

Seu orgasmo rasgou através dela, um ardor de prazer tão intenso que quase doía. Ele se juntou a ela, o corpo dele convulsionando, a boca dele sugando até que ela se sentiu zonzinha. Mas era uma tontura boa, e enquanto o peso dele se acomodava em cima dela, ela não podia imaginar não conhecer este tipo de prazer novamente.

— Eu não quero que este sonho acabe — ela sussurrou, enquanto passava seus dedos pelo cabelo dele.

Ela sentiu o afago da língua dele em cima da mordida, e então ele levantou a cabeça e olhou para ela através de tristes olhos azuis. — Eu também não.

Ele pareceu surpreso com a sua própria confissão, e então ele se foi, e ela estava sozinha.

Ela estava acordada. Desta vez, ela estava realmente acordada. Ela sentou-se na cama, passou uma mão trêmula por cima de seu pescoço. Não havia dor. Sem machucado. Mas o seu corpo formigava e o seu sexo pulsava com a sensação de uma liberação recente. As mulheres podiam ter sonhos molhados?

Obviamente, porque este havia sido o sonho mais intenso e realístico que ela já teve, e ela estava definitivamente molhada.

Molhada, e agora, mais do que nunca, desejando a única coisa que ela nunca poderia ter.

Wraith sentia que o chão se abria debaixo de seus pés. Gemendo, ele caiu de joelhos na frente da porta do quarto de Serena. Ele manteve uma mão apoiada nela para apoio, mas isso não ajudou no fato que ele mal podia puxar o ar para os seus pulmões, suas presas pulsavam, e o seu pênis estava tão duro que poderia quebrar.

Respire, filho da puta. Respire.

Uma dor disparou em suas bolas latejantes e em sua virilha, e ele se dobrou, esperando que a agonia passasse. Este era o lado negro de sua habilidade de entrar na cabeça de alguém e fazê-los pensar o que ele queria que pensassem. O dom Seminus era para ser usado nas mulheres para torná-las receptivas ao sexo, e funcionava... mas, na verdade, ele deveria estar no mesmo cômodo com elas para que ele pudesse sair da cabeça dela e para dentro do seu corpo, e assim tornar o sexo imaginado uma realidade.

Mas ele havia sido vítima do seu próprio dom, algo que nunca aconteceu antes. Ele esteve tão entretido no sonho de sexo que ele plantou na cabeça de Serena que ele não apenas gozou no sonho dela, mas ele revelou o seu eu vampírico. E pedindo para ela o masturbar através das presas? Ele não podia gozar desse jeito da mesma maneira que ele não poderia gozar com uma masturbação com a mão.

Tem que ser o veneno. Fazendo-o doente. Fraco.

Ele estava dolorido. Ele estava latejando. Ele estava querendo tanto sexo que era um perigo para si próprio e qualquer mulher que tivesse o azar de andar por aquele corredor. Neste momento, havia duas escolhas: ele podia caçar uma mulher ou ele podia ir tropeçando de volta para o quarto dele e se injetar com a droga aliviadora de libido que o Eidolon desenvolveu para manter o nível de Wraith enquanto estivesse nesta missão. Eidolon testara a droga em si mesmo, e apesar de não ter funcionado nele, ele havia estado certo de que devido à condição de fraqueza de Wraith seria suficiente.

Teria que ser. Eidolon suspeitava que para seduzir Serena, Wraith teria que conseguir que ela e ele se animassem diversas vezes, e seria suspeito se ele tivesse que pedir licença toda hora para achar uma mulher para transar.

Wraith imaginou que teria Serena na cama antes que a dor debilitante se tornasse um problema, mas ele subestimou seriamente a sua vontade de permanecer virgem.

E o amuleto.

E sua vida.

Com a cabeça girando, ele ficou de pé se balanceando e de alguma forma chegou ao seu quarto no final do corredor. Uma vez lá dentro, ele procurou em sua mochila pelo kit médico de náilon que *E* preencheu com uma variedade de frascos de comprimidos e seringas cheias de medicações para ajudar a aliviar a dor dele e a náusea que ele experimentou enquanto o veneno comia seus órgãos, e a sua vida.

Ele encontrou um frasco da droga da libido, tirou dois centímetros cúbicos com uma mão trêmula, e se injetou na coxa. Quase instantaneamente, o desejo enlouquecedor de encontrar uma mulher sumiu, apesar de que ele poderia realmente aproveitar uma. As imagens de estar dentro de Serena continuavam passando pela sua mente de uma maneira agonizantemente lenta, cada detalhe tão real como se fosse uma memória verdadeira. Ele podia sentir o cheiro dela, sentir o gosto dela, senti-la.

Ele nunca, nunca quis ir para cama com uma humana antes. Não dessa forma. Elas foram forçadas nele, e ele quase tomou uma, nada menos do que a esposa de Kynan, durante um ataque de luxúria de sangue, mas nunca se permitiu realmente ficar atraído por uma. Como ele poderia depois do que foi forçado a passar... após o que fora forçado a fazer com elas. Havia memórias demais o corroendo, muitos pesadelos espreitando seu sono.

Ele jogou sua seringa no lixo e foi tropeçando até o banheiro para tomar um copo de água. Quando ele olhou no espelho e viu o seu reflexo, ele deixou cair o copo, quebrando-o no balcão.

O seu símbolo pessoal, a ampulheta, havia mudado. Oh, ainda era uma ampulheta, ainda invertida. Mas mais da areia havia sido drenada para o fundo, marcando o tempo que ele não tinha.

Oito

— Entrou em choque! — Gem moveu a cabeça do seu paciente, aonde fora preso o tubo de respiração de um dos homens de Sora, e rapidamente aplicou uma série de compressões em seu amplo peito.

— Localize Shade. — Estalou, e Chu-Hua, uma enfermeira Guai que se parecia a um javali sobre duas pernas, se jogou para o intercomunicador.

— Não funciona!

— Merda! Então vá procurá-lo.

Chu-Hua saiu cambaleante, e Gem amaldiçoou baixinho. As coisas estavam se quebrando por todo o hospital, sempre em momentos críticos, a Lei de Murphy em ação. Melhor que Wraith entre nas calças da humana, e rápido.

— Tenho o pulso — Shaw, um auxiliar vampiro, não se incomodou em esconder o alívio em sua voz. Este Sora foi vítima de um assassino Aegis Stang, e ninguém queria ver um demônio morrer nas mãos do inimigo.

— Precisamos levá-lo para a cirurgia. Esse buraco no seu intestino precisa ser remendado. — Gem apertou o botão do intercomunicador, lembrando muito tarde que não funcionava.

— Alguém sabe se a sala de operações está pronta?

Chu-Hua entrou na sala.

— Não pude encontrar Shade, mas o Dr. Shakvhan está pronto na sala 2.

Dentro de instantes Gem estava a caminho da sala de cirurgia com um paciente cuja pele, geralmente de um vermelho brilhante, desbotava para um tom mais pálido. Ofereceu-se para ajudar, mas Shakvhan e Reaver poderiam lidar melhor com as coisas, mais habilmente que Gem. Era melhor nos trabalhos de revisão na emergência impulsionada pela adrenalina e da rotina, procedimentos cirúrgicos menores do que estar na cirurgia, que requer uma mão firme, paciente e resistente.

Exausta, jogou seu avental com sangue e sua bata, e se dirigiu de novo a entrada de emergências. Havia trabalhado durante dezesseis horas seguidas, e ainda não acabara. O pessoal no hospital estava escasso, e claro, os assassinos estavam trabalhando extra.

O único descanso que teve desde que tudo se voltou louco no inframundo foi à noite anterior, quando ela conheceu um demônio incrivelmente lindo chamado Lore, e que lhe convidou para tomar um café.

Aparentemente foi ao hospital porque estava interessado na carreira médica, motivo pelo qual veio averiguar sobre o hospital, como se iniciou, o pessoal... qualquer coisa que pudesse compartilhar.

Depois ela o convidou para o Vamp, um clube gótico, aonde gostava de passar um tempo, e ele concordou. Passaram a noite dançando ardentemente, embora ele nunca tirasse a jaqueta e as luvas.

Perguntava-se se estava marcado por debaixo da sua roupa, ou talvez escondesse alguma característica de demônio exclusivo da sua espécie, como escamas ou penas.

Talvez a próxima vez que o visse, conseguisse despi-lo.

Já era hora de esquecer Kynan e voltar à roda de encontros, e Lore, com sua vibe de perigo e sexo, pode ser exatamente o seu tipo de montaria.

E desta vez, com este cara, faria, era sua última palavra.

As portas da entrada de ambulâncias se abriram, tirando-a de seus pensamentos. Esperou que o inferno a tragasse, senão, era mais outro paciente.

— Olá, Gem — Kynan Morgan caminhou pela sala de emergências como se fosse sua propriedade, parou a um pé de distancia, tão próximo que podia sentir o cheiro do couro da sua jaqueta e a especiaria masculina natural que fazia balançar seu mundo, e teve que se apoiar em uma maca.

Com os cabelos escuros nas extremidades, implorando para que passasse os dedos através dele, os olhos da cor do novo jeans mesclado, a pele bronzeada e esticada sobre características tão perfeitas, Kynan estava tão bonito como sempre.

Debaixo dos seus jeans, jaqueta preta Henley de aviador, tinha

o corpo de um atleta, que qualquer mulher morreria. Um corpo que viu quando costumava vir ao hospital humano onde trabalhava, quando acreditava que não era mais que um homem casado que pegava os garotos nas ruas e os colocava no caminho de uma boa vida.

A verdade, é que ele e sua esposa comandaram uma célula local da Aegis, e ainda não havia mudado seus sentimentos por ele.

Claro, matava demônios para ganhar a vida, mas seu coração não se preocupou por isso. Especialmente depois que sua esposa morreu e ele deixou o Aegis para trabalhar na UG. Realmente acreditou que tinha uma oportunidade com ele.

Idiota.

— O que faz aqui? Quando voltou? — E porque seu coração necessitava pular ao redor, emocionado de vê-lo, inclusive após ele quebrar seu coração?

Ainda se lembrava do dia em que Runa, cujo irmão também trabalhava para o R-XR, lhe convidou para casa que dividia com Shade, entregando uma marguerita e logo dizendo: — Kynan me deu um recado para você. Sinto muito... mas pediu que lhe dissesse que não o espere.

Deus, Gem ficou arrasada. Havia esperado de todas as formas, até a última noite, quando Lore a pegou em um dia especialmente mal. Estava esgotada, preocupada com Wraith. E no início da manhã, Runa trouxera os bebês ao hospital.

Gem estava encantada por Shade e Runa, mas sua felicidade era como uma pancada. Kynan partira, provavelmente para sempre, e estava certa de que jamais teria filhos. Os queria, mas era metade demônio, presa entre os dois mundos, e se negava a submeter qualquer criança pelo que havia passado.

— Retornei esta noite — disse em sua voz grave, consequência de uma lesão no campo de batalha sofrida anos atrás, enquanto desempenhava o serviço de médico do exército no Afeganistão.

— Então, porque está aqui? — Tentou manter suas expectativas em xeque enquanto esperava ouvir que voltou por ela, mas foi pisoteada o suficiente para saber que precisava ser realista. Não é que fosse uma possibilidade realista quando seu aroma masculino rodava ao redor dela, abraçando-a como um amante.

— Não posso dizer isso agora, mas temos que conversar.

— Acredito que já disse tudo na mensagem que deixou com Runa — virou em seus calcanhares, com a intenção de deixá-lo abandonado como ela foi deixada.

Poderia ter sido um bom plano se não houvesse agarrado seu braço e a puxado para ele.

— Porque é assim?

— Por quê? — Perguntou incrédula. — Por quê? Porque quebrou meu coração uma dúzia de vezes. E decidi que finalmente estou cansada de ser pisoteada.

— Apenas lhe pedi para conversarmos, Gem.

Claro, falar. Não podia pedir mais que isso, podia? Não, não Kynan Morgan, o Grande Homem. Senhor Honrável. Embora, se pudesse se acalmar por um segundo e ser honesta consigo mesma, poderia admitir que grande parte de sua honra, a pureza e a bondade foram levadas longe pelas traições sofridas à quase dois anos atrás. Passou por um período de escuridão, pegou suas feridas e as deixou apodrecer.

Sabia, porque era uma Soulshredder e havia visto. O ajudou a se curar, embora tivesse que ter cuidado, porque quando estava com raiva, mágoa ou inveja, seu malvado desejo para explorar sua fraqueza e dor se agarrava a esperança dela como uma droga sedutoramente poderosa.

E agora, seu demônio interior queria algo feroz.

— Sinto muito, Kynan — Gem disse, — mas você não pode voltar a minha vida depois de tanto tempo e esperar que caísse aos seus pés. — Passou próximo a ele e se encaminhou para a sala de descanso do pessoal, principalmente para se manter longe dele. — Já estou cheia de você. Deixa-me em paz.

A próxima coisa que soube, foi que estava contra a parede e ele a cobria, seu grande corpo sujeitando-a de forma que não podia se mover. Ele se moveu entre suas pernas enquanto sua boca desceu sobre a dela. Estava furiosa, assim porque agarrou sua jaqueta e o puxou tão próximo quanto pode?

Beijou o inferno fora dela, e quando terminaram, os dois

estavam ofegantes.

— Isso — disse, — não parece como se estivesse cheia de mim.

— Vai à merda. — Ela suspirou.

— Talvez — disse uma voz baixa e controlada, que fez ambos virar a cabeça para Eidolon. — Poderiam se enroscar em um quarto privado antes de começarem a foder?

Gemendo, Gem deixou cair à cabeça contra a parede. Não havia nenhum *Foder*, mas sem dúvida estava fodida.

†††††

Descoberto.

Kynan se afastou de Gem e encarou Eidolon. O cara parecia como se houvesse sido arrastado por uma corda, e Kynan se perguntava que diabo estava acontecendo. O hospital parecia ter uma grande escassez, e o que eram essas rachaduras nas paredes?

— Olá, *E* preciso falar com você. Seus irmãos estão por aqui? Tayla? — Olhou para Gem, que estava olhando-o. — Você também.

— Oh, assim que o fato de que precisava falar comigo não significava realmente que precisava falar comigo.

— Falaremos — jurou. — Em particular. Mas os negócios primeiro.

Eidolon fez um gesto para que Kynan e Gem o seguissem para a sala de descanso. No interior, Eidolon e Kynan se jogaram no sofá, enquanto Gem se encaminhou para a cafeteira, que normalmente era território de Wraith.

— Onde está todo mundo? — Ky perguntou.

E estudou o ventilador de teto.

— Shade está com Runa. Tay trabalhando.

— E Wraith? Está caçando problemas?

— Ele já fez isso. — *E* disse tranquilamente e Ky escutava, em

estado de choque, como o demônio o colocava a par dos acontecimentos de merda que estava acontecendo com Wraith e o hospital.

— Maldita seja — a voz de Ky era estranhamente bruta. Houve um tempo, logo após testemunhar a alimentação de Wraith com Lori, que Ky queria matar o demônio. Ky amou sua esposa, e a traição de Lori lhe quebrou até os ossos. Mas Ky aprendeu a gostar de Wraith, gostava de todos os irmãos, o fazia, e isto o batia com força.

— Sim. Então existe sempre o entretenimento da incerteza de outro assassino atrás de mim e Shade. Não vi nenhuma evidência até o momento, mas estamos mantendo as costas na parede. — *E* passou a mão pelo cabelo. — E você o que descobriu desde a última vez que estive no Underworld General Hospital. Qual é o seu negócio? Porque está aqui?

Gem cruzou os braços sobre o peito e bateu com seu pé. Seus olhos verdes provocantes, mas seus dois rabos de cavalo negro e rosa suavizaram sua expressão furiosa.

— Você provavelmente está ciente de que algo está acontecendo no mundo dos demônios.

— Não é um gênio? — Gem murmurou.

Eidolon lhe deu um olhar exasperado e se voltou para Ky.

— Tem chamado nossa atenção, sim.

— Sabe o que está acontecendo?

— Por quê?

— O Aegis me enviou para averiguar o que possa. Além de Tayla, sou mais ou menos o único Aegis com contatos entre os demônios, e Tay não pode lhes dizer muito.

Gem bufou.

— Assim esperam recorrer à inteligência dos demônios... para que possam lutar contra os demônios?

Kynan reprimiu um suspiro.

— Vamos, Gem. Seja o que seja... vai ser ruim. Preferimos deixar de lutar contra isto.

— De acordo. — Eidolon recostou os pés sobre a mesa de café. — Mas neste momento, não temos muitas informações. Temos apenas rumores. Alguns opinam que a regeneração está começando. Alguns opinam que não é a regeneração, e sim mais uma forma de possessão, demônios, aglomerações de Sheoul. Entretanto, outros pensam que os humanos estão liderando a tarefa de entrar em Sheoul. Os que não estão entusiasmados com a perspectiva de guerra, vão se esconder. Estamos perdendo membros do pessoal todos os dias. — Os olhos do demônio queimavam devido ao hospital ser seu bebê, e o fato de que estava caindo aos pedaços e o pessoal o abandonando, para deixar o peso cair em seus ombros como um elefante. — O que pensam os humanos sobre o que está acontecendo? Não consigo muito de Tayla, apenas rumores.

Não o faria. Apenas o Sigil seria privado dos acontecimentos reais, e ainda assim, suas informações seriam incompletas se os demônios não pudessem obter todos os fatos.

— E o pior cenário? Armageddon. O que vocês chamam de Reclamação. Melhor dos casos? Algum tipo de ataque. Os líderes religiosos e os governos do mundo se voltarão loucos após a cena, tentando controlar os danos, porque ninguém quer que a verdade sobre os demônios saia à luz. Ou eles falam sobre os cenários de caos maciços.

Gem pegou um suco da geladeira, — Você disse que o Aegis lhe enviou. Porque não está com os militares?

— Se cansaram de não fazer nada. Eles estão bem comigo, sempre e quando voltasse para o Aegis.

— Não se supõe que pode usar seus contatos na R-XR para averiguar tudo o que possa sobre os Sentinelas marcados. — Ela disse.

— Acho que Wraith foi atrás de um.

E concordou.

— Sim, mas estamos certos que existe um vínculo entre ela e o que está acontecendo no mundo subterrâneo. Reaver está escondendo algo, mas sabemos que tem a ver com o que sentimos ao mesmo tempo na primeira noite de distúrbios, em que ela perdeu seu manto.

Interessante.

— Verei o que posso encontrar.

O bipe de Eidolon apitou. O estudou e se colocou de pé.

— Tenho um trauma entrando. Os Assassinos estão se mantendo muito ocupados — moveu-se para a porta, seu andar curiosamente desprovido da pressão habitual. Foi arrastando-se. — Fico feliz em te ver. Se não estiver cansado, poderíamos aceitar uma mão aqui. — Saiu, deixando Kynan a sós com Gem.

— Preciso ir também. — Se afastou do balcão.

Kynan bloqueou a porta.

— Não tão rápido.

— Lhe disse que não.

— Me dê uma hora, Gem. Isso é tudo o que lhe peço.

— Vai me dizer por que se foi? Tudo?

— Tudo.

Ela lhe fez um único gesto.

— Chegarei em casa esta noite as seis — o empurrou fora do caminho.

— Não chegue tarde.

Nove

Serena acabara de jogar sua mochila sobre o ombro quando alguém bateu à sua porta no quarto de hotel.

— Serena! Abra!

Josh. Sem saber se estava feliz ou não, ela abriu, uma sensação de *déjà vu* desceu sobre ela ao vê-lo parado em sua porta. Como na noite passada, ele usava jeans, mas com a uma camisa do *Hard Rock* sob uma linda jaqueta de couro, adequada a sua masculinidade robusta, e que fez sua respiração vir um pouco mais rápido.

O sonho que teve na noite passada ainda estava tão vívido, tão real, que seu rosto adquiriu um rubor típico da *manhã seguinte*. Sentia-se constrangida, e imaginava que qualquer um se sentiria assim após passar a noite com um estranho.

— É melhor você ter o artefato — ela disse, mas ele a ignorou, pegou a mão dela e a puxou pela porta.

— Estamos saindo. Agora.

— O que o...

— Há um demônio no hotel.

— Maldição — ela nem respirava.

— Maldito, de qualquer maneira — ele murmurou. — Vamos lá. Vamos pegar as escadas.

Um ruído surdo começou a ser ouvido, parecendo distante, como se viesse de fora, mas depois o chão no final do corredor começou a vibrar... em direção a eles.

Josh virou em um movimento sinuoso sem esforço. O tapete saltava para cima e batia com tanta força que deixava marcas na parede. — Merda. — Josh deu um passo atrás como se reconsiderando sua posição. — Sim... corra.

Eles correram para a escada. Josh abriu a porta e a empurrou para dentro. Ela desceu as escadas de dois em dois degraus de cada

vez. O prédio tremeu, e ela perdeu o equilíbrio, caindo desajeitadamente no segundo andar, tentou se proteger de alguma lesão, mas isso não a fez nada graciosa.

Acima dela, Josh segurou a porta de aço contra algo que a chacoalhava, e tinha dentes enormes.

— Vai!

Ela não podia. Isso era errado. O que perseguia a eles estava atrás dela, e não de Josh, e ela era protegida pelo encanto. Ele era o único em perigo, não ela.

— Eu não vou sem você — ela gritou. — Não discuta ou voltarei lá pra cima. — Sua maldição ecoou pela escada.

Ele hesitou, e então pulou o lance de escadas e pousou levemente na frente dela na mais espantosa proeza de atletismo que já vira. Para não ficar atrás, ela lançou-se ao patamar seguinte e sorriu para ele. — Exibicionista — ele grunhiu, juntando-se a ela.

Eles explodiram para fora da porta na parte inferior da escada e no lobby. Pessoas corriam em alarme, perturbadas por um edifício que tremia, ela e Josh passaram rapidamente através delas até a entrada da frente, e à luz do sol os ofuscou.

No meio-fio, um homem abria a porta de um táxi.

— Desculpe, cara — disse Josh, escorregando na frente do cara e empurrando-a para o banco de trás. — Emergência médica. Minha esposa aqui vai ter um bebê. — O cara piscou, boca aberta, sem dúvida porque Serena parecia tão grávida como um pau de picolé, mas ele se afastou enquanto o táxi entrava no trânsito, quase batendo no lado de um ônibus ao passar.

Embora seu coração disparasse e ela estava mais do que um pouco agitada, deu instruções ao motorista e tentou ignorar as buzinas lá fora e o calor de Josh quando ele se instalou ao lado dela no banco.

— Eu realmente quero saber por que você é um ímã para demônio — disse Josh. — Eu quero saber o que era aquela coisa.

— Não faço ideia. — Ele virou e observou o exterior através da janela traseira, ameaça desprendia dele em ondas perigosas. Ele ainda estava pronto para lutar, e ela teve a sensação de que ele iria voar através da janela se tivesse que fazer.

— Como você sabia que estava no hotel?

— Cheirei-o quando eu entrei no saguão.

Ela o olhou, e se distraiu com a tatuagem em forma de ampulheta em seu pescoço e como parecia estar drenando areia. — O seu olfato é incrível.

— Faz parte do treinamento Aegis. — Ele deslocou-se para frente, cruzou as pernas e colocou seu largo pé sobre seu joelho, tocando o dela. — Parece que estamos entendidos. Passou bem à noite?

Muito. — O que você quer dizer?

— Qualquer visita de demônios?

— Oh. Não. Tudo estava bem.

— Você dormiu bem?

Seu coração disparou em sua garganta, o que era louco, porque ele não podia saber o que eles fizeram em seus sonhos. — Por quê?

Seus olhos, negros, fizeram um passeio por todo o seu corpo, fazendo um backup de tudo. — Apenas querendo saber se você sonhou comigo.

— Por que no mundo eu iria sonhar com você? Só porque você me beijou? Nem foi um beijo tão grande assim. — *Mentirosa.* Ele beijou-a em um frenesi doloroso.

— Você teve beijo melhor?

Não. — Sim.

— Que sonho você está negando que teve sobre mim?

Ela bufou. — Você está realmente cheio de si mesmo, não é?

Ele deu de ombros. — Ei, todo cara deseja que uma mulher deslumbrante sonhe com ele.

Deslumbrante? Ela se derreteu, e mesmo sabendo que a bajulação era um esforço para levá-la a fazer *aquelas outras coisas* que ele queria fazer com ela, ainda o achava gostoso e fofo. Mas os dois poderiam jogar aquele jogo.

— Tudo bem — ela disse com um piscar de olhos, — confesso... eu sonhei com você.

Ele levantou uma sobrancelha. — Foi bom? — Ele se inclinou e sussurrou contra seu ouvido, — Diga-me.

Um arrepio correu sobre sua pele. — Foi uma loucura — ela sussurrou de volta. — Eu sonhei que você era um vampiro. Um vampiro muito sexy.

— Huh. — Seus dentes travados ao seu lóbulo da orelha, mordiscando ternamente. — Você tem uma curiosidade sobre vampiros?

Mais que curiosidade. Eles chamaram a sua atenção antes mesmo de descobrir que vampiros eram reais, lendo tudo que caía em suas mãos, seja ficção ou não-ficção. Ela ainda passou meses em vários países europeus, incluindo a Hungria, Alemanha e Romênia, pesquisando as origens do Drácula e *Vlad Tepes*. — Eles me fascinam — admitiu.

Josh se retirou. — Eles são monstros. Não há nada fascinante sobre eles.

Ela olhou para fora quando eles passaram pelo Pilar de Pompéia, o monumento antigo mais alto em Alexandria, mas hoje, a impressionante estrutura de granito, não conseguiu comovê-la.

— Você fala igual a Val.

— Quem é Val. — Ele desviou o olhar para janela, para as árvores que forravam a rua. Além das árvores novas, prédios modernos em contraste com os mais velhos, grandes estruturas que serviam de mercados e feiras, permitindo a ela um vislumbre do Mediterrâneo.

— Diga-me, você não é uma daquelas malucas que se veste como um personagem de Anne Rice e frequenta os bares de vampiros.

Ela tentou não se contorcer, porque ela havia feito isso. Só uma vez, e foi em nome da pesquisa. Verdade.

— Você é, não é? — Josh agarrou-a pelos ombros e a virou para encará-lo. Seu olhar brilhante a perfurou. — Afaste-se daqueles lugares, Serena. Existem pessoas lá que não são... boas. Eles são perigosos. Eu não quero que você se machuque. Ou pior, porque há

pior. — Sua expressão era tão fechada e apavorante como a sua voz, e enviou um arrepio pela sua espinha.

— Eu sei — disse ela. — E eu sou cuidadosa.

De repente, ele a beijou forte. — Essa é a maior mentira que já ouvi — ele disse contra seus lábios.

Suavizado o beijo, seus lábios se tornaram suaves como veludo, era um pedido de desculpas não ditas antes de voltar no banco. E sim, ela se irritou com sua insistência e arrogância quando lhe fez a advertência, ainda estava um pouco irritada pelo fato de que ele, basicamente, a chantageou para se juntar a caça ao tesouro. Mas Deus, ela estava sozinha por tanto tempo, era tão só que às vezes doía.

Não importa o quão atencioso foi Val, de quantas pessoas se cercou, ela ainda achava que não poderia banir o desejo, não importando o quão ocupada estivesse. Agora ela entendia as sombras nos olhos de sua mãe. Na época, Serena era muito jovem para saber o que fazia sua mãe chorar quando ela pensava estar sozinha, mas quanto mais perto Josh estava dela, mais claramente ela entendeu.

Val foi a única pessoa que nunca fez sua mãe chorar. O coração de Serena bateu forte contra a sua caixa torácica com a súbita suspeita que passou por sua mente. Sua mãe... ela era apaixonada por ele?

Val era casado, vivendo apenas a alguns quilômetros de distância. Serena não se lembrava de qualquer contato inadequado, mas a mãe dela definitivamente se iluminava quando seu Guardião ia lhes visitar.

— Oi — disse Josh, inclinando seu rosto até o seu com um dedo sob o queixo. — Eu estou aqui. Onde você está?

O táxi havia estacionado no meio da calçada, e ela mal notou. Sua viagem pelas memórias foi mais instável do que as ruas de Alexandria.

— Acho que foi o espaçamento. — Josh pagou o motorista de táxi e pegou a mochila. Ela descobriu que, já que ele a intimidou ao longo do caminho, ele certamente poderia carregá-la.

Com um grunhido, ele a jogou sobre o ombro. — O que você tem nessa coisa? Eu acho que pesa mais do que você.

Ela ria quando saiu do veículo, feliz por ter colocado um

agasalho leve para enfrentar a manhã fria. — Mapas, ferramentas, água, lanches.

— Você é uma daquelas pessoas sempre preparada, não é? — Ele fez soar como uma coisa ruim.

— Talvez. Eu também trouxe o meu cantil. Nunca saio de casa sem ele.

Ele levantou uma sobrancelha. — Uísque?

— Claro.

— Essa é a minha menina. — Ele procurou no bolso de sua mochila e tirou um par de óculos de sol. Olhos semicerrados devido ao sol, ele colocou-os. — Acho que isso prova que eu não sou um vampiro, né?

Deus, ele era perfeito. Mesmo com a aura de perigo que o cercava, era um apelo aos seus mais vis instintos femininos, porque este era um homem feito para proteger o que era seu, o que ela não daria para ser sua... bem, ela daria qualquer coisa, até a sua virgindade.

— Foi apenas um sonho — ela murmurou.

— Eu te mordi? — Ela engoliu em seco, a memória lhe aquecia muito mais do que o sol egípcio.

— Sim.

Ele olhou para longe sobre as copas das palmeiras na linha do horizonte, sem olhar para ela. — Você gostou?

— Sim — ela sussurrou, sua mente revivendo o momento em que suas presas penetraram nela. Deus a ajudasse, ela adorou.

— Então eu terei que me lembrar disso. — Ele se virou para ela e sorriu, um sorriso escuro, erótico, que fez sua respiração parar. — Porque não se engane, Serena. Eu posso mordê-la.

†††††

Serena correu à frente de Wraith para a entrada das catacumbas, e ele recuou um pouco, principalmente para manter-se

atento ao perigo, mas a visão não era ruim. A partir das botas de caminhada que ela calçava, calças cargo verde-oliva e simples camisa, parecia uma autêntica aventureira. Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, e tudo o que ele podia pensar era em enrolar o cabelo grosso em torno de seu punho enquanto ele a beijava. Despia. E entraria nela como fez no sonho.

Depois ele a tomaria outra vez, se alimentaria dela, e a tomaria novamente. Mais duas vezes. Ele poderia passar dias com ela... se contraiu internamente.

Ele não podia passar dias com ela, porque ela não teria dias depois de ele usar seu encanto. Havia uma data de expiração em sua vida, e ele era o único que a conhecia. Ele empurrou o pensamento de lado, porque o pensamento sobre as consequências de suas ações era um desperdício de energia e tempo, e, além disso, isso era diferente de qualquer outra coisa que ele fez?

Não era.

Ela olhou por cima do ombro para ele, seus lábios cheios se abriram num sorriso sensual.

Não era.

Não demorou muito para Serena organizar o acesso em uma área privada das catacumbas de Kom El-Shuqafa.

O homem com quem ela falou ficou hesitante em deixar Wraith entrar junto com ela, só concordou quando Wraith explicou que ele era seu assistente, mas ele teve que admitir que a maneira como ela paquerou com o cara foi provavelmente o que ajudou. E enfureceu a Wraith. O porquê, ele não fazia ideia.

Colou-se ao lado dela enquanto caminhavam pelas passagens cavernosas marcadas pela arte egípcia e romana. Esteve em todo o Egito e no Oriente Médio, mas ele nunca esteve dentro das catacumbas. Como um demônio, ele estava em sintonia com as correntes malévolas, e o sentimento se tornava mais forte quanto mais próximo do Salão de Caracalla.

Ele não estudou a história das catacumbas, mas tudo dentro dele gritava que algo de muito ruim acontecera ali.

— Há vários túmulos dentro do Salão de Caracalla — Serena disse calmamente, de modo que o guia não iria ouvi-los. — Muitos

não foram totalmente explorados ou escavados. Há uma área específica que me interessa, fechada ao público, mas que nos foi dado acesso especial.

Wraith soltou um assobio baixo. — Val tem algumas conexões. — E na opinião de Wraith, o Aegis era muito poderoso para seu próprio bem.

Ele gesticulou para o seu guia, que descia por uma escada à frente deles. —Será que ele vai nos observar o tempo todo?

— Espero que não.

Wraith tinha maneiras de lidar com o cara se ele não saísse, mas depois do passeio ontem à noite na cabeça de Serena, ele não tinha pressa de usar seu dom para entrar na mente de qualquer outra pessoa.

Ele nunca teve problema com o tempo de recuperação antes, mas graças a toda a coisa de morrer, ele se sentiu muito mais fraco do que deveria. E o fato de que ele não comeu nada sólido desde a noite anterior não ajudava.

Na noite passada, após beijar Serena, ele se alimentou de um comerciante local, e esta manhã, ele pensou em obter um café da manhã no restaurante do hotel, mas foram impedidos pelo demônio e isso estava se tornando cada vez mais difícil.

Parecia que, ultimamente, sangue e uísque eram as únicas coisas que seu organismo podia tolerar. Mesmo o café não lhe agradava mais. Sem café. Ele poderia muito bem já estar morto.

A escadaria estreita terminava em uma sala quadrada, em torno da qual saíam uma série de túneis, cuja entrada arqueada era de tijolo.

Serena fez um gesto para ele a seguir, e eles foram pela direita, através de um arco que levou a um túmulo que havia sido bem fechado.

O guia ficou de lado, observando com cautela, uma vez passaram debaixo do cordão de segurança. A câmara era como qualquer outra câmara antiga do planeta. Escura. Poeirenta.

O ar cheirava como se tivesse sido filtrado através de um cadáver seco.

O inconfundível aroma de aventura e adrenalina penetrou no sistema de Wraith. Virou-se para o guia, falando em árabe. — Por que esta câmara está fora dos limites para o público? — O cara só ficou olhando. Wraith acenou com a mão na frente de seu rosto. — Olá.

Serena beliscou Wraith, e ele gritou. Seus olhos transmitiam uma mensagem privada: Não hostilizá-lo. Provavelmente isso era sábio. Mas mais chato do que o necessário. Wraith a deixou levá-lo até a esquina com uma câmara ainda menor.

Segurando seu dedo sobre os lábios em um gesto de silêncio, ela entrou em um recesso escuro. Wraith baixou a mochila ao lado dela e se mudou para a esquina, onde se encostou descontraidamente para manter um olho no guia. Atrás dele, ouviu Serena mexer em sua mochila.

Um momento depois, os sons familiares de escavação começaram. Poucos minutos depois, o guia bocejou e olhou para o relógio. Ele disparou um olhar de desconfiança absoluta para Wraith antes de desaparecer nas escadas.

— Nada — Serena murmurou. — Não há nada aqui.

— Precisa de ajuda?

— Não poderia machucar. — Encontrou-a de joelhos em frente a uma abertura do tamanho de punho na parede de pedra calcária. No chão estava uma pilha de pedras escavadas e um tijolo pequeno marcado por escritas e gravuras em numa língua que ele não reconhecia.

— Pensou que havia algo dentro do buraco?

— Eu pensei assim.

Wraith se agachou ao lado dela e tentou não se distrair com o perfume feminino de sol em sua pele quente. — O que esta escrita quer dizer?

— É uma espécie de oração. — Ela sentou, enfiou uma perna debaixo dela, e olhou para o tijolo.

Um par de tufos de cabelo caiu para frente em todo o rosto bronzeado, e Wraith estendeu a mão para recolocá-los no lugar, uma desculpa para tocá-la. Ela o recompensou com um sorriso pecaminoso antes de voltar a olhar para o tijolo. — Veja, no ano 215, o imperador

Caracalla ficou furioso com os cidadãos de Alexandria, e ele supostamente matou 20 mil deles. Muitos dos mortos foram trazidos para cá. A escrita é um pedido para qualquer alma cristã encontrar o seu caminho através da massa de almas pagãs que o cercam.

O abate explicou o sentimento de malevolência que rastejava pela pele de Wraith como um milhão de formigas.

— Então, o cara era um excêntrico?

Ela passou um dedo sobre o texto, quase com amor. Imaginou-a fazer o mesmo a sua *dermoire*, traçando os símbolos, acariciando as linhas com as mãos, sua língua... ele abafou um gemido.

— Há um monte de teorias, mas Val acredita que os alexandrinos o insultaram com uma sátira, na qual representavam algumas de suas ações, incluindo o assassinato de seu próprio irmão.

Fratricídio era um pouco perto de casa, e Wraith rapidamente trouxe o assunto de volta à sua pesquisa. Ele realmente desejava que ela parasse de manusear o tijolo. — Trágico, mas o que tudo isso tem a ver com o artefato que você está procurando?

Ela lançou um olhar de soslaio para ele como se ela não tinha certeza se queria falar, mas depois de um momento ela deu de ombros. — De acordo com alguns textos gnósticos antigos, há pessoas andando na terra que foram encantadas por anjos.

— Você está falando de Sentinelas marcados.

— Não sabia que o Aegis estava aberto sobre isso.

— Eles não estão — ele disse suavemente, — mas eu estava programado para o Sigil, então eu estava a par de algumas informações confidenciais. Na verdade, ele não fazia ideia se isso era verdade para Josh, mas parecia bom.

— Ok, então você sabe que eles não podem ser mortos, mas eles podem sacrificar suas próprias vidas. Supostamente, um desses seres humanos encantados se sacrificou para ser enterrado junto com os cristãos abatidos. Ele pensou que poderia ajudar a guiar as suas almas para o céu.

— Por que ele achava isso?

— Sabe-se que ele estava de posse de uma moeda imbuída com

poderes especiais.

— E você pensou que esta moeda estava escondida atrás de um tijolo?

— Eu esperava que sim. — Ela franziu o cenho. — Se está aqui, eu vou encontrá-la. Eu sempre acho o que estou procurando. — Ela levantou uma sobrancelha para ele. — Da mesma forma que você sempre consegue o que quer.

— Lembrarei disso. — Com um piscar de olhos, ele levantou-se, ofereceu-lhe a mão e ajudou-a.

— Então, vamos pensar sobre isso. Qualquer um que ficou encantado por um anjo e estava de posse de um artefato mágico não faria algo tão apressado como enfiar a coisa atrás de um tijolo. Ele iria colocá-lo em algum lugar especial, onde, talvez, pudesse ser encontrado pela pessoa certa. Você procurou no buraco?

— Sim, mas eu estava procurando por um objeto...

Inclinando-se mais para frente, ela apertou sua mão na fenda novamente. *Boomm*. Suas calças se moldaram ao seu bumbum como uma segunda pele, e todo seu fornecimento de sangue correu para sua virilha. Não se desvie do caminho. Não. Um.

— Descobri uma coisa... uma ligeira depressão.

Sua língua deslizou entre os lábios enquanto se concentrava, e Wraith casualmente usou a palma da mão para ajeitar sua ereção dolorosa. — O que você está fazendo? — Sua voz saiu rouca, mas ela não pareceu notar.

— Eu estou tentando movê-lo... talvez eu devesse empurrá-la... a emenda. Nada. Agora pode ser uma boa hora para o seu artefato.

Wraith procurou na sua mochila e tirou o osso esculpido que ele adquirira de Josh. Ela pegou o disco oval, um pingente de jóias romanas que pendia de uma tira de couro. Cuidadosamente, ela inseriu o pingente no buraco. Ele ouviu um clique, seguido por outro clique, mais alto. Nada aconteceu. A decepção estava no rosto de Serena, e caramba, Wraith queria fazer algo para torná-lo melhor.

Ele não teve tempo para analisar a estranheza desse sentimento particular, porque um estrondo sacudiu o chão, seguido por uma

chuva de pedras e pó. Um demônio? Não, a sensação de maldade do ambiente não havia aumentado, mas uma rachadura apareceu na parede distante. Uma porta.

— Eureka — ela respirava. — Eu acho que podemos tê-lo encontrado!

Ela correu para a fissura, mas Wraith a agarrou antes que ela pudesse forçar a passagem pela pedra. — Espere. Deixe-me fazê-lo. Pode ser uma armadilha.

— Realmente — ela disse, — é mais seguro para mim.

— Por quê? Você é uma daquelas pessoas encantadas?

Seus olhos se encheram de sombras, mas se recuperou rapidamente, com um sorriso ofuscante. — Não seja bobo. É que eu sou menor do que você. Assim não sou um alvo tão fácil como você.

— Não brinca. — Claro, ela era encantada e toda invencível, mas esse tipo de coisa era a vida dele. Exceto... ele estava morrendo, então realmente, ele não tinha nada a perder de qualquer maneira.

— Josh...

Ele empurrou a pedra de lado antes que ela pudesse argumentar, fazendo caretas para o suspiro de ar viciado que escapou quando o Salão de Caracalla foi aberto, ele estava segurando a respiração.

A visão noturna natural de Wraith lhe permitiu ver perfeitamente, mas Serena acendeu uma lanterna. A passagem estava empoeirada e cheia de teias de aranha, inclinando ligeiramente para baixo sobre um piso de terra batida. Aqui as paredes eram lascadas e com ranhuras, nua de arte, evidenciando que a área foi fechada logo após a construção.

A passagem terminava em uma caverna, redonda, inacabada, não maior do que um quarto para exame. Era vazia, exceto por um pilar rústico no centro e um jarro de barro em um canto.

Serena passou por Wraith e se ajoelhou na frente do pote marrom liso. Cuidadosamente, ela checou dentro e retirou uma bolsa de couro do tamanho de um punho.

Ela estava ofegante quando um flash de ouro cintilou ao retirar

uma moeda do saco. Sua emoção foi um choque de energia que dançava em sua pele.

Wraith sabia exatamente o que ela estava sentindo. Ele só se sentia mais vivo quando fodia, lutava, ou caçava, e a caça as relíquias pode ser tão grande quanto a caça de alimento.

— É isso? — Perguntou ele, ajoelhando-se ao lado dela.

— Sim. Oh, sim. — Ela virou a moeda mais e mais, finalmente correu o dedo sobre a parte traseira, onde palavras foram gravadas. Lá, ela foi com a fricção novamente. Sua *dermoire* se contorcia como se quisesse a mesma atenção. — *Fecha o que estiver aberto. Permaneça fechado, o que fechado está.*

— Cara, eu odeio a merda enigmática.

Seus olhos brilhavam de excitação quando colocou a moeda na bolsa. — Eu adoro isso. Resolver o mistério, encontrar o significado oculto... não há nada como isso.

— Oh, eu posso pensar em algo parecido — ele disse, deixando seu olhar fixo em seus lábios. — Algo que vai deixá-la tão suja. Suada... — Deus, ele estava ligado. Quem teria pensado que a procura de um tesouro poderia ser um afrodisíaco?

— Você não tem jeito. — Ele estendeu a mão e traçou seu lábio inferior com o polegar.

— Ouvi isso uma ou duas vezes.

Serena enfiou a bolsa contendo a moeda em sua mochila. — Tenho certeza que você ouviu — ela disse secamente.

— É crime roubar miudezas. — A vibrante e musical voz masculina ecoou pela tumba com uma ressonância que Wraith mal sentiu na sua alma. Ele saltou a seus pés e girou em um único movimento. De pé na entrada da área escondida estava Byzam. Um manto negro com capuz cobria o seu corpo e seu cabelo, mas seu rosto estranhamente belo estava para fora do capuz. Os cabelos da sua nuca ficaram em pé da mesma maneira de quando o viu pela primeira vez.

Isto era a pior coisa que poderia acontecer. A morte pensaria duas vezes antes de cruzar o caminho desse demônio. Serena se levantou e calmamente limpou a sujeira de suas calças.

— É verdade que eu sou mais uma caçadora de tesouros que uma arqueóloga — ela disse, aparentemente despreocupada que o macho que havia aparecido poderia ser uma ameaça para eles, — por isso tenho um pouco de atitude meramente mercenária. Mas miudezas? Isso é um pouco forte.

Byzam se moveu em uma mancha de luz que a visão vampírica de Wraith mal conseguia captar. Em um piscar de olhos, ele torceu o braço de Serena para trás das costas e ela beijava a parede.

Com um rugido que sacudiu a poeira do teto, Wraith se chocou com o demônio, enviando-lhe fora do pilar. Um som como um tiro soou quando a coluna de pedra rachou, lascas de pedra que caíam da fissura se espalhavam por cima do corpo de Byzam.

Wraith levantou-se na frente do macho. — *Caia fora. Agora.*

Byzam inclinou-se perto, tão perto que Wraith podia sentir seu hálito enquanto ele sussurrava: — Eu sei o que você está fazendo, *Seminus*.

Wraith balançou a cabeça para frente, esmagando seu crânio na boca do Byzam. — Isso é porque você está fazendo a mesma coisa.

O bastardo sorriu com os lábios sangrentos, mas manteve a voz baixa. — Ela não vai desistir por você, então você poderia muito bem voltar para casa, em qualquer buraco de onde você se rastejou para fora.

Wraith arreganhou os dentes. — Se você aparecer de novo, eu vou arrancar seu sangue.

— Quando você me vir novamente, você estará chamando-me de Deus. Por enquanto, você pode me chamar de Byzamoth. — Ele se curvou para Serena e voou para fora da porta.

Wraith saiu para persegui-lo, mas Byzamoth desapareceu no ar. Wraith ficou fora da câmara por um momento, esperando se acalmar um pouco, para suas presas se retraírem e os seus olhos recuperasse o azul habitual ao invés do tom vermelho de raiva que ele sabia que havia adquirido.

Quando voltou para a câmara, Serena esperava por ele, sua mochila pendurada no ombro, seu rosto pálido. Ela estava abalada, e sinceramente, Wraith também estava.

Devia usar seu encanto, ou não, a menos que fosse contar a ela que estava em perigo mortal, ou Byzamoth não tinha a intenção de matá-la?

O cheiro de sangue humano estava no ar. Serena foi ferida. Ele foi até ela, tomou seu pulso, e empurrou para cima sua manga. Quatro profundas formas de meia lua marcavam seu antebraço, de onde escorria sangue. A fome o assolou, suas presas começaram a latejar, sua boca se encheu de água. Merda. Com o pulso acelerado, ele obrigou-se a dar um passo atrás.

— Você está ferida.

Deuses, ele queria ela de uma maneira que nunca quis qualquer ser humano, mulher ou demônio. Ele queria lamber seu braço e subir para a garganta, afundar suas presas lá e tomá-la como se estivesse em seu sonho. Ele poderia bombear em seu corpo como seu sangue bombeava nele.

— Eu vou viver — ela disse, com a voz mais forte do que ele teria esperado dado o que havia acontecido. — O que ele disse para você?

Ele levou um momento para compreender antes de responder. — Que seu nome é Byzamoth. E ele queria o tesouro.

De verdade, exceto que o tesouro estava com Serena. E por alguma razão isso, para o filho da puta, era nada mais do que um prêmio.

Que foi exatamente como Wraith a tratou, que diabos ele estava se sentindo culpado? Impiedosamente, ele convocou uma emoção que para ele era muito mais confortável. Extrema raiva.

— Então é isso que ele quer após todo esse tempo? — Ela franziu o cenho. — Como é que ele sabe sobre isso? E como você o conhece?

— Eu não sei como ele sabia disso, mas eu disse-lhe que o mataria se ele chegasse perto de você novamente. — Sua mão foi para o seu pescoço e ele sentiu novamente o cheiro de sangue. Ela estava acabando com ele.

— Ele não é humano, então.

— Será que importa se ele é ou não? — Sua voz era amarga e

áspera para seus próprios ouvidos.

Ela não merecia a sua ira, mas ele estava chateado com Byzamoth, com Roag, com o assassino que o envenenou, com ele mesmo, porra, com todo mundo, e ele estava cansado de jogar bonitinho.

— Será que isso importa para você?

— Não. Ele é uma ameaça. Compreendido.

— Você viveu uma vida dura, não é mesmo? — Suas palavras eram suaves, mas ecoaram ao redor da câmara pequena e dentro de seu crânio.

— O quê? Você tem sido encantada? — As palavras saíram de sua boca antes de perceber a ironia do que ele havia dito.

Ela sorriu, ele ficou olhando. Era assim que Tayla e Runa sorriam a Shade e *E* quando queriam melhorar o humor de seus irmãos.

Poderia muito bem dar-lhe um tapinha agradável na cabeça, também. — Eu tenho. Eu sempre tive sorte.

— A sorte se esgota, Serena.

— Então você é um pessimista?

— Eu sou um realista.

Ela caminhou até ele e socou seu bíceps. — Fique comigo, *baby*. Você vai aprender a ser um otimista.

Era grande a chance disso, mas esta foi a abertura que ele precisava. — Oh, eu estou colado em você.

Ela entregou-lhe o pingente romano que ele tirara do Josh.

— Eu não preciso mais de você.

— Sim — ele disse, — você precisa. Você tem demônios atrás de você, e eu tenho uma porrada de experiência lutando contra eles.

Ele se perguntou como ela iria argumentar sobre isso, mas para sua surpresa, ela simplesmente disse:

— Eu vou para Aswan. Se você acha que pode manter-se comigo, você é bem-vindo ao trabalho.

Ela cutucou-o no peito com um dedo e saiu, deixando-o ali, olhando para ela como um idiota. Quando ela chegou à saída, atirou-lhe um sorriso arrogante por cima do ombro.

— Você vem?

Não rápido o suficiente. O pensamento veio naturalmente, com facilidade, mas pela primeira vez, foi seguido imediatamente por vergonha. Pelos Deuses, ela era melhor do que ele imaginava, lá no brilho ofuscante da lanterna, poeira sujando sua bochecha e nariz.

Ela tinha uma pureza sobre ela, uma energia boa e salutar que parecia repelir as trevas e capturar a luz. Ele imaginou, sendo um demônio, que ele deveria ser repellido, mas ela o atraía, e até agora ele se sentia se aproximando dela.

Ele precisava resistir, pois ficar emocionalmente envolvido com ela significava lamentar mais tarde o que precisava fazer para salvar sua vida.

Ele quase riu alto com isso. Ele nunca negou nada a si mesmo, nunca resistiu a seus desejos ou se arrependeu de alguma coisa.

Agora, de repente, ele estava tentando exercer algum controle, algo que até mesmo seus irmãos não conseguiram convencê-lo a fazer.

Mas este homem espirituoso pouco tinha a ver com ele mesmo, e uma pequena parte dele gostava disso. Sinos do inferno, como diria Shade.

Porra de sinos do Inferno.

Dez

Eu não preciso mais de você

Isso é o que Serena disse para Josh após o demônio deixá-los nas catacumbas, mas não era verdade. Algo estava errado com seu encanto, porque o demônio não deveria ter sido capaz de machucá-la.

Não que ele a tivesse machucado muito, mas quando ele torceu seu braço para trás, suas unhas cavaram em sua pele... e tiraram sangue. Foi uma pequena lesão, mas nunca deveria ter acontecido, e tanto quanto ela odiava admitir, estava um pouco assustada.

Josh se controlou como um profissional e como um ex-guardião, como ela supôs que ele era. Até que ela descobrisse o que estava errado com seu encanto, poderia usar a proteção dele.

Eles comeram rapidamente em uma delicatessen[1] perto do hotel antes de apressadamente e com cautela, buscar o restante de seus pertences em seus quartos e pegar o trem de 17:20h para Aswan.

Cada um deles comprou um compartimento individual para dormir e concordaram em reunir no vagão-restaurant para jantar. Ela tinha alguns minutos, então trocou suas roupas empoeiradas, tomou dois goles de seu cantil para tomar coragem, e, para fazer bom uso do seu tempo ligou para Val enquanto ainda havia sinal.

— Ei — ela disse quando ele atendeu.

— Serena? É o David.

— Ah. — Ela se esforçou para ouvir a voz de David sobre o crepitar da estática do celular e o barulho do trem nos trilhos. — Val está?

— Sim, espere. Você conseguiu a moeda?

— Está em minha mochila.

— Ótimo. Mantenha-a com você — ele disse, como se ela fosse uma idiota que iria deixá-la fora de sua vista. — Meu pai está aqui.

Ela ouviu a transferência do aparelho, — David disse que você pegou

o artefato. — Val disse em forma de saudação. — Algum problema?

— Talvez. Ontem a noite um homem se aproximou de mim nas ruas de Alexandria. Ele disse que você o enviou.

— O quê? Josh supostamente iria encontrasse você, mas eu não envie...

— Eu sei, Val. Acalme-se. Eu me livrei dele.

— Por que você não me ligou ontem à noite?

— Eu pensei que ele tivesse ido para sempre. — Ela tomou uma respiração profunda. Val estava subindo pelas paredes. — Mas hoje ele apareceu nas catacumbas e resultou que ele era um demônio.

Val inalou bruscamente. — Você está bem?

— Você sabe que estou — ela hesitou, considerando o quanto devia falar. Se ele soubesse que Bizamoht a machucara, ele enviaria cada célula Aegis no prazo de um dia de viagem atrás dela. — Mas meu segredo foi revelado.

— O que você está dizendo, Serena? — A voz de Val era baixa, controlada, e pela primeira vez, ela ouviu o guerreiro Aegis que ele era.

— Meu disfarce foi comprometido — ela admitiu. — Eu não te disse, porque eu não queria preocupá-lo. Está restabelecido agora, mas foi derrubado por um tempo. — Agora ela precisava esperar que o que estivesse errado com seu encanto fosse facilmente corrigido.

— Você precisa voltar para casa. Esqueça sobre o artefato de Aswan.

— Eu já estou no trem.

— Você descerá no Cairo e pegará o primeiro voo de volta.

Ela olhou pela janela a dura paisagem ainda bonita, uma mistura de areia dourada e graciosas árvores, e sacudiu a cabeça. — Estou perfeitamente segura. E Josh está comigo.

— Josh? Por quê?

— Val, vamos lá. Ele era um Guardiã. Quem melhor para viajar comigo? — Ela poderia praticamente ouvir o topo da cabeça de Val arrebentar. Hora de ir. — Uau, a estática está terrível. Eu deveria

desligar. Eu te ligo quando pegar a placa.

— Espere...

Ela cortou a ligação esmagando o botão *fim* com o polegar. Apenas para segurança, ela desligou completamente o telefone e seguiu para o vagão-restaurante.

Nervosa, devido à tensa conversa com Val e pela antecipação de ver Josh, seu estômago virou um caldeirão agitado. Mas quando viu Josh sorrindo para ela de uma mesa, ela se perguntou por que tinha estado ansiosa.

Algo sobre aquele sorriso devastador apenas fez se sentir sentimental por dentro. Ela nunca gostou de tatuagens, mas o design serpenteando no rosto dele lhe convinha, com suas angulares torções e espirais e escuras bordas afiadas. Uma extremidade beijava o canto de sua própria boca, e ela imaginou-se colocando seus lábios nos dele, e seguindo a tatuagem até que terminava na ponta dos dedos.

Ele levantou desajeitadamente, como se houvesse acabado de ter a ideia, e esperou que ela se sentasse antes de tomar sua própria cadeira novamente. Ele já estava no meio de um copo de uísque, e ele pediu outro para ela. Muito atencioso.

Ela bebeu em um só gole. — Eu liguei para Val.

— Você contou a ele que teve demônios atrás de você e seu artefato? — Ele tomou um gole de sua bebida, e os músculos de sua garganta trabalharam o líquido abaixo, Serena percebeu pela primeira vez que o pescoço de um homem pode ser condenadamente sexy. Talvez ela pudesse ter um daqueles sonhos, como o da noite passada, só que desta vez, *ela* poderia ser a vampira.

— Sim, eu disse a ele. — Ela lhe lançou um olhar irônico. — Portanto seu material de chantagem está arruinado.

Seu sorriso fez o pulso dela saltar. — Não preciso disso. Agora você quer sair comigo por conta própria.

— Você está ciente de quão arrogante você é?

— Eu realmente preciso responder a isso? — Ele passou seus longos dedos para cima e para baixo no copo, e de repente ela queria que ele fizesse o mesmo com ela. Depois de um momento ele empurrou o uísque para ela. — Acho que você precisa disto mais do que eu. O que

Val disse?

— Ele quer que eu volte para casa.

— Você vai?

— Claro que não. Val é paranóico.

— Talvez ele seja inteligente.

Ela revirou os olhos. — Você também não.

Ele encostou-se à cadeira, seu pecaminoso corpo tonificado esparramado, como se nada no mundo lhe importasse, mas a maneira como seu atento olhar verificava constantemente ao seu redor dizia o contrário. Ela tinha a impressão de que um mosquito entrando no vagão-restaurant não escaparia a seu conhecimento.

— Então... qual a história dele? Por que ele age mais como um pai do que um chefe?

Ela assistiu a bebida do copo entornar ao redor pelo movimento do trem. — Ele era um amigo de minha mãe. Depois que ela morreu, ele manteve contato comigo, incentivou meu amor pela arqueologia. Ele é um arqueólogo — ela explicou. — Fui para Yale, onde ele lecionou, mas a faculdade acabou por não ser minha coisa. Estava ficando doente de escola, pronta para cair fora, e ele me contratou para sua fundação arqueológica privada. Ele me ofereceu um lugar para ficar em sua mansão, e eu seria estúpida se rejeitasse.

Josh estreitou seus olhos em fendas. — Qual o truque?

— Truque?

Ela podia jurar que ouviu um rosnado baixo vindo do seu lado da mesa antes que ele falasse.

— Nenhum homem oferece a um corpo jovem e firme, um lugar para ficar sem querer nada em troca.

Corpo firme? Ela riu. — Acredite-me, ele não tem nenhum interesse em mim. Não assim. Você mesmo disse: ele é como um pai.

— Por quê? — Ele repetiu.

Ela deu de ombros. — Acho que, em parte, porque temos muito em comum. — Ou seja, ela era a única pessoa a trabalhar para ele que

sabia a verdade sobre as conexões no Aegis de Val e David, e, por sua vez, ele era uma das poucas pessoas que sabia a verdade sobre ela. — E em parte, porque ele meio que se sentiu obrigado a cuidar de mim.

— O que o seu verdadeiro pai tem a dizer sobre isso?

— Eu nunca o conheci.

— Ele era um gato macho que corria atrás impregnando cada fêmea que ele via, e sua mãe teve o azar de se levar por ele?

— Tenho sentido problemas paternais?

— Não.

O tom muito descontraído entregou-lhe, ele estava mentindo, mas Serena não quis pressionar. — Bem, sem problemas aqui, também. Minha mãe não poderia conceber naturalmente, então papai foi um doador de espermatozóide, literalmente. — Ela empurrou o copo de uísque de volta para ele, porque era óbvio que agora ele precisava mais do que ela. — Sinto falta de minha mãe, no entanto. E você? Tem alguma família?

— Dois irmãos. Ambos mais velhos. Três sobrinhos bebê.

— Três? Uau. Aposto que são adoráveis.

Ele bebeu o uísque. — Eu não sei.

— Eles moram longe?

— Na verdade não.

— Então... você quer seus próprios filhos? — Quando ele olhou para seu copo vazio e não respondeu, ela murmurou. — Sinto muito, isso é muito pessoal.

— Está tudo bem. — O trem reduziu para um passo de tartaruga, ele olhou pela janela para um pastor com rebanhos de cabras. — Não sou capaz de criar uma criança.

— É claro que você é. Crianças não vêm com instruções, todos aprendem conforme o tempo passa.

— Confie em mim, é melhor que eu não forme parte da vida de nenhuma criança.

Seu comentário anterior voltou para ela. — Isso tem algo a ver com seu pai?

— Não tive um.

— E sua mãe?

Seu amargo sorriso ressoou. — Ela não era exatamente um exemplo brilhante de maternidade.

Serena pegou a mão dele nas suas. — Muitas mães não são o que deveriam ser.

Ele retirou sua mão como se de repente não suportasse ser tocado. — Muitas mães mantêm suas crianças em jaulas e as torturam?

Serena parou de respirar. — Diga-me que *jaula* é metafórico.

— Era uma jaula no porão. — Sua voz caiu para um rosnado baixo e tenso. — E se você pode conceber a tortura, ela fez isso. Diversão para todos.

Serena não sabia o que dizer. Não queria imaginar ou acreditar que coisas como essas realmente aconteciam. Sua vida havia sido abençoada, com exceção da morte de sua mãe.

— Isso é... horrível. — Ela finalmente conseguiu dizer.

— Foda-se. — Josh esfregou uma mão sobre seu rosto. — Vamos acabar com tudo isso, tudo bem?

Exceto que não colocou aquele gato de volta no saco. Como uma mãe poderia fazer isso a uma criança, e como poderia uma criança sair de uma experiência como essa e ainda ser inteiro?

— E sobre seus irmãos?

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que quer saber sobre eles? E sobre mim?

— Porque gosto de você.

Surpresa e outra emoção que ela não poderia nomear passaram pelo rosto dele antes de ele fechar os olhos, como se não conseguisse

decidir se queria que ela gostasse dele ou não. — Mães diferentes — ele disse. Sua voz tão rouca que ela mal entendia. — Tivemos mães diferentes.

— E onde diabos seu pai estava?

Um jovem casal passou pela mesa, e ele esperou por eles tomarem seus assentos do outro lado do vagão antes de dizer, muito baixinho, — Ele é o único que a levou a isso, mas seu clã, aaah, família, o caçou e o matou poucos meses depois do meu nascimento.

Ela nunca esteve sem palavras antes. Nunca.

— Olhe — ele disse. — Eu normalmente não... — ele agarrou sua barriga. — Eu... oh droga.

— Josh? O que há de errado?

— Deve ser... algo que comi. — Ele rapidamente ficou de pé, assim como ela. — Preciso chegar ao meu quarto.

— Deixe-me ajudá-lo.

— Não — ele gemeu. — Posso fazer isso.

— Você mal pode ficar em pé. Agora cale a boca e me deixe ajudar.

Um canto de sua boca levantou em um dos menores sorrisos antes de ele sugar em uma respiração de dor e quase cair. — Calando a boca, senhora!

— Isso deve ser a primeira vez para você.

— Engraçado — ele suspirou.

O balanço do trem não ajudou o equilíbrio dele enquanto ela o guiava até o vagão de dormir. Ela quase se dobrou sob o peso dele um par de vezes, e ele resmungava, — desculpa — e tentava ficar em pé, e se apoiar em uma parede.

— Você não está parecendo bom Josh. Talvez haja um médico a bordo.

— Não — sua voz era praticamente um grito, e quando ela se encolheu de surpresa, ele baixou a voz. — Não. Isso tem... aconteceu antes.

Ela queria discutir, mas ele parecia inflexível, e, além disso, eles chegaram ao quarto dele. A mão dele tremia tanto que seus dedos não conseguiam controlar a maçaneta da porta. Quando ele amaldiçoou baixinho e desistiu, apenas descansando a cabeça contra a porta, o coração dela quase quebrou. Ele era poderoso o suficiente para quebrar a coisa, mas abri-la novamente estava além de sua capacidade.

Sem dizer nada, ela abriu a porta e o ajudou a entrar no minúsculo compartimento.

Os assentos já estavam estendidos formando uma cama, e ele caiu sobre ela com um baque. Um arrepio arruinou seu corpo, seguido por violentos tremores. — Friooo.

Ela espalmou sua testa, que estava em chamas. Como foi de apenas morna para tão quente em questão de segundos? Algo estava seriamente errado. Rapidamente, ela agarrou um cobertor do beliche de cima e o cobriu.

— Eu já volto. Estou indo ao meu quarto pegar outro cobertor.

Ele pareceu não ouvi-la, mas o som de seus dentes batendo a seguiu por todo o caminho pelo corredor.

†††††

Wraith esperou Serena fechar a porta atrás dela para rolar desajeitadamente para fora da cama e arrastar sua mochila de debaixo dela. Seu estômago arqueou e seus músculos se trancaram tão forte que ele mal podia se mover. O veneno filho da puta estava chutando sua bunda.

Demorou uma eternidade para abrir sua mochila e encontrar o kit médico. Ele derramou metade de suas pílulas, mas não importava. Ele finalmente engoliu as três que precisava; um analgésico, um antibiótico, e uma cápsula anti-epileptica. O analgésico não trabalharia realmente para a dor dos vampiros, analgésicos orais precisavam ser filtrados através de sangue humano e ingeridos para trabalhar, mas reduziria a febre.

Havia uma maneira de tratar a dor, uma enfermeira humana do UG se voluntariou para tomar uma alta dose de Vicodin[2], e uma vez que entrou em vigor, Shade tirou tanto sangue quanto um humano poderia

perder. Ele havia selado o sangue em pequenos pacotes para Wraith beber quando necessário.

Agora mesmo ele precisava - oh cara, ele precisava - mas o esforço envolvido na abertura do compartimento da mochila que isolava o sangue medicado e a meia dúzia de unidades de sangue para alimentar-se que *E* acumulara estava além de suas habilidades. Em vez disso, ele empurrou sua mochila para longe e se perguntou como iria subir de volta no colchão.

A porta abriu, e ele gemeu enquanto braços quentes vieram ao seu redor. Ele sentiu-se sendo levantado, mas Serena não poderia levá-lo para cama sozinha, então ele reuniu sua última força para arrastar sua lamentável, congelada bunda para cima. Era humilhante não conseguir parar de tremer, mesmo depois de ela o cobrir com três cobertores.

Agonia destruiu seu interior, e dores agudas esfaquearam seu cérebro. O veneno estava corroendo-o, matando-o por dentro, assim como *E* disse que faria. Ele ouviu Serena falando, mas sua audição havia diminuído, então ele não entendia. Seu tom foi suficiente para acalmá-lo, e ele simplesmente deixou-se ouvir o gentil zumbido de sua voz.

— Wraith?

Seu nome flutuou até ele. Wraith? Não, isso era o que ele desejava ouvir. Ela chamou-o Josh. Mas o que ele não daria para ouvir seu nome em seus lábios.

Deuses. Se ele não tivesse com tanta dor, ele iria rir. Claramente, ele estava delirando. Que foi por isso que, quando ele sentiu que caiu na cama e o corpo quente dela esticar-se ao lado dele, ele fechou seus olhos e aproveitou a sensação. Ela era fogo contra gelo, uma delicada caldeira que amenizou seus tremores quase que imediatamente.

Ela alisou dos seus ombros até sua mão e voltou, acalmando-o, aliviando seu frio e dor. Ele não soube quanto tempo ela lhe acariciou assim, mas três horas depois, ele acordou com ela ainda enrolada contra ele, seu suave e delicado ronco tão reconfortante quanto qualquer coisa.

Ela ficou com ele. Ela mal o conhecia, e ainda assim tomou conta dele, segurou-o, e agora dormia ao lado dele como se ela pertencesse ali.

Ele quase começou a tremer novamente. Desta vez, porém, ele não poderia culpar o veneno. Com exceção de seus irmãos, ninguém

cuidara dele assim. E mesmo com eles, na maioria das vezes ele suspeitava que eles se preocupassem mais por obrigação do que afeto.

Cuidadosamente, para não acordá-la, ele rolou sobre o estreito beliche para encará-la. A escuridão não impediu que ele admirasse a maneira como seu cabelo se espalhava sobre o travesseiro, uma cortina de seda dourada. Ela era tão pacífica em seu sono, sua respiração suave e firme, seu nariz movendo-se de vez em quando como se estivesse cheirando algo delicioso em um sonho.

Ele poderia entrar em seus sonhos e descobrir o que ela estava pensando, como ele fez na noite passada, mas isso parecia errado agora. Uma invasão de proporção imperdoável.

Que. Inferno?

Ele nunca deu uma merda para o *errado* antes. As leis morais humanas não se aplicavam a ele. Mas de repente, ele se sentia sem escrúpulos sobre fazer o que ele nasceu para fazer - entrar na cabeça de uma mulher e seduzi-la até deixá-la sem ar.

Idiota.

Ele deveria entrar dentro dela agora mesmo. Deixá-la tão quente que quando acordasse, ela ainda estaria em um estado de sono parcial e de boa vontade se entregaria a ele. Ele era, depois de tudo, um predador, e era tempo de derrubar sua presa.

Fechando seus olhos, ele se concentrou, perfurando a barreira entre o consciente e o subconsciente.

Ele a encontrou em um quarto, e teve a impressão de que era dela, na casa de hóspedes de Val. Val. Podia não haver nada entre Serena e o velho homem, mas ele ainda queria rasgar os membros do cara e bater nele com eles. Serena era sexy, e não havia maneira de que Val não percebesse isso.

— Josh?

Wraith pulou. Ele não havia se inserido em seu sonho ainda, mas ela estava chamando por ele? Ela estava ajoelhada na cama, nua, exceto por um par de sapatos altos *foda-me-baby*. A porta perto do pé da cama abriu e ele entrou. Não o seu verdadeiro eu, mas um Wraith no sonho que ela havia conjurado.

Put a merda, ela estava sonhando com ele. Por conta própria.

Enquanto Wraith observava, de boca aberta, o seu eu do sonho nu seguiu pelo quarto, presas a mostra, corpo duro e preparado para o sexo. E que garota safada, ela o fez muito bem dotado.

O que, é claro, era exato.

Serena o encontrou na extremidade da cama, coxas espalhadas, cabeça jogada para trás, e o Wraith do sonho não esperou. Ele afundou os dentes em sua garganta enquanto afundava em seu corpo.

O sexo foi cru e áspero e quando acabou, Serena o abraçou.

E ele a abraçou.

O intestino de Wraith retorceu. Isso era o que ela queria. O que ela sonhava por conta própria. O que ele nunca poderia dar a ela.

Oh, ele poderia dar a ela o orgasmo de sua vida, mas os quentes melosos abraços depois? Não, tudo o que ele tinha era o abraço frio da morte.

Culpa picou nele como uma agulha, e vergonha apertou como uma atadura em volta de seu peito. Ele se puxou do sonho e voltou para o compartimento do trem.

Merda. Talvez o veneno estivesse afetando mais do que apenas seu corpo. Talvez estivesse fodendo com sua mente também. E não apenas na aparência. A vingança perfeita de Roag não parou no matá-lo lentamente. Ah, não. Ele precisava selá-lo com a consciência também.

Serena mexeu-se, dando um pequeno bocejo. Ela era tão pequena contra ele, mas era forte. Ele podia sentir isso na firmeza de seus músculos esticados, as linhas duras de seu corpo, todo o caminho para a força de vontade dela. E ainda, havia uma vulnerabilidade que trouxe um lado protetor que ele não sabia que possuía.

Ele passou a mão em sua bochecha macia, traçando sua mandíbula com o polegar, acariciando levemente seu pescoço longo e gracioso. O pulso dela batia debaixo de seus dedos, e as próprias veias dele corriam quentes com a luxúria. Suas presas começaram a se esticar em antecipação, mas ele não poderia mordê-la, e ele forçou a si mesmo a se acalmar. Ela poderia ter um fetiche vampiro, mas ele tinha sérias dúvidas de que ela reagiria bem à coisa real.

Ainda assim, ele não poderia resistir em colocar seus lábios em

sua garganta. Um suspiro escapou dela, e se arqueou para ele, esfregando seus seios contra o peito dele. Deuses, ela se sentia bem contra ele. Isso era errado. Tão certo.

Ela arrastou suas mãos até as costas dele para apertar os músculos que tensionaram devido a sua linha de pensamento. A intimidade do inocente ato foi chocante, fêmeas tocavam-lhe para obter sexo, não pelo simples prazer do conforto. A sensação rasgou através dele, deixando-o atordoado e quente... e sem dúvida, malditamente aborrecido.

Chega dessas merdas melosas. Eles precisavam fazer sexo oral e sujar-se. Especialmente depois das sessões de confissões verdadeiras no vagão-restaurante, quando ele matraqueou sobre seu trauma de infância como um idiota.

Ele deixou cair sua mão para a bunda dela e a puxou com força em sua ereção. Então ele abriu suas coxas com um de seus dedos e os enrolou na costura entre suas nádegas. Ela enrijeceu, mas não resistiu quando Wraith levantou sua perna e começou a trabalhar lentamente.

— Oh Deus — ela respirou. — Isto é... você sabe eu não posso!

— Shhh — Ele capturou a boca dela e a beijou famintamente, cuidadoso, como sempre, sendo o agressor, então a língua dela não pegava nas pontas afiadas de suas presas. — Deixe-me fazer você se sentir bem.

Ela se arqueou embaixo dele. — Bom... sim.

Ele deixou seus dedos vaguearem abaixo, então eles roçaram sua fenda através do fino tecido de sua saia. — Serei um perfeito cavalheiro. Juro para você que nada além de minhas mãos e boca tocarão em você. — Ele recuou para fixá-la com outra promessa que saiu em um baixo, duro rosnado. — Eu também juro que não haverá nada cavalheiresco sobre o que eu faço com minhas mãos e boca.

A afiada respiração dela acompanhada com uma explosão de luxúria fez sua cabeça girar.

— Bem — ela disse em um profundo sotaque sedutor, — Espero que não. — E então ela o beijou.

Serena sentiu a surpresa de Josh no enrijecimento de seu corpo, mas quando ela moveu sua língua sobre o lábio inferior dele, ele relaxou e a puxou ainda mais forte contra ele.

Ele fez um ruído erótico de aprovação quando ela subiu a saia para que pudesse engancha sua perna na dele, colocando seu centro em contato com a grande saliência atrás da braguilha de seu jeans. Os sentidos dela queimaram, e ela estremeceu com prazer.

Ela já fez isso com um homem antes, experimentando, testando sua vontade, cada vez indo um pouco mais. Mas ela queria muito mais do que ela poderia ter, e toques apenas a frustravam.

Isso poderia acabar em orgasmos para ambos, mas ultimamente, ela sabia que não seria suficiente. Nunca poderia ser suficiente com um homem como Josh. Com ele, ela sabia que gostaria de fazer tudo.

Tão bom quanto sentir a mão de Josh acariciando-a entre suas pernas como isso, tão habilmente que ela estava quase ofegante, isto ainda era um jogo perigoso. Um que ela não podia jogar.

— Não — ela resmungou. — Não! — Ela empurrou com força em seu peito e se afastou. Estando muito perto da borda do colchão, ela caiu para o lado e acabou caindo pesadamente no chão. Pânico a pesava e ela não conseguia ficar em pé, então rastejou, em uma tentativa louca de chegar até a porta, sua saia emaranhada em suas pernas.

— Serena — a mão de Josh fechou em seu tornozelo, e ela gritou de surpresa, pânico e medo. Não dele, mas o que ela poderia fazer a ele.

— Deixe-me em paz! — Ela chutou, esmurrando-o no queixo com seu calcanhar. Seus dedos roçando a porta...

O corpo pesado de Josh veio em cima do dela, prendendo-a no chão. Ela se forçou a respirar na concretização que seu encanto não a protegeu de ser pega... e não foi porque seu encanto havia falhado. Ela queria ser pega.

Ela estava em um monte de problemas.

— Serena — ele repetiu, sua voz um ronronar sensual que retumbou através das partes mais frágeis dela. As partes que estavam doendo por seu toque. — Você não precisa ter medo de mim.

Ela engoliu, indo negligente para seu braços enquanto ele rolava para ambos estarem a seus lados, o peito dele em suas costas, seus braços a engaiolando docemente contra ele. — Não é de você que tenho medo.

Os lábios dele planaram sua bochecha, seu hálito quente deixando um formigamento agradável em sua pele enquanto ele falava. — Então o quê? — Ele deslizou uma mão para sua barriga e assim envolver seus dedos com os dela. — Diga-me.

Umidade picou em seus olhos. — Tenho medo do que eu quero.

— E o que você quer? — Quando ela não disse nada, porque sua garganta havia fechado, ele apertou sua mão. — O que você quer Serena? Mostre-me.

Desejo girou, colidiu com cautela e consumiu. Lutar contra a força da sensualidade de Josh e sua própria fome, era um esforço perdido, e por enquanto, somente desta vez, ela cedeu a batalha. Lentamente, ela arrastou a mão dele para baixo. Quando ela alcançou na conjuntura entre suas pernas, ela arqueou, involuntariamente, na palma da mão dele.

— Boa garota — ele sussurrou, e beijou sua bochecha mesmo enquanto ele levantava sua saia e arrastou para cima em suas pernas. O outro braço dele estava embaixo das costelas dela, mas sua mão estava livre o suficiente para deslizar por baixo de sua blusa transparente. As pontas dos dedos dele fizeram cócegas enquanto empurravam seu sutiã do lado. Quando ele fez uma concha em seu seio e circulou o mamilo com o polegar, ela soltou uma respiração que não sabia que estava segurando.

— Oh, sim. — Seu outro polegar alisou o tecido de seda cobrindo seu centro. — Eu quero fazer isso com minha língua. Farei isso com minha língua. Mais tarde.

Não haveria mais tarde. Isso tinha de ser um negócio de uma só vez.

A sensação do hálito quente dele sobre a pele fria de seu pescoço a puxou para fora de pensamentos depressivos e de volta para onde seu corpo formigava e seus pulmões empurravam e puxavam o ar que cresceu com o desejo circulando entre eles. Os dedos dele encontraram a borda rendada de sua calcinha, e atrás dela, cutucando seu traseiro, estava uma ereção, uma presença maciça e brutal. Mesmo

enquanto ele cavava sua mão por baixo do tecido de sua calcinha, ele pousava aquele órgão masculino contra ela. Ele chegaria a isso? Talvez ela devesse pegá-lo em sua mão e dar-lhe algum alívio. Ela tentou virar, mas ele a conteve com seus braços fortes.

— Pare — ele murmurou, subindo no cotovelo para se apoiar sobre ela e beijar seus lábios. — Apenas relaxe e me deixe dar prazer a você.

Sua cabeça caiu para trás, seus lábios se separando, e Josh tomou vantagem, afundando sua língua em sua boca com um impulso enquanto ao mesmo tempo a penetrava com seu dedo.

Ela gemeu, balançando contra sua mão onde sua palma criou uma deliciosa pressão contra seu clitóris. Ele a golpeou, dentro e fora, entre suas pernas e sua boca. A fricção cresceu, criando uma explosão quente de prazer que correu como um raio do seu centro para seus seios. Seu corpo se liquefez, o sangue em suas veias aproximando do ponto de ebulição, e Josh ainda saqueando sua boca e seu sexo, acrescentando outro dedo, alongando-a e preenchendo-a.

Sua iminente explosão cresceu. Ela aterrissou a beira do orgasmo, um feliz, maravilhoso lugar onde apenas ela e Josh existiam.

Ele parou os deliciosos golpes e arrastou seus dedos lisos através de sua fenda, relaxando apenas fora da borda. Ela gemeu em protesto, sentindo o sorriso dele contras seus lábios.

— Amo os sons que você faz — ele disse, acelerando os longos, firmes movimentos que apenas roçaram o lugar que ela precisava do seu toque habilidoso. — Mas você está tão quieta. Faça algum barulho para mim. Diga meu nome quando você chegar lá. — Ele planou seus dedos sobre sua protuberância tão levemente que ela quase quebrou, mas o contato foi passageiro, e ela gritou em frustração quando ele negou-lhe a liberação que ela tanto precisava. — Diga. Diga agora.

— Sim... oh, sim... Josh... Josh! — Ela pensou ter o ouvido pronunciar uma forte maldição, mas então ela ficou cega e surda com o orgasmo alucinante que explodiu e fez com que estremecesse com tanta força que ele teve que jogar uma perna sobre as dela e a apertou contra ele enquanto ele a acalmava com um gentil toque de seus dedos sobre seu centro.

Quando acabou, ela dissolveu-se em uma poça trêmula, mas atrás dela, Josh permaneceu tenso, seu pênis latejante contra ela. Contorcendo-se para encará-lo, ela viu que ele fechou seus olhos como

se estivesse com dor. Ela o tateou, mas com um silvo, ele agarrou seu pulso.

— Não. — Sua mandíbula estava em linha reta e sombria, e sua bochecha pulsava contra o ranger de seus dentes. — Eu não posso... não posso gozar desta forma.

— Ah, você quer dizer, com uma mão?

— Sim — ele engoliu em seco. — Estranho obstáculo sexual. — Ele soltou um longo, áspero suspiro. — Fiz isso por você. Não por mim.

Fechando os olhos, Serena descansou sua testa contra seu peito. — Por quê?

— Porque você precisava.

— Eu poderia ter me dado um orgasmo se eu precisasse muito.

— Não como este — ele disse, com mais do que um pouco de satisfação, e ela arrancou o braço de debaixo dele apenas o suficiente para golpeá-lo no ombro.

— Fala sério.

— Estou falando sério. — Quando ela o golpeou novamente, ele soltou um suspiro. — Você precisava da conexão entre duas pessoas. — Ele soltou uma risada. — Meu irmão Shade diz que se você prestar atenção, realmente ouvir, você saberá o que uma fêmea precisa. Sempre achei que ele estava cheio de si.

— Shade?

— Apelido.

Ela cheirou seu pescoço, inalando seu cheiro almiscarado de sexo masculino. — Como Wraith?

— Tipo isso.

Ela firmou uma palma contra seu peito e o empurrou um pouco para trás. — Como você está se sentindo?

Sua mão se enrolou na dela, e ele a trouxe para cima para beijar a ponta dos seus dedos. — Melhor, graças a você.

— Você disse que esteve mal assim antes. O que era? Você está doente?

— Nada para se preocupar. — Ele se afastou, e a temperatura no quarto pareceu cair.

— Estou preocupada.

— Por quê? — Josh sentou-se contra a cama, pés apoiados no chão e os antebraços apoiados em seus joelhos espalhados. Seu olhar com pálpebras pesadas era cauteloso. — Por que você se preocuparia com um completo estranho?

— Somos dificilmente estranhos agora.

Ele a encarou. — Você sabe o que quero dizer.

— Não, eu realmente não sei. — Ela apoiou-se sobre um quadril e alisou sua saia para baixo, mais para ter algo com o que fazer com as mãos do que por estar preocupada com as pregas. — Nós não nos conhecemos por muito tempo, mas já passamos por algumas coisas muito intensas. Mais do que algumas pessoas passam juntos em uma vida. Eu gosto de você Josh. Muito mais do que provavelmente deveria.

Ele amaldiçoou, o que a deixou profundamente confusa.

— O que está errado em eu gostar de você? Preferia que eu o odiasse?

— Não. Eu preciso que você goste de mim... — Ele amaldiçoou novamente. — Quero dizer, merda. Apenas, merda. — Ele jogou a cabeça para trás e encarou o teto. — Apenas pare de se preocupar comigo, ok?

— Por que eu não me preocuparia com você?

— Porque isso é estúpido — ele rosnou. — Não preciso de sua preocupação. Recebo a merda suficiente de meus irmãos.

— Estúpido? Merda? Estou lhe dando merda ao cuidar de você. — Ele não respondeu, e raiva rugiu através dela. — Eu entendo que você teve uma infância horrível, mas você tem pessoas que se preocupam com você agora, e você deve ser grato.

— Você não sabe nada sobre minha vida, e você não quer isso.

— Como você ousa? — Ela se embaralhou em seus pés. — Como você se atreve a descartar o que eu sinto, como se não fosse nada?

Ele soltou um longo suspiro de angústia, como se isso fosse muito inconveniente para ele. — Eu não pedi que você sentisse nada por mim.

— Bem, desculpe-me por estar sendo humana. — Ela abriu a porta amplamente. — Apenas partirei, desde que sou uma estúpida e minha preocupação é como um incômodo para você.

Josh amaldiçoou. — Serena, espere...

Mas ela não ouviu o resto, em parte porque ela bateu a porta, em parte porque seu pulso batia tão alto em seus ouvidos que bloqueou todo o resto.

Tudo menos a dor.

[1] Casa de mercearias finas.

[2] Vicodin é a marca comercial de um analgésico, composto de Paracetamol e Hidrocodona. Usado no alívio e controle de dores agudas, crônicas e pós-operatórias.

Onze

A batida na porta do apartamento de Gem veio na hora certa. A mesa estava posta, o lombo de porco e as batatas assadas no forno estavam quase prontos, e a sobremesa, um bolo caseiro de abacaxi invertido, já estava no balcão, parecendo brilhante e perfeito. Kynan não saberia o que o atingiu.

O nervosismo fez suas palmas suarem no momento em que ela caminhava até a porta da frente. Ela colocou a sua mais conservadora, mas sexy roupa - uma saia preta maleável acima do joelho com um suave design de caveira e ossos no topo da fenda nas costas, um top de renda pura creme e botas de cano alto.

Ela iria fazê-lo engolir sua rejeição.

Sua determinação quase voou para fora da janela quando o viu. Ele parecia sexy, como de costume, usando um jeans desgastado, um suéter azul, e as botas de couro. Seu cabelo espetado estava molhado e ele cheirava a sabão e ar livre.

Deus, ela queria saltar sobre ele, levá-lo para o chão, e montá-lo duas vezes antes do jantar. Resistindo ao impulso, ela o conduziu para dentro.

— Uau — ele disse, quando passou na porta de entrada. — Você está bonita. — Ele cheirou o ar. — Algo cheira bem.

— Lombo de porco. — Ela o levou para a cozinha. — Alguma coisa para beber? Cerveja? Vinho?

— Eu não bebo mais.

Ela elaborou um curto, — Oh. Tudo bem, — quando ela chegou à porta da geladeira. Ela não bebia, também. Não muito, de qualquer maneira, e ela imaginava que ele estava pensando nisso, enquanto ele olhava para as tatuagens que envolviam seus pulsos, tornozelos e pescoço. Os desenhos magicamente encantados impediam o meio-demônio de sair quando ela estava com raiva ou chateada, mas o álcool reduzia sua capacidade de controlar o demônio que estava dentro dela e anulava o poder das tatuagens.

Ela virou-se lentamente, deu uma respiração apreciativa quando Kynan apoiou o quadril no balcão e cruzou os pés nos tornozelos. Ela deixou cair os olhos, por apenas um segundo, para seus quadris estreitos e pernas longas e musculosas, e, em seguida, com um balançar de cabeça para trazê-la de volta ao foco, ela disse friamente:

— Então, você vai me dizer por que você saiu com o Exército naquele dia?

— Sem conversa fiada, hein?

— Não há razão para isso.

Ele soltou um longo suspiro e olhou para o teto. — Se lembra como eu te disse que precisava disso para me encontrar de novo?

Ela assentiu com a cabeça. — Antes de seus camaradas do Exército interromperem, você disse que estava voltando para o Aegis.

— Esse era o plano, mas o Exército me queria de volta. Disseram-me que achava que eu era parte de alguma profecia.

— Tayla mencionou algo sobre isso. — Ela bufou. — Você sabe quão enigmática as profecias são? E quantas vezes elas não se tornam realidade?

— Sim. Eu sei. Mas eu precisava descobrir por que eles achavam que eu estava envolvido, e se a coisa de anjo caído era verdade.

— Coisa de anjo caído?

Ele encontrou o seu olhar. — Aparentemente eu tenho um anjo caído empoleirado na minha árvore genealógica. Há muitos parentes atrás. Tempos bíblicos, provavelmente.

Bem, isso meio que era legal. — Então, o Exército acha que isso é importante?

— É por isso que me queriam de volta. Eles realmente não me deram uma escolha.

— Oh, vamos lá. — Ela zombou. — Você iria de qualquer maneira. Você e seu complexo de herói.

Foi uma coisa mal-intencionada de se dizer, mas ele simplesmente enfiou as mãos nos bolsos das calças e assentiu.

— Eu mereci essa.

— Você mais do que merecia. — E lá se foi a tentativa de manter seu temperamento sob controle. — Como você pôde fazer isso comigo? Quer dizer, eu entendo por que você foi, mas como você poderia me dizer que me quer e, em seguida, ir embora e enviar uma mensagem de adeus através de Runa? Você não poderia fazê-lo você mesmo? Que tipo de covardia foi essa?

— O tipo de movimento que envia você direto para o outro cara — ele retrucou.

— E você queria isso... por quê?

De repente, ele estava na frente dela, apertando as mãos para baixo no balcão atrás dela, colocando ela entre seu corpo, seus braços, e o balcão.

— Eu estava em um lugar muito ruim. Eu senti muita falta de você, e eu percebi que, se você seguisse em frente, eu poderia concentrar no que eu precisava fazer. Mas eu deveria ter pensado melhor, porque eu não conseguia pensar em nada além de você. — Ele enfatizou suas palavras com uma lenta aproximação de sua pélvis contra a barriga dela. — A ideia de que outro homem poderia estar fazendo amor com você me matou.

— Bom. — Ela inclinou a cabeça para olhar para ele. — Você me magoou.

Ele abaixou a boca para a dela. — Sinto muito — ele disse contra seus lábios, e um choque de calor passou por todo o seu corpo até seu sexo. — Eu sinto muito.

Tentativamente, ele a beijou, mas ela não o beijou de volta. Pelo menos, não até que ele passou sua língua sobre o lábio inferior enquanto pressionava seus quadris nos dela, fazendo-a ofegar e abrir para ele. Instantaneamente, ele penetrou sua boca, o toque quente e úmido de sua língua contra a dela, forçando sua participação.

Um lento calor aqueceu o sangue em suas veias, de modo que quando ele arrastou sua boca ao longo de sua mandíbula e do pescoço para baixo, ela jogou a cabeça para trás e deixou completamente.

— Mais? — Ele murmurou contra sua pele.

Tudo o que ela conseguiu falar foi um suave, — Mmm-hmm.

Sua respiração ficou fraca enquanto ele a segurou para colocar sua bunda em cima da mesa, entre os pratos e os castiçais.

Ele empurrou a saia em torno de sua cintura de qualquer jeito e, em seguida, desabotoou o jeans. Ele não tirou tudo, ao invés voltou sua atenção para arrancar a calcinha. Que acabou rasgando quando passou por uma de suas botas, mas ela não se importou. Ele faz isso com ela, s faz se esquecer de tudo, exceto como se sentia quando ele a tocava.

Precisando de um contato mais próximo, ela segurou seus ombros, mas ele pegou seus pulsos com uma de suas grandes mãos e esticou os braços sobre a cabeça. Ele enganchou o outro braço por trás da cintura dela e inclinou suas costas, arrastou a língua de sua garganta até onde sua camisa estava aberta entre os seus seios enquanto ele se abaixava para a mesa.

Ele olhou para ela, a fome primitiva e à luz de velas cintilando fazendo os seus olhos brilharem. — Eu vou fazer aqui na mesa mesmo, Gem. Você pode lidar com isso?

— Sim — ela gemeu, e apertou as coxas em torno de seus quadris, seu núcleo apertado contra o seu pênis, que havia sido libertado de sua prisão. Nesse momento ela podia lidar com qualquer coisa dele. Ela teria relações sexuais com ele a qualquer hora, em qualquer lugar, de qualquer maneira que ele queria fazer.

Mais tarde, ela iria castigar-se por ser um capacho patético, mas agora ela só queria se sentir novamente da forma como ele a fazia se sentir. E agora, ela estava sentindo seus braços, deslizando os dedos para baixo, o interior sensível até chegar a sua caixa torácica. Arrepios tremiam em sua pele, e eles só se intensificaram quando ele desabotoou a camisa para expor seus seios nus para seu olhar e suas mãos.

Ela mordeu o lábio para não chorar quando ele esfregou círculos lentos ao redor de seus mamilos e depois abaixou a cabeça para passar rapidamente sua língua sobre as pontas firmes deles.

— Você gosta disso — ele rosnou. — Diga. Diga-me o que você quer.

— Morda eles. — Ela respirava. — E me encha. Eu preciso de você dentro de mim.

Um tremor sacudiu o corpo dele, como se ele estivesse aliviado

por ter recebido o vá em frente. Uma pontada de dor cortou-a quando os dentes dele morderam um mamilo, não forte, mas com pressão suficiente para aumentar o prazer do seu eixo que se estendia em sua entrada enquanto ele deslizou para dentro.

Ela apertou suas coxas em torno de sua cintura e arqueou para cima, tomando tudo dele tão profundo quanto ele poderia ir. Por um momento, ele permaneceu imóvel, usando os dentes, língua e mãos para criar as sensações mais requintadas em seus seios. Mas muito cedo, ainda que não suficientemente cedo como gostaria, ele ficou reto, agarrou seus quadris, e puxou-a com firmeza contra ele. Suas pernas pendiam sobre o lado da mesa, sua bunda apenas na borda.

A vulnerabilidade dessa posição foi de tirar o fôlego, a saia enrolada em torno de sua cintura, os seios expostos, os braços ainda acima de sua cabeça porque ela não se atreveu a movê-los. Não enquanto ele a observava com uma expressão de comando no rosto, as ordens emitidas através de seu olhar.

O calor das chamas de velas tocaram sua pele, pequenos momentos de calor. Ela ansiava sentir a língua de Kynan lambendo-a assim, girando em torno do seu piercing no umbigo, traçando a tatuagem de rosa em sua perna, acariciando entre as pernas.

Mas ela não achava que ela poderia pedir isso. Ela podia ter autoconfiança quando se tratava de seu trabalho, mas sua inexperiência sexual a fazia muito tímida no quarto.

Fechando os olhos, ela revirou os quadris, sorrindo para o chiado repentino de ar entre os seus dentes. — Você está querendo gozar já? — O polegar espalhando em suas dobras e descobrindo uma posição que a fez gritar. — Não pode esperar, hein? — Seus quadris bombeando uma, duas, trazendo-a ao limite.

— Deus, sim — ela engasgou.

— Eu quero fazer você gozar mais e mais. Todos os dias. — Sua voz era rouca, esfumada, e ela quis saber o que sentiria se ele falasse contra o seu núcleo dolorido.

— Oh, sim... Kynan... agora.

Como se uma represa tivesse quebrado, ele começou a entrar mais nela, ao mesmo tempo, ela deslizou para frente e para trás sobre a mesa polida. O atrito queimou suas costas, a cera da vela se espalhou em sua barriga e seios, e a luxúria ardia entre as pernas.

Seu ritmo ficou furioso, e o som molhado de seus corpos em colisão tornou-se um gatilho para a resposta mais primitiva para qualquer humano ou demônio. A sensação passou através dela, balançando-a com tanta força que uma das velas derrubou salpicos de cera quente em toda a sua costela ao mesmo tempo em que o sêmen quente de Kynan entrava nela.

Ela percebeu então que ele não havia usado um preservativo.

Ela estava na pílula, graças a Deus. Ela não estava preocupada com a doença. Ela estava muito mais preocupada com a gravidez acidental. Qualquer criança nascida com ela e um ser humano seria três quartos de humano, um quarto de demônio, e, para muitos, uma abominação.

Embora ela mal pudesse respirar, ela conseguiu levantar a parte superior do corpo o suficiente para se apoiar nos cotovelos. Ela e Kynan ainda estavam juntos. Ele ficou entre as suas pernas, cabeça pendurada, peito arfante com a força de sua respiração. Seu suéter levantado, revelando um coldre por baixo. Ele estava armado, pronto para uma luta.

— Merda — ele respirou. — Camisinha.

— Estou usando pílula.

— Sinto muito. Eu não podia esperar. — O pensamento daquele... cara... tocando em você...

— Que cara?

— Na noite passada. Eu vi você com alguém no estacionamento do hospital.

Amargura brotou, arruinando seu brilho pós-sexo. — Lore? Então essa foi a razão disso? Você estava com ciúmes?

Na luz fraca das velas, ela viu a expressão dele virar selvagem. — O que você estava pensando? O cara é um demônio.

— E isso não é da sua conta. — Ela empurrou o peito com força suficiente para fazê-lo dar um passo para trás, e ela quase gritou com a perda, o vazio. — Você perdeu o direito de ter ciúmes quando você me deixou.

— Isso não é como devia ter sido. — Sua voz era dura e sua

mandíbula estava apertada como ele enfiou-se de volta em suas calças tão rapidamente que, em segundos, ela nunca teria sabido que eles tinham acabado de ter feito sexo.

Só que ela ainda estava exposta, seminua. Sem jeito, ela puxou para baixo a saia e puxou sua camisa para cobrir os seios. — Não? É assim que foi para mim. E isso?

Ela fez um gesto entre eles. — E isso não foi fazer amor. Isto foi uma foda por ciúmes. Um ano atrás, teria sido suficiente para mim, mas não mais. Vá embora.

— Gem...

— Vá. Embora.

Ele a observou enquanto os olhos dela estavam fechados, sua frustração evidente nas linhas de seu tenso corpo. Por um segundo, ela pensou que ele argumentaria, mas depois ele se dirigiu até a porta e a fechou. Ela não pensou que ele poderia machucá-la mais do que quando dera adeus através da Runa, mas enquanto ele fechava a porta atrás dele, ela percebeu que estava errada.

Tão, tão errada.

†††††

Aquilo poderia ter sido melhor, Kynan pensou, enquanto caminhava pelo corredor do apartamento de Gem.

Ele esfregou a mão sobre o rosto e tentou dizer a si mesmo que ele não era o maior bastardo do mundo.

Mentiroso.

Ele veio aqui para falar, para ser sedutor e romântico... e em vez disso ele tratou Gem como se ela fosse um brinquedo sexual. Ele a queria, ele estava com ciúmes, e egoísta, ele agiu por impulso.

Ele se virou e olhou para a porta, tentando a voltar e explicar. Se desculpar. Só que ela estava seriamente irritada, e ele duvidava que ele fosse longe.

Ele era um idiota.

Idiota era pouco, imbecil.

Amaldiçoando, ele virou e se dirigiu para o elevador. Ele estava hospedado com Eidolon e Tayla, porque embora preferisse um quarto de hotel, Tay havia insistido. Além disso, permanecendo com eles dava a todos eles a oportunidade de acompanhar e comparar notas sobre os recentes acontecimentos na Terra e no Sheoul.

Ele se perguntou se Gem sabia que ele estava hospedado com sua irmã.

Ele e seu *complexo de herói*.

Ok, isso foi uma avaliação justa. Mas seu complexo não se tratava de elogios ou a feliz-feliz sensação de resgatar gatinhos de árvores ou de pára-quedismo em zonas de guerra para salvar soldados abatidos. Ele não se importava se alguém sabia o bem que ele havia feito. Ele só precisava fazê-lo. Para fazer a diferença.

Claro, ele poderia fazer a diferença nas ruas como paramédico ou policial. Ele poderia se realistar e fazer a diferença, remendar soldados feridos. Mas no fundo, ele sempre quis fazer coisas em uma escala maior. O que significava salvar não apenas poucos homens, mas a humanidade como uma raça.

Isso era uma grande piada, porque se ele não poderia salvar-se, quanto mais à humanidade.

Ele foi até o elevador, apertou o botão para descer, e um momento depois que as portas se abriram, o bastardo que esteve com Gem na noite passada saiu.

Raiva territorial girou mais rápido do que uma tempestade de primavera, e Kynan se moveu para bloquear o cara. — Lore, certo?

O macho estreitou os olhos escuros. — Quem é você?

Eu sou o homem que vai cortar sua cabeça do seu corpo, demônio.

Kynan alcançou automaticamente o punhal escondido dentro de seu bolso, mas parou no cabo quando a voz de Gem passou através de sua cabeça. *Você perdeu o direito de ter ciúmes quando você me deixou. Isso não foi fazer amor. Isto foi uma foda por ciúmes.*

E matando seu amante provava exatamente o que ela tinha dito.

Embora cada parte de seu instinto gritasse com ele para matar o demônio que estava na sua frente, ele puxou a mão da arma. — Quem sou eu? — Ele perguntou calmamente. — Eu sou a sua concorrência.

†††††

Luzes vermelhas girando sobre as paredes da sala de emergência anunciaram a chegada da única ambulância que estava trabalhando no Underworld General Hospital. A outra explodiu um motor esta manhã. Perfeito. Em cima das desgraças do hospital, Eidolon havia estado doente com algum tipo de vírus de demônio, e parecia que Shade pegou também.

Estremecendo seus músculos doloridos, Eidolon vestiu uma bata e terminou de calçar as luvas, enquanto Shade e Luc empurravam uma maca carregando duzentos quilos de um demônio Suresh grávida para primeira sala de trauma. A fêmea gemeu e jogou a cabeça, os negros dreads batendo contra os equipamentos que ameaçavam cair.

— Não há progressão no trabalho de parto, desde que nós a pegamos — disse Shade. — Eu posso fazer o útero contrair, mas parece haver um bloqueio.

— Bip Shakvhan. — Normalmente Eidolon não exigia um médico do sexo feminino para lidar com um nascimento, mas fêmeas Suresh eram notórias em odiar os homens, e elas respondiam muito melhor ao mesmo sexo. Como elas sequer conseguiam engravidar era um mistério.

— Eu vou limpar o equipamento — Luc disse, e saiu da sala. Ele era um ótimo paramédico no campo, mas uma vez que ele trazia um paciente, não queria mais nada a ver com eles.

A Suresh levantou a cabeça e gritou, e o sangue jorrou entre as suas pernas musculosas. Shade agarrou a mão dela, sua *dermoire* brilhando quando ele canalizava o poder para ela. — Está vindo.

— Machuca — ela gemia, com os dentes cerrados.

— Acho que não vamos esperar pela Shakvhan. — Eidolon teria que arriscar suas chances com a fêmea e esperar que ela não arrancasse seu braço fora.

Rapidamente, ele montou um lugar esterilizado. Shade ajudou com toalhas enquanto a fêmea empurrava as contrações, chegando uma em cima da outra.

— Lá vamos nós — Eidolon respirava, quando a cabeça do bebê começou a aparecer. Era grande. Maior do que deveria ser... e mais suave. — Shade, contraia o útero.

Shade moveu a mão para baixo, no estômago inchado da Suresh, e fechou os olhos. A fêmea gritou e continuou a dar luz.

A cabeça do bebê emergiu. Eidolon jurou silenciosamente. Este não era um bebê Suresh, e ele teve um momento de tanto temor quanto alegria em sua súbita suspeita.

— Você está indo bem, fêmea — ele disse. — Shade, mais um.

Outra contração veio dela, e a criança saiu totalmente para fora, coberta de sangue e líquido do parto, mas a *dermoire* no braço direito da criança confirmou suas suspeitas. Demônio *Seminus*. A mãe não ficaria feliz.

— Shade, eu preciso de você para tirar o bebê.

Surpresa tremulou nos olhos escuros de seu irmão. Este foi apenas o segundo *Seminus* nascido na UG. O primeiro, mais de dez anos atrás, possuía as marcas de um dos *Seminus* do membro do Conselho, e a mãe queria a criança. Eidolon tinha a impressão que a Suresh não iria. Pelo menos, ela não gostaria de criá-lo. Comê-lo, talvez. Matá-lo, definitivamente.

— Onde ele está? — A fêmea se contorcia sobre a mesa, tentando ver seu filho.

Shade embrulhou o bebê berrando em um cobertor e trouxe-o ao redor.

— *Esse?* — Ela gritou. — Isso é o que cresceu dentro de mim? Esse *parasita*? — Ela rosnou e tentou alcançá-lo, mas Shade saiu do caminho. A escrita nas paredes pulsava violentamente, e ela gritou na ativação do feitiço Haven. Ela segurou a cabeça e ficou ofegante com a dor, mas ela nunca parou de olhar para o bebê. — Dê-me. Vou levá-lo fora e esmagá-lo.

Um rosnado baixo emanava profundamente da garganta de Shade. — Nós nos livraremos da criança. — Ele se afastou antes que a

fêmea pudesse argumentar, mas ela amaldiçoou em uma dúzia de línguas diferentes enquanto Eidolon completava os procedimentos pós-parto.

Quando ele terminou, ele encontrou Shade com o bebê no berçário. Ele não olhou para cima enquanto Eidolon entrava. — Parabéns, mano. Você é tio de novo.

— O que você disse?

Shade prendeu uma fralda como um profissional e se voltou para ele, mantendo uma mão protetora na barriga do bebê. Shade sempre foi bom com os jovens de qualquer espécie, havia praticado muito com suas irmãs, mas desde que se tornou um pai ele mesmo, desenvolveu um instinto paternal mais forte.

— Este é descendente de Wraith — ele disse, e Eidolon perdeu um passo enquanto se aproximava da mesa.

— Interessante. — Eidolon passou o dedo sobre a *dermoire* da criança, fazendo uma pausa ao longo do topo da marca, uma amпуlhetta na base do pescoço, o que identificou o pai como Wraith.

— Eu já falei com a Runa. Vamos criá-lo como nosso.

— Você pretende contar a Wraith? Porque mesmo com todos os seus defeitos, ele pode contar e, eventualmente, ele vai descobrir que você tem quatro bebês em vez de três.

Shade balançou o bebê que se contorcia no cobertor. — Sim, ele precisa saber. E ele deve ser o único a nomeá-lo.

Eidolon balançou a cabeça. — Isso é estranho.

Shade levantou delicadamente a criança em seus braços. — Isso nunca vai acabar não é? — Seu olhar vidrado em Eidolon. — Nós nunca vamos parar de limpar a bagunça do Wraith.

— Ele está fazendo o que nossa raça faz depois do *s'genesis*.

— Eu não estou falando de povoar o mundo com jovens *Seminus*.

— Eu sei. Wraith sempre foi um criador de problemas, e em um ponto, ele quase começou uma guerra entre a espécie deles e os vampiros. Causar estragos era o que ele fazia melhor. — E vai ser

ainda pior uma vez que ele receber esse encanto.

Shade olhou para o recém-nascido. — Às vezes eu acho que a única coisa que mantém Wraith vivendo é a ideia de que, eventualmente, alguém ou algo vai matá-lo. Se ele tiver o encanto, ele não vai ter mais isso. Eu não quero vê-lo perder a cabeça como nosso pai fez. Como Roag fez.

— Como eu quase fiz — disse Eidolon calmamente. Se não fosse por Tayla, ele teria se transformado em uma besta e seus irmãos teriam sido obrigados a matá-lo.

— Não podemos perder a esperança. — Shade fez alguns barulhos para o bebê e depois olhou para cima. — Wraith é cheio de surpresas.

— Sim, mas elas geralmente não são boas. — Eidolon esfregou a ponta de seu nariz quando sua persistente dor de cabeça agravou-se. — Ei, você está se sentindo melhor?

— Eu gostaria — disse Shade. — Esta manhã meu estômago apertou tão forte que eu achei que minha coluna estava rachando.

— Runa e as crianças estão bem?

— Eles estão ótimos. Na verdade, eu não vi qualquer outra pessoa doente. Talvez este seja um vírus específico da nossa raça?

— Talvez. — Mas algo sobre isso não estava certo. Ou seja, eles não tiveram contato com quaisquer outros Sems. Wraith foi piorando, mas foi por causa do veneno... — Oh... oh, porra.

— O quê?

— Eu preciso verificar uma coisa. Vou chamar quando eu receber uma resposta definitiva.

— E...

Eidolon ignorou Shade e correu em direção ao seu escritório. Ele tinha um forte sentimento que isto não era um vírus. Isto era um câncer.

Doze

Wraith passou uma noite terrível depois que Serena deixou sua cabine. Ele despertou tão excitado que doía, necessitando de uma injeção da droga anti-libido de Eidolon, mas isso foi apenas uma pequena parte da insônia de Wraith.

Ele não conseguiu tirar Serena de sua mente. Sua voz, seu cheiro, os sons que ela fazia quando gozava. Deuses, a sensação de seu mel em seus dedos... ele queria sentir o gosto dela e, em seguida, enterrar-se tão profundo dentro dela que ela poderia senti-lo lá por semanas.

Exceto, ela teria semanas de vida depois? Pensaria sobre ele e lamentaria o que ela deixou que ele tomasse?

Ele guerreou com ele mesmo sobre se deveria ou não ir atrás dela e pedir desculpas, mas no final ele decidiu dar-lhe algum espaço. Além disso, a sua incapacidade de tirar a virgindade dela quando ele teve um par de oportunidades estava mexendo com ele. Por que diabos ele estava evitando? Disse a si mesmo que estava brincando com sua presa do jeito que ele sempre fazia, mas estava? Ou estava adiando o grande final, porque pela primeira vez em sua vida, ele estava gostando de estar com uma mulher para algo mais do que sexo?

Ele ficou acordado durante horas pensando sobre isso, e quando ele finalmente adormeceu, sucumbiu a pesadelos novamente. Ele foi transportado de volta ao porão escuro, o calabouço onde passou sua infância, trancado em uma jaula com nada mais que um áspero cobertor de lã no chão de terra para dormir e um balde de metal no canto que funcionava como um banheiro.

Ele balançou a cabeça para se livrar das lembranças e pesadelos enquanto saía do vagão-restaurante e se dirigia à cabine de Serena. Ela não apareceu no café da manhã, e agora ele estava preocupado que ela estivesse assustada com o que havia acontecido entre eles na noite passada e tenha saído do trem em Luxor ou Cairo, as duas paradas antes de Aswan. Se ela tivesse, ele estaria parafusado, certamente na parede e em seu túmulo.

Merda.

Ele aumentou o ritmo de sua caminhada a uma corrida quando se aproximou de seu dormitório. Quando chegou à porta da cabine, ele bateu na porta. Esperou. Seus pulmões doeram, e ele percebeu que esteve prendendo a respiração.

Ela não respondeu. Ele bateu de novo e estava prestes a chutar a porta quando ela finalmente abriu. Ela usava calça cáqui e uma camisa de mangas compridas verde-oliva de botão, mas seus pés estavam descalços e seu cabelo era um emaranhado fofo e dourado ao redor de seus ombros, e ele teve a nítida impressão de que ele a acordara.

— Ei, — ela disse. — Eu devo ter dormido depois que eu me vesti esta manhã. Você já tomou café da manhã?

Ele balançou a cabeça e estendeu a caixa na mão. — Achei que você tinha dormido, assim eu trouxe uma coisa para você.

— Você não precisava fazer isso, — ela disse mesmo quando pegou a caixa da sua mão. — Mas obrigada. Você está se sentindo melhor? Como está seu estômago?

— Bom. — Ele ficou lá como um idiota, sentindo-se estranho e estúpido, e ela não estava tornando as coisas mais fáceis olhando para ele como se esperasse alguma coisa. Como, talvez, um pedido de desculpas. Porra. Ele não era bom nisso. Ele esfregou a nuca, o que nada fez para aliviar a tensão ali. — Ah... eu poderia entrar?

Ela apoiou-se no espaço estreito. — Fique à vontade.

Ele entrou. — Eu lhe devo um pedido de desculpas — ele desabafou. Homem, aquilo doeu.

— Eu concordo.

Ok, e agora? Ele enfiou a mão no bolso e sentiu o seu canivete, que sempre o confortou. — Então... eu sinto muito.

— Rapaz, você é péssimo se desculpando.

— O que você quer que eu faça? Cair aos seus pés e pedir perdão? — Ele estalou para ficar de boca fechada, porque falar com ela dessa forma definitivamente não melhoraria em nada.

Ele parecia estar perdendo terreno com ela muito mais rápido do que estava ganhando, e era necessário modificar isso e rápido. *E* ligou esta manhã, e seu irmão aparentou estar bem mal quando ele falou sobre toda a merda que está acontecendo. Aparentemente, a terceira ala inteira do hospital havia desmoronado. Seis membros da equipe morreram, o que tomou muita magia poderosa para manter as ruas da cidade de Nova Iorque acima do hospital subterrâneo e não dentro.

Lide com isso. Apenas lide com isso. — Serena, eu sinto muito. Eu realmente sinto. Eu não sou bom com desculpas. Obviamente.

— Está tudo bem — ela suspirou. — Não é tudo culpa sua. Eu exagerarei algo que não deveria ter sido grande coisa.

— Não. — Ele pegou a caixa dela, jogou-a na cama atrás dela, e emoldurou o seu rosto nas mãos. — Eu sou o único que exagerou. Eu não estou acostumado com ninguém se preocupando comigo. Ninguém, exceto meus irmãos, de qualquer jeito. — Ei, isso não foi tão difícil. Provavelmente porque era a verdade. Ideia nova, dizendo a verdade...

— E seus irmãos se preocupando é uma coisa ruim?

— É como se eles achassem que eu preciso de uma babá.

Ela cobriu uma das mãos dele com a dela, acariciou-lhe os dedos com o polegar. — Então, eles são super protetores ou porque você tem feito algo para merecer a sua preocupação?

Ele piscou surpreso com a pergunta. — Você fala o que vem na sua cabeça, não é?

— Eu descobri que rodeios levam muito tempo para chegar ao mesmo lugar.

Homem, ele gostava dela. Ele realmente, *realmente* gostava dela. — Baby, você está falando a minha língua.

— Então... sobre seus irmãos?

— É um pouco das duas coisas com eles — ele disse, correndo com a coisa honestidade. — *E* é um médico, ele é naturalmente um cara preocupado, e Shade sempre foi o tipo que se importava, mas ele está exagerando desde que se tornou um pai.

— E quanto a você? O que você fez para que eles se preocupassem?

— Não há tempo suficiente neste dia para listar tudo — admitiu. — Vamos apenas dizer que eu fui um menino muito mau.

Algo despertou em seus olhos. Excitação, como se ela estivesse imaginando ele fazendo coisas impertinentes. Talvez para ela. — As garotas gostam disso, sabe.

— Como o quê?

Ela enganchou um dedo sob a gola da camiseta dele e puxou de brincadeira. — Meninos maus.

— Oh, é? — Sua voz era baixa e áspera, e ele gostou. — E você? Você gosta de meninos maus?

— Há definitivamente algo sobre eles — ela respirou.

— Bom. — Curvou-se e pegou a orelha dela com os dentes. O cheiro de seu desejo encheu o ar, e as narinas dele, inalando tudo. — Porque eles não são piores do que eu.

— Eu não sei... — Seu tom era provocante, ainda que rouco, a fez mais tentadora pelo jeito que ela arrastou o seu calcanhar até a panturrilha dele. — Estou ouvindo muita conversa e nenhuma ação.

— Você sabe o que acontece quando você agitar uma colméia, certo? — Ele se aproximou do pescoço dela, aproveitando o som de seu gemido suave.

— Ainda bem que eu não sou alérgica a picadas de abelhas.

Ele abriu a boca sobre a sua jugular e permitiu os caninos de seu vampiro apenas alisar sua pele. — Minha picada é muito mais potente.

Ela cedeu contra ele, e ele teria se contentado em continuar com isso, mas eles desceriam em Aswan em poucos minutos. — Eu estou indo pegar minhas malas. Eu quero que você tenha comido tudo da caixa na hora que eu voltar.

Ela saiu de seus braços e seus punhos estavam colados na cintura em aborrecimento, o que poderia ter sido mais eficaz se ela não tivesse apoiado seu cotovelo na parede. — Você com certeza é

mandão.

Ele deu de ombros. — Parte do jeito de menino mau. Agora coma. Eu não quero que você acabe desmaiando antes mesmo de chegar ao hotel.

— Eu não vou desmaiar...

Ele a calou com um beijo. — Se você fizesse, eu pegaria você. — Deuses, ele ria de qualquer um de seus irmãos que dissesse isso para suas companheiras, os idiotas apaixonados. Então, ele tentou dizer que tudo isso era parte da sedução. Que era tudo parte do seu esquema covarde de tirar a virgindade de Serena e seu encanto.

Isso era qualquer coisa além a verdade, porque a verdade era que Serena estava começando a ser muito mais do que uma missão.

†††††

Eles não são piores do que eu.

As palavras de Josh permaneceram na cabeça de Serena enquanto eles se aproximaram a pé do hotel. Ela não acreditou nele. Oh, ele havia conversado, flertado, e todos os outros clichês, mas ela sentiu vulnerabilidade sob o bonito exterior resistente. Como quando ele falou sobre sua infância. Aquilo foi uma faca no coração.

Sua mãe o mantinha em uma jaula? E a família dela matou seu pai? Como ele saiu de tal situação? E o que aconteceu à sua mãe?

Serena orou para que ela estivesse apodrecendo na prisão em algum lugar. Josh viveu uma vida infernal, mas o fato de que ele havia sobrevivido - com um senso de humor, no final - dizia muito sobre a sua força.

Ele caminhou ao lado dela com os óculos de sol, abrindo um caminho através da multidão com nada mais do que seu tamanho e presença. A brisa fresca saindo do Nilo chegou a seu cabelo, e de vez em quando ele precisava jogá-lo para trás e assim revelar o perfil que ela nunca se cansava de admirar.

Patético, realmente.

Ele desacelerou para brincar com um gato que estava na frente de um frigorífico. O olhar dela o observou com cautela, enquanto o

gato se esfregava contra Josh como um velho amigo.

Ela apenas balançou a cabeça com espanto que alguém tão forte, tão poderoso, poderia ser tão gentil com um pequeno animal. Então, novamente, seu toque nela na noite passada havia sido qualificado e ágil, e ela aqueceu só de pensar nisso.

— Eu não pensei que fosse uma pessoa que gostasse de animais — ela disse, quando o gato correu para alguns restos jogados em um prato perto da porta da loja do lado.

Ele deu de ombros. — Por alguma razão, eles gostam de mim. A mulher... do meu irmão... tem essa fuinha que não me deixa em paz. Ela diz que ele é um traidor.

— Seu irmão?

— A fuinha.

— Bem, a fuinha tem bom gosto. — O rosto dele corou, e ela não pôde deixar de sorrir.

— Minha mãe costumava dizer que um homem que odeia gatos é inseguro, mas um homem que gosta deles é um que vale a pena manter. Se ele puder apreciar um gato, ele pode apreciar uma forte e independente mulher.

Ele bufou. — Querida, eu posso apreciar qualquer mulher.

— Mas as fortes, as independentes são as melhores, certo?

Para o tom de provocação - ok, busca por elogios - ele sorriu. — Estou começando a ver os benefícios. — Ajustou as sacolas que ele carregava em seu ombro. — Então, para onde estamos indo?

Ela se juntou ao lado dele para evitar ser atropelada por um homem em uma moto que desviara de um veículo aparecendo na calçada. Ela amava o Egito, mas sério, ninguém neste país sabia dirigir.

— Philae — disse ela. — O Templo de Hathor. Eu acredito que está escondida dentro de um dos pilares uma tabuleta de pedra com inscrições que devem trabalhar em conjunto com a moeda que encontrei em Alexandria.

Ele deu uma parada, sacudindo-a para parar com ele. — O que

você pretende fazer com esses artefatos?

— Por que você pergunta?

— Curiosidade.

— Quando eu estou apenas curiosa, eu não aperto a mão de alguém como uma massa.

Josh amaldiçoou e afrouxou o aperto. — Eu machuquei você?

— Eu sou mais forte do que isso. Mas por que você está tão curioso?

— A magia antiga não é algo para se brincar.

Ela revirou os olhos. — Eu não vou realizar uma cerimônia eu mesma. Os itens são para Val. Você sabe que há algo acontecendo. Algo ruim, ou demônios não estariam atrás de mim e os artefatos, certo? — Falando nisso, ela precisava de uma conexão de Internet o mais rapidamente possível. Ela precisava descobrir o que pode ter afetado seu encanto, e a pesquisa de Val sobre o Aegis parecia o melhor lugar para começar a procurar.

Josh esfregou a nuca, o movimento tornando os músculos em seu braço flexíveis debaixo de sua pele bronzeada. — Eu acho. Nós estamos indo, ou o quê?

Ela olhou para o relógio. — Acho que podemos ir ao nosso hotel.

— Sim. Mas aqui está a situação. — Ele deu um passo em direção a ela, tão perto que ela recuou um passo, mas ele se moveu com ela. — Você tem algo atrás de você. Eu posso te proteger. Nós dividiremos um quarto.

— Eu posso me proteger. — De tudo, exceto Byzamoth. E talvez outros demônios. E Josh.

— Eu posso fazer isso melhor. Eu posso fazer um monte de coisas melhores — ele disse, e o tom, disse-lhe que pensava no orgasmo que ele deu a ela. — Você precisa de mim.

De algum lugar lá no fundo, ela sentiu como se quisesse protestar, mas ele estava certo. E do jeito que ele estava olhando para ela, seu olhar aquecido e hipnótico, tudo que seduzia uma mulher.

— Nós pegamos uma suíte, e você pode ter o sofá — ela conseguiu dizer, mesmo sabendo que ele ia acabar na cama dela.

Seu sorriso arrogante disse que ele sabia disso, também. Mas ele teve a decência de não dizer nada. Em vez disso, ele baixou a cabeça. Ela pensou que ele ia beijá-la, mas ele não o fez. Não na boca. Não, ele inclinou o queixo para trás com a mão e abriu a boca sobre a sua jugular. No lugar que ele a mordeu em seus sonhos.

Ela oscilava com os joelhos fracos. Seus dentes raspavam em sua pele e por um louco momento ela pensou que ele realmente iria mordê-la, como se esta fosse algum tipo de fantasia vindo à vida. Ela gemeu e agarrou a sua camisa, segurando-o lá, encorajando-o, desejando que eles estivessem sozinhos, porque uma dor profunda a tomou entre as pernas, e fechou o acordo que ela disse a si mesma na noite passada.

Ela faria algumas dessas *outras coisas* esta noite.

Treze

Havia um Harrowgate na ilha de Philae. Wraith sabia por que podia senti-lo. E porque o usou vinte anos atrás, quando veio aqui em busca de uma estátua de Ísis[1].

O fato de que a ilha era sede de um Harrowgate era muito ruim, dado que os demônios estavam atrás de Serena, mas pior ainda, foi ativado recentemente.

Alguma coisa estava muito, muito mal. O que quer que saíra do Harrowgate ainda estava aqui. Na verdade, Wraith podia sentir muitas presenças malignas. Não era estranho que os demônios estivessem na ilha, era, afinal de contas, um ponto quente para os rituais demoníacos. Mas não durante o dia, e certamente não na quantidade que Wraith sentira.

Ele e Serena chegaram de barco depois de se registrar no hotel. Ele ficou irritado, a princípio, por sua insistência em uma suíte, mas o quarto extra lhe deu espaço suficiente para se sentir confortável, e tudo o que o fazia se sentir confortável funcionava ao seu favor.

Tomou o remédio enquanto ela tomava banho, dando a ele a oportunidade de melhorar a náusea que havia tomado conta dele logo depois de se registrar. Ele não podia ser tratado como um doente outra vez.

Demônios, não queria lidar com nada disso. Não havia dormido ontem à noite perguntando-se por que ainda não tomara sua virginda, mas essa manhã, um pensamento horrível veio a ele. Estava estendendo isso porque queria conhecê-la? Esperava que ela quisesse conhecê-lo, aprenderia a amá-lo, e demonstraria isso fazendo amor com ele?

Ele quase riu em voz alta. Quem diabos ama alguém o suficiente para entregar sua vida por uma noite de sexo?

Ninguém. O que significava que poderia muito bem se dar por vencido. Ele podia ficar com ela, protegê-la até que chegasse em casa, e então ele poderia se cobrir de glória, matando um vampiro ou algo parecido.

Já teve planos piores.

Assim que... isso era tudo, então. Ele ia morrer, e Serena ia viver.

Esperou o pânico se apoderar dele, ou pelo menos uma mudança de sentimentos. Mas não aconteceu nada. Em todo caso, se sentia mais leve... era isso que se sentia quando se fazia algo altruísta?

A sensação era estranha. Incômoda, mas... não horrível. Era igual a licor com sabor de merda, mas que bebia sem problemas.

Wraith observou Serena, de pé no sol, seu delicado perfil fazia contraste com a paisagem áspera. Ela não usava maquiagem, mas sua pele brilhava com vitalidade. E as linhas do seu corpo tonificado falavam de força e resistência.

Deus, ela era maravilhosa.

E ele era um idiota por admirá-la quando ele devia estar protegendo-a. Focou-se no modo batalha, estava alerta enquanto Serena passeava pelas ruínas, completamente indiferente ao perigo que a rodeava. Quando um pedaço de pau quebrou embaixo dos seus pés, ele se virou com os punhos fechados e prontos para atacar.

— Caralho, você está nervoso — Serena disse. Ela fez um gesto para a multidão de visitantes que andavam na ilha. — Preocupa você que nos peguem?

Ele estava olhando na direção do Harrowgate. — Não é isso. É mais que isso. Más vibrações. Talvez devêssemos ir. Voltar mais tarde.

— Isso tem alguma coisa a ver com Byzamoth? — A maneira que ela lhe perguntou, uma pequena vacilação em sua voz, o surpreendeu. Até agora, tinha sido muito diferente com os demônios que havia encontrado.

— Talvez.

Parecia considerar sua sugestão de voltar mais tarde, mais depois de um momento sacudiu a cabeça. — Vamos ficar bem. Isso é muito importante para esperar. — Começou pelo Templo de Hathor, e não teve outra escolha a não ser segui-la. Manteve os olhos abertos, explorando a paisagem para qualquer coisa fora do comum. E o cabelo levantado na parte de trás da sua nuca lhe dizia que alguma coisa os observava. Esperava.

Eles abriram o caminho através da quente e empoeirada terra do templo, que ficava em cima da ilha, uma concha quebrada era o que um dia foi um grande edifício. Seu pequeno pátio estava vazio de visitantes, mas então, seu pátio era mais ou menos uma pilha de rochas velhas sem interesse.

Parou perto da parede. Uma brisa, um pouco fria por conta da água circundante, sobrou o cabelo em seu rosto, mas ela não parecia ter percebido. Ela ficou imóvel como uma estátua, com os olhos brilhantes como âmbar presos no sol.

— Você pode sentir a história? — Finalmente sacudindo o cabelo de suas bochechas. — Eu amo os lugares que visito. Eu amo a forma em que se enchem de vida. A vida aqui é quase irresistível.

— Você pode dizer isso mais uma vez? — Murmurou, mas não estava falando da mesma vibração. Ainda estava com seu radar voltado para os demônios. Mas ele sabia o que queria dizer. Antes, quando foi lhe pedido pela primeira vez que fosse caçador de artefatos do UG, um trabalho que criado exclusivamente para mantê-lo fora de problemas, ele aceitara porque gostava da caça. Do perigo.

Mas pouco a pouco, graças a toda a investigação e as viagens que fez, chegou a gostar da história, tanto a humana quanto a dos demônios, delimitando lugares onde apareciam os tesouros. Tudo isso tinha uma sensação diferente, algumas boas, outras ruins... mas em algum lugar entre eles. Mas sempre havia um vestígio de atividades que o energizava.

Ela se afastou, fazendo seu caminho com cuidado em cima das lajes de pedra, com um mapa desenhado a mão na sua mão. O sentimento de maldade ficou mais forte, com cada passo que ela dava, e ele estava seriamente pronto para dar o fora dali.

— Temos que nos apressar. Como eu posso ajudar?

Ela levantou a mão, sua concentração tão feroz que, obviamente, não queria ser interrompida. Frustrado, ele manteve um olho ao seu redor, ela murmurou para si mesma, revisando cada pilar com uma precisão metódica, vasculhou os destroços nas bases.

— Oh, merda. — Ela se ajoelhou do lado de uma coluna quebrada deitada de lado.

— O que é isso?

— A coluna. Foi destruída. Ou caiu ou foi empurrada.

Agachou-se junto dela. As bordas eram afiadas. Isso estava fresco — Serena? O que é essa tábua que você está procurando? Honestamente. O que isso faz?

Esfregou os olhos com as palmas das mãos. — Val e os Anciões acreditam que há uma espécie de invasão de demônios se aproximando. A tábua de Mons Silpius supõe-se que funciona como a moeda para ter algum tipo de proteção. Acho que... acho que acredita-se que torna os Harrowgates inúteis.

Essa era uma magia malditamente poderosa. E qualquer demônio em seu juízo perfeito teria feito o que fosse necessário pra evitar que o Aegis realizasse o seu plano. Talvez fosse por isso que detectou a presença do mal, os demônios já pegaram a tábua, e estavam no seu caminho fora da ilha com seu tesouro... ou esperavam nos arredores pela pessoa que levaria a outra metade da equação.

Ele a agarrou pelo pulso. — Estamos saindo daqui.

— Mas é claro que não. — Ela tentou se libertar totalmente, mas quando isso não funcionou, ela começou a separar os dedos de seu braço. — Eu posso procurar pela pedra quebrada e ver se a tábua ainda está ali. Intacta.

Um arrepio subiu pela sua espinha e ficou preso em seu cérebro. Isso era ruim. Muito ruim. Internamente estava irritado, todos os seus instintos girando como lâmina em seu peito, lhe dizendo que pegasse Serena e corresse.

E maldita seja... seu estômago escolheu agir com o refluxo do veneno — Não...

Um vento nauseante passou por cima, girando ao seu redor como um redemoinho. Ainda agachado, se virou com um silvo.

— Josh?

— Temos que ir, Serena. — Ele ficou de pé, mas já era muito tarde.

Eles vieram para eles, de todos os lados. Demônios Silas, os mercenários do inferno. Wraith sempre odiou aqueles branquelos, filhos da puta sem olhos, traidores que se podia comprar para qualquer trabalho com o pagamento adequado.

— Oh, menino — ela suspirou. — Fila para a música de *Os Caçadores da Arca Perdida*.

— Eles não são nazistas, baby.

Wraith empurrou Serena para o chão. Os demônios Silas eram altos, e seus membros longos e de maior alcance davam a eles vantagens em lutas, não podiam ser dobrados com facilidade, e se Serena ficasse no chão...

Ela se levantou e deu um soco no Silas mais perto dela, derrubando ele no chão. O sangue caía do seu nariz quebrado. Sem problemas, foi para o seguinte, cada movimento elegante e eficiente, e demônios, a mulher podia cuidar de si mesma. Ele se sentiu aliviado ao ver seu encanto em vigor. Preveniam-se dos golpes, mas ela os despachava com brutal eficiência, dançando sobre seus pés como uma linda e inocente Valkiria[2]. Ele gostaria de levá-la a um ginásio, onde poderia deitar-se sobre ela e...

Um pontapé no nível do rim de Wraith o desestabilizou. Ele rolou e caiu em seus pés. Foi pego com a guarda baixa, esteve tão ocupado admirando Serena que permitiu que lhe pegassem de surpresa. Isso não voltaria a acontecer.

Saltou de pé, girou, pegou dois Silas com a combinação de chutes na cabeça. Ainda assim, pulavam como formigas. A distancia, ouviu os gritos e o som horrível de carne sendo rasgada. Os turistas estavam sendo sacrificados.

Havia altos preços a pagar por massacres humanos, assim quem quer que contratara esta escória deve ser extremamente poderoso ou se tratava de um percussor de algo pior, como a invasão demoníaca que Serena havia falado.

Wraith levou um golpe devastador em seu intestino, seus músculos se tornaram líquidos, e oh merda, o maldito veneno estava atacando de dentro como os demônios atacavam de fora.

Um Silas lhe deu um chute na cabeça e Wraith se inclinou. Estrelas nadavam em sua visão. Ele caiu de joelhos, cambaleou e caiu em cima de suas mãos.

De repente, o Silas saiu voando para trás e caiu em um ângulo desagradável, com a cabeça rasgada a cento e oitenta graus. Serena estava ali como um anjo da guarda, olhando malditamente orgulhosa de si mesma.

Ela pulou para a ação para pegar a outro, dando-lhe o espaço que precisava para ficar de pé. Outro Silas veio para ele, e de algum jeito conseguiu bater nele, até que chegou um grito de agonia. Serena havia sido pega por uma figura vestida de preto. Um vislumbre do rosto sobre o capuz disse a Wraith tudo que ele precisava saber sobre a identidade do bastardo.

Byzamoth.

Ele prendeu seu braço no pescoço dela enquanto a arrastava para trás, ela arranhou o braço do homem, suas pernas balançavam violentamente.

— Serena! — Wraith correu para ela, desejando em silêncio que o demônio a deixasse ir. Ele não pensou no fato de que seu encanto não estava funcionando contra o demônio. Novamente. Ele não pensou no fato de que ao dar as costas à horda de Silas ficava exposto aos seus ataques. Ele precisava salvar Serena.

Ele abriu caminho através das massas, bloqueando e se esquivando dos golpes. Ele foi para o demônio que colocou Serena no chão, forçando-a a colocar suas mãos em cima dos joelhos. No entanto, ela lutava, arranhando-o com as unhas, chutando-o na virilha. Byzamoth grunhiu e lhe deu um soco na parte de trás da cabeça.

Serena caiu no chão como se não tivesse ossos.

A raiva se retorceu em um nó perverso no peito de Wraith. Lançou-se para outro golpe nas costas dele e o lançou contra uma rocha. — Você está tão morto — rosnou, dando dois chutes rápidos na cara do demônio. O nariz esmagado jorrava sangue, e depois Byzamoth estava de pé, e os demônios Silas, invadindo o Templo de Hathor.

— Você é o único que está prestes a morrer — disse Byzamoth, e Wraith queria bater nele e tirar esse sorriso de seu bonito rosto.

Mas agora não era o momento. Wraith podia ser melhor lutador na superfície e no submundo, mas não era invencível, e ele estava em menor número.

Com uma rápida série de movimentos, atacou com um pé, dando em Byzamoth um chute no peito, ao mesmo tempo girou para acertar um Silas na mandíbula. Enquanto os dois estavam inclinados a toda velocidade contra outros demônios. Wraith arrastou Serena sem

interromper o andamento. Sua única esperança era chegar ao Harrowgate, e mesmo isso dependia de Serena continuar inconsciente.

Quando conscientes os seres humanos morriam nos Harrowgates.

Correu rápido, pulando antigas esculturas de pedras e desviando de lanças e facas lançadas pelos guerreiros Silas. O encanto de Serena agora parecia mantê-la a salvo duas vezes, os demônios tropeçaram e caíram em suas próprias armas, quando eles tentaram passar com suas espadas, até mesmo as lanças chocaram no ar e fizeram um ruído alto sem causar danos no chão.

Na frente, o Harrowgate brilhava entre os pilares de pedra do templo de Ísis. Três demônios, um Silas e dois Cruenti vigiavam a entrada. Atrás de Wraith os gritos e as ameaças de Byzamoth ficavam mais fortes. Merda.

Teria que passar diretamente através dos sentinelas.

Merda, ia doer.

Respirando fundo, segurou Serena apertada contra seu peito e atirou-se através da extensão de terra. A cabeça para baixo, bateu contra o Silas com o ombro, derrubando o macho contra uma enorme figura de Hórus[3] esculpida profundamente em uma coluna. Wraith deu um soco no nariz do Cruentus. Que uivou de dor. O outro arranhou Wraith com suas largas garras, o pegando pela parte de trás do pescoço. Wraith tropeçou e quase caiu.

O Harrowgate brilhou, a brilhante cortina se abriu e outro Silas saiu. Wraith lhe deu um soco no estômago e mergulhou no Harrowgate. Bateu no mapa dos EUA o que ativou a porta e não permitia ninguém mais dentro. Nesse momento estavam a salvo.

Mas à medida que o sangue escorria por seu pescoço e costas, sabia que sua segurança era tão boa como o momento, porque independente do que seja Byzamoth, era poderoso o suficiente para que não só o poder do encanto de Serena não funcionasse e para comandar um exército de demônios, mas também para arriscar a ira do céu e do inferno.

Wraith cruzou o Harrowgate do UG com Serena ainda inconsciente em seus braços. O alívio dela permanecer inconsciente na viagem era atenuado pela preocupação de que estava, de fato, ainda inconsciente.

— Traga *E* e Shade. — Ele agarrou a enfermeira na mesa de seleção, e sem diminuir a velocidade foi para a sala de exames. Suavemente deitou Serena na cama. Nem sequer se moveu. Por um segundo se deixou ali, acariciando seu cabelo, estremecendo quando sua mão saiu cheia de sangue. Maldita seja, onde estavam seus irmãos?

A cortina se abriu e entrou a Dra. Shakhvan. — Ela é humana?

— Era da última vez que a vi. Aonde *E* está?

— Eu estou de serviço hoje.

— Não perguntei para você se estava de serviço — disse Wraith. — Quero os meus irmãos.

A curvilínea súcubo bufou arrogantemente, ignorando-o enquanto verificava os sinais vitais. Mesmo que não fosse fisicamente impossível súcubos e íncubos transarem, ele não a tocaria. No seu dicionário, a palavra *vadia* corria e se escondia dela.

— Quanto tempo ela está inconsciente?

— Cinco minutos, talvez.

— Seu nome?

— Serena.

Shakhvan olhou para o rosto de Serena. — Serena? Pode me ouvir?

Serena se mexeu e gemeu. Não era o melhor sinal, mas era melhor que nada.

— Wraith. — *E* entrou vestindo calças caqui e uma camiseta com botões pretos, o que significava que ele estava trabalhando no seu escritório hoje. — O que aconteceu? — Ele franziu o cenho e tocou o pescoço do Wraith. — Você está sangrando.

Wraith empurrou a mão de *E* longe. — Cuidará de mim mais tarde, Serena precisa de ajuda.

— Sabe que eu não gosto de ter humanos aqui. — *E* disse, movendo-se para ela.

— Me importa um caralho isso. Onde Shade está?

— A caminho. A ambulância estava chegando à garagem quando cheguei a seleção de pacientes e vi o recado da enfermeira.

A súcubo verificou a queda dos sinais vitais, terminando com GCS[4] de oito.

Oito. Wraith esteve em suficientes corridas de ambulância para saber que oito é o menor na Escala de Coma de Glasgow, o qual indica uma lesão cerebral grave. Suas entranhas deram um nó com a impotência.

Eidolon começou uma IV[5]. — Obrigado, a tenho.

Shakvhan deu de ombros e saiu caminhando tranquilamente dali, e Wraith puxou a cortina para fechá-la. — Fomos atacados por demônios em Philae. Enquanto eu lutava, ela foi atingida.

E levantou os olhos para verificar a ferida na cabeça de Serena, sua expressão foi de alívio. — Você dormiu com ela.

— Não, essa é a coisa. Nada deveria ser capaz de tocá-la certo?

— Maldito seja — sussurrou *E*. — Alguém mais o fez.

— Isso é impossível.

— Não há outra explicação Wraith.

O pesado caminhar de botas no chão de pedra anunciou a chegada de Shade, e a cortina foi aberta. — O que está acontecendo?

Às escuras sobranceiras de *E* se juntaram. — Lesão na cabeça. Preciso de você para fazer uma verificação do sistema e ver quão grave é.

— Essa é a humana encantada de Wraith?

— Com exceção da parte encantada.

Wraith grunhiu. — Ela ainda está encantada.

E lhe deu um olhar afiado com dúvida e chamou a enfermeira

de seleção para encontrar Gem. Voltou-se para Shade novamente, que tocou a testa de Serena com os olhos fechados. Sua *dermoire* brilhava enquanto seu dom fluía dele para Serena, e custava até a última gota da paciência de Wraith evitar interromper com perguntas.

Finalmente, Shade abriu os olhos. — Não há fratura no crânio, mas tem um hematoma subdural[6] e substancial. Eu parei a hemorragia, mas *E*, você vai ter que arrumá-la.

— Não precisa de cirurgia, né? — Perguntou Wraith. *E* podia consertar ferimentos, mas apenas se tocasse. Se Serena tivesse que passar por cirurgia ela teria que ficar no hospital durante bastante tempo, e explicar a situação requeria algumas mentiras criativas.

— Espero que não. Continuamos perdendo o poder, e eu não gostaria de estar no meio de uma cirurgia cerebral e voltar a acontecer. Para não mencionar o fato que a cirurgia cerebral não é minha especialidade. — *E* soltou o ar como um suspiro. — Posso chamar uma onda geral de cura e ver se funciona.

Wraith viu como *E* agarrou o braço de Serena, sua *dermoire* brilhando tanto quanto a de Shade. — Vou controlar o fluxo das lesões e do sangramento, enquanto você faz. — Shade fechou os olhos de novo. Ouviu a aproximação de alguém, sentiu Gem antes de vê-la. Foi em silêncio para o seu lado.

Pouco a pouco a *dermoire* de Shade e Eidolon pararam de bilhar

— E então?

Shade e Eidolon se olharam — Eu acho que você conseguiu. Deveríamos fazer uma TC[7], só para ter certeza.

— Josh?

Todas as cabeças se viraram para Serena, que olhava para Wraith com os olhos meio abertos, confusos.

Merda, Wraith apertou sua mão sobre seu pulso e fechou seu dom na cabeça dela. Levando sua atenção para a praia. Um traje de banho pequeno, as águas claras do oceano, e ela estava ali. Não se inseriu na fantasia - sonho- isso precisava de muita concentração, e precisava se concentrar no que estava acontecendo ao seu redor no hospital.

— Alguém poderia sedá-la — disse, sua voz baixa e áspera com o esforço que usava para falar enquanto mantinha a fantasia. — Não podemos deixar que os veja muito. E eu tenho que voltar através do Harrowgate.

Eidolon já estava nela, preparava-se para injetar medicamento na sua IV. — Então... Josh?

O calor esquentou as bochechas de Wraith. — É uma longa história.

Depois que ele a sedou, Shade tocou nela outra vez. — Ela se foi.

Agradecido, Wraith saiu de sua mente. — Ela está bem?

— Ela vai acordar com uma dor de cabeça do inferno, mas vai estar bem. — *E* disse.

Gem fez um gesto para Serena. — Então, por que eu estou aqui?

E continuou olhando para Wraith enquanto falava com Gem. — Você está aqui para confirmar a virgindade de Serena.

— Ou a falta dela. — Shade murmurou.

— Eu disse... — Wraith grunhiu

— Sim, eu sei. Mas pode dizer com cem por cento de certeza que ela não se entregou a outra pessoa? Ou talvez algum tipo de incubos colocou um feitiço nela e a tomou enquanto ela dormia. Não temos certeza. Ela se machucou, e isso não deveria ter acontecido. O que provavelmente significa que ela já não é mais virgem. E se esse for o caso, está perdendo um tempo valioso com ela.

— Não aconteceu... — Wraith fechou a boca antes de dizer alguma coisa estúpida.

Foda.

— Não aconteceu o quê? — O sorriso de Shade dizia que ele sabia exatamente o que Wraith quase disse.

— Nada. — O coração de Wraith dava pancadas em seu peito enquanto olhava Serena, deitada tão quieta na cama. — Eu simplesmente não quero Gem escavando por ali.

— Prefere que eu faça? — *E* perguntou

— É claro que não. — Wraith tomou uma respiração profunda, que não foi o suficiente para acalmá-lo. Ele precisava seriamente manter seu controle. Talvez tenha tomado sua virgindade, mas o encanto só havia se transferido parcialmente. Com certeza Byzamoth fizera *alguma coisa* para Serena. — Muito bem. Mas que seja rápido. E vocês dois? — Ele fez um gesto para os seus irmãos. — Esperem lá fora.

Shade passou, e *E* encostou no ombro de Wraith. — Vem com a gente. Temos que conversar.

— Sim, que seja.

Fora da sala, Wraith andava, sem saber por que estava mais nervoso, se pela possibilidade de Serena não ser mais virgem, sua saúde, ou o fato de que um demônio louco estava atrás dela. A machucou. Homem, ele realmente queria machucar muito Byzamoth, porque um estranho instinto possessivo se apoderara dele. E lutar contra ele estava começando a ser uma perda de tempo e energia.

Dos quais tinha pouco.

Eidolon cruzou os braços no peito e encostou-se à parede.

— Nos diga exatamente o que aconteceu.

— Nós estávamos na ilha de Philae. Procurando a tábua que pode ser usada para apagar os Harrowgates.

— Ah, isso não é bom — Shade disse.

— Dã. — Wraith esfregou a parte de trás de seu pescoço, fazendo uma careta quando descobriu o machucado ali. Imediatamente *E* substituiu a mão de Wraith pela sua, enviando uma onda de cura no machucado.

Um disparo de dor subiu pela vértebra da cabeça de Wraith. O dom de cura de *E* muitas vezes causava desconforto, mesmo quando curava. Quando estava pronto Eidolon foi para trás.

— Melhor? — Quando Wraith assentiu com a cabeça, *E* se apoiou na parede. — Voltando a Philae — lhe pediu.

— Bem. — Wraith resumiu a história. — Senti presenças

demoníacas no momento em que pisamos na ilha. O Harrowgate havia sido usado. Muito.

— Philae é um lugar sagrado para várias espécies, não?

— Sim por isso não me preocupei demais no começo. O que deveria ser uma maldita pista, porque eu sempre estou preocupado.

Shade olhou para a tela de seu celular, provavelmente para ter certeza de que Runa não havia ligado para ele. Esses dois estavam ligados pelo quadril. Se ela não o obrigasse a ir trabalhar, ele nunca sairia de casa. — Assim o ataque foi dirigido para você?

— Por que seria para mim?

Shade colocou os olhos em branco. — Como se não fosse possível alguém atacar você. Você sabe com sempre está fazendo amigos.

— Você é muito engraçado — Wraith disse. — Mas o homem que a feriu era o mesmo homem com quem Serena estava falando quando cheguei a Alexandria, na primeira noite, e que mais tarde se apresentou no Salão de Caracalla. Isso é definitivamente para ela. — Ele negou com a cabeça. — Pensei que poderia ser por causa dos artefatos que ela procurava, mas é muita coincidência ela estar sendo perseguida pelo mesmo homem que pode machucá-la.

— Se ele já houvesse obtido seu encanto porque ia querer machucá-la?

— Eu disse, ele não pegou. Ninguém fez isso.

Gem puxou a cortina a abrindo. — Wraith tem razão. Essa humana está intacta.

Wraith deu uma olhada de - eu não disse. — Então, como diabos pôde machucá-la se ainda é virgem?

— Vamos trabalhar nisso — *E* disse. — Entretanto, é preciso que trabalhe para conseguir o encanto. Estou surpreso de não estar aproveitando a oportunidade enquanto ela está sedada para entrar na sua mente e conseguir que ela esteja pronta e disposta, assim ao acordar...

Wraith encarou o rosto de seu irmão, nariz com nariz. — Acha que eu estou tão louco que a tomarei enquanto ela dorme?

Os olhos escuros de Eidolon se estreitaram sobre ele, mas não disse nada. Wraith cerrou os dentes, esperando seu irmão falar algo idiota. A mão de Shade baixou nos ombros de ambos.

— Agora não é a hora para isso — disse Shade. — Mas Wraith, você tem que fazer alguma coisa. O seu tempo está acabando.

— Bem, obrigado pela notícia.

Ele esfregou o rosto com a sua mão, e congelou. — Espera. Se o encanto não está funcionando...

— Então talvez não vá funcionar com Wraith também — terminou Shade.

— Funciona — disse Wraith. — Nenhum dos outros demônios da ilha podia tocar nela.

— Então por que só com esse tipo?

Wraith encolheu os ombros. — Soa como uma ordem de visita a nosso anjo residente. — Algum de vocês pode fazer isso? — Wraith deu alguns passos para o quarto de Serena, com cuidado, tirou a IV da mão de Serena. — Vou levá-la para o seu quarto de hotel.

— Acho que você deveria esperar — *E* disse. — Eu gostaria de fazer alguns testes. Talvez aja uma resposta médica do porque esse demônio conseguiu driblar o encanto.

— Ela está bem o suficiente para ir?

— Sim, mas...

— Então estou levando-a.

— Wraith...

— Não me foda com isso. — Ele tirou o cateter da veia, parando o sangramento com uma gaze e pressão direta. — Ela precisa estar na superfície. Ela precisa de luz do sol. Ar. Eu não quero que ela acorde e veja ainda mais do hospital. Não teria como explicar, e não vou mexer com a sua memória de novo.

Ele quase podia sentir os olhares atordoados de seus irmãos, mas não disse nada. *E* tocou a mão de Serena e curou o pequeno ponto onde a IV esteve atravessada, apagando todas as evidências de que havia estado em um hospital.

Suavemente, Wraith a carregou em seus braços, seu peso miseravelmente pequeno. — Me deixem saber o que descobriram. Estou saindo daqui.

— Wraith. — Com a voz severa *E* o deteve. — Precisa fechar o negócio. Agora.

— *E*, tem certeza disso? Estou pouco me fodendo. Eu não vou matá-la. — Ele virou e deu de cara com seus olhares surpreso. — É uma merda perder o hospital, mais vocês vão sobreviver. Então deixem dessa merda de urgência. Está deixando vocês velhos.

Shade agarrou o braço de Wraith em um aperto que deixaria hematoma. — Esse é o ponto... não se trata apenas de você e do hospital, irmão. Parece que todas as forças de nossas vidas estão relacionadas com o hospital. À medida que você morre, o UG morre. E quando o hospital se for...

Um calafrio passou por Wraith, deixando para trás uma tristeza e profunda dor. Não podia respirar, não podia falar, e quando finalmente pôde, tudo o que podia fazer era terminar a frase de Shade.

— Então você e *E* também irão.

[1] Ísis (em egípcio: Auset) foi uma deusa da mitologia egípcia, cuja adoração se estendeu por todas as partes do mundo greco-romano. Foi cultuada como modelo da mãe e da esposa ideais, protetora da natureza e da magia. Era a amiga dos escravos, pescadores, artesãos, oprimidos, assim como a que escutava as preces dos opulentos, das donzelas, aristocratas e governantes. Ísis é a deusa da maternidade e da fertilidade.

[2] Na mitologia nórdica, as **valquírias** eram deidades menores, servas de Odin. O termo deriva do nórdico antigo *valkyrja* (em tradução literal significa "as que escolhem os que vão morrer"). As valquírias eram belas jovens mulheres que montadas em cavalos alados e armadas com elmos e lanças, sobrevoavam os campos de batalha escolhendo quais guerreiros, os mais bravos, recém-abatidos entrariam no Valhala. Elas o faziam por ordem e benefício de Odin, que precisava de muitos guerreiros corajosos para a batalha vindoura do Ragnarok.

[3] Na mitologia egípcia, Hórus (ou *Heru-sa-Aset*, *Her'ur*, *Hrw*, *Hr* ou *Hor-Hekenu*) é o deus dos céus, muito embora sua concepção tenha ocorrido após a morte de Osíris. Hórus era filho de Osíris.

[4] Glasgow Coma Scale, em português, Escala de Coma de Glasgow (ECG) é uma escala

neurológica que parece constituir-se num método confiável e objetivo de registrar o nível de consciência de uma pessoa, para avaliação inicial e contínua após um traumatismo craniano. Seu valor também é utilizado no prognóstico do paciente e é de grande utilidade na previsão de eventuais seqüelas. Inicialmente usado para avaliar o nível de consciência depois de trauma encefálico, a escala é atualmente aplicada a diferentes situações.

[5] Intravenosa.

[6] O hematoma subdural (HSD) é uma coleção de sangue sob a dura-máter, que pode ser classificado como agudo, subagudo ou crônico, dependendo do tempo até a apresentação. Lesão cerebral traumática.

[7] Tomografia Computadorizada.

Catorze

Eidolon e Shade varreram o hospital, ambos procurando o único ser que possivelmente poderia saber algo sobre o que estava acontecendo com Serena.

Reaver.

Uma vez que o interfone estava com defeito, Shade checkou o refeitório e o ginásio, enquanto *E* verificou os quartos dos pacientes. Ele encontrou o anjo caído terminando de atender um hiena metamorfo na sala ao lado.

— Preciso falar com você.

Reaver assentiu, sua juba de cabelos dourados chicoteando em torno de seus ombros. Ele bateu no ombro do adolescente hiena. — Bom como novo. Mas fique longe de leões a partir de agora.

O rapaz revirou os olhos. Como suas contrapartes no mundo animal, metamorfos hiena e leão se odiavam com ferocidade mortal. Mas o garoto não discutiu, apenas agradeceu Reaver e correu para fora da sala.

Reaver começou a limpeza da área, jogando ataduras e embalagens ensanguentadas nas caixas de risco biológico. — O que foi?

Eidolon foi direto ao ponto. — Precisamos de mais informações sobre Serena Kelley.

Reaver se atrapalhou com a tesoura na mão, mas se recuperou rapidamente. — Eu já disse mais do que o suficiente.

— Besteira.

Por um momento, Reaver continuou sua limpeza, quase freneticamente, como se ao terminar limpeza, estaria livre da conversa. Eidolon, se preparando para um caminho longo, firmou um ombro contra o batente da porta, cruzou os braços sobre o peito e os pés nos tornozelos, uma mensagem silenciosa que dizia que ele não iria a lugar algum até que conseguisse o que veio buscar.

— Você vai falar.

Reaver rosou, seu belo rosto torcido em uma expressão tão letal quanto Eidolon já tinha visto dele. Ele não sabia muito sobre anjos caídos até Reaver vir a ele, querendo um emprego e um lugar para ficar, e embora Reaver estivesse no UG há 16 anos, Eidolon ainda sabia muito pouco.

— Serena não é algo que eu possa discutir com os demônios.

— Você já discutiu sobre ela, e no caso de você não ter notado, você não está mais exatamente ligado pela lei celeste.

Dor brilhou nos olhos azuis de Reaver. — Eu não estou ligado a nenhuma lei, celestial ou não, desde que eu não entrei em Sheoul. Mas isso não significa que eu não siga regra alguma.

O passado de demônio da Justiça de Eidolon lhe deu um sentido de jogo justo, da lei e da ordem, e uma apreciação pelas regras. Mas, várias vidas estavam em jogo, sua fodida cabeça doía e as regras podiam sair voando pela porra da janela.

— Este é o negócio — ele disse, empurrando-se da soleira da porta. — Wraith a trouxe há pouco tempo atrás. Eles foram atacados por demônios, e ela ficou ferida.

Reaver pareceu tão atingido que Eidolon teria pensado que alguém havia morrido. — Ele já tem o encanto.

— Não.

— Então ela o entregou para outra pessoa. — Reaver afundou em um banquinho de rodinhas e escondeu o rosto nas mãos.

— Nós confirmamos a virgindade dela — disse Shade da porta. — Não é possível que ela o tenha dado para outra pessoa.

— Nem é possível ela se machucar. — A voz do anjo caído foi abafada por suas palmas.

Eidolon fechou os olhos, pensando. — Então não há nada, absolutamente nada, que possa prejudicá-la?

— Que parte do encanto divino que você não está entendendo?

— Ok, então o que dizer de outra pessoa que esteja encantada? Elas poderiam machucá-la?

A cabeça de Reaver estalou para cima. — Eu acho que não, mas...

— Mas, o quê? — Shade perguntou. — Parece que talvez vocês, gênios celestes, não pensaram em tudo, huh?

— Eu apenas não sei por que outro Sentinela iria tentar prejudicá-la. Não faz sentido algum.

Eidolon ponderou por um segundo. — Eles poderiam passar para o mal?

— Improvável.

Eidolon levantou uma sobrancelha. — Mas você não sabe com certeza. — Reaver não respondeu, o que era resposta suficiente. — Você pode entrar em contato com seus amiguinhos anjos e ver...

— Não! — Reaver se lançou de pé. — Eu não estou autorizado a entrar em contato com aqueles que ainda servem.

Eidolon ficou na frente do anjo caído. — O que você *está* autorizado a fazer? Você não está autorizado a falar. Você não está autorizado a ajudar. Parece que você é bem inútil para todo mundo. — *E* cutucou Reaver no peito. — Eu entendo que você não esteja disposto a ajudar Wraith, mas caramba, Reaver, você não sente a agitação no submundo? Serena é uma parte disto, e nós temos que descobrir o motivo. Você precisa abrir a porra da boca.

Os lábios de Reaver se retraíram para revelar dois caninos afiados que Eidolon nunca viu antes. — Nunca. Vocês. São. Demônios.

— Odeio revelar isto para você, amigão, mas você também é.

A cabeça de Reaver balançou para trás com tanta força que Eidolon esperava ouvir o estalo da espinha. E então o punho de Reaver estava no rosto de Eidolon, o qual atingiu a parede tão forte que o gesso caiu em torno dele enquanto caía no chão.

— Que porra é essa? — Surpreso, Shade olhou entre Reaver e *E*. — O feitiço Haven...

Ele foi cortado pelo retumbar das sirenes e o som de batalha. Passos correndo se transformaram em uma derrapagem, e *Gem* pôs a cabeça pela porta. — O feitiço Haven caiu. Hospital em caos. Isso não é bom, *E*. Isso não é bom.

Lore saiu do Harrowgate na sala de emergência do Underworld General e parou abruptamente. Mas. Que. Inferno

Claro, lutar, foder, e caos, em geral, eram destaques em qualquer lugar que você entre no mundo demônio, mas ele imaginava que um hospital teria pelo menos algumas regras. Um demônio de espécie desconhecida veio até ele, mas ele desviou da criatura parecida com uma cobra, girou ao redor enquanto ela passava escorregando, e enfiava sua cabeça na parede. A criatura caiu no chão de obsidiana com um baque macio.

Ele olhou para a coisa, esperando que não a tivesse matado. Não que ele se importasse em matar, é só que preferia ser pago por isso.

E falando de ser pago...

Ele fez seu caminho até a mesa de triagem, onde uma enfermeira vampira estava inutilmente gritando com os pacientes e funcionários para pararem de lutar.

— Ei.

Ela se virou para ele com um suspiro. — Você precisa de assistência médica?

— E se eu precisasse? — Ele perguntou, enquanto observava a loucura em torno dele. Ela lhe deu um encolher de ombros apologetico, e ele balançou a cabeça. — Eu preciso ver Shade ou Eidolon.

— Sinto muito, mas estamos um pouco ocupados. — Ela se abaixou para evitar ser atingida na cabeça por um cano que alguém havia jogado. — Eu sugiro que você volte mais tarde... — Ela interrompeu quando alguma coisa de garras longas, tão grande quanto Lore, bateu em seu rosto.

Lore saltou sobre a mesa e arrancou a cabeça do demônio. Houve um estalo satisfatório, uma contração muscular, e a coisa caiu morta no chão.

Satisfação foi seu pagamento por esta. Ele olhou para a enfermeira, que segurava o rosto sangrando. — Você está bem?

— Eu vou viver. Obrigada. — Ela olhou para o demônio morto.
— Eu me demito. — Ela se afastou num acesso de raiva.

Bem, inferno. Ele ficou ali, se perguntando se devia procurar os dois irmãos ou não. Ele ouviu falar que Wraith estava fora, tentando salvar sua vida, mas Lore sabia muito bem que não havia cura para o veneno que seu parceiro administrou nele. O cara estava tão bom quanto morto.

Mas os outros dois... ele precisava encontrá-los. A maneira que Roag armou o planejamento de pagamento especificava que todos os três deveriam estar mortos para que o dinheiro seja liberado.

E aquele esquentado Roag foi específico. Ele tinha uma baita obsessão sobre estes irmãos. Ele nunca disse a razão de querer vê-los mortos, mas então, Lore não perguntou. Não se importava. Ele tinha um trabalho a fazer. Mas, realmente, nos trinta anos que matou por dinheiro, ele não havia encontrado alguém tão desesperado para ver alguém morto que tomasse providência para que isso acontecesse mesmo depois de ele próprio morrer.

Lore e seu parceiro, Zaw, receberam um terço do dinheiro adiantado, mas o resto não viria até que os irmãos estivessem comprovadamente mortos.

A morte de Zaw dera uma virada nesse plano. Lore ajudava o psicótico do Byzamoth enquanto Zaw iria atrás dos irmãos. Eles estiveram em contato através de fones de ouvido de rádio e Lore soube exatamente quando Zaw foi derrubado.

Soou bastante macabro. Tanto quanto Lore podia dizer, Zaw havia sido devorado por um lobisomem.

Nojento.

Lore preferia muito mais uma morte limpa e sem sangue. Ele podia ser um assassino, mas apenas porque era bom nisso. E porque não podia fazer nada mais. O mundo demônio não o queria, e nem o humano. Como um mestiço, ele era lixo em qualquer um dos lugares.

Ah, e porque ele pertencia a um demônio que prostituía os serviços de Lore e exigia uma parte do dinheiro. Ou outra coisa.

Ele olhou para sua mão, coberta por uma luva de couro para proteger as pessoas de um toque accidental. Ele poderia matar até mesmo através do couro se tentasse, mas a sua habilidade de matar

não estava ligada agora, então ninguém aqui estava em perigo. Ninguém, além dos irmãos de quem estava atrás.

Algo gritou, e simultaneamente, sangue pulverizou em uma névoa fina, atingindo-o no rosto. Ele enxugou os olhos com as costas da mão enluvada e se virou para o Harrowgate.

— Lore! — A voz de Gem soou sobre o caos. A belíssima garota gótica corria em direção a ele, seu estetoscópio balançando contra seus seios fartos.

Foi um golpe de sorte esbarrar com ela no estacionamento na outra noite. Ele a parou para fazer algumas perguntas, mas houve uma faísca tangível ali, que ele não sentia com uma fêmea em um longo tempo.

Principalmente, porque ele as evitava. Matar acidentalmente uma parceira que ele gostava durante o sexo não era algo que ele se importava em repetir. Matar uma, que ele foi pago para eliminar, durante o sexo... isto era um pouco diferente.

Mas Gem o fascinara, e, além disso, ela sabia muito sobre o hospital, e sobre seus alvos. Ele teria uma excelente oportunidade para matar dois demônios com uma pedra só; ele conseguiria sair com a fêmea mais sexy com quem esteve ao redor por um longo tempo, e ele conseguiria boas informações.

Ontem à noite ele foi ao apartamento dela, mas ela estava chateada, obviamente pelo agressivo humano no elevador, e ela não quis falar.

Aparentemente, ela também não conversou muito com o macho humano, porque ambos cheiravam a sexo, o que havia estimulado Lore e, ao mesmo tempo, irritado. Ele queria Gem para si mesmo, não importava quão ruim esta ideia poderia ser.

Ei, baby, sim, é isso mesmo... nós podemos ir até o fim, mas não se importa que eu tenha que ficar coberto e manter a minha luva. Ah, e eu não posso tocar você de forma alguma com minha mão direita, porque quando eu gozo, mato quem quer que eu esteja tocando, mesmo através da luva. Mas sim, apenas continue fazendo esta coisa com a sua boca e eu tentarei não mandá-la para o seu túmulo...

— Gem — ele disse, puxando-a para fora do caminho de uma cadeira lançada. — Você não mencionou que seu hospital é uma zona de guerra.

Ela soltou um suspiro exasperado. — Ele normalmente não é. Isso é... — Ela interrompeu para gritar com um demônio de chifres com roupas da equipe do hospital que trocava golpes com um vampiro em roupas de paciente. — Isso é loucura.

— É bom saber que este não é o estado normal das operações.

— Nem um pouco. — Ela franziu o cenho. — Eu preciso ir, ver se posso ajudar a reativar o feitiço Haven.

— Eu te vejo mais tarde, então.

Ela não respondeu, foi distraída por um metamorfo leopardo que estava perseguindo um duende perto de um banheiro. Esta foi uma das cenas mais estranhas que ele já testemunhara, e ele esteve por aí por mais de cem anos, então ele conhecia o estranho.

Falando nisso... o humano da noite passada estava perto das portas do vão das ambulâncias, seu olhar cheio de assassinato. Então foi com grande prazer que Lore agarrou Gem pelo braço, puxou-a ao redor, e a beijou.

Com a língua.

Ele manteve seu olhar preso no humano, e enquanto se afastava de Gem, mostrou o dedo médio para o cara. Raiva fria queimava nos olhos do macho, bem como uma ameaça silenciosa que prometia dor.

Pena que ele não podia competir com o que Lore prometeu.

Morte. E o macho humano estaria na casa.

†††††

Gem ficou parada, atordoada, enquanto Lore virava e desaparecia no Harrowgate. Seus lábios formigavam de seu beijo, e sua mente vacilava. Ele era diabolicamente bonito, e se ela tivesse conhecido ele poucos dias antes, ela poderia ter tomado aquele beijo e correr com ele todo o caminho para a cama.

Mas não, Kynan precisava aparecer e agitar o pote.

— Gem.

Falando do humano. Coração martelando, porque ela parecia pensar que acabara de ser pega fazendo algo errado, ela se virou para ele. E inalou uma respiração surpresa. A expressão dele era sombria, seu olhar fervendo enquanto encarava o Harrowgate em que Lore havia desaparecido.

— Ok, pare com essa merda de ciúme — ela retrucou, embora uma parte dela estivesse secretamente satisfeita. — Você devia ficar na sua, não agindo como um demônio das cavernas no cio. E agora mesmo, há mais para se preocupar do que com a minha vida amorosa.

Uma víbora ghoull, um desagradável homem de porte de cobra que parecia estar morto por um mês, caiu de trás da mesa de triagem, e antes que Gem pudesse gritar um aviso, ele se enrolou ao redor de Kynan. Suas presas gotejavam o veneno de sua boca aberta, e seus olhos focados na garganta dele.

Gem socava a coisa enquanto Ky lutava em seu aperto. Seu rosto ficou vermelho e sua respiração ficava difícil enquanto a cobra apertava.

Impotente, ela bateu no rosto da cobra, mas a víbora mal se encolheu. Ele iria fazer de Kynan uma refeição.

Lágrimas de frustração queimaram seus olhos. Ela não tinha escolha. Gostando ou não, ela mudou para sua forma híbrida de Soulshredder. Seus ossos estalaram e se contorceram, sua pele esticou e se dividiu, e em segundos ela estava duas vezes maior, com asas, garras horríveis e serrilhada. A cobra sibilou.

Ela arranhou suas garras no seu lado e abaixo, a coisa a golpeou, seus dentes raspando o rosto dela. Ela bateu nele outra vez, atingindo-o no olho. A coisa gritou um ruído terrível e desenrolou seu corpo de ao redor de Kynan. Ky saltou para fora dele... e dela.

Instantaneamente, ela se transformou de volta, mas a cautela ainda permanecia nos olhos de Kynan. Doeu mais do que ela gostaria de admitir.

— Que diabos essa coisa está fazendo no hospital? — Ele ofegou, tentando recuperar o fôlego que foi espremido de seus pulmões. — Não deveria estar em um veterinário?

— Sim — ela disse, com voz grave pela transformação. Pelo menos, seu uniforme estava intacto. — Deve ser o animal de estimação de alguém. *E* realmente precisa consertar isto. — Ela

acenou sua mão para os demônios lutando, mas antes que Kynan pudesse responder, gritos de agonia substituíram os sons de luta. Vários pacientes e funcionários agarraram suas cabeças, e outros caíram ao chão, se contorcendo de dor. O feitiço Haven voltara ao normal.

— Já era tempo. — Kynan esfregou esterno. — E obrigado por me salvar.

— Um grande caçador de demônios como você? Você teria saído dessa.

Ele parecia um pouco cético, mas não discutiu. Ele ajudou a remendar as pessoas, juntamente com todo o pessoal médico disponível. Quando eles terminaram, ele pegou a mão dela, e embora soubesse que devia resistir, ela não o fez. Ela estava muito curiosa sobre o que ele estava fazendo, conduzindo-a a um dos quartos dos pacientes.

Kynan abriu a porta. No interior, velas queimavam, e no chão estava um cobertor carregado com alimentos, copos de vinho, e um balde de gelo contendo uma garrafa do que parecia suco de uva espumante. Ao redor do cobertor estavam postes de intravenosas, e a partir deles se penduravam sacos de solução salina cheios de algo que brilhava com fluorescência verde.

— O que... o que é isso?

Ele sorriu, aquele sorriso matador que sempre fazia seu coração dar cambalhotas. — Foi em parte ideia da Tayla. Eu queria fazer algo romântico, mas ela disse que sua ideia de romance era costurar feridas...

— Inteligente como você combinou os dois — murmurou Gem.

— Às vezes um cara tem que jogar sujo. — Ele fez um gesto para o cobertor. — Sente-se.

Isto era estúpido, e ela sabia disso. Ela não tinha a força de vontade para resistir a ela, e não tinha dúvida que esse piquenique acabaria na cama que ele rolou para a parede traseira. Não que ficar nua com ele seria uma coisa ruim, mas seu coração machucado batia avisos em código Morse[1] contra sua caixa torácica.

— Eu não tenho certeza — ela disse, ainda incapaz de apagar de sua memória o olhar de repulsa no rosto Kynan quando ele a viu

em forma de demônio. — Isso é bom, mas...

— Mas o quê?

— Honestamente? — Ela bateu o piercing de sua língua contra os dentes enquanto convocava as palavras que não queria admitir. — Estou com medo.

Kynan fechou os olhos. Quando os abriu novamente, eles estavam escuros de pesar. — Eu sinto muito que tenha lhe machucado, Gem. Eu quero recompensar você. Eu sei que isto não bastará, mas é um começo. — Ele bateu no cobertor. — Por favor.

Sua mente gritava que isto era um erro, mas ainda assim, ela caiu sobre o cobertor ao lado dele e chutou seus sapatos. Deus, ela era fácil.

Ele serviu dois copos de suco espumante e entregou um para ela. — Eu não quero que você fique beijando aquele cara.

— Isso não é a sua decisão. — Ela tomou um gole do copo, sua língua com piercing fazendo um pequeno tilintar contra a borda.

— Eu sei. — Kynan puxou uma lata de dentro da cesta. — Mas isso não significa que eu não vá usar cada truque no livro para ter certeza que isso não aconteça novamente. — Ele abriu a lata, e ela sorriu.

— Laranjas cobertas de chocolate. O meu favorito. Como você sabia?

— Tayla. Ele removeu uma de sua taça folheada a ouro e a segurou nos lábios de Gem. — Morde.

Ela mordeu, quase deixando escapar um gemido na doçura primorosa. Ele olhou para ela, um sorriso lento curvando seus lábios, seus olhos escurecendo perigosamente.

— Isso é bom — ele murmurou. — Aproveite. — Ele usou a ponta mordida para traçar seus lábios, o molhado e fresco acariciar da fruta uma sensação estranhamente erótica sobre sua carne subitamente quente. — Lamba o suco.

Ele afastou a fatia de laranja e observou enquanto ela usava a língua para tirar o líquido de seus lábios. Seu olhar estava concentrado, semicerrado, e ardente com calor. Uau. Isto era poder.

Ele podia estar dando as ordens, mas ela estava o estimulando também, e eles nem se tocaram.

— Outra mordida — ele disse, com a voz mais baixa e mais áspera do que esteve um momento antes.

Segurando seu olhar, ela afundou seus dentes na laranja, notando o pequeno engasgar em sua respiração enquanto ela chupava a succulenta fruta. Ela mastigou, engoliu, mas não teve tempo para lambe os lábios porque a boca dele estava sobre a sua e ele estava fazendo isso para ela.

Suspirando, ela se abriu para ele e encaixou sua mão em torno de sua nuca. A língua dele penetrou, encontrando a sua, e num piscar de olhos, a provocação sensual se transformou em um jogo erótico e exigente.

Enquanto seu corpo despertava para a vida, ela cravou as unhas na pele dele, extraíndo um assobio dele. — Você me mata, Gem — ele disse contra seus lábios. — Você tem feito desde aquela noite...

Ela sabia qual noite. Estava gravado em sua memória, porque ele havia lhe dado o primeiro orgasmo que já teve com um cara. E então ele praticamente a chutou para fora de seu apartamento.

— Você não queria ficar comigo.

— Eu não queria ficar com ninguém. Não depois do que Lori fez para mim. — Ele agarrou seus quadris e a puxou contra ele. — Eu era um idiota.

— Eu não vou discutir isso. — Ela marcou o pescoço dele com as unhas e apreciou o jeito que ele mostrou os dentes. — Agora, me recompense.

Ele a colocou de costas em um instante, sua coxa entre as dela, a boca dele fazendo coisas perversas para a pele sensível de sua garganta. — Você é tão macia Gem. — Ele deslizou as mãos sob a parte de cima de seu uniforme até sua caixa torácica. — Tão linda.

Arqueando as costas, ela abriu as pernas para embalá-lo entre elas até que ela sentiu o cume duro de sua ereção contra o seu núcleo. Ela quase ofegou com a sensação, especialmente quando ele começou um roçar lento que a pegou no lugar certo. Ela podia gozar assim, sabia, porque a noite mencionada por ele foi muito parecida com isto, e ela fluiu aos pedaços enquanto ele observava.

Empurrando de lado a memória agriçoce, ela passou as mãos pelas costas dele, deleitando-se com o flexionar e rolar dos músculos sob as palmas de suas mãos. As mãos dele brincavam levemente em suas costelas e na barriga, mas eles não se perdiam, permanecendo mansamente centrada. Classificação totalmente PG quando ela queria R. Ou triplo X[2].

Um baixo e ressoante ruído veio do fundo do peito dele, o ronronar de um homem em necessidade, e o corpo dela reagiu instintivamente, ficando totalmente molhada entre as pernas.

— Cristo, você me deixa quente. Tão quente que eu não consigo pensar. — Ele mudou seu peso e tomou o rosto dela entre as mãos, apertou a testa na dela. — Eu quero fazer amor com você.

Sua respiração saiu de uma vez. — Eu... oh, Deus, eu quero isso também.

— Mas não aqui. Não agora.

Ela piscou. — Diga de novo?

— Eu quero fazer lento e direito. Com uma cama, e eu quero passar toda a noite fazendo isso. — Ele a beijou, apenas um leve roçar dos lábios, e ela se perguntou onde ele conseguiu seu autocontrole, porque ela estava pronta para despir ambos de suas roupas e montá-lo forte. — Todas as outras vezes, eu estava bêbado, com raiva ou ciúmes. Eu não quero que seja assim novamente.

Foi a melhor e mais doce coisa que ele poderia ter dito. Mas seu corpo estava muito estimulado, esticado, apertado e dolorido. — Eu estou pegando fogo, Kynan — ela sussurrou, dobrando sua pélvis para se esfregar contra ele. — Eu não quero esperar.

A língua dele era uma carícia erótica sobre seu lábio inferior. — Eu lhe darei um orgasmo, se você quiser. Inferno, eu quero isso. Eu quero provar você em todos os lugares — ele disse, e ela quase gozou por suas palavras. — Mas eu não vou foder você. Isto é um encontro, algo que não tivemos. Estamos trabalhando de trás para frente, e quando terminarmos o encontro, e você terminar com seu plantão, vamos para a sua casa e eu vou fazer amor com você até o amanhecer. Entendeu?

Oh, sim, ela entendeu. Entendeu tão bem que quando ele baixou a mão entre as pernas dela e começou a acariciar, ela gritou com uma liberação explosiva tão quente que ela esperava que chamas

entrassem em erupção de sua pele.

Ela se agarrou a ele, sabendo que o mundo lá fora havia enlouquecido e logo estaria de volta, se preocupando com o futuro. Mas por este breve momento, ela finalmente encontrou a felicidade.

[1] O código morse é um sistema de representação de letras, números e sinais de pontuação através de um sinal codificado enviado intermitentemente. Uma mensagem codificada em Morse pode ser transmitida de várias maneiras em pulsos (ou tons) curtos e longos.

[2] Aqui, ela se refere à classificação etária de filmes americanos. PG é quando jovens acima de 13 anos podem assistir. Classificação R é para maiores de 18 anos. E X são filmes eróticos, sendo que o Triplo X são filmes eróticos mais pesados.

Quinze

Serena acordou com uma dor de cabeça de matar, como punhaladas em seu crânio. A primeira coisa que viu quando abriu os olhos foi Josh, sentado no escuro, em uma cadeira perto de sua cama, o rosto enterrado nas mãos.

— Josh?

Ele levantou a cabeça rapidamente e então estava do lado da cama, se ajoelhando ao lado dela.

— Serena. Como se sente?

— O que... o que aconteceu? Onde estou?

— No quarto de hotel. Eu diminuí as luzes para você poder descansar — ele cuidadosamente tocou as costas dos dedos no rosto dela. — Você está bem? Sua cabeça dói?

— Como se alguém estivesse martelando nela. Nunca me senti assim desde... — ela deixou a voz sumir, sem querer dizer a ele sobre sua infância triste. Mas isso era estranho. O que estava acontecendo com seu encanto?

Resmungando, ela se sentou, mas Josh a empurrou de volta e afofou o travesseiro antes de deixar a cabeça dela repousar.

— Você tem que ir devagar. Você levou um golpe que teria deixado um rinoceronte doido.

— Isso não é possível — ela disse, apesar de ser algo idiota de dizer, pois claramente, algo acontecera.

— Por que não?

— Eu só não lembro, eu acho. — Isso não era mentira, ela realmente não fazia ideia de como havia se ferido.

— Você não se lembra de nada? — Ele perguntou, e ela achou que ele soava aliviado.

Fechando os olhos, ela se deixou vaguear pela última coisa que

estava em sua mente.

— Nós estávamos em Philae. Havia barulho. — Uma dor começou entre seus olhos enquanto um som penetrante retumbava entre suas lembranças. — Demônios nos atacaram. — Seu coração martelou como se ela ainda estivesse lá. Josh segurou a mão dela.

— Estou aqui. Você está segura agora.

Mas quando ela abriu os olhos e viu o brilho de fúria nos olhos dele, ela soube que ela não estava completamente segura. As lembranças a encheram de novo, lembranças de Josh passando pelas criaturas como uma foice passando pela grama alta, e como, de todas as coisas perigosas na ilha, Josh havia sido a mais letal. Ela tremeu e afastou a mão da dele.

— Obviamente não estou — ela soltou, incerta se estava falando de Josh ou do fato de que ela se feriu duas vezes agora, e podia se ferir outra vez. Talvez até ser morta.

Lembranças esmagadoras do corpo de sua mãe na louça fria de um necrotério tiraram o fôlego dela. Ela se esgueirou de Val para ver sua mãe uma última vez, seu cérebro de dezenove anos incapaz de processar o que a morte realmente significava.

Até ela ter visto o cadáver de sua mãe.

Josh passou a mão pelo rosto, a mão que estava até agora a abraçando, cuidando dela. Abruptamente, ela se sentiu mal por gritar com ele quando ele só tentava protegê-la.

— Me desculpe — ela murmurou. — Não estou acostumada a ser ferida. Acho que não sou uma paciente muito boa.

— Eu também — sua mão continuou a passar de forma longa e devagar sobre seus olhos.

— Você está bem? Você parece um pouco desligado.

— Tive más notícias de meus irmãos mais cedo. Nada que você deva se preocupar. — Ele levantou da cadeira e começou a perambular pelo quarto. — Então, do que você se lembra após ter sido machucada?

Ela se sentou, estremeendo com as facadas de dor em seu cérebro.

— Não muito. Tudo ficou escuro — ela congelou. — Você me levou a um hospital?

— Josh se virou para encará-la. Seus olhos pareceram brilhar na escuridão com uma luminescência misteriosa.

— Não. Por quê?

— Não sei... eu tive esses sonhos estranhos. Estava em um tipo de hospital assustador. Estava escuro, e havia alguma coisa estranha escrita na parede — ela tremeu. — E correntes penduradas no teto.

— A pancada na cabeça mexeu com você — ele disse. — Mas eu te trouxe direto para cá. Nenhum hospital.

Ela estremeceu outra vez. Muito tempo gasto em hospitais quando criança lhe deu intenso ódio deles.

Os cheiros, os sons... tudo sobre hospitais a deixava arrepiada. Imaginou que seu sonho transformara um hospital em um lugar de tortura e horror.

— Não foi tão ruim assim. Logo após isso, sonhei que estava numa praia. O que foi esquisito, já que eu nunca fui uma pessoa chegada à praia.

— Eu tenho que me lembrar disso — Josh murmurou.

— Ok, então, como eu me machuquei?

Aquela luz perigosa faiscou nos olhos dele de novo, pedras douradas brilhando no escuro.

— Byzamoth.

O estômago dela deu um nó. Ela sabia que ele era uma ameaça, mas ignorou isso, colocara Josh em perigo de ser seriamente ferido ou morto, e tudo por causa da arrogância dela.

— Desculpe-me, Josh.

— Ei — ele afundou na cama e a puxou para os braços dele. — Não foi culpa sua.

— Você tentou me avisar. Você tentou me tirar de lá, mas eu não escutei, mesmo sabendo que ele estava atrás de mim — ela engoliu em seco e se afastou dele. — Mesmo você estando certo desde

o começo.

— Que isso sirva de lição — ele entouou, mas seus olhos brilharam de malícia. — Eu estou sempre certo.

Caramba, ele era perfeito. Ele era um pouco mal-humorado, mas com um passado como o dele, quem poderia culpá-lo? Ele também era gentil, esperto e letal.

Ele merecia mais do que o que ela dava a ele, o que era um balde cheio de mentiras.

Ele fora um Guardião, pelo amor de Deus. Ele poderia lidar com a verdade. Ele lutava pelo lado bom... e já que ele a protegia, ele deveria saber.

— Josh... preciso te contar uma coisa. Vai parecer loucura... — ele pôs o dedo nos lábios dela.

— Confie em mim, eu sei o que é loucura, e o que quer que diga não vai se encaixar na categoria. Prometo.

— É, bem...

— Estou sempre certo, lembra?

— Você é também cheio de si mesmo — ela murmurou, mas ela estava provocando, e ele sabia disso, e a recompensou com um sorriso que poderia parar a rotação da Terra.

— Pode contar — ele disse, sentando na cama e a observando esperançosamente.

— Lembra da nossa conversa em Alexandria? Sobre os humanos encantados por anjos? — Ela respirou fundo. — Bem... eu sou uma deles.

— Sêrio? — Sua expressão não mudou, nem quando ela concordou. Ele simplesmente pareceu curioso. — Então, você não devia ser imortal e imune a ferimentos?

— Bem, eu posso me machucar... mas, só se eu quiser ou sentir que mereço. — Quando viu as sobrancelhas dele levantadas, ela disse: — Tipo, uma vez eu menti para uma novíça, e me senti mal por isso, então eu deixei ela me bater com uma régua. Aquilo doeu. Muito.

— Eu poderia pensar em formas mais divertidas de se

machucar — ele disse com uma piscadela. E então ele moderou. — Mas como você explica Byzamoth?

— Essa é a grande questão. Estava esperando fazer uma pesquisa... acho que vai ter que esperar. Talvez você pudesse perguntar aos seus contatos de Aegis até eu conseguir uma conexão segura na Internet. — Quando ele concordou, foi a vez dela de estreitar os olhos para ele. — Você está aceitando isso muito fácil. Por quê?

— Eu trabalho num hospital que usa curas mágicas — ele deu de ombros. — E tem o negócio do Aegis.

A tensão saiu dela. Era um alívio enorme ser capaz de confiar em alguém além de Val. Alguém que cuidava dela em um nível diferente do homem que ficava em cima dela como se ela fosse um bebezinho aprendendo a andar.

A sobrançelha de Josh se dobrou.

— Eu sei sobre os Sentinelas marcados por causa do Aegis, mas são poucos detalhes. Pesquisar sobre o Byzamoth deve ser mais fácil se você me contar o propósito do encanto. Quero dizer, anjos não correm por aí encantando as pessoas à toa.

— Não, não correm. Alguém que é encantado está em posseção de algo que precisa ser mantido fora de mãos malvadas.

— Como a moeda que você achou em Alexandria. Era o que o cara encantado carregava. — Quando ela concordou, ele continuou. — Então o que você está protegendo? — A mão dela foi automaticamente para o colar.

— Isso.

— O que é isso?

— Honestamente, não tenho certeza. Chama-se Heofon, inglês antigo para Paraíso. Mas é tudo que eu sei. O guardião da moeda que encontramos foi o último Sentinela a ter plena compreensão do que ele estava guardando. De acordo com Val, não eram mais permitidos aos Sentinelas saber exatamente qual era o propósito de seus objetos, por medo de que eles revelassem isso à pessoa errada, ou que eles usassem de modo impróprio, como o guardião da moeda fez.

— Mas ele não achou que ajudava as almas a passarem ou algo

do tipo?

— Sim, mas por se matar e deixar a moeda desprotegida, ele arriscou deixar forças do mal recuperarem a moeda. — Ela agora precisava ficar com a moeda até ser devolvida ao Aegis. De acordo com Val, uma vez que um objeto estivesse a salvo nas mãos dos Guardiões, um novo Sentinela seria escolhido para guardar o objeto.

— Então Byzamoth... ele esteve atrás de você, não é? Não da tábua.

— Acho que ele definitivamente queria a tábua para evitar que o Aegis fechasse os Harrowgates, e eu não tenho dúvida de que ele levaria a moeda de bônus, mas sim, acho que ele está atrás de mim. Tenho certeza que ele quer meu colar e meu encanto.

— Como ele poderia conseguir isso? — A voz de Josh saiu profunda e perigosa, e ela se arrepiou com medo e apreço feminino.

— Sexo. Por isso sou celibatária. Também por isso Val era tão protetor. — Ela olhou para o colo e depois levantou o olhar novamente. — Não é tudo. Se Byzamoth tirar o encanto de mim, eu morro.

Ela não conseguia entender a expressão dele. Absolutamente. Com um palavrão, ele levantou e se acalmou de novo, com as mãos fechadas em punhos dos lados.

— Josh, olhe, desculpe não ter te contado mais cedo...

— Não é isso — ele respondeu. A fúria dele era uma tempestade na sala, uma onda elétrica de arrepiar os cabelos. — Droga. *Droga!* Odeio isso!

Ela se abraçou, esfregou os arrepiados nos braços.

— Eu não quero mais falar sobre isso, está bem? Nós só precisamos sair daqui.

— Concordo — ele grunhiu. — Já reservei lugar no próximo trem.

— E quando é? — Ele olhou para o relógio.

— Amanhã. Cinco da tarde. Hoje, na verdade. Já passou da meia noite.

Ela esteve fora mais tempo do que imaginava. O que explicava por que seu estômago rugia. Ela balançou as pernas na borda da cama.

— Cadê minha mochila?

— Uh-uh — Josh a manteve no lugar com a mão espalmada entre seus seios. — Você precisa descansar. Eu pego sua mochila. Do que você precisa?

— Eu preciso não ser tratada como criança — ela disse, mas não estava completamente séria. Era bom ser tratada assim. — E eu preciso de uma barra de granola. Sempre deixo algumas na minha mochila.

— Imaginei que fosse acordar com fome, então pedi para prepararem comida para você.

Ele foi até a cômoda, levantou a tampa de um prato grande em cima de uma camada de gelo. Quando ele levou até ela, ela praticamente babava com a deliciosa visão de carnes, queijos, e frutas. Não importavam as circunstâncias, ela sempre seria capaz de comer.

E então, como um bebê, ela começou a chorar.

— Isso foi tão solícito — ela cobriu a mão dele com as dela. — Você não precisa cuidar de mim assim, mas eu não posso te agradecer o suficiente. Você fez muito. Você é um homem bom, Josh.

— Você está errada por muitas razões — ele disse quieto.

— Duvido disso.

— É, bem... você não me conhece.

Ela apertou a mão em volta da mão dele quando ele tentou puxar.

— Eu sei que você salvou minha vida.

— Fiz o que qualquer cara faria.

— Não, nenhum cara teria feito aquilo. Eles teriam fugido gritando daqueles demônios. Você lutou com eles, e você me salvou do Byzamoth. Nunca vou poder pagar ou te agradecer o suficiente.

Ele passou um olhar preocupado que ela não entendeu.

— Devo te deixar comer e descansar um pouco. Estarei no quarto da frente.

— Por favor — ela disse. — Fique. Não quero ficar sozinha.

O medo dela era idiota e infantil, uma criança com medo de escuro, mas depois de tudo que aconteceu, ela se sentia segura com ele. E não completamente sozinha, especialmente agora que ele sabia a verdade.

— É, tudo bem. Só vou dar uma varredura no andar do hotel... — Seu corpo inteiro entrou em convulsão, e ele balançou para trás antes de segurar as costas de uma cadeira com uma mão e a parede com a outra.

— Josh? — Ela empurrou a bandeja de comida na cama e se levantou, ignorando o giro em sua cabeça. — Qual o problema?

— Muito... rápido... — ele respirava profundamente e segurava a testa contra a parede.

— Você se feriu na luta, não foi? — Ela passou as mãos sobre o corpo dele, procurando por ferimentos, mas ele silvou – silvou mesmo – e girou para se afastar dela.

— Pare — ele resmungou. — Estou bem.

Ela o alcançou novamente, segurando-o pelo pulso. As tatuagens dele pareciam estar pegando fogo, e a tatuagem no rosto dele ficou completamente destacada contra a pele que ficara cinza.

— Você *não* está bem.

— Vou viver — sua voz estava áspera, mas seu toque gentil enquanto ela passava os dedos no braço dele. — Só preciso procurar demônios que podem querer te estuprar, e então vou tomar banho.

Uow. Ele melhorou.

— Tome cuidado. Por favor. Não quero que você se machuque por minha causa.

Deixando escapar um longo suspiro, ele fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Dane-se — ele respirou. — Você pode parar de se preocupar comigo? Parar de se importar?

— Você pode parar de ser um idiota? — A cabeça dele se levantou.

— O quê?

— É grosseiro pedir para alguém parar de sentir algo de que não se tem controle. Então entenda isso já. Eu me importo, e eu não vou parar. Aceite isso, ou vá embora. A escolha é sua.

Ele a encarou por tanto tempo que o estômago dela começou a remexer. E se ele decidisse ir embora? Ela precisava dele, e pela primeira vez, ela percebeu que precisava dele para mais do que proteção.

Oh, droga. Ela se estava se apaixonando por ele, não estava?

Finalmente, ele concordou. Sua expressão era firme, mas sua voz era quieta quando disse:

— Você vai ser a minha morte, Serena. Eu acho mesmo que você é.

†††††

Wraith estava praticamente hiperventilando no momento em que chegou ao banheiro. Ele fechou a porta atrás dele e caiu contra ela como se isso pudesse conter os demônios que o perseguiam.

Os demônios que estiveram com ele sua vida inteira. Em sua cabeça. Sua alma.

Você é um homem bom, Josh.

Se ele não estivesse com tantos problemas para respirar, ele riria. Ele não era bom. Ele não era nem um homem.

Não, ele era um demônio sexual cuja libido fora morta por uma toxina poderosa.

Exceto que sua libido não estava completamente morta. Não perto de Serena.

Quando ela o tocara agora, seu corpo havia entrado em erupção como um vulcão recém-desperto. Isso, combinado com o enjôo repentino do veneno, deixou seu sistema nervoso em sobrecarga de estímulo, e ele precisava dar o fora de lá. Seu corpo sentiu puxado em várias direções diferentes, e ele não sabia como reagir. Ele poderia facilmente tê-la agarrado por sexo. Poderia tê-la agarrado por sangue. Ou poderia ter vomitado no meio do quarto.

Escolhas fantásticas, todas elas. Matá-la com sexo, matá-la por deixá-la sem sangue, ou simplesmente deixá-la assustada.

Tremendo violentamente, ele afundou no chão e tomou longos fôlegos, calmantes. Quando o cômodo parou de girar, ele revirou a mochila e virou uma meia dúzia de itens no chão antes de pegar uma unidade de O negativo de uma bolsa de gelo. Caramba, ele odiava sangue gelado, mas não confiava nele mesmo para caçar no momento. Seus acessos da doença estavam mais frequentes, e a última coisa de que ele precisava seria pegar a refeição e ficar enjoado enquanto comia, ficando vulnerável.

Ele supôs que poderia ir ao hospital, onde poderia encontrar uma fêmea com vontade de satisfazer suas necessidades nutricionais e sexuais, mas a essa altura ele não achava que conseguisse se excitar com alguém senão Serena, e quão humilhante seria não ser capaz de fazer. Ele tinha uma reputação para manter, depois de tudo.

Além do mais, ele não aguentaria ver seus irmãos. A bomba que eles soltaram nele o deixou mal. Ele esteve querendo dar sua própria vida para salvar Serena, concordou em sacrificar o hospital. Mas como ele poderia virar as costas para os irmãos depois de tudo que eles fizeram por ele?

Ele não poderia.

Ele tomou uma dose da medicação anti-libido, e imediatamente, a pulsação de desejo em sua virilha abrandou, e sua pele, que parecia muito apertada para o corpo, se afrouxou. Ele empurrou a seringa no lixo. Furando a bolsa de sangue com os dentes, tomou um longo e demorado gole para engolir as pílulas.

Ele se deu quinze minutos para terminar a refeição, escovar os dentes, e tomar banho, e então ele vestiu uma bermuda e uma camiseta, e cuidadosamente reembalou a mochila para que os pacotes de sangue e medicamentos fossem enterrados nas roupas. Um barulho de bip abafado atraiu sua atenção para o celular em seu bolso. O

número de Eidolon piscou na tela, mas Wraith não estava com humor.

Entre o anúncio de seus irmãos e as confissões de Serena, ele estava se pendurando no último fio de sanidade.

Ele não podia acreditar que ela confiara nele daquele jeito. Ele deveria estar impressionado por ela confiar nele o bastante, mas a culpa começava a devorá-lo pela decepção que carregava, e quanto mais ela confiava nele, mais ela se preocupava com ele... mais ele se odiava.

E dane-se se ele deixaria Byzamoth perto dela outra vez.

Raiva passou por suas veias com o pensamento. Ele suspeitava de que o demônio estivesse atrás do encanto dela, mas ouvir a confirmação dela o deixou em chamas. Se ela ia perder o encanto, seria para alguém que desse a ela o prazer mais intenso de sua vida.

Seria Wraith.

Exceto... mesmo com as vidas dos irmãos em risco, ele poderia fazer isso agora? A ideia de ela morrer por causa dele não o emocionara desde o começo, mas agora ele a conhecia. Cuidava dela.

Cara, ele era mesmo um demônio desagradável e uma terrível desculpa para um incubos.

Talvez... talvez ele pudesse salvá-la. E pudesse estar errado sobre sua habilidade para curá-la. Se Wraith pudesse tirar a virgindade dela e ter certeza de que ela sobreviveria, todos ganhariam. Droga, ele fizera o impossível ano passado quando encontrara a cura da maldição de Shade. Tudo bem, então ele não encontrou a cura, mas ele encontrou os meios de ativar a cura. E a mesma fêmea demônio que ajudara Wraith a passar mais cedo pelo *s'genesis* poderia certamente curar Serena.

Sentindo-se melhor do que se sentiu desde que essa coisa toda começou, ele se dirigiu para o quarto de Serena.

Quando ele chegou à porta fechada, tomou um fôlego estimulante e bateu, xingando a martelada selvagem de seu coração. Ela abriu a porta, o cabelo molhado e vestindo uma camisola do *Family Guy*^[1] que de alguma forma cobria muito, mas não o suficiente.

— Eu tomei banho — ela disse, o rosto ficando adoravelmente corado enquanto ela abaixava a camisola.

Como se fazendo isso o fizesse parar de admirar as pernas dela.

E... adoravelmente? Ele tinha mesmo pensado isso? Caramba, ele estava ficando mole.

Ele precisava matar algo.

— Está se sentindo melhor? — Ela perguntou, e ele concordou com a cabeça enquanto entrava.

— Dor de cabeça crônica. Tomei uma aspirina. — Ele olhou para a bandeja de comida que ainda estava cheia. — Você precisa comer mais.

— Eu vou comer. Eu só estava esperando você voltar. Você não encontrou nenhum demônio espiando no hotel, né?

Só um. — Não. Estamos livres de demônios — como ela não respondeu, ele pegou a bochecha limpinha dela com uma mão. — Ei, você está bem? Quer que eu saia? — Ele realmente queria que ela dissesse que sim.

Ela fechou os olhos e mexeu a mão dele num gesto tão afetuoso, tão suave, que ele sentiu algo dentro dele ceder um pouco.

— Quero que você fique — ela disse suavemente. — Só não estou acostumada a passar a noite, você sabe, com um homem.

— É, nem eu — ele provocou, e ela riu, amenizando o humor. — Então, *Family Guy*, é?

O sorriso dela o golpeou no coração.

— É um prazer culpado. Stewie é tão ruim. Eu o adoro.

— Ele é o melhor — ele sorriu. — Imagino que se eu tivesse um filho, ficaria igualzinho a ele.

— Duvido disso — Serena subiu na cama e puxou as cobertas até o queixo.

Ela estava errada, muito errada, mas ele não podia dizer a ela o porquê, então não adiantaria argumentar. Em vez disso, ele ficou

perto dela, cuidando para ficar o mais próximo da borda da cama possível, sem querer se mexer ou tocá-la. Bem, ele queria tocá-la, mas do jeito que ela estava lá, inflexível e olhando para a porta como se quisesse fugir, ele percebeu que não era hora.

— Como está sua cabeça? — Ele perguntou, e ela se virou para encará-lo.

— Melhor. Obrigada — ele olhou para o teto.

— Você não devia me agradecer por nada.

— Se lembra daquela conversa sobre ser um idiota? — Os dedos dela desceram levemente, hesitantes, pelo braço dele, que pousava sobre o abdome.

Ele seria grato se ela parasse de tocá-lo. Parasse de usar as pontas dos dedos para traçar sua *dermoire*, a parte mais sensível de seu corpo. Bem, a segunda mais sensível.

Ela usava as costas das unhas para acariciar um dos símbolos no pulso dele.

— Qual o significado de suas tatuagens? São extraordinárias. Às vezes elas parecem se mover.

Isso era porque elas se moviam. Geralmente durante o sexo ou enquanto ele usava seu dom. Elas podiam brilhar ou pulsar, algumas vezes pareciam se contorcer.

— Truque de luz — ele disse suavemente. — É tipo história de família. Do lado do pai.

— Sério? Como? Os desenhos são familiares.

— Vem dos amorreus[2] — ele mentiu. Na verdade eram de Sheoul, símbolos e palavras em linguagem de demônio. — A família do meu pai é grande em tradição.

— Eu sei que você nunca o conheceu...

— Então por que ter as tatuagens? — Ele não conseguia muito bem contar a ela que ele já nasceu com elas, mas mentir para ela estava ficando cada vez mais difícil. — É uma coisa de família. Sou próximo dos meus irmãos, e todos nós queríamos fazer algo juntos,

então fizemos as tatuagens. Piegas, eu sei.

— Não, não é. É legal. Seria ótimo ter uma família assim.

— E você? Sei que seus pais não estão por perto, mas irmãos? Irmãs?

— Nem um nem outro. Minha mãe estava grávida quando ela morreu.

Dar conforto não era algo que ele estivesse acostumado ou fosse bom, então ele disse simplesmente:

— Lamento.

— Obrigada — ela se mexeu para mais perto, para que ficasse com a cabeça no ombro dele. — Você se importa?

— Não — ele resmungou. — É bom. — Bem em sua alma sombria, era bom. — Então, o que aconteceu com você depois que ela morreu?

— O testamento dela especificava que eu deveria crescer num convento. Então eu cresci com freiras que ficaram desapontadas por eu não ter me tornado uma delas.

— É, aposto que sim. — A ideia de ela ter crescido com freiras, bem, deu ideias a ele. As coisas que ela teria aprendido sobre o pecado, sobre sexo... um peso afundou no estômago dele. Mesmo se conseguisse sexo, eles não seriam amigos nem teriam um relacionamento... e *caramba*, que diabos ele estava pensando? Amizade? *Relacionamento*?

Maldito veneno. Eidolon dissera que aquilo transformaria seus órgãos em farinha, mas não disse nada sobre o cérebro.

Ela se apoiou em um cotovelo e o observou como se ele fosse algum tipo de mistério e ela fosse o maldito Sherlock Holmes.

— Você não gosta de ser tocado, não é?

Ele gostava quando ela tocava. Gostava muito, e esse era o problema.

— Não estou acostumado com isso.

— Nem eu.

— Aposto, considerando que você morre se fizer sexo. Deve ser um saco — ela riu.

— Não quer dizer que eu não possa fazer *outras coisas* — a voz dela era rouca e baixa, e o tocou em lugares que os dedos não alcançavam, e ele não conseguiu evitar virar para ela. — Como na outra noite.

— O que você está dizendo? — Ele sabia, mas queria ouvi-la dizendo.

— Estou dizendo que quero estar com você. Em qualquer jeito que pudermos.

†††††

Serena deu boas vindas à firme pressão dos lábios macios de Josh contra os dela. Ele gastou seu tempo, passando os lábios pelos dela e então dando pancadas leves sobre o lábio superior antes de alcançar os dentes. As pequenas pontas de seus afiados caninos a fez suspirar com a picada de prazer e dor.

Ele lambeu onde havia mordido, uma lambida quente sobre o lábio sensível dela. A boca abriu para ele, e assim fizeram as pernas enquanto ele ajeitava os quadris entre elas. Ele levantou os joelhos dela para permitir um maior contato, e quase grunhiu quando percebeu como eles se encaixavam bem, sua ereção embalada pelo sexo dela, com somente as finas barreiras da lingerie dela e a bermuda dele entre eles.

— Não se preocupe — ele murmurou contra a boca dela, — não vou fazer nada que você não queira.

— Eu sei.

Ele era tão grande, dominador, possessivo, que sua linha sensível e gentil a cercava como uma fita de cetim, fazendo-a se sentir feminina, sexy, desejável. E quando ele deslizou a língua para dentro de sua boca e começou a fazer movimentos penetrantes, impulsivos, que imitavam algo muito mais íntimo, era ela quem queria. Queria muito mais do que alguma vez poderia querer.

Mas por enquanto, ela teria o que podia.

Ele balançava contra ela como se fizesse amor com a boca dela. Ela se sentia ficando molhada, e como se ele soubesse, ele grunhiu no fundo do peito e baixou uma das mãos para entre os corpos. Seus dedos encontraram seu centro, e ela quase alcançou o clímax com apenas um contato leve, passante.

— Oh, droga — ele disse contra os lábios. — Posso sentir o cheiro de seu desejo, e está me matando. Preciso provar. Se você não quiser, é melhor me dizer agora.

Sua respiração a deixou rapidamente enquanto as palavras afundavam e as imagens, a fantasia, começavam a preencher seus pensamentos.

— Sem objeções, então — ele murmurou, deslizando o corpo dela para arrancar a lingerie. Devagar, como um grande gato, ele engatinhou desde os pés dela até as pernas, seus músculos se contraindo e mudando fluidamente sob sua pele. A respiração dela saía em surtos trabalhados enquanto ele abria as coxas dela.

Ela queria muito isso, mas ele olhava para ela e ela estava nervosa e com medo de cometer um terrível erro, quando ele sussurrou:

— Deus, você é linda. — Deus? Céus, talvez. Não importava que palavra estranha ele tivesse usado, pois ela estava com a cabeça leve e, ao mesmo tempo, pesada, com uma dor profunda.

Fechando os olhos, ele inspirou, e quando ele abriu os olhos de novo, ela jurava que eles brilharam dourados, mas ele baixou o olhar tão rápido que ela não podia ter certeza.

— Seu cheiro é tão doce. Eu poderia passar a noite toda entre suas pernas.

As mãos dele subiram das coxas para os lábios, e ela segurou a respiração enquanto ele abaixava a cabeça lentamente, tão devagar que ela quis gritar. E então ela gritou quando a língua dele deu uma investida do centro até o clitóris.

— *Josh*. Oh... oh, uow — ela suspirou.

Um som de ronronar vibrou pelo corpo dela, e a respiração quente de Josh deu um banho de sensações nela. — Se eu te machucar

ou se você não gostar, me fala.

Não gostar? Ele é louco?

— Não acho que isso vá acontecer.

— Não quero me envolver... você tem um gosto muito bom, e eu nunca fiz isso antes...

O queixo dela caiu, mas ela não teve chance de dizer nada antes da boca dele estar nela novamente, beijando e chupando, tirando os quadris dela da cama. Nada em seus sonhos ou fantasias a prepararam para isso. Sensações intensas passavam pelo seu corpo a cada movimento de língua, que girava e golpeava até ela estar remexendo contra a língua, balançando os quadris desenfreadamente. E quando ele pegou o clitóris entre seus lábios e chupou, ela desmoronou. Em milhões de pedaços que esmigalhavam sua mente.

A voz de Josh flutuou em algum lugar sobre ela, e, atordoada, ela abriu os olhos.

— Isso foi... oh, caramba — ela suspirou.

Ele a observava com admiração e sem petulância em sua expressão.

— Você é tão sexy do seu jeito. Vamos fazer isso de novo.

Apesar de ela mal ter energia para respirar, ela deu um sorriso.

— Assim como eu gostaria de...

— Por que não? É a sua cabeça? — Agora ele a olhava com preocupação, seus olhos azuis brilhavam. — Serena? Você está bem?

— Oh. Sim, estou b-bem — o que era mentira, pois ela não estava nada bem. Ela estava se apaixonando por esse homem, e isso definitivamente não era bom. Mas ela estava inebriada, e ela poderia tirar um cochilo.

— Merda. Não devíamos ter feito isso. Você está machucada e precisa descansar...

— Shh — ela tocou o rosto dele, calando-o instantaneamente. — Você parece um médico.

— Um efeito colateral de trabalhar num hospital e ter um

irmão paramédico e outro médico.

Ela sorriu fracamente, pois ainda estava se recuperando de seu clímax enlouquecedor.

— Deve ser legal ter médicos na família.

— É, bem, você não conheceu meus irmãos — ele se inclinou para o lado e relaxou contra ela. — Vá dormir. Discutimos porque meus irmãos são os maiores pés no saco amanhã.

Ela se aconchegou contra ele e nem ligou de esconder um bocejo.

— Amanhã, então.

— Amanhã — ele disse, e por alguma razão ele soou... triste.

[1] *Family Guy* (*Uma Família da Pesada*, no Brasil) é uma sitcom de animação norte-americana. A história da série gira em torno dos Griffins, uma família disfuncional que consiste nos pais Peter e Lois; os filhos Meg, Chris e Stewie; e o seu animal de estimação, o cão antropomórfico Brian. A série é ambientada na cidade fictícia de Quahog, Rhode Island, e a bases de grande parte do seu humor vem de paródias da cultura pop americana.

[2] Os amorreus eram um povo nômade que viveu na região da Mesopotâmia. Trouxeram grandes mudanças e influência para o Império Babilônico.

Dezesseis

Wraith e Serena dormiram até depois do meio dia. Bem, Serena dormiu. Wraith se manteve em guarda, principalmente, andando pela suíte e pelo andar do hotel. Nada iria passar por ele até Serena. Nada.

Ele chamou seu contato, uma fêmea demônio, para informá-la que ele precisava de uma cura para a doença Mara e que ele pagaria qualquer preço, mas ele não havia recebido resposta ainda. Ele também sabia o que ela requeria de pagamento. O corpo dele. Por dias.

Pela primeira vez em sua vida, transar com uma linda demônio sem parar não parecia bom para ele. Ele mudou seu olhar para Serena, que estava acabando uma ligação para o seu chefe.

Ela o pegou encarando-a enquanto ela desligava e fazia o seu caminho pelo lobby. — Nós precisamos fazer um desvio no caminho para o trem. O Val quer que eu deixe a moeda com o Regente Aegis local.

Wraith começou a suar frio. E se o Aegi soubesse como o verdadeiro Josh parecia?

— Por quê?

— Porque se o Byzamoth está atrás de mim, a moeda também está em perigo, e nós não podemos deixá-lo pegá-la.

— Nós não podemos deixá-lo pegar você — ele grunhiu. — Nós precisamos chegar ao trem e sair de Aswan.

— Levará somente um minuto. O Regente vive somente há algumas quadras daqui. E se ele tiver um computador, eu posso ser capaz de fazer uma pequena pesquisa sobre o Byzamoth.

Bem, merda. — Ótimo. Vamos.

Eles andaram, Wraith observou as cercanias. Ele também havia abastecido os medicamentos antes que eles saíssem, e enquanto eles se aproximavam da habitação do Aegis, ele se perguntou se deveria aumentar a dosagem. Ele estava se cansando mais rapidamente e severamente agora, e precisava estar no melhor de seu jogo.

Eidolon deu a ele um mês para viver, mas Wraith podia sentir a sua saúde se deteriorando, e seu interior lhe dizia que ele tinha uns dois dias.

Uma dor no fundo do osso se acomodara em cada célula de seu corpo, mas apesar de sua mente estar enevoada algumas vezes, ela não queria ser derrotada. O que era estranho, já que ele praticamente viveu a sua vida inteiramente com um desejo de morte.

— É logo a frente — Serena disse, estudando o seu mapa.

A brisa aumentou, trazendo areia... e o cheiro de sangue humano. Muito sangue. Wraith parou repentinamente, batendo forte contra uma parede de maldade. — Serena.

— O que foi?

— Demônios.

Sua cabeça girou. — Onde?

— Eu não sei. Mas algo parecia estranho em Philae, e eu estou sentindo a mesma vibração agora. O quão perto nós estamos? — Ele perguntou, e ela apontou para a casa há uns trinta metros dali. — Tudo bem, vamos sair do espaço aberto, para vermos se isso passa.

Ela não discutiu. Ela o deixou tomar a sua mão, mas enquanto eles se aproximavam, o cheiro cobre de sangue ficou mais forte. Estava vindo de dentro da casa do Regente. O cabelo em seu pescoço se levantou, e apesar de sua boca estar salivando por causa do cheiro, ela ficou seca.

— Serena — ele disse, — eu preciso que você fique aqui na varanda enquanto eu verifico lá dentro.

— Mas...

— Isso não está aberto para discussão. Eu tenho uma sensação, bem, bem ruim, e os meus palpites sempre estão certos.

— Tudo bem. — Sua voz era firme, forte, mas ele detectou o som de seu coração ficando mais rápido. — Tudo bem. Eu confio em você.

Ele desejava que ela parasse de falar isso. — Somente fique aqui, e grite se você precisar de mim. — Ele a beijou, e parecia a coisa

mais natural no mundo para ele fazer.

Xingando a si mesmo, ele tentou a porta. Destrancada. Abriu com um rangido, e o fedor da morte bateu nele tão forte que ele deu um passo para trás. Não somente morte, mas miséria. Sangue. Entranhas. O seu estômago se revirou enquanto ele se movia cuidadosamente para dentro. Os seus sentidos não pegaram nenhuma presença de outros, mas isso não significava que ele estava sozinho. Muitas criaturas não possuíam batidas de coração ou corpos físicos. E alguns podiam esconder a sua força vital.

Ele deu um olhar rápido por cima de seu ombro para ter certeza que Serena havia ficado no lugar. Ela havia, mas a maneira que ela se mexia e mordiscava seu lábio inferior diziam para ele que ela não iria permanecer lá por muito tempo.

Ele encontrou o Regente no quarto. E no banheiro. E na cozinha.

Ele perdeu o seu almoço na lata de lixo, e enquanto ele jogava água em seu rosto e lavava sua boca na pia da cozinha, ele se tornou consciente de que ele não estava sozinho. Ele cheirou o seu redor e se encontrou de frente com Byzamoth.

— Humanos são tão... frágeis. — Byzamoth sorriu e lambeu o sangue de seus dedos. — Nós veremos como Serena se compara. Eu espero que ela esteja intacta. Para o nosso bem.

Wraith arremessou um punho no rosto do macho. Duas vezes. Ele seguiu isso com um joelho na virilha e um cotovelo no pescoço. Byzamoth não teve tempo para se surpreender. Ele caiu com força.

— É disso que eu estou falando. — Wraith lançou um chute nas partes privadas do demônio. — Oh, sim... uuf!

Byzamoth deu uma rasteira, pegando os joelhos de Wraith. Wraith bateu contra um armário, mal conseguindo não cair no chão. O demônio bateu nele com o corpo inteiro, e o crânio de Wraith bateu com força na parede, fazendo uma marca no gesso e colocando o seu temperamento em órbita.

Com um rugido, ele apertou Byzamoth contra o balcão, quebrando copos e pratos. O cara era mais forte do que a maioria, e não levou muito tempo para perceber que em sua condição enfraquecida, Wraith poderia, pela primeira vez, não sair por cima disso.

A mão de Byzamoth se fechou ao redor do pescoço de Wraith e apertou. Um aperto vicioso de dor o rasgou até a espinha de Wraith. Ele procurou atrás dele com uma mão, procurando um porta-facas que ele vira no balcão. O rosto de Byzamoth era uma máscara de maldade, seus dentes a mostra, sangue os manchando de vermelho.

— Ela é minha — ele sibilou, apertando tão forte que a visão de Wraith escureceu. — Sem mais jogos. É hora de você morrer.

Não ainda, imbecil.

Wraith fechou sua mão ao redor do cabo de uma faca e a lançou. Ela penetrou no pescoço do macho, no local suave entre o seu pescoço e o ombro. O sangue jorrou, e um grito profano saiu das profundezas infernais do corpo do demônio. Ele largou Wraith, mas a faca não o deixou mais lento. Seus olhos brilhavam vermelhos, e merda, o corpo inteiro dele começou a brilhar. E crescer. E se transformar.

Filho da puta, vai se foder, porra. Byzamoth não era a cria comum do inferno. Ele era um maldito anjo caído. Hora de sair fora.

Wraith foi para a porta, bem na hora que Serena correu para a soleira, — O que está acontecendo?

— Vá! — Ele gritou. — Agora!

Ela mergulhou de volta através da porta, e ele estava logo no seu encalço. Um rugido furioso seguiu-os, tão poderoso que Wraith sentiu uma explosão de calor queimar em suas costas. Ele agarrou suas bolsas em uma mão e o pulso de Serena na outra e correu pela rua. Logo à frente, um homem entrava no seu carro. Wraith empurrou o rapaz para fora do caminho, pegou as chaves dele, e empurrou Serena para dentro do veículo.

O cara xingou Wraith em árabe enquanto Serena se ajeitava no banco do passageiro. Wraith o ignorou, pulando para o assento do condutor, e ligou o carro.

No espelho retrovisor, ele viu um anjo vindo atrás deles... parecendo uma grande gárgula com malditos dentes enormes e gigantes asas... corrija isso: somente uma única asa. Ele ligou o motor e acelerou para fora de lá, dirigindo como um louco até que chegaram à estação ferroviária.

— O que era aquilo?

— Byzamoth. Ele é um maldito anjo caído.

— Merda.

— Resumindo.

— Ele... ele... matou o Regente?

— Sim.

— Oh, Deus. — Ela colocou um dedo em seu colar enquanto ela se mexia para olhar pelo espelho retrovisor. — Josh?

— O quê? — Wraith guinchou em torno de uma esquina e enfiou o carro em um espaço no estacionamento.

— Por que Byzamoth estaria lá?

— Porque ele conhecia você... — Oh, merda.

— Sim. Ele sabia que eu estava indo para a casa do Regente.

Eles trancaram os olhares, porque ele sabia onde isso estava indo. Somente algumas pessoas no Aegis saberiam dos planos dela. — Você não tinha uma passagem para este trem, certo? Então ninguém sabia que nós estaríamos nele?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Somente o Val. Era supostamente para eu estar no trem de amanhã.

Wraith colocou as mochilas no ombro e saiu do carro, mas por alguma razão, ele não se sentia aliviado.

†††††

O sangue de Reaver saía livremente de seus pulsos enquanto ele se ajoelhava no Monte Megido – Har-megiddo[1], como ele sempre o conhecera. O sangue dele não era o primeiro a ser derramado aqui, nem seria o último. Batalhas foram lutadas em Megido desde os tempos antigos, e o vale abaixo iria, algum dia, talvez logo, se tornar o local de encontro para os exércitos que lutariam na última batalha entre o bem e o mal.

A noite caía, mas o céu já estava escuro com as nuvens que passavam. Ele despertara os Céus com a sua presença, e o seu pedido.

Ele esperou, o seu sangue formando rios gêmeos que serpenteavam ao longo do solo seco e ao redor dos pedaços de pedras. Pontos se formavam na frente de seus olhos e a náusea rodopiava o seu estômago. Se ninguém aparecesse perante a ele, poderia morrer, e esta não era a maneira que queria morrer.

Qualquer anjo caído drenado, por vontade própria, de seu sangue iria conhecer o tormento eterno ao lado de Satanás. Pior, toda a esperança de Reaver para retornar ao Paraíso estaria perdida.

— Você ousa requerer algo de mim? — A voz ressoante expandiu pela sua cabeça, zumbindo nos ouvidos dolorosamente.

Reaver não olhou para cima para a dona da voz, a anjo Gethel. Ele não tinha mais permissão de ver quem ainda Servia. Ao invés disso, ele manteve seu olhar no chão que ficava molhado com o seu sangue.

— Eu acredito que isso seja digno de sua atenção — ele respondeu cuidadosamente.

— Eu julgarei isso.

— Claro. — Uma onda de tontura o lavou, e ele se perguntou se ela o deixaria sangrar até morrer. — A Sentinela, Serena, está em perigo.

— Nós estamos cientes disso.

— O que está sendo feito?

— Nós não podemos interferir.

Ele sabia que havia restrições no quanto de ajuda os anjos podiam providenciar até que a situação cruzasse para fora do reino humano do livre-arbítrio e para uma verdadeira crise de bem e mal. Mas Serena precisava de ajuda.

— Eu poderia ir até ela...

Um relâmpago relampejou. Trovão ecoou pelo cérebro de Reaver, destruindo os seus tímpanos. A dor gritou pela sua cabeça e em seus pulsos, enquanto o sangue que saía em filetes se transformou em cordas que o seguraram à terra seca.

— *Você não irá até ela.*

— Algo deve ser feito! — Reaver ergueu sua cabeça. Ele estava farto de implorar e se acovardar como um cachorro chicoteado.

Gethel estava de pé em frente a ele, maior do que a vida, terrível e linda enquanto o vento batia em sua túnica cinza e no cabelo loiro ao redor dela. — Você fez mais do que o bastante *pela Serena*, Caído.

O lembrete do que ele fizera para causar a sua Queda se tornou uma pressão esmagadora em seu peito. Ele cometeu um crime ao quebrar as regras e interferir nas vidas humanas, e mesmo que houvesse feito isso para salvar Serena, discutir o seu motivo com Gethel não levaria a nada. Mais uma vez, ele abaixou sua cabeça. Ele fechou seus olhos, mas as memórias mostradas na parte de trás de suas pálpebras eram como um filme em alta definição.

Havia somente duas maneiras para quebrar o encanto: suicídio ou sexo. Patrice foi uma caçadora de tesouros, igual à Serena. E em suas viagens e caçadas, ela encontrou um objeto de grande significado histórico e religioso.

Ela encontrou a Lança do Destino, a Lança Sagrada de Longinus, usada para esfaquear Jesus depois de sua morte. Apesar dos humanos terem especulado sobre o poder da lança por anos, a verdade, que era capaz de um mal imensurável nas mãos dos humanos que a brandiam pelo poder, era algo que deveria ser mantido em segredo até a Batalha Final.

Patrice poderia ter se tornado rica e famosa além da imaginação, mas ela entendia o poder da lança, e a retornou para o seu local de descanso, para ser encontrada novamente por alguém que iria utilizá-la para o lado do bem, em um momento de necessidade.

Seu sacrifício a tornou escolha perfeita para ser a portadora do colar Heofon, depois que o seu portador anterior se matara duzentos anos após guardá-lo.

Patrice usou o Heofon com orgulho... até que Serena estava no seu leito de morte.

Naquele momento, Patrice implorou para quem estivesse ouvindo para que salvasse Serena. Quando suas orações passaram sem ser respondidas, ela suplicou para que o seu encanto fosse transferido. Era algo que nunca havia sido feito antes... não era permitido que fosse feito.

Mas Reaver fizera isso.

E ele conseguiu para si mesmo um chute para fora das portas do Céu.

— Eu faria mais por ela se eu pudesse — ele disse para Gethel.

— O que você fará é pensar sobre as suas ações até que eu ache que seja melhor te libertar.

Com isso, ela se foi, e ele ficou estacado na terra cozida. Ele não teria uma hemorragia agora, mas se ele ainda estivesse aqui no pico, no meio dia amanhã, ele seria transportado para o Céu, para encarar o julgamento final.

E ele não iria falhar.

[1] A palavra "Armagedom" vem do hebraico *Har Megiddo*, que significa Monte Megido. Este monte está situado no vale de *Jezreel* (nome hebraico), conhecido como planície de *Esdraelom* (nome grego), ou ainda planície ou vale de *Megido*, por causa da cidade de Megido que fica a oeste da planície. Segundo especialistas em história, houve mais guerras em Megido do que em qualquer outro lugar da terra, por ser muito bem estrategicamente localizado. Chegam a concluir que a cidade de Megido foi construída e destruída mais de 25 vezes.

Dezessete

Nova York no inverno pode ser arrepiantemente fria até os ossos, mas a temperatura não incomodava Gem enquanto ela e Kynan caminhavam ao condomínio de Eidolon e Tayla. Diabos, nada a incomodava agora. Apesar de que ela e Ky não foram capazes de voltar a seu apartamento, ela ainda sentia um zumbido de promessa depois do momento romântico que passaram no hospital.

Mas logo *E* apareceu e arruinou tudo ao insistir que todos se reunissem na sua casa. O que fosse que ele estivesse trabalhando soava mal.

E abriu a porta. — Tay e Runa estão na sala de estar com os bebês. Shade e eu estamos fazendo nosso melhor esforço para não queimar os filés na cozinha.

Kynan tirou sua jaqueta, e Gem levou um momento para admirar como seu suéter preto se moldava ao seu corpo tonificado. — Já assei uns filés nos motores do Humvee antes. Vou lhe ajudar.

— Essa não é um forte endosso, homem. — *E* disse, mas ele apontou com a cabeça para a cozinha. — Vamos.

Gem franziu o cenho. — Disse que nos reuniríamos para falar.

— As más notícias sempre parecem melhores com o estômago cheio — *E* disse e desapareceu pelo corredor, Kynan no seu calcanhar.

Gem se apressou para sala, que parecia uma loja de brinquedos. Tay e Runa levantaram o olhar do chão onde estavam sentadas brincando com as crianças. Era impossível identificá-los, exceto a última incorporação, um pouco menor que os outros, mais rosada, e se aconchegava segura nos braços de Runa.

Shade e Runa estavam encantados de ter o bebê, sobretudo agora que o futuro de Wraith estava questionado. Ter um pedacinho dele parecia ser um consolo para todos, e o pequeno demônio receberia todo o amor que Wraith não recebera em sua infância.

Deus, Runa mostrava-se tão feliz, tão contente. Gem sentiu um puxão no abdômen.

Tayla deu uns tapinhas no chão próximo a ela. — Sente-se e pega um neném.

— Tem mais do que o suficiente para escolher. — Gem olhou aos três bebês deitados sobre as mantas, suas pequenas mãos apertando brinquedos leves e coloridos.

Tay pegou uma garrafa da bolsa de fraldas. — Não sei como faz Runa. Ficaria louca com apenas um.

Runa sorriu à criança em seus braços. — Mudará de opinião quando estiver sustentando um dos seus.

— Duvido muito. — Tay murmurou. Ela e Eidolon queriam filhos, mas estavam dispostos a esperar. E se dependesse de Tayla, a espera duraria uns trinta anos, mais ou menos.

— Então, Wraith ainda não sabe sobre o bebê?

— Não — Runa acariciou a bochecha do bebê. — Tem muito com o que lidar agora mesmo. Inclusive quando as coisas se acalmem, vai ser difícil de lhe dizer. Shade teme que ele tenha um curto circuito ou algo assim, se ele acreditar que tem que ser responsável por uma vida inocente de alguma forma.

— Ele não o fará. Vocês vão se assegurar que isso aconteça certo? — Tayla pegou a bolsa novamente e tirou Mickey. A fuinha tagarelava indignada, roubou uma chupeta, e correu para debaixo do sofá.

— Claro. Queremos criar este pequeno. Mas, pode imaginar o difícil que será para Wraith chegar às festas de família e ter que ver seu filho crescer sem ele? E o que acontecerá quando o bebê começar a fazer perguntas? O que diremos? Que seu pai não o queria?

— Não acredito que está sendo justa com Wraith — Gem disse em voz baixa, e Tay e Runa olharam fixamente como se acabasse de declarar que o Sheoul, com suas cavernas escuras, geladas por fora e com seu interior de lava quente, era o melhor lugar para passar as férias. — Vamos. Não sabemos como vai reagir. Ele sempre foi imprevisível.

— Sim, e isso é o que quer para a criança — Tay disse secamente.

Gem deu de ombros. — Acredito que tem que lhe dar uma

oportunidade.

Runa suspirou. — Sei que estou sendo dura com ele. Ele tem uma atmosfera de proteção de uma milha de largura, e tem sido amável comigo, mas eu não sei se nada disso o converte em um bom pai.

— Falando em bom pai — Tayla disse, dando a Gem um olhar curioso, — como está você e Kynan?

— Bom pai? — Runa se inclinou para frente e baixou o tom de voz. — Você e Kynan... estão esperando?

Gem quase se afoga em sua própria saliva. — De jeito nenhum. Está brincando? — Ela olhou por cima do ombro, meio com medo de que ele entrasse atrás dela.

— Mas quer filhos algum dia, não? — Runa perguntou.

— Sim, mas... — Mas o quê? Ela os queria, mas para que tipo de mundo os traria? Demônios ou humanos?

Um nó se formou em seu estômago, apertando e apertando até que podia somente respirar. Ela cresceu como produto de dois mundos, pertencendo a ambos e a nenhum, e ela jurou que nunca colocaria uma criança no meio disso.

Merda era perigoso colocar uma criança no meio disso. Alguns demônios, como os Sensores, a espécie de seus pais adotivos, existiam com o único propósito de caçar mulheres grávidas, cujo bebês humanos eram de espécies misturadas, e matar aos bebês. Outras espécies de demônios faziam de sua missão destruir as raças mistas apenas por esporte.

Gem mesmo fora marcada para morrer e destruíram seus pais quando se fez óbvio que não podiam conceber. Tayla foi salva apenas porque os pais adotivos de Gem não detectaram o demônio nela e a deixaram com sua mãe humana.

Olhou para Tayla e Runa, experimentando o auge do ciúme ao saber que não compartilhavam o seu problema. Seus filhos eram e seriam demônios *Seminus* de raça pura.

— O que está errado? — Tayla perguntou. — Acredita que Kynan não queira filhos com você?

— Acredito que é muito cedo para sequer pensar sobre isso. — Mas não, ela não acreditava que Kynan queria filhos com ela. Levou muito tempo para ter relações sexuais com um demônio. Ter filhos com uma? Provavelmente se castraria a si mesmo antes de permitir que isso acontecesse.

Runa empurrou o filho de Wraith nos braços de Gem. — Temos que deixar que veja o quão bem fica com eles, então.

Os olhos de Gem arderam enquanto olhava para baixo, a pequena cara enrugada do bebê se aconchegando contra ela. Seus pequenos dedos agarraram os seus, e sentiu esse rasgo novamente, em seu ventre. Passos pesados anunciaram a chegada de um dos garotos, e claro, Kynan se agachou junto a ela, com um copo de refresco na mão.

— Eu lhe trouxe uma bebida. — Colocou o copo no fim da mesa. — Assim que este que é a semente do inferno de Wraith, hein? É lindo, nada parecido com seu pai.

Um sorriso nos lábios, e Gem segurou o fôlego e o desejo em seus olhos.

— É um bebê muito bom — Runa disse. — Assim que sim, nada como Wraith.

O sorriso de Kynan se voltou triste, e Gem sabia que ele pensava na grave situação de Wraith. — Posso segurá-lo?

Gem entregou a criança, e se fez um nó em sua garganta quando aproximou o pequeno contra seu peito e começou a balançá-lo. Ele seria um bom pai, puro e simples. Algum dia ele os queria, e então o quê? O que aconteceria quando se desse conta de que Gem não poderia gerar crianças humanas?

Nada bom, e era hora de enfrentar os fatos.

Ela e Kynan nunca poderiam ter um futuro juntos.

†††††

O jantar tinha gosto de serragem.

Kynan essencialmente empurrou sua comida ao redor do prato enquanto Eidolon dizia todas as coisas que estavam mal no hospital, incluindo o fato de que o remendo que colocaram no feitiço Haven

estava enfraquecendo. Com o hospital com o mínimo de pessoal, *E* e Shade decidiram que se o feitiço Haven fracassar novamente, fechariam o hospital.

Mas o pior das notícias chegou antes, em particular, quando Shade e *E* lhe disseram que suas vidas estavam em jogo também, algo que não disseram a suas esposas.

E as más notícias continuavam chegando.

— Os planos estão se consolidando no inframundo — Shade disse. — Tem ocorrido uma chamada às armas.

O estômago de Ky caiu a seus pés. — Isto é maior que um simples ataque, não?

E apertou a ponta do nariz entre o polegar e o indicador, parecendo esgotado e mais áspero do que Ky o havia visto. Agora compreendia por que. Estava morrendo. — Armageddon para vocês, Reclamação para nós.

Shade bebeu um gole de cerveja. Ele, tampouco, parecia muito bem e Ky precisava se perguntar se Runa, Tayla e Gem realmente acreditavam na sua *gripe Seminus*.

— Wraith ligou — Shade disse. — O homem que atacou Serena é um anjo caído. Ele está atrás do encanto e o colar que protege.

Kynan estava farto de ouvir falar de anjos caídos. — Que tipo de colar?

— Wraith não disse. Mas tudo aconteceu ao mesmo tempo, a aparição de Serena em cena e os estragos no inframundo. Está definitivamente conectado.

— Tem perguntado a Reaver sobre ele?

— Tentei. Ele está PEA[1].

— Merda. Bom, aonde vão atacar os exércitos? Tenho que notificar a Sigil, e a R-XR, se Runa não o fez.

Não apenas o irmão de Runa trabalhava para a R-XR, mas Runa também, ela foi contratada por eles antes de começar a sair com Shade.

Ela deu a Shade um olhar penetrante de nada-para-você-essa-

noite, que na realidade era uma ameaça, vendo como ele morria sem sexo.

— Falei com Arik ontem, mas estou escutando tudo isso pela primeira vez, neste momento.

Shade deu de ombros, apesar de soar um pouco envergonhado quando disse: — Eu não queria lhe incomodar. Já tem o bastante com o seu... — voltou-se para Kynan. — Fiz uma pequena viagem a Sheoul esta tarde. Falei com gente que conhece gente... não há uma palavra sobre um ataque real. Em troca, os exércitos se reuniram em Israel.

Uow. Kynan baixou seu tom. — Porque se reuniram sobre a superfície? Não poderia usar os Harrowgates para chegar aos lugares que vão atacar?

— Existe o temor de que os humanos podem paralisar os Harrowgates — *E* disse. — Além disso, os demônios não podem desmaterializar em massa através deles. Tem que se reunirem em lugares próximos a batalha.

— Tem sentido. — Era uma boa estratégia. O Aegis e as unidades militares paranormais poderiam começar a colocar seus recursos em seu lugar agora. Colocou-se de pé. — Vou começar a mover isto. E se Serena ou seu colar é parte disto, talvez o Aegis ou a R-XR poderia capturá-la e mantê-la fora das mãos do anjo caído.

Shade e *E* pareciam preocupados por essa ideia, que sem dúvida, terminaria com os planos de Wraith de pegar seu encanto, mas eles não discutiram. Ainda mais agora, que suas vidas estavam em jogo.

— Diga — *E* disse, sua voz baixa e áspera. — A Reclamação pode soar como um bom momento para uma grande quantidade de tipos de demônios, mas gosto do mundo tal como é. — Olhou Tayla e os bebês. — É seguro para minha família.

Enquanto Kynan pegava a mão de Gem na sua, não podia deixar de estar de acordo.



Gem permaneceu em completo silêncio na caminhada a seu apartamento. Kynan haveria se preocupado, exceto que ele não tinha

muita vontade de falar também. A ameaça de amigos morrendo e do final do mundo o deixou sem fala.

Gem tirou as chaves do apartamento do seu bolso e abriu a fechadura, mas ela não abriu a porta. Em troca ela se interessou muito em seus pés. As plataformas Mary-Janes adicionavam uns cinco centímetros a sua altura e fazia suas pernas, nuas e longas, uma obra de arte. Nunca foi da moda gótica, mas não podia se imaginar em qualquer outra coisa.

Nada exceto lençóis de cetim, de todas as formas.

Ele colocou um dedo debaixo de seu queixo e a obrigou a olhá-lo. — O que está errado? Fiz algo estúpido outra vez?

Um sorriso triste cruzou seus lábios, que estavam recém pintados com batom negro. — Não fez nada.

— Então me diz o que está acontecendo.

— Além de um possível fim do mundo?

— Além disso.

— Você... é... já sabe o que sinto por você.

Bom, se isso não acabava de congelar o sangue em suas veias. Ninguém começava um diálogo assim ao menos que fossem dizer algo mal.

Como, *dormi com seu melhor amigo*. Ou, *dormi com esse demônio vestido em couro, com um piercing na língua*.

— Gem...

— Não — ela disse rapidamente. — Não diga nada. Apenas quero que entenda o quão difícil que é para mim.

Seu coração caiu aos seus pés. — O que é tão difícil?

— Terminar com você.

Depois do tempo que passaram no quarto do hospital hoje, isto era a última coisa que havia esperado, e ele levou uns bons dez segundos para que seu cérebro processasse isso. Inclusive quando o fez, teve que repetir o que ela havia dito. — Terminar comigo?

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela levava a mão aos lábios e beijava a ponta dos dedos. — Sinto. Sinto muito.

— Maldita seja, Gem. — Sua voz se quebrou, e odiava por isso. — Me diz o que está acontecendo.

— Quer crianças, não?

Ele pestanejou totalmente desprevenido. — Sobre o que é isso?

— Crianças. Bebês. Pequenos frutos de suas entranhas. Os quer?

— Bem, sim... algum dia.

Seu queixo tremeu. — Isso é o que eu pensava. — Tirou sua mão da dele e deu um passo para trás, colocando um quilômetro de distancia em três pés de espaço entre eles. — Não há motivos de nós sairmos então.

— O quê? Gem está parecendo uma louca.

— Oh, vamos. Está me dizendo que quer ver aonde isso vai? Se pode se tornar sério? Realmente pensa em casamento? Crianças? Porque, Kynan, já sabe o que sou. Tem considerado o fato de que se tivermos filhos, eles seriam um quarto de demônio? E não apenas demônio. Senão, Trituradores de almas.

A boca de Kynan se abriu, mas não saiu nada. Ele não pensara até esse ponto tão distante, levava as coisas dia a dia por tanto tempo.

— Viu? Nem sequer consegue me tranquilizar. — Sua voz era suave, resignada, não irritada como ele pensava que tinha todo o direito de estar.

— Não é isso. É apenas que... não podemos cruzar essa ponte quando chegarmos nela?

— Não, não podemos. Deus, Kynan, o que sinto por você agora é tão forte. Não posso suportar a ideia de que daqui a dois anos, no futuro, quando estiver mais apaixonada, me deixaria porque quer filhos. E não diga que a coisa dos filhos não seria uma grande coisa para você.

— Gem. Escuta-me. Sabe que minha posição sobre os demônios tem mudado. Alguns dos meus melhores amigos são demônios. E,

Tayla e você... o tema do meio-demônio não me incomoda.

— Não lhe incomoda agora. Mas e mais tarde? — Ela estudou seus sapatos de novo. — Inclusive se você decide que poderia viver sem os filhos com o fim de estar comigo, cresceria um ressentimento contra mim.

— Obrigado pela confiança — ele lhe espetou. — Enquanto estava me apontando com acusações injustas, se sentou uma vez e pensou que talvez eu devesse decidir o quão contrário estou de ter filhos com sangue de demônio correndo através deles?

Ela o olhou. — Somente estou evitando um monte de dor.

— É uma merda. Está me castigando por todos esses meses que me queria, mas não lhe dava bola, porque você era um demônio. Já superei isso, Gem. Não me importa. Porque não o entende?

Sua risada amarga rebateu nas paredes do corredor estreito, fazendo um eco escuro.

— Você é que não entende. Quer uma prova? — Ela colocou sua mão sobre seu peito. — Vejo suas cicatrizes. É o que sou. Soulshredder lembra-se? Posso ver todos os danos do seu passado, e sei exatamente do que se trata. E sabe o quê? Há uma ferida enorme correndo aqui mesmo, sobre seu coração. Trata-se de Lori. E os filhos. E como você os queria, mas ela continuava adiando, e em algum momento antes que ela o traísse você já suspeitava, apenas por um minuto, que talvez ela fosse adiar para sempre. E então você estaria diante da decisão mais difícil da sua vida. Ficar com ela e não ter filhos, ou deixá-la para encontrar alguém a quem poderia deixar grávida. Quão próximo estou, Kynan? Porque tenho que lhe dizer, minha metade demônio quer realmente atçar essa ferida e fazê-la doer.

Ele sentiu o sangue do seu rosto o abandonar, porque entendeu. Finalmente conseguiu. Ela escondeu bem seu demônio interior, mas ele precisava enfrentar a verdade. E no fundo, ela era um monstro, uma espécie de demônio temido inclusive por outros demônios. Ele acreditou que o fato de que não podia ver, não importava. Não existia.

Mas o fazia. Ele a viu trocar para sua forma híbrida no hospital, mas tudo ocorreu tão rápido que apenas prestou atenção. Mas isso não era certo, verdade? Empurrou a imagem para o fundo da sua mente, fechou-a com chave até que ficou apertada com todas as

outras lembranças terríveis que tinha. Essa era a única maneira que um soldado ou um médico pode operar. Se eles vivessem as coisas que viam, terminariam comendo a ponta de uma pistola.

Ele poderia manter essa imagem guardada, mas era justo com ela? Com ele?

— Assim que finalmente está entendendo — ela grunhiu. Seus olhos começaram a brilhar, pequenas faíscas vermelhas iluminando o fundo verde. — Enquanto que não veja ao demônio, pode tratar. Eu sou boa o suficiente para foder, mas não para se casar e ter seus filhos.

— Chega! — Ele gritou. — Deixa de me dizer o que penso. O que sinto. Não tem nem ideia.

— Estou errada?

Já não sabia. Seus pensamentos estavam tão confusos com suas emoções que neste momento não podia pensar com clareza.

— Isso era o que pensava — disse, quando ele não respondeu. O vermelho se derreteu de seus olhos e suspirou. — Olha, não façamos disso mais difícil do que é. Vamos por um fim enquanto podemos. Enquanto podemos ser amigos.

Deus, seu peito doía. Isto não podia estar acontecendo. Há poucas horas eram felizes. E agora... agora tudo estava acabado.

— Não tem porque ser assim, Gem.

— Sabe que sim. — Colocou a chave na fechadura, mas não a girou. — O mais engraçado disso, é que a um ano atrás pegaria todas as sobras que estava disposto a jogar para mim. Se apenas tivesse vindo uma vez por semana para uma rapidinha e depois fosse sem dizer uma palavra, estaria agradecida. Mas algo aconteceu comigo durante sua ausência. Tornei-me mais forte. E agora quero tudo. Não vou parar. Nem sequer por você.

Com isso, ficou na ponta dos pés, acariciou seus lábios com os dele, e desapareceu em seu apartamento.

[1] PEA = perdido em ação

Dezoito

Pela primeira vez Serena não tinha certeza se poderia comer, não tinha certeza porque decidiu nem tentar.

Ela sentia-se estranhamente vulnerável aqui, no vagão-restaurant, sentada sozinha em uma mesa. Todo mundo olhava para ela, ou assim parecia.

Alguém a traiu. Alguém passou informações a Byzamoth desde o dia em que ela chegou ao Egito, e agora tudo fazia sentido. Byzamoth aproximou-se dela na rua, encontrou-a nas catacumbas, em Philae e na casa do Regente.

Deus, ela queria vomitar.

Ela tentou ligar para Val quando se acalmou, mas ele não atendeu, então agora ela estava presa à espera, e verificava obsessivamente por uma mensagem de texto ou de correio de voz, enquanto esperava por Josh concluir a verificação do trem para qualquer atividade demoníaca.

Graças a Deus por ele. Quantas vezes ele salvou sua vida até agora?

Ele deu a ela tanto em apenas alguns dias de amizade, proteção, e um mundo de orgasmos.

Ela só queria que ele se apressasse. Ela nunca ficara nervosa antes, sempre foi extremamente confiante, graças ao encanto, mas de repente ela se sentiu exposta, e o único porto seguro era estar nos braços de Josh.

O pensamento quase a fez rir, soou tão brega. Mas era verdade. Crescendo, ela se sentiu segura com a mãe, apesar do fato de que nos primeiros sete anos de sua vida, a morte beliscou seus calcanhares. Sua mãe a levava com ela sempre, e até mesmo após ela desistir do encanto por Serena, sua natureza protetora e amorosa não mudara. Mais tarde, após a morte de sua mãe, Serena foi levada para o convento, onde sentia que nada poderia tocá-la. O encanto havia lhe dado um sentido ainda mais reforçado de segurança.

Em questão de dias, uma vida de segurança foi destruída.

Onde estava Josh?

Ela enfiou o telefone de volta em sua mochila e olhou para cima, para finalmente vê-lo entrar no vagão-restaurante. Seu coração batia forte quando ele se aproximou. Ele era tão grande, a sua presença tão autoritária que todos pararam de comer para olhar. Ela sabia, por observá-lo nos últimos dias que, se ele olhasse para eles, os homens desviariam os olhares. As mulheres, no entanto, o admiravam como se tentando decidir qual a cor dos lençóis em que ele ficaria melhor enrolado.

Pessoalmente, Serena pensou que ele ficava ótimo nos lençóis do hotel, sua pele bronzeada contrastando maravilhosamente bem com o algodão branco.

Seu olhar encontrou o dela enquanto ele se aproximava, seus olhos de safira cravados nos dela como um franco-atirador. Sua respiração deixou seus pulmões como se estivesse em uma corrida, porque agora, neste momento, para ele não havia outra mulher na sala.

Ele usava calça jeans e uma de suas camisas de manga comprida que se encaixavam como uma segunda pele e delineava cada músculo seu. Seu cabelo descia pela face até seu queixo como uma deslumbrante cortina, ele parecia um pouco pálido, sua tatuagem mais proeminente do que antes, e ela se perguntou se ele estava se sentindo mal novamente.

— Oi — ele disse, parando na mesa.

— Oi. — Ela ainda não conseguia afastar seu olhar. A sensação era hipnótica, e ela estava muito feliz de estar neste abençoado transe.
— Você está bem?

— Enjoo do balanço. — Quando ele se inclinou e deu um beijo carinhoso no topo de sua cabeça, ela inalou o cheiro que era unicamente dele, uma mistura de terra e Borgonha que fez seu corpo formigar. Ele afundou na cadeira em frente a ela. — Trens me fazem enjoar.

Ele estava mentindo. Ele esteve doente com muita frequência, e ela sabia mais do que queria sobre doenças graves. Ainda assim, ela não achava que ele iria apreciar se ela lhe pressionasse sobre a questão. Mas, talvez mais tarde. Depois do jantar. Depois que eles

chegassem a Alexandria. Depois que eles voltassem aos Estados Unidos.

Porque até agora, ela decidiu que não queria deixá-lo ir. Ele a fez rir, fez com que se sentisse segura e cuidada. Ambos amavam a aventura, e eles trabalharam bem juntos. Ela não sabia como um relacionamento com ele poderia funcionar sem sexo real, mas pela primeira vez em sua vida, estava tentando realmente se sentir bem. Assumindo que ele queria a mesma coisa.

— Você está bem? — Perguntou.

— Não realmente — ela admitiu. — A ideia de que alguém poderia estar me traindo assim... e um demônio. Deus, quem poderia fazer isso? E por quê? Faz-me doente.

Uma emoção estranha atravessou seu rosto, mas depois foi embora. — Sim. — Ele tomou um gole da água que o garçom havia deixado. — Você recebeu notícias de Val?

— Não.

— Serena... é possível que ele seja aquele que...

— Não! — Ela baixou a voz. — Absolutamente não. Ele esteve próximo de mim por anos, e da minha mãe antes disso. Ele tem sido mais do que o nosso guardião pessoal. Ele é um amigo da família. Além disso, por que ele me mandaria para outro país para ser atacada? Não faz sentido.

— O mau raramente faz.

— Ele não é mau.

Josh deu de ombros, como se não estivesse convencido, e seu temperamento subiu um degrau. — Sua mãe morreu sob seus cuidados, não foi?

— Eu não gosto do que você está insinuando — ela falou, porque era ridículo pensar que ele fosse responsável pela morte de sua mãe em um acidente de carro. — Você não sabe dele. Se você soubesse, você veria. Eu não teria trabalhado para ele por tanto tempo se eu tivesse alguma dúvida.

— Ok. — Josh sinalizou para o garçom e pediu dois uísques duplos. — Isso é tudo que você faz? Trabalho? Você nunca faz nada

por si mesmo?

Ela reconheceu a manipulação, uma tentativa de acalmá-la, e ela estava grata por isso. — Na verdade, não — ela disse bruscamente, porque ainda estava um pouco agitada. — Todas as coisas das quais gosto eu tenho enquanto estou trabalhando. A procura de tesouros, desarmar armadilhas, viajar.... adoro isso. E você?

— Você quer dizer, se eu faço as coisas por mim mesmo? — Quando ela acenou com a cabeça, a boca masculina se curvou em um sombrio sorriso. — Eu vivi toda a minha vida sendo um babaca egoísta. É sempre sobre mim. Só a mim.

— Tenho certeza que você está exagerando.

Ele bufou. — Confie em mim, Serena. Tudo de bonito que eu já fiz foi porque eu pensei que iria me beneficiar. Porque você acha que eu não fui ver os meus sobrinhos ainda? Vou ter que ver como eles afastaram Shade de mim. — Ele amaldiçoou. — Veja que filho da puta eu sou? Ciúmes de três bebês inocentes.

— É compreensível. Você ama seus irmãos. Eles são tudo que você tem. — Ela entendia totalmente, porque Val era tudo o que ela tinha, e às vezes ela se encontrava secretamente com ciúmes de David, pois ele possuía uma ligação com ele que ela não tinha.

Ele ficou em silêncio quando o garçom chegou à sua mesa para pegar seus pedidos. — Você só pediu pão — ela disse quando o garçom se foi.

— Estou enjoado — ele murmurou.

— Você tem certeza que é apenas isso?

— Sim. — Ele apertou a mão dela, seu tom de voz dizendo que ele estava encerrando o assunto, por isso ela só correu o polegar para trás sobre os nós dos dedos dele, amando como sua mão parecia tão pequena na sua.

— Oh, eu quase esqueci — ela disse, quando enfiou a mão na mochila e pegou um brinquedo. — Aqui. Eu comprei na loja do hotel.

Josh ergueu uma de suas sobrançelas. — Um pião.

Sorrindo, ela colocou o brinquedo de madeira colorido na mão dele. — Isso vai soar tão estúpido... mas eu continuo a pensar sobre

como você cresceu, e... bem, eu não posso imaginar que você tivesse muitos brinquedos, e eu meio que queria que você tivesse um. — Ela continuou apressadamente. Comprar o brinquedo lhe pareceu uma boa ideia no momento, mas agora, a expressão ilegível que passou pelo rosto de Josh disse que ela poderia ter cometido um grande erro. — Eu sinto muito... eu apenas pensei que talvez você devesse ter algo que é comum para uma criança. É idiota, eu sei.

— Você não precisava. — A voz de Josh era um sussurro áspero.

Serena pegou a mão dele de novo. — É apenas um brinquedo estúpido.

— O que seja. — Manchas vermelhas coloriam seu rosto, como se ele tivesse vergonha de ser feliz com um presente tão pequeno e bobo como um brinquedo de criança. — Obrigado.

— Talvez da próxima vez eu me esforce mais e lhe compre um palhaço que salte da caixa. — Ele fez uma careta, e rapidamente o constrangimento desapareceu. — Não, obrigado. Essas coisas são assustadoras. Eu vou manter o pão.

Suas palavras foram indiferentes, mas o calor em seu olhar a envolveu como um abraço, e ela desejou estar sentada ao lado dele, em vez de em frente a ele para que ela pudesse abraçá-lo. — Muito bem. Eu odiaria ter que chamá-lo de idiota de novo.

Um passageiro passou, e Josh ficou tenso... um endurecimento muito sutil de sua espinha, mas ela teve a sensação de que ele verificava todos no vagão-restaurante.

— Olhe — ele diss, comandando todos os negócios. — Eu estive pensando sobre como podemos mantê-la segura. Meus irmãos estão pesquisando Byzamoth, e eu vou acompanhá-la todo o caminho.

Ela sorriu. — Obrigada. Agradeço a oferta, e eu não vou abaixar a guarda. Uma vez que eu voltar para casa, terei Val...

— Você também tem a mim — ele disse lentamente, sua voz com um tom possessivo, e se ela não o conhecesse melhor, ela pensaria que ele estava com ciúmes.

Ela fez uma pausa, enquanto o garçom entregava a sua comida, e uma vez que ele foi embora, ela perguntou: — O que você está dizendo?

— Eu estou dizendo que enquanto você estiver em perigo, eu não te deixarei desprotegida. Ou Byzamoth morre, ou você tem alguém ao seu lado. — Ele rasgou um pedaço de pão. — Alguém além de Val.

— Val é um Guardião. Ele é mais do que capaz...

— Eu não confio nele. Não com tudo o que aconteceu.

— Você deixou isso bem claro, mas eu confio nele.

— Mais uma razão para eu ficar com você.

— Agora estamos de volta com você sendo um idiota — ela retrucou, e ele realmente sorriu.

Comeram em silêncio. Quando terminaram, ele levou-a até o quarto dela e, embora ela não o convidasse para entrar, ele invadiu o local de qualquer maneira. Quando a porta foi fechada ela deveria ter feito algo, mas em vez disso, perguntou: — Eu sei que é loucura perguntar isso, mas, bem, onde estamos indo? Nós, quero dizer. Para onde vamos?

— Aonde você quer ir?

— Em um mundo perfeito? — Quando ele acenou com a cabeça, esfregou a barriga, como se isso fosse acalmar a agitação. — Nós precisávamos voltar para os Estados Unidos e ver até onde poderíamos ir com essa coisa entre nós.

Ele sorriu, mas era um sorriso triste que fez o que sua mão não conseguia: acabar com as borboletas. Matar, na verdade. — Eu gostaria que fosse tão simples assim.

— É a coisa da virgindade, não é?

Em um instante, ela ficou imprensada entre o corpo dele e a porta, e sua boca estava em seu ouvido. — Vamos ser claros sobre isso — ele rosnou. — Você não tem ideia o quanto eu quero estar dentro de você. Em pé, deitado, tendo-lhe por trás. Tudo isso. Agora mesmo.

Oh, Deus. Seus joelhos balançaram, mas ele passou um braço em torno dela e segurou-a firme.

— Não ser capaz de fazer nada disso está me matando. Literalmente. Mas estranhamente, eu gosto de ser justo com você.

Tocar-lhe sempre que posso. Portanto, não. A coisa da virgindade não é o que vai nos manter separados.

— E-então o quê?

Ele fez algo pecaminoso com sua língua contra a sua orelha, enquanto esfregava a sua ereção massiva em sua barriga. — Estou morrendo.

— Morrendo de quê? — Ela se abaixou e passou a mão sobre a protuberância em suas calças jeans, porque nas duas últimas vezes que eles estiveram juntos, ela havia recebido dele, e dessa vez ela iria dar a ele. — Posso ficar de joelhos?

— Sim, mas... — Sua voz tornou-se estrangulada. — Quer dizer, eu estou morrendo. Câncer. — Seu peito cheio de gelo.

— Não. — Ela balançou a cabeça com tanta força que o seu cabelo bateu nas suas bochechas. — Não.

Ele agarrou os ombros dela com firmeza, mas delicadamente. — Serena, me escuta. Eu vou mantê-la segura, enquanto eu puder...

— Você acha que eu estou chateada porque eu preciso de você para me *manter segura*? — Ela se afastou dele, olhos ardendo e seu corpo todo tremendo. — Você... você... idiota!

Ele olhou para o chão.

Agora quem era o idiota?

— Oh, Josh, me desculpe. — Ainda tremendo, ela colocou os braços ao redor dele. — Por que você não me contou mais cedo?

Ela pensou sobre os momentos em que ele esteve doente, e agora tudo fez sentido. Fazia sentido, também, porque ele queria viajar com ela desde o início. Decidiu fazer dessa viagem umas férias. Uma dessas 101 coisas para fazer antes de morrer.

— Não era importante. — Quando ela se enrijeceu, porque ela estava indo abraça-lo, acrescentou rapidamente, — não à primeira vista. Mas agora... eu só não quero que você veja um futuro que não vai acontecer.

Soltando um soluço, ela olhou para ele. — Você devia ter me contado.

— Por quê? Para você olhar para mim com pena, como você está fazendo agora? Eu não devia ter lhe contado nada.

— Você não pode me dizer algo assim e esperar que eu não reaja — ela sabia que não deveria ficar com raiva, mas caramba, isso não era justo. Eles poderiam não ter a chance de uma vida normal juntos, mas agora eles não teriam a chance de qualquer tipo de vida em tudo.

— Beije-me — ele disse. — Apenas me beije e não deixe que isso fique no caminho do tempo que nos resta. Mas ele não lhe deu tempo para beijá-lo. Em vez disso, ele abaixou a cabeça e beijou as lágrimas, seus lábios de cetim, enxugando os traços de sua dor.

Ele estava certo. Eles não deveriam perder o pouco tempo que tinham juntos. Mas como eles fariam supostamente para avançar? Ela queria gritar, o tipo de choro que você nunca quis que ninguém testemunhasse, porque era alto, confuso e deixava-lhe com olhos vermelhos, inchados por um dia.

— Ei. Você não está comigo, aqui. — Sua boca encontrou a dela, e ele a beijou tão profundamente que ela sentiu em sua alma.

Sua língua acariciou a dela e veio até o pescoço, amassar e acariciar, fazendo-a esquecer... e como maldito egoísta que era, ela deixou com que *ele* a fizesse se sentir melhor? Ele era o único que precisava se sentir bem, e lá estava ele, pondo de lado o fato de que estava *morrendo*, e pronto para confortá-la.

Ela era uma vadia egoísta.

— Josh — ela murmurou contra sua boca, — você foi tão generoso comigo. Eu quero lhe dar algo em troca. — Apesar de suas mãos tremerem, ela as deslizou pelo seu peito. Quando ela chegou a cintura do jeans, ela puxou o botão de cima.

Ele fechou os dedos em torno de seu pulso. — Eu não posso.

— Eu sei. — Ela acariciou as costas de sua mão até que ele soltou seus pulsos. — Mas e se eu beijar todo o caminho? Lentamente. Você me deixa tê-lo em minha boca?

Ele fez um ruído estrangulado e, de fato, ficou congelado ali enquanto ela o livrava de sua camisa. Mas quando ela beijou seu mamilo esquerdo, levemente, suavemente, sua cabeça caiu para trás e agarrou em seus ombros. Ele segurou-a como se tivesse medo de cair.

Como se ele não *quisesse* deixá-la ir.

Ela foi beijando cada vez para baixo, descobrindo o gosto de sua pele, seu sabor masculino, algo que ela nunca realmente experimentou antes. Não como isto. Ela caiu de joelhos e usou sua língua para lambar seu umbigo.

— Serena. — Tentou dar um passo atrás, mas ele estava apoiado contra a parede. Abaixo da superfície de sua pele, ele tremeu.

— Shh. — Ela agarrou seus quadris com uma firme, mas suave pressão. — Por favor. Deixe-me fazer isso por você. — Ela olhou para ele, e seu coração pulou uma batida na incerteza de seus olhos.

Por um longo momento continuaram assim, até que ele balançou a cabeça lentamente. No entanto, ele não relaxou, ficou ainda mais tenso quando ela desabotoou as calças. Ao seu lado suas mãos em punhos cerrados, e embora sua ereção estivesse saltando pela abertura de seu jeans, ela sentia que isso era uma tortura para ele ao invés de prazer.

Como era estranho, ela, a virgem, e ainda assim tendo que ser gentil com ele, para facilitar para eles o mais íntimo dos encontros. Seu olhar caiu novamente para a parte masculina dele, e ela não poderia conter um ruído, rápido e apreciativo de admiração. Ah... meu. Ela viu e tocou caras antes, mas nenhum era tão bonito.

Para sentir, ela arrastou um dedo para baixo no seu eixo, seguindo uma veia pulsante que corria por todo o comprimento até a ponta que era mais larga. Seu corpo inteiro sacudiu, e ela ouviu o clique de dentes quando ele cerrou a mandíbula. Perdendo um pouco o fôlego, ela fechou os dedos em torno dele e acariciou, a palma da mão movendo-se lentamente da ponta para a base e para trás.

— Eu gosto de sentir você — ela sussurrou, e seu gemido suave de aprovação que corria sobre ela como xarope. — Você é suave como o cetim mais duro como o mármore.

Ela acrescentou outra mão agora, usando uma para se concentrar na ponta, e outra para percorrer o comprimento de seu eixo. Ele sugou o ar através dos dentes, mas como ela trabalhava, ele relaxou, começou a empurrar seus quadris em sua direção, sutis estocadas em suas mãos.

Uma gota leitosa se formou na ponta. Com água na boca, ela se inclinou, ficou de joelhos, por isso ela deixou cair a cabeça para beijar

a parte interna da sua coxa. Lentamente, ela trabalhou sua maneira acima, ainda acariciando, ainda segurando-o com a reverência que ele merecia.

— Serena — ele chamou asperamente, com as mãos fechando em seus ombros uma vez mais. — Isso... não sei...

Antes que ele pudesse protestar mais, ela o levou em sua boca.

Todo o seu corpo veio para frente. Ela agarrou seus quadris, segurando-o firme. Ele tinha sabor de terra, com notas sedutoras e intensas como o sal do Mar Negro. Sentindo seu peso, ela lambeu a cabeça, esfregando sua língua para trás e para frente sobre a pequena fenda.

— Oh... cara — ele respirou, e então ele prendeu a respiração quando ela levou-o tão profundamente que raspou o fundo da garganta.

Seu eixo era grosso, quente, e quando pulsava, ela aplicava sucção simultânea a ação língua. Seus gemidos acompanhavam o arco profundo de suas costas quando ele começou a entrar, e ela desejava ter feito isso mais cedo, poderia ter dado a ele mais momentos de prazer e levá-lo longe de seu futuro trágico.

Mas não, ela não podia pensar nisso. Não agora. Isso era para ele, e ela não ficaria triste neste momento. Haveria tempo para isso mais tarde.

Gentilmente, ela apertou suas bolas, e ele gritou de prazer. Embora ela não tivesse experiência com isso, ela sabia instintivamente sugar, acariciar, lambe... e ela aprendia rapidamente onde ele era mais sensível.

Suas mãos desceram para seu cabelo, seus dedos mergulharam ali. Pareceu-lhe então que ela se sentiu culpada por ter prazer com ele e não dando nenhum em troca... mas como ela mediu sua resposta, ouviu, tocou, provou, percebeu que dar prazer era tão maravilhoso como receber.

Dezenove

O coração de Wraith batia tão forte que ele tinha certeza que iria explodir. Inferno, ele ia explodir. Ele nunca havia permitido que uma fêmea fizesse sexo oral nele. Muito íntimo, muito perigoso, especialmente quando a maioria de suas parceiras sexuais possuíam dentes como agulhas.

Mas o que Serena estava fazendo era... extraordinário.

A quente e úmida profundidade de sua boca tomou conta dele, e embora soubesse que ela era inexperiente, não poderia imaginar nada melhor como isto. Ele podia sentir o cuidado de seu toque, podia ver isso na forma que ela observava-o a cada reação.

A visão de sua língua rosa deslizando para fora para se enrolar ao redor da cabeça de seu pênis, o fez cerrar os punhos.

Serena fazia algo incrível com seus dentes, e ele sibilou de prazer. Seu pau pulsava, perigosamente perto da liberação. Sua visão cresceu afiada e suas presas começaram a descer, e ele sabia que seus olhos estavam dourados. Fechando-os, ele lançou sua cabeça para trás contra a parede e se concentrou no lento varrer da língua dela para frente e para trás no cume sensível de sua glândula e na ação de torcer que adicionou a cada golpe de seu punho em suas bolas, onde sua boca tampava a cabeça.

Oh, sim, ele estava próximo...

Ela gemeu, um ronronar baixo que vibrou nos lábios dela e o fez gritar. Ele tragou uma respiração irregular e tocou a parede atrás dele, em parte para manter-se em pé e em parte para não agarrar a cabeça dela e empurrá-la enquanto o último de seu controle escapulisse.

— Serena — ele arfou. — Deuses, isso é bom... oh, sim... isso. — Ele ofegou, quadris sacudindo tanto que ele não conseguia controlar mais. — Eu vou... *porra*.

Seu orgasmo explodiu através dele, mais poderoso do que qualquer um que ele já experimentara. Subiu por sua espinha e fogos de artifício explodiram em seu cérebro. Serena manteve-se lambendo, chupando e arrastando o dedo ao longo da sensível linha entre suas bolas, adicionando camadas em seu clímax e mantendo-o mais afiado,

vibrantes pulsações.

Gradualmente ele voltou para a terra, seus músculos se contraindo enquanto ele abria-se. Ele forçou suas presas para que se contraíssem em suas gengivas, e enquanto sua visão e audição voltavam, ele ouviu um som que parecia um arquejo.

Oh merda.

— Não engula — ele gritou, mas era tarde demais. Serena ainda estava de joelhos, seus dedos cravando nas coxas dele, seus olhos vidrados e seu rosto corado. O cheiro de luxúria crescia como uma nuvem dela, batendo nele e acelerando sua libido tudo de novo.

— Josh — ela sussurrou, jogando sua cabeça para trás enquanto corria suas mãos para cima e para baixo nas pernas dele. — O que... o que está acontecendo?

Merda, merda, merda. Ejaculação de demônio *Seminus* era um poderoso afrodisíaco. Seus irmãos falaram interminavelmente sobre seus efeitos, mas ele não prestara muita atenção.

Agora ele desejou ter prestado.

Serena arrastou sua mão por seu peito, sibilando um pouco quando um polegar roçou uma mama. — Isso é bom... tão bom.

— Ah, alguém deve ter colocado algo em sua bebida no jantar. Apenas relaxe. — Relaxar. Grande ideia esquisita, dada a forma como ela estava tirando sua roupa e tocando-se.

Em menos tempo do que demorou para saltar através do Harrowgate, ela estava nua e se esfregando contra Wraith como um demônio Trillah no calor, praticamente ronronando, e todo tempo beliscando a pele dos ombros dele e pescoço. Ele nunca deixou nenhuma fêmea mordê-lo. Nunca.

Mas quando ela tomou sua carne entre os dentes, dor estalou ao longo de suas terminações nervosas, junto com uma onda de prazer tão intensa que ele desejava que ela mordesse mais forte. Tirar sangue. Alimentar-se dele para que ela pudesse se desenvolver.

Exceto que ela não era uma vampira, e se ela fosse, ele tinha certeza como o inferno, que ele não estaria aqui com ela.

— Toque-me Josh — ela disse contra sua garganta. Ela colocou sua

mão sobre a dele e empurrou-a entre seus corpos, entre suas pernas.
— Lá... sim, oh, sim.

Homem, ele se sentiu como um virgem, todo nervoso e assustado, e não fazia ideia do porquê.

— Jesus, você está molhada — ele respondeu asperamente. Seus dedos mergulharam em seu creme e isso foi o suficiente. Ela gritou, seu corpo ondulou freneticamente enquanto chegava ao cume.

— Ma-mais — ela sussurrou, antes mesmo dela reduzir, e ele arrastou seus dedos para cima através de sua fenda, quase espumando seu nó inchado de nervos. Mais uma vez ela gritou, opondo-se e montando na mão dele, mais e mais até que ele perdeu a conta dos orgasmos dela.

E então, ela estava escalando ele, tão rápido que ele mal teve tempo de agarrar sua bunda para apoiá-la, enquanto ela enroscava suas pernas na cintura dele.

— Faça amor comigo. — Ela apertou o lóbulo da orelha entre seus dentes e balançou seu sexo contra o dele. — Quero sentir você dentro de mim.

O deslizar de seu pênis através de sua fenda apertada o fez gemer. Demônios *Seminus* poderiam, tecnicamente, apenas liberar-se dentro de uma fêmea, mas ele podia mergulhar apenas a cabeça de seu pênis dentro dela, tomando cuidado para não romper o hímen, e então ele poderia puxar para fora e...

Que porra é essa? O ponto de tudo isso era romper o maldito hímen dela e tomar a porra do encanto.

Serena se contorceu contra ele, rosnando e beliscando, irritada por não conseguir o que o seu corpo queria. O atrito a trouxe livre novamente, porém, facilitou a luxúria dela temporariamente. Como, por um par de segundos. Mas foi tempo suficiente para levá-la de costas na cama.

Ela enrolou as pernas ao redor dele e arqueou sua espinha inclinando seus quadris tão malditamente que ele quase escorregou dentro dela.

— Espere baby. Apenas segure. — De alguma forma ele conseguiu tirar seu jeans, mesmo com ela agarrada a ele. Quando ele subiu ao seu nível mais uma vez, estabelecendo-se entre as pernas dela, ela suspirou e o puxou para baixo em cima dela.

— Você se sente tão bem — ela roçou seus lábios sobre os dele. — Tão certo.

Ele se moveu contra ela, amando como eles se encaixavam juntos. — E as consequências? — Ele não podia acreditar que estava perguntando, quando ele deveria apenas mergulhar para dentro, mas por alguma razão, ele queria saber onde a cabeça dela estava, que ela estaria, pelo menos um pouco, bem com isso mais tarde.

Como ela estava morrendo.

Dor o apunhalou como uma estaca através de seu coração. E isso nada tinha a ver com o veneno.

— Não importa. — O gemido dela o aturdiu enquanto ela enrolava sua mão em torno de seu pau e guiava sua entrada. — Tudo o que importa... é você. Estar com você. — Ela o beijou, duro e profundo.

Quando ela o permitiu sair, ambos estavam ofegantes e a ponta de seu pênis estava esfregando seu mel. Um único golpe do seu quadril e ele estaria em casa.

— Eu acho... acho que amo você.

Wraith gemeu. — É o afrodisíaco falando, Serena.

— Shhh — ela pressionou um dedo em seus lábios. — Apenas faça amor comigo. Você quer isso?

— Deuses, sim — ele murmurou, porque nesse momento ele nunca quis nada mais, encanto ou não. — Isso pode doer um pouco.

— Está tudo bem. Eu confio em você.

Ele deslizou uma mão embaixo dela para inclinar seus quadris. Instinto a guiou, ela grampeou suas coxas ao redor dos quadris dele ainda mais apertado. A cabeça dele começou aliviar dentro...

Eu acho que amo você.

Suas palavras ressoaram ao redor de seu crânio tão forte que doeu. Suor escorreu por sua testa.

Eu confio em você.

Emoção entupiu sua garganta e cortou-lhe a respiração. Apenas Shade realmente já confiara nele, e mesmo assim, a confiança tinha limites.

— Por favor, Josh.

Eu confio em você.

Serena estava em chamas contra ele, seu corpo queimando-o do lado de fora, sua confiança e amor aqueciam-no por dentro, um lugar que havia sido escuro, uma caverna fria durante todo o tempo que ele lembrava. Ela era linda por dentro e por fora, e não merecia o que ele estava prestes a fazer a ela. Não sem uma garantia de que ela sobreviveria depois.

Seus irmãos nunca o perdoariam, mas ele não poderia tirar a vida dela.

— Eu não posso — ele ofegou, recuando. — Não.

— Mas...

— Não posso te dar o que você quer Serena. Eu nunca serei capaz. Não assim. — Deuses, ele era um tolo, um tolo que acabara de assinar três mandados de morte. — Vou fazer você se sentir bem, no entanto. Prometo-lhe isso.

Ele beijou o caminho abaixo em seu corpo e mergulhou entre suas pernas, usando sua boca para puni-la por fazê-lo queimar assim. Sua punição a fez se aproximar e se aproximar, até que ela não conseguia se mover, estava mole na cama.

Tremendo com uma combinação de extrema excitação, exaustão, e nem um pouco de medo, ele se arrastou ao lado dela e a puxou em seus braços até a respiração dela aliviar em um sono. Ele agradeceu a sua estrela da sorte por ele ter administrado a droga anti-libido antes do jantar, porque embora estivesse experimentando algumas sérias bolas azuis apesar da liberação mais cedo, não estava com uma dor incapacitante. Isso aliviaría eventualmente. Ele estremeceu enquanto se ajustava. Esperançosamente, isso aliviaría em breve.

Ele não sabia quanto tempo eles estavam assim, ela dormindo tranquilamente e ele sentindo o frio da morte tomando conta, mas quando ela começou a se mexer, o céu fora da janela clareou. Um abafado som veio de suas calças no chão. Ele sufocou um gemido e cavou seu telefone no bolso.

Não há cura.

O texto na tela do pequeno demônio era como uma brasa quente em

seu intestino. Verdadeiramente não havia esperança agora. Ele levantou seu outro pulso, que se sentia demasiado pesado, olhou seu relógio.

E sabia o que ele precisava fazer.

Cuidadosamente, ele se desvencilhou do emaranhado de seus corpos nus e se vestiu. Cada junta, cada músculo gritou em agonia, e ele estava com um sentimento de que, desta vez, nenhuma quantidade de medicação iria ajudá-lo.

— Ei — ela murmurou. — O que você está fazendo?

Ele enfiou um pé na bota, e quando ele não respondeu, porque não sabia o que dizer, ela sentou-se e trouxe sua mão no ombro dele. Ele se afastou.

— O trem chegará ao Cairo em meia hora. Estou descendo. Indo para casa.

Ela piscou, seu olhar grogue desfocado. — Eu não entendo. Por quê?

— Nós quase tivemos sexo.

— Não, nós não tivemos.

Ela não se lembrava. Ele não tinha certeza se isso era uma benção ou não.

— Sim, nós tivemos.

Ela esfregou seus olhos. — Mesmo que quase... não fizemos. Então, por que você está indo embora?

Um tremor arruinou seu corpo enquanto ele exalou. Ele se dobrou para pegar o topo da madeira que caiu no chão. — Estou indo embora porque tenho medo que, eventualmente, nós façamos, e não posso ser responsável por matar você.

— *O quê?* — Ela ficou em pé, puxou o lençol para seu peito, como se isso fosse esconder alguma coisa. Seu corpo, suas curvas, cada excêntrico detalhe estava impresso em seu cérebro. — Você acha que não sou forte o suficiente para resistir a você? Você acha que tem de brincar de mártir e manter-se longe de mim então não vou debilitar em sua presença e te forçar a fazer sexo comigo ou algo assim?

— Ah...não. Eu não sou exatamente o tipo mártir...

— Então simplesmente você não *quer* fazer sexo comigo?

Ele abriu sua boca, mas antes que pudesse negar *aquela* particular questão, ela bateu a palma de sua mão em seu peito. Duro.

— Responda-me — ela gritou. Ela estava perdendo os efeitos afrodisíacos. Ele reconheceu os sinais da diminuição da droga, pois ele mesmo já viveu isso.

— Não posso arriscar sua vida, Serena. Não vou. E não sou forte o suficiente para prometer que posso estar perto de você e não a querer.

— Saia — estava passando o efeito, forte, praticamente cuspidando fogo e completamente irracional. Ela apontou a porta. — Saia e... vá para o inferno!

— Isso — ele resmungou, — é apenas uma questão de tempo. — Ele abriu a porta e pausou no limiar. — Vou garantir que alguém contate alguém em Cairo para levá-la o resto do caminho de casa.

Ele fugiu, enrijecendo-se contra a voz dela gritando o nome dele. Ele passou através de tantos vagões que perdeu a conta, acotovelando as pessoas de lado, até que alcançou o vagão de carga.

Fraco do veneno, abalado com o que aconteceu, e lutando contra o intenso desejo de voltar para Serena, ele desabou sobre um caixote. Uma dor em seu peito o puxou, e ele sabia que se cedesse a isso, ele seria levado direto a Serena.

Talvez ele não tivesse que partir. Talvez ele pudesse ficar com ela até o último minuto possível, passando seus últimos dias, *horas* provavelmente, com alguém que lhe deu uma razão para viver.

Certo, porque sem dúvida, ela adoraria cuidar dele enquanto ele agonizava.

Ele queria ficar com ela, mas pela primeira vez em sua vida, ele faria a coisa certa, não a coisa egoísta. Ele não permitiria que ela o visse morrer. Ele ia para casa, e ela se lembraria dele como ele era, não como uma delicada, fracassada concha.

Ele olhou para o relógio novamente. Meia hora. Ele chamaria Tayla, faria com que ela pegasse o trem em Cairo e cuidasse de Serena. Em seguida ele encontraria um Harrowgate e voltaria ao hospital antes que coisas realmente ruins acontecessem.

Seus irmãos tomariam conta dele como eles sempre fizeram, isso se eles o perdoassem pelas assinaturas de seus mandados de morte.

Vinte

Serena sentou-se em seu compartimento, perguntando o que havia acontecido. Josh a deixou porque ela podia ter relações sexuais com ele? Por que ele acharia isso?

Ontem à noite ela queria agradá-lo como ele a agradou, e então... então... o quê? Ela piscou contra a enxurrada de lembranças embaralhadas.

Faça amor comigo.

Oh, Deus. Ela disse isso. *Ela realmente disse isso.* Ela esteve em cima dele, implorando a ele por sexo. Humilhação fez a sua pele e seu rosto queimar. O que ele disse, que alguém deve ter escorregado um Mickey[1] em sua bebida no jantar?

Suas roupas de ontem à noite estavam espalhadas por toda a pequena sala, as evidências de seu lapso de controle. Seu estômago embrulhou, ela se vestiu, amaldiçoou as rugas na sua saia verde-oliva e na blusa creme. Parecia que elas tinham sido puxadas para fora de uma mala.

Eu quero sentir você dentro de mim.

Mortificada, ela gemeu e afundou-se na cama novamente. Tudo voltou a ela, claro como cristal. Ela se lembrou de como Josh tomou conta dela, mas não tomou vantagem de seu estado de hiper-excitação. Ele poderia ter, mas não o fez.

Ele queria salvar a vida dela.

E como ela agradeceu a ele? Com fúria, gritando com um homem que está morrendo quando ele disse que estava saindo.

Saindo. Medo cintilou em seu peito. Ele disse que estava morrendo, mas ela não quis perder um único minuto com ele. E talvez... talvez o Aegis pudesse ajudar. Talvez Val soubesse de alguma magia curativa ou artefatos.

Ela não podia perdê-lo.

Alguém bateu à porta. Oh, por favor, por favor, deixe ser

Josh... ela levantou e abriu a porta. — Jo... — ela cortou com um suspiro.

Saltando para trás, ela tentou fechar a porta, mas Byzamoth, parecendo do mesmo jeito desde a primeira vez que o vira - angelical e lindo - bloqueou o esforço dela, movendo-se para dentro tão sinuosamente quanto uma serpente. Ele fechou a porta atrás dele.

Ela abriu a boca para gritar, mas ele a esmagou até a parede, seu corpo forte e muscular contra o dela. — Se você manter a sua boca fechada, eu não vou te machucar. — Ele arrastou a língua até sua bochecha, e ela estremeceu. — Não muito. — Terror deixou suas pernas bambas. Ele riu, o doce som misturado com um fio de sinistra escuridão. — Mas vou roubá-lo. Ambos os seus encantos.

O punho dele fechando em torno de seu colar, e ela quase sorriu, porque o otário não estava indo a lugar algum. Então, para seu horror, se soltou do pescoço e estava pendurado na mão dele.

Ele deixou o colar escorregar e levantou sua saia. — Agora, o outro.

Ele rasgou suas vestes. Transformou-se e, como uma sequência em um filme de terror, ele deixou de ser bonito para a coisa sem pêlo, cinza como um morcego, com asas que ela viu na casa do Regente. Entre as pernas, o pênis enorme projetava obscenamente para cima, escorrendo uma substância escura da ponta.

Jesus, ele estava indo empalar ela com aquela coisa horrível. O seu sangue congelou. Petrificada, tremendo, ela tentou gritar, mas nada saiu. Nem mesmo sua respiração passou pelo pedaço de terror em sua garganta.

— Qual é o problema, amor? Diga alguma coisa. Seu medo me desperta. — Ele inalou. — O cheiro de seu medo é inebriante, mas mais ainda é o som de sua voz. O tremor. Do campo. Diga alguma coisa.

— Foda-se — ela resmungou. — Isso é alguma coisa.

Ele bateu nela com tanta força que ela viu estrelas. — Cadela. Eu vou te foder até que você esteja morta. — Ele sorriu cruelmente, arrastou os dedos sobre seu rosto. — Você está com medo de morrer, não está? O cheiro do seu terror é perigoso. Tão excitante... agora, me pergunte porquê. Por que estou fazendo isso.

Ela não queria, mas neste momento, agradá-lo lhe parecia uma ideia melhor do que xingar. — Por que você está fazendo isso?

Ele bateu nela de novo. — Não me faça perguntas estúpidas.

Fúria e dor superaram seu medo. Ela estava cansada de ser atingida, e ela não ia para baixo sem uma luta. Rosnando, ela empurrou-o tão forte quanto podia e bateu seu joelho entre as pernas dele. Ele não vacilou, mas ele colocou seu antebraço em sua garganta, cortando sua respiração.

— Isso foi estúpido. — Sua voz estalou como um chicote.

Ela agarrou seu braço e o chutou enquanto seus pulmões se esforçavam para respirar.

Ele balançou seu colar na frente do rosto. — Você sabe o que é isso? O que faz? — Diminuiu a pressão em seu pescoço apenas o suficiente para ela engolir ar e sacudir a sua cabeça. — Claro que não. Porque isso seria contra as regras. E as regras devem sempre ser seguidas.

Havia uma nota de sarcasmo na voz dele que ela não entendia e não estava certo de que ela queria. A única coisa que sabia com certeza, é que ela queria oxigênio.

— Esta é a chave para o fim dos dias. Você, meu bem, é também uma chave. E uma vez que eu tomar a sua virgindade me tornarei a chave mais poderosa de todas. — Ele colocou a sua testa na dela e a olhou com olhos carentes de alma. — Estou ansioso para livrar a infestação humana sobre a terra. Começando com você.

†††††

Cairo. A Cidade Triunfante. A expansão de uma raça de ratos urbanos que se tornou viva, e, na opinião de Wraith, parecia melhor à noite. Para caçar, Wraith sempre achou Cairo mais que adequada, entretanto não era seu lugar favorito no mundo. A mistura de moderno e antigo, extrema riqueza e extrema pobreza, deram à cidade uma vibração confusa, como se não pudesse resolver em qualquer humor particular. Fora isso, sua história o fascinou, e às vezes ele se perguntava como teria sido a vida nos dias dos faraós.

Não a vida para seres humanos, que seguramente esteve cheia

de sofrimento. Mas sendo um demônio na época, teria sido bom. Eles eram chamados de deuses; Ma'at, Ra, Osiris, Khepri, e adorados como tal.

Demônios tinham muitas memórias, muitos eram imortais ou algo parecido, e eles queriam o poder e a adoração novamente.

Se a confusão no submundo era qualquer indicação, parecia que as coisas estavam melhorando para os demônios.

Quando o trem saiu da estação do Cairo, Wraith assistiu através da janela, a sua reflexão revelando que a areia em sua ampulheta estava chegando aos últimos grãos.

Ele se perguntou se havia tomado a decisão certa.

Apesar de Tayla ser uma incrível guerreira, especialmente quando ela se unia com seu demônio interior, ela não era forte o suficiente para proteger Serena. Por outro lado, ele não estava em sua mais forte força também.

Deuses, Serena deve pensar que ele era um imbecil após abandoná-la assim. Ela disse-lhe para ir, mas depois de ver Shade e Eidolon lidar com suas companheiras, ele agora entendeu que, por vezes, as mulheres queriam que você lutasse por elas. E novamente, às vezes elas não queriam.

Enquanto ele segurava o pão que Serena lhe deu, ele percebeu que nunca compreendeu o sexo oposto.

Ele se levantou, sabendo que Serena não ficaria feliz em vê-lo novamente. Mesmo assim, ele ficaria ao lado dela até que ela estivesse de volta aos Estados Unidos e que ele pudesse levá-la para algum lugar seguro, porque Val não era uma opção.

Com um rosnado, ele derrubou a porta. No meio do caminho até sua cabine, um sentido de que algo estava errado bateu-lhe com força suficiente para fazê-lo tropeçar. Os pêlos na sua nuca se arrepiaram, reconhecendo o familiar mal.

Byzamoth.

Wraith bateu a porta do vagão quando começou a correr. Jogou um dos passageiros para fora de seu caminho e atravessou a segunda porta quase sem abri-la. A escura, oleosa sensação de malevolência crescia enquanto ele corria.

Ele derrapou até parar, quase derrubando a porta dela. A nuvem negra do mal pulsava por todo o lado em torno da entrada, e ele bateu com o ombro na porta fina, derrubando-a com uma queda e explosão de metal retorcido.

— Josh! — O grito de Serena penetrou todo o caminho até seu coração.

A visão dela, presa debaixo do corpo horivelmente transformado de Byzamoth, enviou-lhe para o modo de matança. Todas as suas dores, náuseas desapareceram como um véu de púrpura cortado para baixo sobre a sua visão e pensamentos.

Wraith se jogou em Byzamoth, agarrando sua asa, e puxou-o para longe de Serena. Ele jogou o anjo para o estreito espaço entre a porta e os assentos. O barulho de osso quebrado acompanhou o grito alto de Byzamoth, e sua asa caiu.

— *Semin...*

Wraith bateu-lhe na boca. Levantando seu joelho, Wraith jogou o bastardo no lixo. Muito grande e exagerado lixo. O conhecimento que ele planejara usar essa coisa monstruosa em Serena queimou em cinzas o pouco que restava do controle de Wraith.

— Você está tão morto. — Ele rosnou, e empurrou a cabeça de Byzamoth para baixo, de encontro ao seu joelho. Sangue espirrou no chão, mas não o suficiente. Ele jogou o anjo para o corredor, batendo-lhe na porta de outro compartimento.

Os gritos dos passageiros que ouviram a comoção perfuraram o ar, se misturando com o acesso de fúria de Serena quando ela veio para Byzamoth, dando um rápido tapa em sua boca, seguido por um golpe duro em sua garganta. Feroz admiração e orgulho iluminaram Wraith a partir do interior. *Boa menina.*

O anjo avançou para ela, mas ela balançou o cotovelo em suas entranhas enquanto Wraith colocou o punho de sua mão no nariz do Byzamoth.

— Meu colar. — Gritou Serena. — Pegue-o!

— Meu. — Byzamoth resmungou, seus lábios cinzentos mostrando seus dentes amarelados. — *E ela também.* — Ele girou com muito mais graça que deveria ter, uma vez que sua asa estava quebrada e a passagem era tão estreita, mas em um instante, ele

estava correndo pelo beco.

Wraith o perseguiu. No final do vagão, Byzamoth colidiu com um passageiro. Com um furioso rosnado, ele lançou o ser humano do sexo masculino em Wraith. Ambos ficaram surpresos. *Filho da puta*. Wraith desembaraçou-se do homem, que estava choramingando, sua pele escura empalideceu, seus olhos assombrados com o que ele viu.

Bem-vindo ao meu mundo, amigo. Wraith saltou e correu atrás de Byzamoth, embora a sensação de maldade houvesse se dissipado. Ele não tinha certeza quais poderes o anjo possuía, mas ele tinha certeza que o desgraçado não podia voar com uma asa, e outra quebrada.

À frente, ele encontrou um grupo de humanos se reunindo em torno de uma porta aberta no lado do trem, sua conversa animada dizendo-lhe tudo o que ele precisava saber. Eles viram um cara saltar do trem, embora aparentemente Byzamoth tivesse tomado forma humana, porque essas pessoas não estavam tão assustadas como deveriam estar se ele não tivesse. Mas onde ele foi?

Wraith correu de volta para Serena, não tomando nenhum cuidado especial para ir ao redor dos passageiros. As maldições o seguiam, mas tudo o que importava era chegar a Serena.

No momento em que chegou a porta torcida, ela voou para os braços dele. — Obrigada Deus, você está bem. Oh, meu Deus, obrigada. Muito obrigada. — Ela balbuciava e soluçava, e só um esforço colossal o impediu de fazer o mesmo.

— Está tudo bem. Ele se foi.

— Meu colar...

— Também.

Ela amaldiçoou, a primeira palavra realmente suja que ele ouviu dela.

— Sinto muito que eu fui embora. — Ele disse em seu cabelo.
— Eu deveria ter estado aqui.

Ela se arrancou de seus braços, e ele cambaleou, tendo que se apoiar na parede. Ela esteve segurando-o em pé, e uma sensação de tontura quase o derrubou. — Não se atreva a dizer que sente muito. Eu sou a única que deve se arrepender. Eu não tinha direito de ficar

brava com você. Ou mandá-lo para longe. Deus, eu sou uma tola. — Ela olhou para ele com os olhos lacrimejantes. — Josh, você está bem?

Dor rasgou através de seu intestino, derrubando-o. — Não.

— Você se machucou? Ele fez alguma coisa para você?

— Preciso... meu ... quarto. — Ele tropeçou em direção à sua cabine, fazendo o seu melhor para manter o conteúdo de seu estômago. Apesar de seu quarto ser ao lado, parecia que levava cerca de seis meses para chegar lá, e quando o fez, ele não conseguia abrir a porta. Em vez disso, ele caiu no chão, seus músculos em convulsão e seu estômago exigente.

— Vou ver se há um médico a bordo — disse Serena.

— Não. Preciso... remédios. Dentro.

Sua suave maldição o fez sorrir, apesar de sua miséria. Segundo uso de palavrões em tantos minutos. — Tudo bem, mas se isso não ajudar...

Ele agarrou seu pulso, e quando ela estremeceu, ele amaldiçoou a si mesmo por ser um bruto, e afrouxou seu aperto. — Sem médicos. Prometa.

— Eu não gosto disso... mas eu prometo.

Ela abriu a porta. Juntando o que restava de sua força, ele se arrastou para dentro e se jogou na cama. Macia. Legal. Porra, ele ia morrer aqui, não ia?

— Você não vai morrer — disse Serena, e ele percebeu que ele deve ter falado alto. — Agora, que remédios você precisa? Onde eles estão?

— Mochila. Debaixo da cama.

Ele a ouviu remexendo, mas então todos os sons desapareceram e o mundo ficou escuro.

[1] Um termo usado para se referir a colocar um comprimido para dormir em alguma bebida.

Vinte e Um

Serena tentou controlar seu medo à medida que ela puxava frascos de medicamentos e alguns potes de ketchup preenchidos com uma substância vermelha escura do saco de Josh. Mas o pânico a tomou e crescia incontrolavelmente. Ele disse que estava morrendo, mas ela assumiu que ele tinha tempo. Isso... parecia ruim.

Um rio de lágrimas escorria pelo seu rosto. Ela não chorou, verdadeiramente chorou, em anos. Fez isso demasiadamente quando estava doente, e, em seguida, ainda mais quando sua mãe morreu. Mas isso... Deus, muito aconteceu desde que ela conheceu Josh, tanto coisas boas quanto ruins. Fora perder o colar, quanto ela poderia lidar perdendo Josh, também?

Sua mão tremia enquanto ela reunia as garrafas e um dos pacotes do líquido vermelho. Josh estava de frente para ela, sua respiração ofegante, o suor escorrendo pela testa.

— Josh. — Ela acariciou a bochecha dele com a sua mão. — Josh? Você pode me ouvir?

Nenhuma resposta. Ela acariciou sua bochecha, delicadamente no início, e depois com mais urgência.

— Josh.

— Mmm?

Seu alívio foi interrompido quando ele começou a convulsionar, com os olhos revirando para trás em sua cabeça. Desamparo fez as lágrimas caírem mais rápido, e pelo tempo que ele estabeleceu-se, ela estava soluçando.

— Josh, eu tenho o seu medicamento.

Sua cabeça pendeu para frente, e ele gemeu. — O pacote... pílulas.

— Ao mesmo tempo?

— Mmm-hmm.

Ela pegou um comprimido de cada uma das duas garrafas, rasgou um pacote, e colocou as pílulas em sua boca. Com uma mão ela segurava sua cabeça para cima, e com a outra, ela inclinou o líquido em sua boca. Ele engoliu em seco. Quando ele terminou, ela o cobriu com um cobertor. Sua mão pegou a dela, de forma fraca.

— Morrendo. Mas... obrigado.

— Você vai ficar bem — ela sussurrou. — Só lute tudo bem?

Ele respirava muito mal, o som enviando um tremor através dela. Desamparada, ela afundou no chão, de costas contra a cama, e tentou pegar seu colar por hábito, apenas para descobrir que ele não estava lá.

Isso era ruim. Muito ruim. Ela precisava chamar Val. Ele poderia ajudar Josh. Ela sabia que ele podia. Ela cavou no bolso da saia por seu telefone. Nenhum sinal.

Droga!

Alguém bateu na porta, e ela pulou, o pulso em alta velocidade.

— Segurança. Abra a porta.

Ela levantou e confrontou os dois homens egípcios em pé no corredor. Um estava inspecionando a porta destruída.

— Senhora — o outro disse, apontando para a sala ao lado de Josh, — este é seu quarto?

— Sim. Alguém quebrou...

— Alguns passageiros estão relatando que foi um... monstro?

Ela sorriu, esperava que não notasse a boca tremendo. — Ele era apenas um homem.

Os homens tomaram seu depoimento, ela explicou que alguém tentou roubá-la e em seguida fugiu, e quando acabaram deixaram-na sozinha para interrogar possíveis testemunhas.

Ela fechou a porta e voltou para Josh, querendo saber quando - quando, não se - Byzamoith retornaria.

Ele não terminara com ela. Ele voltaria por ela, não pararia até

que tenha levado a sua virgindade. Ela estremeceu, imaginando o horror.

Impressionado com o encanto dela, ele disse que ia trazer o fim dos dias.

— Sinto muito, mãe — ela murmurou. Sua mãe confiou em Serena para manter o colar seguro, e Serena falhou. De alguma forma ela precisava pegar o colar de volta, mas estava indefesa contra Byzamoth, e ficar face a face com ele novamente seria semelhante a oferecer a sua virgindade em uma bandeja.

Mais uma vez, a visão do anjo caído atacando-a, rasgando suas roupas para fora, invadiu seu cérebro. Ela nunca esqueceria suas palavras repugnantes, nem o cheiro de enxofre e fezes em sua respiração.

Josh a salvou desta vez, de alguma forma foi qualificado e perigoso o suficiente para lutar contra Byzamoth e sair vitorioso. Mas ele estava morrendo, e ele não teria a força para protegê-la de novo. Byzamoth ia tirar a sua virgindade e realizar com êxito seu plano diabólico.

A menos que ela pudesse pegar o colar de volta. A menos que *alguém* pudesse pegar o colar de volta. Alguém como Josh.

Ela fechou os olhos, sabendo o que precisava ser feito.



As mãos de Serena eram tão boas sobre ele. Como nada que Wraith sentira antes. Elas o adoraram, amassaram sua carne e sua crepitante pele enquanto elas deslizaram para baixo em seu estômago. Os lábios dela faziam cócegas em seu peito, e as minúsculas lambidas de sua língua o fizeram dar um chiado de prazer.

Mais baixo. *Oh, sim, é isso.*

Ele manteve as mãos de lado e a deixou jogar, deixou que desabotoasse sua calça jeans liberando seu pau inchado. Ele pensou que ela iria levá-lo em sua boca, mas em vez disso, ela montou nele. Seu calor molhado o rodeava quando ela começou a se mover, esfregando seu eixo entre as dobras molhadas dela.

Droga, isto era um grande sonho. Ele esteve morrendo de vontade de fazer amor com ela, e aqui, em seu sono, ele poderia. Ele quase gemeu quando ela mexeu seus quadris para guiar a cabeça de seu pênis para sua entrada.

— Eu te amo, Josh.

Josh. Mesmo em seus sonhos ela não podia chamá-lo pelo seu nome. Ele agarrou os lençóis, deixando a vibração do trem acalmá-lo quando tudo que ele queria fazer era levantar seus quadris para cima e tomá-la.

Trem... *trem?* *Josh.* *Não é um sonho!*

Seus olhos abriram rapidamente, e, oh, inferno. Serena estava em cima dele, pronta para ele.

— Não! — Freneticamente, ele agarrou a cintura dela, mas ele estava fraco demais para impedi-la. Ela afundou para baixo, enterrando o seu eixo com profundidade. Sua barreira quebrou, e ela gritou antes de sufocar o som com seu punho atolado em sua boca.

Instantaneamente, uma energia estranha e maravilhosa permeou seu corpo, correndo em suas veias e fazendo o seu coração bater rapidamente. A fraqueza que esteve arrastando-o para baixo foi substituída pelo poder e força que uivava através dele em um rugido poderoso.

— Oh, baby — ele respirou. — Oh... merda, o que você fez?

Ela precisava saber que ela começou uma contagem regressiva para a morte.

— Eu não podia deixá-lo morrer. — Ela olhou para ele, seu olhar quente. Ela sorriu, e depois estremeceu quando moveu-se. — Eu sei que você disse que não pode me dar o que eu quero, mas você já deu.

Ele quis argumentar, protestar contra o que ela disse, o que ela acreditava, mas ele não podia. Seus sentimentos por ela eram muito profundos. — Eu não devia ter contado.

— Não. — Ela cravou as unhas em seu peito. O prazer misturado com a dor foi requintado. — Eu estive esperando muito tempo por isso para arruinar com remorsos.

Ele não achava que ele podia sentir nada além de arrependimento, até que ela arrastou as costas de seus dedos para cima de seu peito e passou sobre seus mamilos. Costas arqueadas, ela revirou os quadris. Ele pulsava dentro dela, seu desejo crescendo mais abrangente a cada segundo.

Haveria uma eternidade para se arrepender; agora ele precisava certificar-se que esta primeira vez seria algo especial para ela. Para ambos.

Ele espalmou a parte traseira de sua cabeça e puxou-a para baixo até que seus lábios encontraram os dela. Beijá-la era o maior prazer que ele já conheceu. Os lábios dela se entreabriram, e ele deslizou sua língua entre eles para encontrar a dela. Ele odiava precisar ser cuidadoso para garantir que ela não iria ficar muito perto dos seus caninos, mas agora, cuidado era uma coisa boa. Esta era sua primeira vez, e ele não se comportaria como um animal.

Ainda assim, não importa o quão civilizado tentasse ser, alguns instintos não poderiam ser substituídos. Ele levantou uma perna para cima e agarrou seus quadris, segurando-a enquanto sua penetração se tornava mais rápida, mais dura. Ele precisava ir mais fundo. Ir tão longe dentro que nunca pudesse sair de novo, mas o gemido dela o fez congelar. Ela ainda sentia dor. Deuses, ele era um idiota brutal.

— Eu sinto muito. — Ele beijou as lágrimas. — Você só é... tão... boa.

Seus dedos acariciaram seu pescoço, bem em cima de sua jugular, e ele estava com um desejo louco de pedir para ela mordê-lo lá. — Está tudo bem. Eu sabia que ia doer. — Ela fez uma careta. — Mas talvez não tão tanto quanto dói.

— Quero torná-lo melhor, *lirsha*.

— *Lirsha*?

Merda. Bem, ele não poderia muito bem explicar livremente a tradução para *amante* na língua *Seminus*, e para o inferno com ele, ele não queria explicar nada.

— Shh. — A levantou para fora dele, o atrito de seda com o pau arrastado pelo canal molhado dela quase o fazendo gozar. — Confie em mim.

Ela mordeu o lábio, sua expressão amolecendo, e ela balançou

a cabeça. Contorcendo seu corpo para baixo, ele abaixou a cabeça, ao mesmo tempo, até que sua boca encontrou seu cerne. A cama era pequena e suas pernas estavam amontoadas contra a parede, mas ele estava exatamente onde queria estar.

Serena gemeu quando ele a beijou profundamente, rolando seus lábios dentro dela. Com fome, ele passou a língua até seu centro em um molhado e gentil movimento. Quando ele empurrou a língua para dentro dela com um golpe, ela gritou, o orgasmo vindo com tanta força que ele teve que mantê-la quieta com um aperto firme em suas coxas.

Quando acabou, ela ficou mole, e ele facilmente enfiou debaixo dela. — Você está bem?

— Oh, sim — ela murmurou, sua voz rouca. — Uow.

— Só vai melhorar.

Excitação brilhou em seus olhos. — Sêrio?

— Sim. Realmente.

Ele se moveu para que os quadris dela estivessem acima dele e seu pau foi colocado à entrada dela. Apoiando-se nos cotovelos, ele a beijou até que ambos estivessem sem fôlego e balançando descontroladamente um contra o outro. Seu movimento ondulante sugou-lhe o ar, e quando ela levantou as pernas na cintura, ele não podia esperar mais. Ele tentou ser gentil, mas ele estava tão excitado, e ela estava tão molhada...

Ele entrou nela em um golpe suave.

— Você está bem? — Perguntou ele, apesar de que seria uma maravilha se ela o entendesse do jeito que as palavras saíram de um gemido de êxtase.

— Pare de me perguntar isso. — Ela apertou suas coxas em torno dele e arqueou para cima. — Continue. Por favor. — Ela bombeava seus quadris e passou seus braços ao redor de seu pescoço para ter vantagem, e maldição, ele apenas aproveitaria o passeio.

Ele não podia acreditar que ele estava fazendo isso... com uma humana, com uma virgem, com alguém que ele se importava. Mas não queria pensar em tudo isso. Ele queria dar a ela uma primeira vez que ela se lembrasse para sempre.

Exceto, para ela não havia mais o para sempre.

Um rosnado saiu de sua boca. Ele não se importava que a doença dela não tivesse cura. Deveria haver outro jeito. Ele iria salvá-la. Ele iria. E então, ela seria sua. — Minha.

— Sua — ela concordou, puxando sua cabeça para baixo em sua garganta. — Beije-me aqui. Como no sonho.

O sonho de vampiro. A ideia de mordê-la o fez tão quente que ele subiu dentro dela enquanto suas presas saíam de sua gengiva. Fazendo suas presas recuarem, ele se apegou ao seu pescoço com seus lábios e sugou, sabendo que ele ia deixar uma marca e não se importando. Ele queria marcá-la em todos os sentidos que podia.

Ele também queria ser gentil, mas ela o fez perder seu autocontrole, e de repente ele estava suando e bobeando e rosnando, a sua libertação vindo como vapor.

Ela marcou os ombros dele com as unhas e gritou, mas ele reconheceu o som de prazer, não de dor. Sua coxa apertada em torno dele, arrastando-o mais profundo, seus quadris empurrando para cima para criar selvagens e violentos balanços que deve ter abalado o trem.

Ondulações de prazer cantarolavam através de suas bolas, e de seu eixo, enquanto o seu gozo aquecido e em um rojão vieram até que ele não podia mais aguentar. Ele veio em uma ofuscante maré branca, quente, que caiu sobre ela uma vez, duas vezes, oh merda... seu terceiro orgasmo rugia através dele.

Ele ficou encantado quando Serena se juntava clímax por clímax. Ele estava acostumado com orgasmos múltiplos - era ótimo ser um incubos - mas ele sabia que eles eram uma raridade para a maioria das fêmeas. A capacidade garantida de alcançar o clímax com um demônio *Seminus* foi o motivo para muitas fêmeas, e como ele teve seu quinto, estabeleceu-se para assistir Serena ter um par a mais.

Ofegante, ele passou para o lado para evitar esmagá-la, mas ele a segurou perto, virando-a para que ele ainda estivesse dentro dela, ainda podia sentir o aperto de suas paredes internas quando ela gozou de novo. Sua cabeça caiu para trás, os olhos fechados, e ela soltou suspiros de prazer.

— Josh, oh... ah... sim. — Ela convulsionou, e ele deixou cair as mãos para sua bunda para pressionar mais perto.

Normalmente, ele imediatamente saía para longe, deixava a mulher se contorcer de prazer enquanto ele fazia a sua fuga. Mas esta era Serena. Eles falaram sobre os orgasmos, mas ele nunca sentiu essas coisas com qualquer mulher... qualquer mulher, menos Serena. Sexo com ela foi à corrida final, a queima final, e ele estaria aqui para aproveitar cada único gemido, suspiro, e estremecimento.

— Wraith. — Sua voz era um sussurro gutural contra seu ouvido. — Me chame de Wraith quando você gozar.

— Agora — ela gemeu. — Estou chegando... *Wraith*.

Ele gozou novamente quando ele a ouviu gritar seu nome em sua libertação. Depois, eles entraram em colapso em conjunto, sua pele lisa com a transpiração, seus pulmões puxando oxigênio como se o que estava no trem não bastasse.

— Obrigada — ela disse, tomando uma respiração irregular. — Deus, obrigada.

Ela o agradecia? Ela lhe dera um milagre, sacrificara sua própria vida para dar algo que ele não merecia.

Então, não, ele não merecia agradecimento, e ele não tinha certeza se ele deveria agradecer a ela, também.

Porque Serena salvou sua vida, mas de certa forma, ela matou-o um pouco, também.

Vinte e Dois

Eidolon experimentou uma estranha mistura de alívio e ansiedade assim que desligou o telefone após falar com Wraith. Shade se sentou em frente a ele no escritório de *E*, mandíbula fazendo hora extra em um pedaço de chiclete, esperando pelas novidades.

Wraith recuperara o encanto, o que explicava porque Eidolon de repente se sentiu como se tivesse corrido uma maratona, mas parece que seu irmão apaixonou-se pela humana, o que só acabaria em desastre. Especialmente porque ele conseguira tudo, mas ordenou a *E* a encontrar uma maneira de salvá-la a todo custo, e nada que Eidolon dissesse poderia convencer Wraith ao contrário.

— Shade, ele pegou o encanto, mas nem tudo são boas notícias...

Reaver andou, ou mais precisamente, tropeçou, através da porta. O cabelo do anjo, normalmente brilhante e perfeito, estava emaranhado e sem brilho, caindo, coberto de água, olhos injetados de sangue. Suas mãos estavam negras com sangue seco, sua pele tão branca que suas veias sobressaíam como se fosse uma estrada em um mapa de sofrimento.

— Mas que porra? — Shade perguntou, ficando em pé como se para pegar Reaver.

— Esqueça-me — Reaver resmungou. — Serena. Preciso protegê-la.

— Oh, agora você está pronto para ajudar? — *E* perguntou, e Reaver inclinou a cabeça em um aceno.

— Bom. O que há de especial sobre o colar?

— Há coisas que não posso dizer. — Reaver encontrou o olhar de *E*, seus lábios rachados firmes em uma linha teimosa.

— Droga, Reaver, foi roubado, e soa como se fosse um negócio malditamente grande.

A última gota de cor drenou do rosto de Reaver. Ele começou a balançar, e Eidolon levantou para pegar o anjo antes que ele

tombasse. Felizmente, Reaver se apoiou na parede.

Bom. Eidolon odiava admitir isso, mesmo para si mesmo, mas a ideia de tocar alguém de origens divinas lhe dava calafrios.

— Não pode ser — Reaver disse. — O que você está dizendo é impossível.

— Estou dizendo a você, não é. Preciso saber sobre o colar. Agora.

Os olhos azuis pálidos de Reaver eram diamantes afiados, mas assombrados quando ele os trancou com os de Eidolon. — O pingente — ele disse, em uma voz cortada que fez vibrar cada sílaba, — é o Armagedom em uma corrente.

Shade parou de mastigar o chiclete. — Fala de novo?

— O amuleto. É um pedaço do Céu.

— Ah... Céu? Literalmente?

— Sim.

E trocou olhares com Shade, porque isso era grande. Mais que grande. — Reaver, nós precisamos saber mais.

Reaver passou seus dedos pelos cabelos. Eidolon deu ao anjo um minuto para se recompor, porque ele ainda parecia como se estivesse a beira de sair da sua pele. Finalmente, Reaver parou de bagunçar sua juba, mas começou a andar, lentamente, e mancando, mas andando.

— Em *Daemoniaca*, há uma menção de tranca e chave celestial.

E assentiu, porque conhecia a passagem na bíblia demoníaca, mas era vago. Estudiosos demônios tentavam decifrar isso por séculos. — Continua.

— É dito — Reaver continuou, — que quando Satã foi expulso do Céu, ele pegou um pedaço disso com ele na esperança que isso o permitiria voltar um dia. Ele o manteve escondido, e então, durante o conflito de uma batalha entre o bem e o mal, o anjo Hizkiel o pegou de volta. Mas, milhares de anos de corrupção alteraram isso. Não poderia ser permitido voltar ao Céu por medo de manchar. Mas tampouco podia ser deixado na terra para demônios usarem como

uma maneira de abrir o portão celestial entre o Céu e o Inferno. Então foi decidido que deveria ser colocado na guarda de humanos, já que em última instância, a luta pelo poder entre o bem e o mal tem sido sempre sobre a humanidade. Caso eles não conseguissem protegê-lo, sua queda será sua própria obra.

Eidolon estava com um mau pressentimento sobre isso, especialmente com Wraith envolvido no meio do conflito entre o bem e o mal. — Então tem sido deixado na guarda de humanos que foram encantados?

— Sim. Muitos humanos. Serena foi a mais recente. Teoricamente, deveria sempre estar seguro. — Reaver balançou a cabeça. — Eu não acho que mesmo outro Sentinela marcado poderia ignorar o encanto. Sentinelas vieram uns contra os outros em batalha, e seus encantos os fizeram ambos intocáveis mesmo para o outro.

— Não foi outro humano encantado que o pegou — Eidolon disse. — Foi um anjo caído. Com o nome de Byzamoth.

— Byzamoth? — Uma onda de choque quebrou as janelas na área do escritório, e o hospital balançou com tal força que Eidolon se perguntou se humanos registrariam o estrondo nas suas escalas Richter.

Shade se moveu em direção ao anjo. — Ei, cara, se liga. Nós meio que gostamos de ter um telhado sobre nossas cabeças. Um que não esteja desmoronando.

— É um pouco tarde para isso — Eidolon murmurou, mas agora que Wraith já não estava morrendo, o hospital deveria voltar ao normal. Pena que a falta de pessoal não poderia ser consertada tão facilmente.

— *Byzamoth*. — Os olhos de Reaver cintilaram fogo azul. — Wraith tem certeza?

— Foi o que ele disse. Por quê? Quem é esse cara?

Reaver empurrou uma cadeira de lado com tanta força que voou na parede e empalou-se no gesso. Eidolon nunca o viu tão irritado. Inferno, ele raramente o viu sequer levemente aborrecido. — Ele era um anjo da Destruição. Agora um demônio da Destruição. Ele caiu durante a primeira guerra no Céu. Se ele tem o colar e o encanto...

— Ele não tem. Wraith tem o encanto.

Reaver latiu uma risada amarga. — É um dia triste quando eu estou aliviado que *Wraith* seja aquele que pegou o encanto.

Shade limpou a mão sobre o rosto. — Ok, então o que Byzamoth quer com essa coisa? Se ele é um anjo caído, ele não precisa de um encanto de invencibilidade.

— Não, mas ele precisa do sangue de um encantado para o amuleto funcionar e abrir o portão entre o Céu e o Inferno. Se ele tivesse a posse do colar e o encanto, ele poderia usar seu próprio sangue para sua conveniência. Uma vez que ele não está encantado, ele precisa do sangue da Sentinela que guardava o amuleto.

— Mas Serena não é mais encantada.

— Exatamente. Então, uma vez que ele souber disso, ele precisará do sangue daquele que ela passou o encanto.

Reaver finalmente parou de caminhar. — A boa notícia é que se alguém pode cuidar de si mesmo, é Wraith.

— E obviamente, o encanto não funcionará contra Byzamoth.

Reaver assentiu. — Eu não acho que ninguém antecipou a brecha.

— Essa brecha, a qual, um anjo poderia ignorar o encanto... mesmo um caído.

— Obviamente.

— Então o que, exatamente, Byzamoth fará com o amuleto?

— Ele abrirá o Céu para as forças do mal. Demônios entrarão como enxame. — Reaver vacilou quando afundou em uma cadeira do escritório. — Os seres humanos sempre estiveram focados no Apocalipse. Eles vêem isso com o fim dos dias, mas para os crentes, não é uma coisa tão ruim. Eles sabem que depois da batalha do bem e do mal, os justos vão para o Céu.

A voz de Reaver estava tão fina como o ar nos lugares mais escuro do Sheoul.

— Os humanos pensam que o Apocalipse será a batalha das batalhas. Inferno na terra. Mas com aquele pingente, Byzamoth abrirá

o portão entre o Céu e o Sheoul, e a batalha resultante terá lugar em vários reinos, em uma escala inimaginável. O Céu poderia... deixar de existir, almas negligenciarão a Satanás, e humanos estariam presos em um inferno tão terrível, que não pode ser concebível.

Os olhos de Reaver cresceram assombrados. — Meninos, isso é muito maior do que o Apocalipse. Isso é o fim da existência para tudo, exceto o vitorioso.

†††††

Shade, Eidolon, e Reaver passaram a próxima hora argumentando sobre o que fazer, mas sempre voltava ao Wraith.

— Ele precisa pegar aquele colar — Shade disse, quando abria um refrigerante que buscara na sala de descanso. Ele também ligou para Runa para deixá-la saber que ele chegaria tarde. Ela soou tão exausta quanto ele, mas com quatro bebês em casa, não era de admirar.

— Não! — Reaver bateu com o punho na mesa de Eidolon. — Se Wraith derrota Byzamoth e pega o talismã, isso deixa Wraith com a posse do artefato mais poderoso no universo. Eu não acho que nenhum de nós quer isso. O Aegis deve recuperá-lo.

Shade bufou. — Aquele bando de ignorantes...

Eidolon cravou-lhe no ombro com um grampeador. — Você está falando sobre a minha alma gêmea, você sabe.

— E goste disso ou não, eles são os Guardiões Humanos do reino da terra — Reaver disse.

Eidolon olhou para cima do seu computador, onde esteve procurando Bíblias e profecias demoníacas. — Aconteça o que acontecer, precisa acontecer rápido. Tayla disse que dentro das últimas doze horas, demônios tem vindo acima do solo e levado mais de três locais sagrados em Israel. O Aegis local tem suas mãos cheias. Coincide com Byzamoth pegando o colar.

— Fogo do inferno — Shade murmurou. — O começo do Armagedom tinha que cair justo nas mãos de Wraith. — Shade pensou sobre seus filhos, tão pequenos e indefesos, e sobre Runa, a quem ele amava tanto que doía.

Ele não poderia suportar a ideia de que eles poderiam ser pegos nessa guerra.

— Isso é muito pior do que Armagedom — Reaver adicionou, como se Shade precisasse de um lembrete.

— Por que agora? — Eidolon perguntou. — Esse Byzamoth imbecil é obviamente velho, então porque ele não agarrou o colar e o encanto séculos atrás?

— Anjos caídos não podem sentir os Sentinelas marcados. — Reaver balançou sua cabeça. — Eu não sei como ele poderia ter encontrado Serena.

Eidolon bateu os dedos na sua mesa, e assim como Shade, estava para quebrar seus dedos, *E* congelou, no meio de uma batida. — Wraith disse que Byzamoth tem apenas uma asa. Isso sempre foi o caso?

— Não que eu saiba.

Shade franziu. — Aonde você quer chegar?

— O calabouço de Roag. Runa arrancou a asa de um anjo caído. Eu me perguntei por que Roag teria um anjo caído trabalhando para ele.

Reaver bufou. — Ele não teria. Nenhum anjo serviria um demônio.

— Exatamente. Mas e se ele estava lá para conseguir alguma coisa de Roag?

— Os olhos de Eth — Shade disse em uma longa e prolongada respiração.

Reaver calou. — O que tem isso?

— Roag roubou isso da minha coleção quando tomou o mordlair necrotoxin — Eidolon disse, voltando a bater na mesa.

— Você estava em posse do Olho de Eth?

— Sim — *E* disse — mas era impossível para nós usarmos.

— É por isso que apenas anjos podem usá-lo para fins de vidência. Se Byzamoth tinha isso, ele poderia ter usado para localizar

o amuleto. — Reaver amaldiçoou. — O que explica porque eu senti o manto dela quebrar - um efeito colateral de ser descoberto.

— Nós precisamos envolver o Aegis — Reaver repetiu, como um maldito disco quebrado.

— Eu concordo. — Eidolon levantou e andou ao redor de sua mesa. — Tayla e Kynan terão de dizer ao Sigil o que está acontecendo. Tudo. Isso é muito grande para nós sozinhos. E eles são treinados para caçar seres como anjos caídos. — Ele se virou para Reaver. — Quando ele tentará abrir o portão?

— O Segundo amanhecer após o sangue da Sentinela ser derramado. Se ele não usar o sangue, então ele terá perdido sua oportunidade. Se ele mesmo tivesse pegado o encanto de Serena ele teria mais controle sobre o tempo. Agora ele está a mercê de encontrar Wraith, e sangrá-lo.

— Onde Byzamoth pegará o amuleto e o sangue? — Eidolon perguntou.

— Jerusalém. O Monte do Templo^[1]. Mas ele precisará pegar o sangue primeiro. Onde está Wraith?

— Egito.

— Mande-o de volta para casa — Reaver disse. — Nós podemos protegê-lo no hospital.

— Isso funcionará. — Eidolon não soou tão confiante, embora, provavelmente porque manter Wraith sentado, quieto e sem fazer nada seria como tentar prender um fantasma.

— Nesse meio tempo, Tayla pode contatar o Sigil e as células Aegis que estão de Jerusalém. Kynan pode lidar com o R-XR. Deixá-los saber o que está acontecendo e prepará-los para a batalha.

Shade amaldiçoou. Demônios e profetas humanos têm dito por séculos que o fim estava próximo, e finalmente, parecia que eles estavam certos.

[1] O Monte do Templo, também conhecida como a Esplanada das Mesquitas, é um lugar sagrado para muçulmanos e judeus e é um dos locais mais disputados do mundo.

Vinte e Três

Serena temia esta chamada, mas agora que havia sinal, precisava fazê-la.

— Serena? — Val soava tão preocupado quanto ela já o ouviu, e ela respondeu rapidamente.

— Sou eu, Val. Está tudo bem. — Se bem incluísse perder seu colar, sua virgindade, e seu encanto em questão de horas.

— Graças a Deus. — Ela ouviu o rangido de couro, sabia que ele acabou de se afundar em uma cadeira. — Onde você está?

— O trem partirá para Alexandria em 15 minutos.

— E você vai vir para casa imediatamente?

Seu coração começou a martelar. — Não exatamente. Há um problema.

A cadeira rangeu novamente. — O quê? — Ela não respondeu, e a voz dele caiu para um sussurro baixo e perigoso. Ela o viu realmente irritado apenas uma vez, e foi algo que ela nunca queria experimentar novamente. — O que aconteceu?

— Byzamothe.

— O demônio?

Ela engoliu em seco. — Ele é mais do que um demônio. Ele é um anjo caído.

— Conte-me tudo, e conte-me agora.

Ele estava usando sua voz não-discuta-comigo-ou-qualquer-outra-coisa, e ela sabia melhor do que forçar. Ela começou do início e terminou com: — Ele matou o Regente. E... e ele me atacou.

— Ele pegou o colar?

— Sim.

— E o encanto?

— Ele se foi, também.

Sua forte maldição foi seguida por uma respiração longa e irregular. Quando ele falou, suas palavras estavam quebradas, distorcidas. — Eu deveria saber. Houve ataques de demônios ao redor de todo o globo. — O som da sua respiração se juntou ao clique frenético de seus dedos sobre as teclas do computador. — Você está... bem?

— Josh está cuidando de mim.

— Não bem o suficiente! Onde ele estava quando Byzamoth atacava você?

— Ele lutou com ele, Val. As coisas poderiam ter sido muito pior do que foram.

Val murmurou algo que ela não pôde ouvir. — Quando você sair do trem, vá direto para um endereço que estou fazendo David mandar por mensagem de texto para você. Ele vai incluir instruções para entrar. Espere até eu chegar.

— Vou esperar. Onde você está?

— Ainda estou em Berlim. Está um zoológico aqui... espere.

Ela ouviu um tumulto no fundo, um monte de vozes, algumas elevadas. David estava gritando. Os nomes Tayla e Kynan vieram com alguns palavrões, e então, finalmente, Val estava de volta ao telefone.

— Serena? — Seu raspar gutural disse que ela estava em apuros. — Byzamoth tem o colar, sim? Mas ele tem o encanto?

Oh, Deus.

— *Serena!*

— Não — ela sussurrou. — Josh o tem.

Houve uma maldição e então um tenso momento de silêncio antes que ele dissesse: — Por mais furioso que eu esteja com você, isso pode realmente ser uma boa notícia... olha, eu preciso ir. Há algum tipo de reunião de emergência em andamento, e parece ter algo a ver com você. Eu vou ligar tão logo quanto eu possa. Basta chegar ao endereço que eu enviar a você. O Aegis terá pessoas lá o mais rápido possível.

— Eles não estão lá agora?

— Todas as células na região foram enviadas para Israel. Vai levar tempo para chegar ajuda a você. Nesse meio tempo, fique alerta.

— Ok.

Val amaldiçoou novamente, longo e severo. Finalmente, ela ouviu o ruído da cadeira novamente, ouviu sua exalação forçada. Sabia que ele estava acariciando sua arrumada barba. — Como você está se sentindo?

— Tudo bem, agora. — Ela estava um pouco nauseada, mas não havia motivo em preocupar Val ainda mais do que já fez. — Quanto tempo você acha? Antes, você sabe...

— Eu não... — Sua voz engasgou. — Eu não tenho certeza. A doença deve progredir rapidamente agora.

— Uma estimativa?

Ele inspirou uma respiração irregular. — Eu diria que você está no limite de dias, talvez horas.

†††††

Wraith não estava de acordo com este plano. Quando Serena disse que eles estavam indo para algum lugar que Val lhe disse para ir, cada um de seus alarmes de advertência soaram, e agora, quando se aproximavam do local, nos arredores do bairro grego de Alexandria, o tinar em sua cabeça poderia estar vindo da banda marcial do Inferno.

Eles estavam a pé, após ter saído do táxi vários quarteirões atrás. Ele queria se aproximar pela parte de trás, entrar tão discretamente quanto possível, no caso de estarem sendo observados. Byzamoth ainda a queria, não poderia saber que o encanto dela já estava com Wraith.

Meu. E ela também.

Cara, toda vez que ele pensava sobre o que poderia ter acontecido, o que o anjo caído ainda queria, fazia o instinto assassino de Wraith abrir caminho até a linha de frente do restante de seus instintos mais básicos. Estranho, porque normalmente *nada* ficava na frente do sexo.

E ele definitivamente queria saber quem estava delatando a Byzamoth a localização de Serena. Wraith iria destripar o bastardo e estrangulá-lo com seus próprios intestinos.

Eles estavam quase lá quando Serena começou a ofegar o suficiente para Wraith sair da calçada e puxá-la para a sombra de uma palmeira exuberante. Manchas rosadas coloriam suas bochechas e profundas olheiras sob seus olhos, mas ainda assim, ela sorriu.

— Você precisa descansar?

— É a poeira no ar. Não é nada.

Sua mentira o irritou. Ele queria que ela fosse capaz de apoiar-se nele, aceitar sua ajuda. E ele precisava levá-la a algum lugar seguro, onde estivessem menos expostos e ela pudesse descansar.

Eles chegaram a uma casa desinteressante situada entre outras casas igualmente desinteressantes. Mas logo ficou claro que não havia nada de mediano sobre esse lugar. Ninguém que não fosse militar das forças especiais, um ladrão, ou Wraith, notaria o bem escondido fio do alarme fixado nas molduras de porta e janelas. As paredes com espessura que Wraith apostaria que foram reforçadas. O revestimento corta chamas que foi pulverizado sobre as paredes e o telhado. Ou as fendas *decorativas*, cortadas no gesso abaixo do beiral do telhado e que eram do tamanho perfeito para acomodar o cano de um rifle.

Quando ele se agachou ao lado de uma rocha ornamental em um canto do perímetro da propriedade, notou pequenos símbolos de proteção esculpida nela.

— Eu não gosto disso — ele disse, enquanto se endireitava a sua altura máxima. — Tem algo errado.

— Val não me enviaria para um lugar inseguro.

Definitivamente não estava inseguro. Seguro demais, cairia melhor. Serena ofegou novamente, e ele deixou sua paranoia de lado. Nada era seguro demais para Serena. Ainda assim, ele manteve um olhar atento sobre os seus arredores, tomando nota dos veículos, das casas, mesmo das fodidas aves, enquanto ele falava. — Você está doente. Precisamos levá-la para dentro.

— Minha garganta está seca. Isso é tudo.

Wraith virou, olhou para ela através do filtro âmbar de seus

óculos de sol. — Não me venha com besteira. Nós já passamos por muita coisa. — O bastante que ele queria embrulhá-la e levá-la para o UG, onde sabia que poderia mantê-la segura. De Byzamoth, pelo menos. A doença dela era uma besta que não sabia como lutar.

— Eu sei. — Ela abraçou a si mesma. Mudou o apoio do pé. Ele odiou deixá-la desconfortável, mas a hora de fazer amor e fingir que ela não havia cometido suicídio acabou. Ele era um lutador, e ele estava no modo matar-a-ameaça.

Especialmente, desde que a ameaça era agora para Serena.

Ele olhou para a construção. — O que ele disse sobre essa casa?

Ela afastou uma persiana decorativa. Por trás da aba de madeira estava uma caixa de metal montada na lateral do prédio. Ela apertou alguns números no teclado e recuperou uma chave. — Ele disse que é protegida contra os vampiros.

— Vampiros? — Ele esperava que ela não tivesse percebido a maneira como ele se engasgou.

A mão dela escorregou para a garganta, caindo novamente. — Eu perguntei para ele porque a casa não estava protegida contra demônios, também, e ele disse que feitiços para repelir vampiros são limitados em extensão e duradouros. Mas com demônios, é diferente. A menos que você proteja contra determinadas espécies de demônios...

— Você precisaria de um feitiço contra demônio muito genérico, e estes não duram muito tempo.

Ela assentiu. — Exatamente.

Ela entrou, mas ele ficou para trás, sem saber como o feitiço anti-vampiro o afetaria. Ele não era um verdadeiro vampiro, mas ele não queria arriscar. A proteção poderia funcionar somente em mortos-vivos, o que seria inteligente, dado que eles estavam sentados no meio da terra das múmias, ou poderia ser alguma versão distorcida que funcionasse contra qualquer criatura bebedora de sangue.

— Você vem?

Ele levantou uma sobrancelha. — Isso um convite?

— Você é um vampiro?

— Sim.

— Bom. — Seu tom sensual o acertou na virilha. — Entre.

— Seu fetiche por vampiro vai fazê-la ser mordida algum dia — ele advertiu, apenas meio brincando, porque ele realmente, realmente queria ser aquele a mordê-la.

— Eu posso apenas ter esperança. — Ela abriu mais a porta.

— Você é *sem* esperança. — Ele não precisava de convites para entrar em casas, mas se o lugar era protegido... um convite não podia machucar. — Eu vou fazer uma checagem de perímetro primeiro — ele disse. — Precaução nunca é demais. — Isso, e ele queria ver quais outros truques de segurança foram construídos nesta casa.

— Vou ver que tipos de suprimentos temos aqui. Nós provavelmente vamos precisar ir às compras. — Ela estava na soleira, seus cabelos voando na brisa e cintilando ao sol, e ele a queria. Agora e aqui mesmo.

Ele se lançou nela como se tivesse saído de um canhão. Seu som suave de surpresa foi abafado pela boca dele, mudando em um suspiro contente enquanto ela se derretia contra ele. Agora não era a hora ou lugar para fazer tudo o que ele queria fazer, mas deixou sua mensagem clara.

Ele a tomaria de dez maneiras depois do domingo, quando ela estaria curada, porque se recusava a acreditar que isto não iria acontecer.

E então ele encontraria uma maneira de fazê-la sua. Humanas não poderiam se vincular com demônios *Seminus*, mas deveria haver uma maneira. De alguma forma, poderia acontecer.

Certo. Assim que ela o perdoasse por ter mentido para ela, seduzi-la, oh, e ser um demônio.

Merda. Ele estava vivendo na terra da fantasia. Tudo de que ele precisava agora eram orelhas de rato e fodido pó de fada.

Amaldiçoando silenciosamente, ele se afastou dela e fez o circuito em torno da casa. Nada estava fora do lugar, mas ele descobriu mais sinais sutis que lhe diziam que esta casa era mais do

que parecia. Todo o perímetro da propriedade foi escavado com uma vala muito estreita e rasa, quase invisível para quem não olhasse para ela. Este seria o lugar onde alguém poderia colocar um círculo protetor de sal, cinzas, água benta, qualquer substância destinada a proteger contra o mal.

Sua inspeção descobriu várias características mais curiosas, incluindo uma série de pequenas estacas de prata no solo, organizadas na forma de um pentagrama gigante que se estendia por toda a propriedade.

Ele se dirigiu para a porta da frente, parando na soleira. Ele ouviu Serena tossir de algum lugar da casa, mas ela não estaria em lugar algum que pudesse ser vista se a proteção funcionasse nele. Respirando fundo, ele entrou pela porta.

Nada aconteceu. Legal. Ele se perguntou se a proteção *devia* ter afetado a ele, ou se o encanto estava funcionando.

Serena estava bebendo um copo de água na cozinha, então ele espiou pelas outras salas. Em um dos quartos da parte de trás, ele encontrou um baú de madeira. Quando ele abriu, seu sangue gelou.

Estava cheio de armas; espadas, estacas, garrafas de água benta, cordas, lâminas e barras. As lâminas de duas pontas da barras eram ambas revestidas em um metal diferente para matar diferentes tipos de demônios. Estas eram armas Aegis.

Suspeita confirmada: Wraith entrou direto no meio de uma fodida fortaleza Aegis.

Ele fechou os olhos de uma vez e seguiu até a cozinha, onde Serena colocou duas coca-cola em cima da pequena mesa de jantar.

— Achei bebidas e produtos enlatados. Algumas massas...

Ele bateu as mãos no balcão de cada lado dela, forte o suficiente para fazê-la saltar. — Quando é que resto do pessoal vai aparecer?

Encurralada, ela olhou para ele com surpresa. — Pessoal? Eu não sei do que você está falando.

— Eu acho que você sabe.

Ela se desviou sob os braços dele e apertou as mãos nos

quadris. — Eu não gosto de seu tom.

— Eu não gosto que mintam para mim.

— E eu ainda não sei sobre o que você está falando — ela disparou de volta.

Ele acreditou nela, mas agora seus nervos estavam atentos e ele estava energizado. Ele era um maldito demônio parado no meio da Central de Assassinato de Demônios. — Eu pensei que apenas Val estivesse vindo. — O que iria ser uma situação tão difícil como esta. Ele teria que entrar na cabeça do cara de novo e fazer alguma criativa reconstrução de memória em relação ao Josh real.

— Bem, nossa. Eu sinto muito por esquecer-se de mencionar que pessoas que podem nos ajudar se uniriam a nós. Por que isso importa? — Ela colocou a mão na testa dele. — Você está bem? Você está agindo de forma estranha.

Oh, inferno. Ele estava deixando-a desconfiada perdendo a calma assim. — Eu estou bem.

— Você me deve mais do que isso, Josh. Nós compartilhamos muito para você se fechar agora — disse ela, jogando suas palavras de antes de volta para ele.

Foda-se. Ela estava certa, e isto apenas o irritou. Principalmente porque suas mentiras estavam sentadas sobre ele como um monstro de lava de duas toneladas, e a culpa estava praticamente vazando dele. Talvez ele devesse lhe dizer a verdade. Se ela soubesse o que ele era... o quê? Ela apenas o odiaria mais cedo.

Deuses, isto estava fodido.

Ele não lhe respondeu por que sua língua parecia colada ao céu da boca, e eventualmente ela esfregou as têmporas e balançou a cabeça.

— Serena? O que há de errado?

— Dor de cabeça — ela murmurou. — Eu preciso me deitar. Você se importa?

Sim, ele se importava. Ele se importava tanto que seu coração estava se rasgando ao meio. Porque de algum modo, ele sabia que uma vez que ela se deitasse, não voltaria a se levantar.

Serena acabara de colocar uma regata e shorts e olhava para a cama como para um amante, quando seu celular tocou. Sentindo-se excessivamente fraca, ela o tirou de sua mochila e o abriu.

— Val?

— Onde você está? — Ele vociferou.

Ela suspirou. — Olá para você também.

— *Onde você está?*

Uma repentina pontada de medo fez suas pernas balançarem, e ela afundou na cama. — Eu estou na casa em que você nos enviou. Por quê?

— Nós. Então você não está sozinha?

— Josh está comigo.

Houve um momento de tenso silêncio, quebrado pelo som de alguém perto dele sussurrando. David. — Serena, ouça-me com muito cuidado.

— Você está começando a me assustar.

— Bom. Você está em algum lugar privado? Onde você não pode ser ouvida?

Ela olhou para a porta fechada. — Sim, mas sobre o que é isso?

— No menor quarto na parte de trás da casa, há um baú cheio de armas. O mais silenciosamente possível, eu preciso que você se arme, e depois se tranque no quarto e espere. Nós devemos estar aí em questão de horas.

Arrepios rastejaram sobre sua pele. — Val? — Sua voz tremendo tanto quanto ela. — O que está acontecendo?

— Eu acabei de falar com Josh — disse ele, o gelo em seu tom lançando-a em um turbilhão emocional, — e o homem com que você está não é ele.

Vinte e Quatro

Wraith desligou a boca do fogão e procurou no armário por uma tigela. Ele havia feito sopa para Serena, e ele queria acabar antes dela cair no sono.

Seu bolso vibrou, e ele checou o fone. *E.*

— Quê? — Ele disse, enquanto servia a sopa na tigela.

— Você precisa vir para casa. Pegue o Harrowgate mais próximo.

— Isso não vai acontecer.

— Wraith, me escute. Você está em perigo. Byzamoth vai atrás de você.

Wraith ficou tenso.

— Pensei que tinha dito que o encanto só poderia ser transferido pelo sexo. Se ele pensa que ele pode tirar de mim dessa forma... ah, bem, eu não jogo nesse time, e mesmo se eu jogasse, cara, você devia ver quando ele se transforma...

— Ele não quer transar com você — Wraith tirava uma colher de uma gaveta.

— Estou estranhamente arrasado e aliviado.

A voz de Eidolon soou desgastada de aborrecimento, como sempre.

— Ele precisa de sangue encantado. Quando ele perceber que Serena não está mais encantada, ele vai querer o seu.

— Ele também não vai conseguir isso.

— Droga, Wraith, você precisa vir para o hospital onde ele não ousaria chegar perto de você.

Wraith espiou pelo corredor para ter certeza de que Serena ainda estava no quarto.

— Estou com força total agora, mano. Eu dou conta dele.

— Ele é imortal.

— Ele ainda pode ser ferido.

— Não vale o risco. Nós falamos com Reaver. O encanto não tem efeito contra anjos caídos. Venha para o hospital.

— Não vou deixar Serena.

— Enfia seu traseiro em um Harrowgate. Agora.

— Quer saber? — Wraith soltou a panela no fogão, salpicando sopa na parede toda. — Vá se danar, *E*.

— Nós vamos te pegar.

Wraith inspirou longa e tranquilizantemente, o que era provavelmente sua primeira tentativa de ficar calmo. Primeiríssima.

— Eidolon, esse não é um dos meus gestos rebeldes, mortais, teimosos. Uma vez na vida, estou fazendo algo por outra pessoa. Vou manter Serena segura, e vou encontrar uma cura para ela.

— Sério? — A voz fria de Serena veio de trás dele. Ele girou e a encontrou de pé no corredor. Fogo faiscava nos olhos dela... e ela segurava uma faca. — O que pretende fazer, *Josh*?

— Ah... ei. O que você...

Ela jogou a faca em forma de S nele, e apesar de ele ter certeza de que ela tinha uma mira mortal, a arma desviou para a esquerda e acertou a tigela de sopa.

— Sabia que não ia te acertar, sabendo como você está encantado e tal, mas me senti bem em jogar.

Uow, ela estava *nervosa*. Wraith baixou o telefone e se moveu na direção dela.

— O que está acontecendo, Serena?

Ela recuou alguns passos, até estar no corredor no quarto.

— Quem é você? Quem é você de verdade?

Oh, merda.

Ela tremeu de fúria.

— E não *ouse* dizer que seu nome é Josh.

— É Wraith. Eu te disse, meu nome é Wraith.

— Por que eu deveria acreditar nisso, quando tudo mais que você me disse era mentira? — A voz dela soava vazia, como se ela tivesse sido esculpida de dor.

A culpa fez o peito dele doer, pois pela primeira vez na vida dele, ele entendeu como era infligir dor em alguém que não merecia.

— Nem... tudo foi uma mentira — ele disse sem jeito, pois as coisas importantes foram.

— Uh-huh. Por que você fez isso? Quero dizer, posso adivinhar, mas quero ouvir da sua boca imunda e mentirosa.

— Eu estava morrendo, Serena. Precisava do encanto para viver — ele se moveu lentamente na direção dela. — Não é tão ruim quanto parece — era bem *pior* do que parecia.

— Você sabia que eu morreria? Antes de te contar?

Ele evitou olhar, mas arrastou os olhos para os dela uma vez mais. Ela merecia isso, pelo menos.

— Sim.

Ela empalideceu e cambaleou para trás.

— Ai meu Deus. Seu nojento, assassino, *bastardo*.

— Serena, me escute...

Ela bateu a porta na cara dele. E trancou. Ela precisava saber que isso não o manteria do lado de fora, mas ele deu a ela crédito por tentar. Ele deu um chute e entrou.

— Nós não acabamos ainda.

Lágrimas tremulavam nos olhos dela.

— Oh, nós terminamos. Terminamos sim. Quero que vá

embora — ela gritou. — Sai! Saia e me deixe morrer em paz.

— Isso não vai acontecer. Não posso te deixar desprotegida.

— *Desprotegida?* Você está de brincadeira comigo? *Você me matou!*

A agonia o destruiu por dentro, muito pior do que o que o veneno havia feito com ele.

— Eu não queria que isso acontecesse — ele disse rouco. — Eu não podia continuar com isso. Não depois que te conheci. É por isso que eu ia sair do trem no Cairo.

— Que nobre — ela disse. — Como você deve ter sofrido quando eu me forcei em você.

— Essa — ele falou devagar, deliberadamente, para que ela nunca duvidasse disso, — foi a melhor noite da minha vida.

— Eu acredito mesmo nisso — ela bufou. — Era a melhor noite da sua vida porque você não morreria mais.

Ele alcançou o rosto dela tão rápido que ela piscou como se tentasse imaginar como ele ficou a alguns centímetros de distância tão de repente.

— Não. Porque foi a primeira vez que eu fiz amor com alguém. Você pode me chamar de mentiroso por qualquer outra coisa, mas *não* duvide disso. E eu te juro que você foi a primeira, e será a última.

Uma dor fria fez um buraco em seu peito. Ele precisava fazer sexo ou ele sofreria, mas ele nunca faria amor com uma fêmea outra vez.

Ela engoliu em seco, mas em um instante a fúria voltou e ela empurrou os ombros dele com força. Quando ele não se moveu, ela correu em volta dele e se afastou uns quatro metros dele. Pareciam mais anos-luz.

Um mal repentino gritou no ar, aumentando a pressão na casa com a violência de uma tempestade de primavera. A janela abriu com força, e uma nuvem negra giratória cercou Serena. Ela se solidificou, e Byzamoth, sorrindo, a segurava de costas para ele, a mão dele cobrindo a boca dela.

— Olá, *Josh* — disse o anjo caído, claramente ciente da verdade. A traição a Serena voltando novamente. Ele olhou para Serena e Wraith. — Me diga que não é verdade. Diga-me que essa vadiazinha não te deu o encanto.

— Eu diria isso — Wraith rosnou, — mas seria mentira.

Serena fez um ruído de indignação, e Byzamoth mexeu a mão, deixando-a falar.

— Oh, *agora* você resolve contar a verdade?

Apesar do tapa verbal dela ter doído, ele a ignorou. Se Byzamoth soubesse o quanto Serena significava para Wraith, ele teria uma arma efetiva para usar contra ele.

— Então, anjo, o que me denunciou? Alguém te contou? Ou é o brilho pós-sexo?

Byzamoth silvou. — Algo assim, seu idiota. Você não está disfarçado — ele jogou Serena na cama. Ela caiu desajeitada e rolou para a cabeceira. Byzamoth tirou uma espada das vestes, uma espada de prata fosca que brilhou numa fina linha azul por toda a extensão do metal e no cabo, onde símbolos pulsavam. Ele apontou a ponta afiada para Serena, mas sem tirar os olhos de Wraith.

— Sem movimentos súbitos, ou eu a corto. Minha especialidade é destruição, *Sem*, então eu sei como usar isso.

Cara, ele ia arrancar o coração desse cara e se alimentar dele.

— Você realmente fodeu com tudo — Byzamoth gesticulou para Serena com um movimento da espada. — Fodeu ela toda também. Com intenção de trocadilho — ele mostrou os dentes. — Não importa. Eu ainda vou conseguir o que eu quero. Destruição. Sua. Dela. O mundo como você conhece. Acho que vou começar por baixo e me transformar num caos completo.

O olhar de Serena prometia dor se ela chegasse a por as mãos no anjo caído. — Você não vai escapar com o que seja que tenha planejado, você sabe.

Byzamoth riu, baixando descuidadamente a espada.

— Isso é como um filme ruim. Os mocinhos todos amarrados sem esperança de sobrevivência, mas que droga, eles continuam

destemidos. *Você nunca vai escapar com isso* — ele arremedou.

Wraith atacou Byzamoth. O anjo girou e levantou a espada. Serena gritou, e Wraith congelou. Um corte de dez centímetros riscou o ombro dela, as bordas tão suaves e limpas como um corte de bisturi. A espada não havia tocado nela, mas de alguma forma talhou a carne dela e agora estava apontada para sua garganta.

— Serena!

— Está tudo bem — ela disse, metendo a mão na ferida que sangrava. — Estou bem.

— Quanta bravura — Byzamoth virou os olhos. — Isso importa mesmo, Serena? Dada a sua condição?

O olhar de Wraith foi direto para o anjo caído.

— Vá para o inferno, seu filho da mãe — ele flexionou as mãos, morrendo de vontade de colocá-las no pescoço de Byzamoth.

— Estive aqui, fiz isso. Mas então, você fez também — ele fez outro corte pequeno no braço de Serena para chamar a atenção dela, e ela nem se esquivou. — Você vai pagar por escolher ele a mim.

— Não tive escolha — ela mostrou os dentes tão viciosamente que Wraith quase esperou ver presas. Sob qualquer outra circunstância, isso teria sido quente. — *Josh* pode ser um canalha mentiroso, mas pelo menos ele é humano.

A compreensão despontou, e Byzamoth virou-se para Wraith. Serena escolheu o momento para dar o bote no anjo caído. Wraith saltou para pegá-la, mas rápido como um raio, Byzamoth a agarrou, segurou-a com um braço em volta do pescoço dela, os pés balançando fora do chão.

— Idiota — Byzamoth disse em seu ouvido. — Ele é um demônio. Um incubos, um mestre da sedução. Você cedeu a um demônio tão mau quanto eu, sua cadela estúpida.

— Mentiroso! — Ela soltou, mas quando ela olhou para Wraith procurando por apoio, sua expressão caiu. — Josh? Diga a ele.

Wraith não disse nada. O que tinha a dizer? Ela parou de lutar. Simplesmente olhava para Wraith como se nunca o tivesse visto antes.

— Valeu a pena, Serena? Ter um demônio entre suas pernas valeu sua vida, sua vadia podre? — O corpo de Wraith estremeceu de fúria. Serena era boa e pura e tudo que Wraith não era.

— Tire suas mãos imundas dela!

— Sim — ela disse. — Faça isso. Eu vou matá-lo.

Byzamoth riu e a soltou. No momento em que os pés dela tocaram o chão, ela se lançou para Wraith. Ela deu um tapa nele tão forte que a cabeça dele virou. Os punhos dela batiam no peito dele. Ele não fez nada. Fechando os olhos, ele aceitou os golpes, desejando que ela batesse mais forte, que tirasse sangue.

— Seu filho da mãe! — Ela gritou. — Seu maldito filho da mãe! *Eu te odeio.*

As lágrimas dela desciam em rios pelo rosto dela. Ele podia sentir o cheiro da fúria dela, do medo dela, e isso o cortava como nenhuma outra arma cortara.

Ela batia nele sem parar, cada golpe ficando mais fraco. Enquanto a força dela diminuía, a cor em seu rosto também diminuiu. Ela balançou, piscando os olhos, e então ela caiu. Ele a pegou antes dela atingir o chão e a pôs em seus braços, sentindo a fragilidade do corpo dela, o delicado conjunto de ossos que não estavam lá antes. Ou talvez ele tivesse escolhido não perceber.

O bastardo covarde atacou enquanto os braços de Wraith estavam ocupados. Byzamoth arrastou a espada, acertando Wraith nas canelas. O estalo do osso rachou o ar, e uma tempestade de sofrimento tomou conta de seu corpo inteiro.

Os pés de Wraith saíram de debaixo dele, mas ele girou enquanto caía, e tomou o impacto da queda no ombro para proteger Serena. Suas pernas não funcionavam, prejudicando sua habilidade de voltar para Byzamoth, e o anjo não poupou a Wraith nenhum sofrimento. O pé desceu na nuca de Wraith, repetidas vezes, e enquanto os chutes desciam, ele não pôde fazer mais do que rolar para cima de Serena, protegendo-a.

Uma dor seca e cortante rasgou suas costas e sua barriga. Uma, duas vezes. O som fresco de uma espada chiando contra ossos gritou em seus ouvidos enquanto, pela terceira vez, um atizador quente de agonia o destripava. Através da visão borrada, ele olhou entre seu corpo e o de Serena, viu a ponta cheia de sangue de uma espada

fincada no chão.

Oh...oh, Deus. Ele fora atingido pelas costas e empalado, a espada por pouco acertara Serena.

Virando a cabeça, ele viu Byzamoth sorrir enquanto se agachava para pegar um filete do sangue de Wraith em um frasco que ele havia tirado da roupa.

— E o sangue do Encantado abrirá os Portões de Abyssos.

— Não — a voz de Serena era um sussurro fraco enquanto ela lutava para rastejar de debaixo de Wraith.

— Agora, sua vadiazinha, você pode ver seu amado demônio morrer — Byzamoth passou um dedo pela bochecha dela. — Acho, que após tomar meu lugar como deus, te farei *minha* vadia. Olha, posso te manter viva, e logo, você vai implorar pela morte.

Byzamoth girou em um círculo dramático, e num *puf!* de fumaça escura, ele sumiu. Wraith resmungou e caiu de lado, a dor o rasgando como uma lâmina fazendo força em seu intestino.

— Josh? Josh!

— Não. Josh. Wraith — ele falou entredentes e sangue borbulhante, lutando a cada palavra. A cada suspiro.

Ele estava morrendo. Toda essa merda que ele a fez passar, tirando sua virgindade e seu encanto...

Tudo por nada.

†††††

Lore se aproximou das portas da ambulância do hospital com trepidação. Ele esteve fazendo uma pesquisa no hospital, um pequeno questionário com demônios que foram pacientes, e aparentemente, o que Gem disse era verdade. A luta dentro do hospital não era comum. Mesmo assim, ele não queria aproveitar a chance. Ele podia ser um assassino, mas não era idiota, e ele apreciava sua vida acima das outras.

Ele também aprendera que Eidolon e Shade eram algo chamado demônios *Seminus*. Demônios do sexo. Legal. Mas Lore não

fazia ideia do que diferenciava os *Seminus* das outras raças de incubos. Principalmente porque, apesar de Lore também ser um demônio, ele fora criado por humanos e nunca colocou um pé no mundo dos demônios até mais ou menos trinta anos atrás.

Mesmo assim, ele permanecera na periferia da sociedade de demônios e humanos, mas pelo menos aprendera a usar os Harrowgates. Essas coisas eram seriamente estranhas. Ele só os usava quando ele precisava, odiando a estranha pontada que ele experimentava toda vez que usava um, como se cada viagem pelo portal tirasse um pedaço de sua humanidade.

Ele era um assassino, mas não era um monstro. Bem, ele provavelmente era, mas se ele pudesse simplesmente se segurar em suas raízes humanas, talvez ele pudesse negar a verdade sobre si mesmo.

Impiedosamente, ele grunhiu, baixou as mãos, e entrou no hospital. Ele tinha trabalho a fazer, e seria feito. Agora mesmo.

O hospital estava estranhamente calmo e quieto. Ele viu somente Gem, sentada à mesa de seleção. Ela o reconheceu com um sorriso.

— Oi, Gem, você parece meio desanimada.

— Não é nada — ela disse, e ele se perguntou se o humor dela estaria relacionado a ferramenta que ela chamava de Kynan. Ele teria que ver se ela queria a ferramenta morta, pois Lore ficaria feliz em fazer para ela um favor sexual por isso.

— Posso matar alguém por você? Isso melhora?

— Essa é a melhor oferta que me fizeram em muito tempo — ela sorriu, e esse sorriso pareceu genuíno. O coração dele deu um salto. — Então, como posso te ajudar?

— Estou procurando Eidolon ou Shade.

— Eles devem estar no escritório do Eidolon. Se você está procurando um emprego, essa é à hora certa. Nós estamos seriamente desfalcados em equipe. Só ir direto pelo corredor. Não dá para errar.

Uma pequena explosão de culpa o fez parar. Ele não dava a mínima para os irmãos, mas Gem poderia não ficar feliz quando descobrisse o que ele fizera.

Ele tirou essa ideia da cabeça, pois ele tinha um demônio muito mais poderoso para responder do que Gem. Ela iria superar. O bastardo com a vida dele nas mãos não superaria.

— Obrigado — ele disse. — Falo com você depois.

O corredor estava escuro como todo o resto, com lâmpadas vermelhas incandescentes emitindo luz. Ele passou por jaulas e ralos, de onde barulhos subiam, e um líquido escuro gotejava em um ralo no chão.

Isso era tão estranho.

Ele os encontrou exatamente onde Gem disse que estariam.

O demônio Lore supôs que era Eidolon quem estava gritando no telefone, chamando o nome de Wraith. Enquanto Lore observava pela porta que dava no corredor, Shade se dobrou, com um palavrão que foi quase um sussurro.

— *E...* — Shade tomou folego. — Wraith está ferido... droga, é ruim.

Era hora de atacar. Lore entrou rápido enquanto Eidolon dava a volta na escrivaninha. Ele havia se esquecido de desembainhar a mão, mas era muito tarde para isso. Ele agarrou o braço direito de Eidolon enquanto o outro demônio colocava sua mão em Shade.

Nada aconteceu. Que droga. Eidolon se virou, e Lore deu um soco no rosto dele. Eidolon cambaleou para trás, e então o punho de Shade estava no queixo de Lore. Lore caiu, seu braço matador preso embaixo dele. Ele quase não teve tempo para um resmungo abafado quando Shade o chutava na garganta com sua bota enorme.

— *Que droga?* — Eidolon estava no meio do escritório, olhos vermelhos, sangue escorrendo pelo queixo.

Shade grunhiu e pressionou o pescoço de Lore. Lore ficaria com a marca de um pé embutida em sua pele por uma semana.

— Você está morto, cara.

— Como isso aconteceu?

— Ora, *E* — Shade falou pausadamente, — esse merda entrou e bateu em você, então eu bati nele...

— Não, isso! O feitiço Haven. Foi reparado.

Shade sacudiu a cabeça.

— Então como ele te atacou? — Ele se afastou de Lore, que tomava goles de ar.

E foi quando Lore viu. O braço de Eidolon. As tatuagens. Oh, droga.

— Boa pergunta, Lore — veio uma voz feminina pelo corredor. Gem. Fantástico. Isso continuava melhorando. Ela o encarou. — Acho que você é o assassino idiota? O jeito de me fazer entrar no hospital. Meninos, o matem.

Nossa, ela estava sedenta de sangue. Lore gostava disso em uma mulher.

— Com prazer — Shade resmungou. — Por mais que eu gostasse de fazer doer, preciso ser rápido. Não temos tempo para brincar. Wraith precisa de nós. — Ele foi até Lore com olhos de assassino.

Lore rolou, segurando a jaqueta enquanto rolava.

— Espere! — Ele se sentou. — Meu braço — Eidolon o alcançou, mas Lore arrancou seu braço. — Não. Meu toque mata — exceto, aparentemente não eles.

— O que diabos está acontecendo? — Shade respirou, tirando a própria jaqueta.

Lore simplesmente olhou. Esses caras tinham marcas idênticas, mas as deles eram mais escuras, menos diluídas.

— Mostre-me o símbolo superior — disse Eidolon, e Lore lentamente abaixou a gola, expondo a base do pescoço e a seta torta lá.

— Anéis do Inferno — Shade murmurou, inclinando a cabeça para revelar a mesma seta... só que a dele ficava sob o desenho de um olho. A de Eidolon estava posicionada sob um conjunto de escalas.

Lore piscou.

— O que isso significa? — A expressão de Eidolon se fechou.

— A não ser que isso seja algum tipo de truque, isso significa que somos irmãos. De alguma forma, somos malditos irmãos.

Gem fez *tsk-tsk* para Lore.

— Lu-cy... você tem que se explicar.

— Não temos tempo — disse Shade. — Nós temos que ajudar Wraith. Gem, pegue as Algemas de Bracken. O Lore aqui vai aprender o significado de amor fraternal.

Vinte e Cinco

Tanta coisa aconteceu que Serena não tinha certeza do que fazer, ou sentir. Tudo o que ela sabia era que o homem por quem ela se apaixonou não era na verdade um homem, e que ele estava agora sangrando até a morte no chão.

Ela não sabia o que fazer para ajudar, mas ela sabia que ela não deveria remover a espada que o apunhalava no chão como um inseto em um mostruário de entomologista. A espada se projetava pelas costas dele, seu cabo ainda brilhando com uma estranha luz azul-celeste que parecia diminuir à medida que Josh, Wraith, ou seja qual for o nome dele, ficava mais fraco.

Perdida, tudo o que ela podia fazer era sentar lá e tentar não vomitar.

— S-Serena...

O seu nome veio com um gorgolejo de sangue, e a sua entranha se apertou. Ela deveria odiá-lo - ela o odiava - mas ela não podia suportar isso, não queria vê-lo sofrer.

— O que eu posso fazer? — Ela passou sua mão pelo seu grosso cabelo, lembrando-se da sensação de fazer isso quando ele gozava dentro dela. Maldito seja. — Os seus irmãos... eu posso ligar para eles, certo? Eles são realmente médicos?

Ele não respondeu. Frenética, ela tentou sentir o pulso. Ele batia fracamente contra os seus dedos, mas pelo menos ele ainda estava vivo.

Ela precisava encontrar o celular dele. Ela ligaria para todos os números na sua agenda até que ela encontrasse ajuda. Desajeitadamente, pois suas pernas adormeceram, ela ficou de pé, mas ela não havia dado um passo quando escutou um bater na porta da frente.

Uma arma. Ela precisava de uma arma, o barulho na madeira ressoou. Em seguida, uma agitação de passos. Instintivamente, ela se ajoelhou, se aglomerando protetoramente perto de Josh, mas quando ela viu os dois homens enormes... ou demônios, ela supôs... se

espremendo pelo batente da porta, ela quase caiu para trás.

Josh contou a ela que ele tinha dois irmãos, e com a exceção dos cabelos escuros deles, estes homens se pareciam tanto com ele que eles tinham que ter um parentesco.

— Oh, merda. — Aquele com o cabelo preto comprido, vestido de couro negro da cabeça aos pés congelou, seu escuro olhar preso na espada perfurando o corpo do Josh.

O outro, vestido com roupas médicas, marchou para dentro do quarto e caiu de joelhos ao lado de Josh. — Mano. É o Eidolon. Só segure firme. — Ele se virou para a porta. — Shade.

O outro, chamado Shade, tentou sair do choque, andou para dentro do quarto e deixou cair a bolsa médica que estava carregando. — Nós precisamos levá-lo para o hospital.

— Ele não vai conseguir.

— Nós temos que tentar!

— E o que você sugere? Carregá-lo pelas ruas de Alexandria com uma espada enfiada nele? Um táxi? Transportá-lo iria matá-lo.

Apalpando a parte de trás do pescoço de Josh, Shade cuspiu palavrões guturais em uma linguagem que ela não conhecia, mas entendia, no entanto. — Deixe-me checar os danos internos.

Serena ficou parada, esperando que eles tivessem se esquecido que ela estava lá. Shade fechou seus olhos e concentrou-se. As tatuagens na mão dele, idênticas às do Josh, começaram a brilhar.

— Merda — Shade sussurrou. — Rim, Fígado, estômago... oh cara, ele está fodido. A espada rasgou sua aorta. Se nós o movemos, ele sangrará totalmente em segundos.

Eidolou mexeu o seu olhar feroz, brilhando com chamas de ouro e vermelho, em torno dela. — O que aconteceu?

— Ele... ele é um demônio. — Afff, isso era uma coisa estúpida para se dizer, já que os irmãos dele também eram. Mas a sua mente estava atolada em um nevoeiro. Tanto havia acontecido nos últimos quinze minutos, muita coisa para processar.

— Sim, nós sabemos disso. — Sua voz era sem brincadeiras.

Profissional. Assustadora. — Como ele conseguiu ser empalado?

Certo. — Byzamoth. Anjo Caído. Ele... ele queria o sangue do Josh.

— Wraith — Shade grunhiu. — O nome dele é Wraith.

Wraith gemeu, seus olhos tremulando abertos. — Ajude...

— Nós estamos aqui — Eidolon murmurou. — Nós te ajudaremos.

— Não. — Wraith tossiu, espirrando sangue. — Serena. Ajude... ela.

— Ela está bem, cara. Nesse momento, nós precisamos cuidar de você.

— Me... prometa.

Os palavrões crus de Shade queimaram o ar, desta vez no inglês puro.

— *Prometa.*

— Sim, sim — Shade murmurou. — Só relaxe. Eu preciso que você relaxe.

Eidolon e Shade trocaram olhares. — Eu tenho que remover a espada — Eidolon disse.

— Ele vai ter uma hemorragia.

— Eu sei. Nós precisamos colocar sangue nele.

— Eu vou colocar um cateter central. — Shade procurou na bolsa médica que ele trouxe consigo e rapidamente inseriu um cateter no pescoço do Josh. Eidolon pendurou uma bolsa de sangue na maçaneta da porta, e Shade o conectou por um longo tubo até o cateter... e o segurou para Serena. — Eu preciso que você o alimente com isso.

Ela recuou. — O quê?

— Só segure o tubo na boca dele. Ele precisa beber.

Oh, Deus, este era um pesadelo tão grande. — Eu não entendo. — Ela ainda não havia se mexido, e a sua relutância ganhou uma encarada de ambos os demônios.

— Ele é um vampiro — Shade estourou. — Nós precisamos colocar sangue dentro dele de qualquer forma que conseguirmos. Agora, faça isso ou ele morre.

Vampiro? Mas ele a avisara sobre eles. E ele era quente. Tinha um pulso. Andava no sol. Ele não podia ser um vampiro.

— *Você é um vampiro?*

— *Sim.*

Tudo bem, então ele havia admitido, mas... ela balançou sua cabeça. Isso era loucura. Shade xingou. — Esqueça. — Ele colocou a bolsa de sangue contra o ombro de Josh e inseriu o tubo na boca dele, mas continuava caindo. A bolsa caiu.

— Eu faço — ela disse finalmente, e segurou o tubo entre os lábios secos e pálidos de Josh. Ele não sugou, não se mexeu.

— Aperte a bolsa. — A voz grave de Shade estava rouca, sua tatuagem brilhando.

Ela fez o que ele disse, e o sangue inundou o tubo. Ela assistiu com mórbida curiosidade enquanto o sangue fluía para a boca de Josh... e caía do outro lado. Ele não estava engolindo.

— Droga — Eidolon respirou. — Vamos, Wraith. Lute. Maldito seja, eu não quero perder você agora.

Os olhos de Serena arderam. Ela podia odiar ao Josh - ela não podia pensar nele como Wraith - pelo que ele fez, mas ele pediu aos seus irmãos para ajudá-la quando ele estava enfrentando um perigo mais imediato, e ela não queria vê-lo morrer. Alguma parte retorcida dela ainda amava-o. Se inclinando para mais perto, ela roçou seus lábios sobre a bochecha dele.

— Por favor — ela sussurrou. — Beba. — Ela acariciou os lábios dele, apertando um pouco mais de sangue entre eles. Sua boca abriu bem levemente, só o bastante para encorajá-la. — Isso. Beba um pouco.

Os irmãos dele trabalhavam freneticamente, berrando relatórios da situação e comandos um para o outro, e os ruídos moles de luvas cirúrgicas trabalhando no sangue e na carne tornavam tudo ainda mais horrível. Eidolon fechou agora um dos ferimentos de uma punhalada, mas agora ele usava um bisturi para abrir o outro ainda mais.

— Controle a dor dele, Shade. — Eidolon abaixou o bisturi. — Isso vai doer.

A tatuagem de Shade brilhou ainda mais enquanto Eidolon empurrava a mão dele dentro da abertura que ele havia feito. Com o estômago se revirando, Serena virou para longe. Mesmo assim, os barulhos molhados continuavam fazendo a sua imaginação trabalhar dobrado. A fala médica apressada deles parecia tão ruim, tão desencorajadora, quase como se eles tivessem se conformando com o fato de que Josh não sairia dessa.

Ele ainda não bebia. — Engula, Josh. Vamos. — Gentilmente, ela enfiou um dedo na boca dele, incerta do que estava fazendo, mas precisando fazer algo. Ele era um vampiro, certo? Então ele deveria ter presas... ela encontrou uma ponta afiada, lembrou-se da sensação delas no sonho. Ela teve os sonhos porque em seu subconsciente ela sabia o que ele era?

Era uma pergunta para depois. Nesse momento ela precisava fazer com que ele bebesse, e ela sabia que aquelas presas eram a chave. Em seus sonhos elas eram enormes, muito maiores do que elas pareciam agora. Com cuidado, ela esfregou a ponta de seu dedo ao longo da extensão de uma, da ponta até a gengiva... e ... estava aumentando?

Josh gemeu e abriu sua boca. Sim, os caninos dele estavam definitivamente descendo, crescendo como monstruosas adagas. Deus, como ela podia estar sentindo tantas coisas ao mesmo tempo; ódio, confusão, medo e, ao mesmo tempo, estar um pouco... excitada com isso?

— É isso — ela murmurou, enquanto ela apertava um pouco de sangue na língua dele. — Engula. Eu preciso que você engula, certo?

O sangue escorreu pelo canto da boca dele. Droga. Deslizando seu dedo pelo dente dele, ela acariciou a ponta afiada... e aumentou a pressão. Ela ficou tensa, sentiu a pontada de suas presas e o acúmulo de sangue na ponta de seu dedo.

— Pegue — ela sussurrou, deixando uma gota cair na língua dele.

Ele se sacudiu como se ele tivesse acabado de receber um choque elétrico, e então, para o seu alívio, ele fechou a boca, atraindo o dedo para dentro. Ela permaneceu parada, e quando ele começou a sugar, o mundo vagou para longe em um turbilhão de prazer.

Um dos irmãos xingou suavemente e disse o nome dela, mas ninguém interferiu. De alguma forma, ela manteve a consciência para apertar mais e mais para fora da bolsa e para dentro da boca dele. Em questão de segundos, ele estava sugando vorazmente, e ela jurou que a

mortalha pesada de desespero que se instalara na sala havia se levantado.

Ela alimentou Josh até que a primeira bolsa de sangue acabou, e então Shade mostrou para ela como prender outra bolsa no tubo. Ela perdeu a conta de quanto ele havia bebido, perdeu a conta do tempo. Tudo o que ela sabia era que em algum momento, ela caiu, e quando ela abriu seus olhos, pontos negros nadaram em sua visão. Eidolon estava olhando para ela, sua expressão, uma máscara de preocupação.

— Josh — ela sussurrou. — Ele está - ele ficará...

— Ele vai ficar bem. Eu o coloquei para dormir para terminar de se curar. Agora é a sua vez. Ele não tomou muito sangue seu, mas há o seu outro problema...

Ela lutou para se levantar, percebendo que alguém a colocou na cama. — Estou bem. — Ela o empurrou para longe.

— Eu sou um médico. Eu sei que você não está bem. — Sua voz era firme, mas confortante, e ela o deixou empurrá-la de volta para a cama. — Eu também sei que muito aconteceu nestes últimos dias, e eu sei que você foi ferida. Wraith nunca se perdoará pelo que ele fez.

— Bom — ela murmurou.

— Você salvou a vida dele. E você sabia que você estava sacrificando a sua própria vida para fazer isso. Nós te devemos. Eu vou fazer o que eu puder por você, tudo bem?

Ela balançou a cabeça. — Eu fui mordida por um Mara que agora está morto. Minha doença é terminal.

— Sim. — Tão brusco, igual aos médicos que ela se lembrava de anos atrás.

Ela estudou o uniforme médico de Eidolon, o estranho símbolo médico - uma adaga com asas de morcego circuladas por duas serpentes - ele usava uma corrente ao redor do pescoço. — Você tem um tipo de centro médico da nova era, certo? Você disse que você fará o que puder...

— Eu posso te deixar confortável, e eu posso te dar um pouco mais de tempo, mas... sinto muito, Serena. Você vai morrer.

Wraith estava malditamente cansado de acordar sentindo-se como se ele tivesse lutado com o King Kong. Ele pensou que o encanto acabaria com isso...

Serena!

Ele sentou-se tão rapidamente que ele quase caiu. Ele demorou um segundo para descobrir onde estava - em um dos cômodos da casa segura dos Aegis. Ele balançou as pernas nuas sobre o lado da cama, só para ter mãos empurrando-o novamente para baixo.

Shade estava bem lá na cara dele. — Opa. Só relaxe. Você vai cair de bunda se você não tomar cuidado.

— Serena — ele resmungou.

— Dormindo.

— Quanto... tempo?

— Você esteve dormindo por algumas horas. *E* e eu estivemos fazendo turnos para ficar contigo. Tayla está aqui. E Gem. Luc. Kynan. Reaver. Nosso outro irmão, mas ele está acorrentado. Ele também é um total babaca. Você vai gostar dele.

Wraith balançou a cabeça, mas isso ajudou pouco para clareá-la. — Por quê? O que está acontecendo? — Espera, ele disse, *outro irmão?*

Eidolon veio vestindo a sua marca registrada, uma expressão sombria, o que significava más notícias. Wraith se lembrava vagamente dele com roupas médicas mais cedo, mas agora ele estava com calças cargo marrom e uma camiseta preta simples, que era o mais casual que ele conseguia ficar. — Nós temos uma situação.

— Serena?

— Não com ela.

— Então eu não ligo. — Wraith levantou novamente. — Ela está doente. Se você não pode ajudá-la, eu preciso encontrar alguém que possa.

— Não vai importar se nós não lidarmos com o problema do Byzamoth.

Um rugido baixo e estrondoso surgiu de Wraith antes que ele pudesse pará-lo. — Eu vou arrancar a garganta dele com os meus dentes.

— Bom. Isso precisa acontecer agora. — Eidolon passou uma mão pelo seu cabelo, que ficou grudado em tufo bagunçados, como se ele estivesse fazendo isso o dia inteiro. — Ele vai usar o amuleto que pegou da Serena e o seu sangue para abrir o portal entre o Céu e o Sheoul.

— Ah... isso é ruim.

— Você acha? — Shade arrastou.

Eidolon colocou seus dedos no pulso de Wraith, checando o seu pulso. — Reaver disse que ele fará a sua jogada ao amanhecer.

— Onde?

— Jerusalém — Shade disse. — O Monte do Templo.

Fazia sentido. Se Byzamoth iria fazer algo assim, o Monte do Templo era o lugar para fazê-lo. Muitos humanos e demônios acreditavam na Pedra Fundamental, que estava no Monte do Templo dentro da Cúpula da Rocha[1], e era onde a criação começara e onde o Armagedom teria seu início.

Wraith pegou seu braço de volta do *E*. — Eu vou atrás dele.

— Não sozinho. — *E* jogou para ele um jeans. — O Aegis está se mobilizando. Cada célula que pode chegar a Jerusalém até o amanhecer estará lá, e também o R-XR e cada unidade militar paranormal irmã no mundo.

Wraith ficou de pé e colocou sua calça. — Soa como se você não precisasse de mim.

— Byzamoth não pode ser derrotado sem você. — Tayla estava de pé no vão da porta, vestida de couro para a batalha, uma cor vermelha escura que muitas espécies de demônios não podiam ver, e o cabelo estava preso em um rabo de cavalo. — Os rumores no submundo indicam que ele mobilizou o seu próprio exército. O Aegis pode não ser capaz de passar pela horda para chegar até ele.

— Mas eu estou encantado e eles não podem me tocar. — Não a menos que o exército fosse feito de anjos caídos.

— Exatamente. Kynan e eu estivemos coordenando o nosso plano de ataque com o do Aegis e das unidades militares. Nós precisamos que você evite, pelo menos, que ele faça o ritual até que nós consigamos chegar a ele.

— E o que vocês vão fazer quando vocês chegarem lá? Uma novidade, ele é imortal.

— Nós vamos fazer a mesma coisa que você está fazendo. Machucá-lo. Evitar que ele faça o ritual e pegue o amuleto de volta. De acordo com Reaver, ele tem somente alguns minutos para abrir o portal. — Ela sorriu. — Além disso, o Aegis tem alguns truques na manga. Então o mantenha ocupado até que nós cheguemos lá.

— Vocês não vão precisar chegar até ele — Wraith falou bravo, — porque eu vou arrancar a porra da cabeça dele. Até mesmo os imortais têm problema com decapitações. — Ele se virou para *E*. — Agora me conte sobre Serena.

— Wraith...

— Agora.

E e Shade trocaram olhares, e Wraith se preparou para o pior. — Você sabe que ela está morrendo.

— Sim. Conserte isso. — Shade foi na direção dele, mas Wraith se afastou, sem poder suportar qualquer toque a não ser o da Serena neste momento. E ele sabia malditamente bem que ela não iria tocá-lo. Ela o odiava. Ela tinha que odiar. — Como... como ela está?

Eidolon deu uma sacudida lúgubre da cabeça. — A sua doença é irreversível, e está progredindo rapidamente.

Wraith sentia como se ele tivesse sido esfaqueado no estômago. De novo.

— Eu dei algo a ela para a dor, e Shade está entrando nela e forçando os seus órgãos a funcionar no máximo, mas os efeitos de ambos são temporários. Somente ganhando tempo e deixando-a mais confortável.

— Nós trocamos de lugar — Wraith murmurou, esfregando seu peito onde ele já podia sentir a perda. — O que eu vou fazer sem ela?

— Sinto muito, mano — Shade disse, mas Wraith ergueu sua mão, sem querer ouvir. Escutar isso o tornaria real.

Ele passou roçando em Tayla e parou abruptamente com a visão do homem de cabelos vermelhos sentado no corredor, seus braços e pernas presos com algemas Bracken, correntes usadas pelo Judicia para evitar as habilidades de um demônio que estivesse sob custódia.

O cara estava vestido com calça de couro e botas, mas sem camisa.

A sua *demoire* parecia estar fraca, mas era uma réplica exata das marcações que Wraith e seus irmãos tinham, sem os seus sinais individuais. E ele tinha uma cicatriz de queimadura estranha parecida com uma mão em cima do seu coração.

Wraith não sabia o que diabos ele estava tramando, mas nesse momento, ele realmente não se importava.

Serena podia ter bem pouco tempo restante, e Wraith não iria perder nem um minuto sequer.

[1] Cúpula da Rocha ou Domo da Rocha é um dos nomes atribuídos aos alicerces em que estão apoiadas as fundações localizadas no subsolo da Mesquita de Omar, em Jerusalém, Israel. Segundo as estimativas de historiadores mais minuciosos, sob essas fundações existe uma "*rocha sagrada*", localizada exatamente sob a cúpula da mesquita de Omar. Ou seja, no cume de um altiplano denominado Monte Moriah existe uma construção que inscreve um altar usado em sacrifícios.

Vinte e Seis

Serena estava no banho quando escutou a porta do quarto se abrir. Seu coração deu um grande salto com o sussurro dos pés no chão. Talvez fosse Eidolon ou Shade que vinham fazer o que seja que estivessem fazendo para fazê-la se sentir melhor quando a tocavam. Era questão de tempo. Ela ficava cada vez mais fraca, e o golpe em sua cabeça fazia sua visão borrar.

— Serena?

Oh, Deus. Josh. Talvez se ela não dissesse nada, ele partisse.

— Serena. Sai — houve uma longa pausa. — Por favor.

Ela não podia enfrentá-lo. Sentia-se tão irritada, tão magoada, tão malditamente confusa. Ficou na pia, estudando seu rosto tranquilamente, os círculos escuros debaixo dos seus olhos vítreos, vermelhos, seu rosto pálido estava emoldurado por um cabelo emaranhado e sem brilho. Deus, ela realmente estava morrendo.

Que coisa tão incrivelmente estúpida havia feito!

Fechando os olhos, inclinou sua cabeça. Não, não era estúpida - sim Josh podia recuperar o amuleto e salvar ao mundo. Exceto... que ele era um demônio. Porque ia querer salvar o mundo? E se conseguisse o amuleto, desejava guardá-lo para si mesmo?

Ela golpeou a cabeça contra o espelho. *Estúpida*. Golpe. *Estúpida*. Golpe. *Estúpida*!

Ela se equivocara duramente com ele. Um íncubo que provavelmente usara seus truques de demônio do sexo com ela. As coisas que fez, nem sequer a seduziu com linhas suaves e bastante papo. Não, ele a fez acreditar que a protegeria do perigo, sendo agradável com os gatos e lhe dando orgasmos de outro mundo. Havia feito de forma áspera e dura, com um toque doce. Mas quanto havia sido atuação?

Escutou um suspiro, um roçar de pés, e a fechadura da porta. Esperou mais um minuto. Abriu cautelosamente a porta do banheiro.

Apenas para ver Josh sentando no chão, as costas contra a parede, olhando para o teto. Usava calças jeans, e nada mais. Inclusive seus pés estavam descalços. Seu peito amplo e musculoso subindo com a força da sua respiração, e descendo, seus abdominais definidos não apresentavam sinais de lesões.

— Parece muito bem para alguém que foi atravessado por uma espada mágica e quase morre. — As palavras foram casuais, mas ela sentiu que para não foram, e rezou para que ele não notasse a emoção em sua voz.

— Você me salvou. — Ele não a olhou. — Ainda posso... sentir seu sabor.

— Porque é um vampiro. — Ela respondeu. — E um demônio. Não esqueçamos esse pequeno detalhe.

Um calafrio sacudiu seu corpo, e ele fechou os olhos. — Sim.

— *Sim?* Isso é tudo que tem para dizer? — Ela amaldiçoou, uma palavra extremamente desagradável que ela nunca havia usado. — Tem algo a me dizer sobre sua vida que seja verdade?

Ele finalmente a olhou. — Muito, na verdade.

— Me conte mais. — Cruzou os braços sobre os seios, perguntando-se porque diabos se incomodava, porque tinha essa necessidade louca de entendê-lo.

— Seren, você não quer ouvir.

A ira se acendeu como uma fogueira. — Eu lhe dei minha vida, *Wraith*, assim que pode malditamente me contar a sua. — Ele se estremeceu, e esteve a ponto de sentir pena por ele. Quase. — Me dê isto. Começando pelo princípio.

Ele esfregou os olhos, e quando terminou a olhou de volta, com seus ombros curvados. E ali voltou a sentir pena por ele.

— Tem razão. Mas não diga depois que não lhe avisei. — Passou sua mão para cima e para baixo em seu peito, como se doesse. Passou um longo tempo antes que dissesse, — meu pai tinha o mesmo dom que Shade tem... pode manipular funções corporais. Encontrou-se com uma mulher que estava a ponto de se converter em uma vampira... Já havia realizado a troca de sangue e estava a ponto de morrer quando ele a violou. Usou seu dom para mantê-la nesse estado

entre humana e vampira durante nove meses, violando-a uma e outra vez enquanto eu crescia dentro dela. A deixou quando ela me deu a luz, até então ela havia se tornado louca.

Wraith falou rapidamente, as palavras vinham tão rápido que Serena apenas teve tempo para ficar em choque. E ainda assim, manteve sua cabeça baixa, seu cabelo caindo para frente para que ela não pudesse ver sua expressão.

— Ela me deixou com uma babá até os cinco anos, e depois ela me colocou em uma jaula e transformou minha babá em uma vampira, enquanto eu olhava. Ela passou os seguintes quinze anos me torturando. Torturando aos seres humanos e demônios diante de mim. Quando completei vinte anos, passei pelo primeiro dos dois ciclos de amadurecimento. Precisava de sexo ou morria. Minha mãe colocou uma prostituta na jaula... estava louco com a necessidade... — Sua voz se quebrou, mas sua cabeça se acomodou para se fixar nela com um olhar penetrante. — A tomei, e não esperei por seu consentimento.

— Oh meu Deus.

— Adverti-lha.

O fez. Mas precisava saber mais. — Continua. — Quando ele titubeou, ela colocou sua mão em uma bochecha por uma louca necessidade de consolá-lo. — O que aconteceu?

— A prostituta apenas fazia seu trabalho, certo? — Sua voz era oca. Morta. — É como sempre tenho justificado o que fiz. Às vezes a mentira, inclusive, funciona. — Um pestanejar de emoção passou por seu rosto, desgosto, pensou, mas logo olhou para baixo e ela não pôde continuar lendo-o. — A próxima vez minha mãe colocou uma fêmea comigo, me neguei, apesar de que sabia que significava que poderia morrer. Minha mãe torturou a garota diante de mim durante horas, até que finalmente sangrou. Com a seguinte mulher colocada na jaula, fiz o que precisava fazer, mas desta vez já havia aprendido a utilizar meu Dom. Ela pensou que estava fazendo com seu namorado na praia.

— Que dom?

— Posso entrar em sua mente, ler os pensamentos, lhes fazer pensar em pessoas ou coisas que não acontecem. Posso lhe dar pesadelos. — Levantou sua cabeça. Havia um desafio em seus olhos, como se esperasse que ela fosse violenta com ele. E o queria. — Ou sonhos.

Ela inalou bruscamente. — Os sonhos que tive. Com você... era você.

— O primeiro deles. Os demais eram todos seus.

A necessidade de lhe dar um tapa fez sua mão vibrar, mas ela não lhe daria essa satisfação. Em troca, lhe disse em voz baixa: — É um filho da puta.

Enfiou ambas as mãos entre seus cabelos e as deixou ali, apoiando os cotovelos nas bochechas. — Sou um demônio, Serena. É o que faço.

Supõe-se que era verdade. Não fazia sentir-se muito melhor, claro. Sobretudo porque também era verdade que era muito mais que um demônio para ela, não importando o quanto quisesse acreditar no contrário.

— Então, o que aconteceu? Depois que aprendeu a usar seu dom?

— Minha mãe perdeu o interesse em mim. Um dia entrou na minha jaula para me matar. A matei em troca. Escapei. Corri ate que o clã dela me alcançou em Chicago. Prenderam-me em um armazém e me torturaram ate tirar toda merda de dentro de mim durante dois dias. Talvez mais. Não sei. Depois do primeiro dia me tiraram os olhos.

Oh... Jesus. Doce Jesus, Deus Todo Poderoso. Pontos negros nadaram diante dos olhos de Serena e ela sentiu que começava a cair. Wraith a pegou, e ela estava muito fraca para lutar contra ele. Além do mais, se sentia bem por estar novamente em seus braços. Seu corpo era um traidor. Tanto era assim que quando a colocou na cama, ela se agarrou a ele, e o puxou para seu lado.

— Acredito que não quero ouvir mais nada — disse com uma voz tão fraca que ela mesma não se entendeu. — Mas como... como sobreviveu?

— Meus irmãos me encontraram. — Ele acariciou seu cabelo de forma amorosa, reconfortante. — Mataram aos vampiros. Manteve um com vida para me devolver a visão.

Ela quase perguntou por que não usaram um vampiro morto como doador de olhos, mas claro, tinha uma tendência a inflamarem-se até as cinzas quando eram assassinados.

— E depois?

— Fui com eles a Nova York, onde passei as seguintes décadas desperdiçando minha vida. Eu não tinha valor. Vivi como um rato nos esgotos e me alimentava de viciados e bêbados, me perdendo em qualquer coisa que podia. Então *E* e *Shade* começaram o hospital. Eu não poderia aprender a salvar vidas, mas não me deram opção. Ensinaram-me a ler e a escrever. Conseguiram me endireitar. Na maior parte.

— Querido... Deus. — Sua vida havia sido um autêntico pesadelo.

Ele soltou um bufar. — Deus me abandonou faz muito tempo. — Pegou sua mão, apertando-a suavemente. — Olha *Serena*, para os humanos, sou um filho da puta. Inferno, inclusive para alguns tipos de demônios. Sempre fui egoísta, sem dar uma merda sobre qualquer pessoa ou coisa, a não ser eu mesmo. Sabia que perder o encanto faria a você e se pudesse resgatá-lo novamente o faria. Sei que não acredita nisso, mas... te amo.

Os olhos ardiam, e seu coração estúpido respondeu com várias batidas gagas, porque acreditava nele. — Não precisa continuar mentindo.

— Não o faço. Nunca mais.

— É fácil dizer isso quando me restam apenas horas de vida.

Ele fez um som baixo na garganta. — Não diga isso.

— É hora de parar de negar. — Estranhamente se sentia liberada ao dizê-lo.

Seu duro engolir foi audível, sua voz tensa. — Eu sei.

Ela apoiou um cotovelo para vê-lo diretamente nos olhos. — Te odeio.

— Eu sei. — Sussurrou.

— Me beija.

Ele não hesitou. Sua boca se reuniu com a sua em um beijo desejoso. Pela primeira vez, ele se abriu e a deixou explorar com sua língua, e deixou sentir as pontas de seus dentes. Agora ela sabia por

que ele sempre conduziu o caminho dos seus beijos, porque lhe afastava quando ela fazia um movimento brusco. Inclusive agora, ele foi um pouco para trás, mas ela agarrou a parte superior de sua cabeça e o obrigou a permanecer imóvel. Isto era para ela, não para ele. Ele a devia, e ela pegaria o que queria.

Seu gemido reverberou através dela, acariciando todas as suas zonas erógenas e despertando suas terminações nervosas. Seus pulmões doíam e se apertavam em suas entranhas, mas o prazer começou a sobrepor os incômodos e a dor.

Com avidez, alcançando entre eles, apalpou sua ereção através de suas calças, e ele fez um ruído cru, masculino. — Estava mentindo quando disse que não poderia gozar desta maneira?

— Não. — Sua língua varreu seu lábio inferior. — Meu tipo só pode alcançar a liberação dentro de uma mulher.

— Então entra em mim. — Deus, não podia acreditar que ela o quisesse tanto assim, mas com tão pouco tempo que lhe ficava, a loucura de tudo isso parecia tão distante e sem importância.

Seus olhos se abriram, e ela deixou escapar um suspiro surpresa ao ver a formosa cor dourada. — Está certa disso?

Sua consideração a incomodava. Não tinha razões para se preocupar por ela depois do que havia feito. — Somente faça — ela lhe espetou. — Agora.

Dor brilhou em seus olhos, mas logo foi arrancando seus jeans, empurrando sua camisa, e arrancando seus boxers, e em um instante estava dentro dela. Ela gritou pela invasão, as incríveis sensações que atravessaram sua coluna.

— Deuses — ele grunhiu ao seu ouvido, — posso cheirar sua necessidade. Está me levando ao limite. — Sua língua se arrastou por sua garganta, e por um momento pensou que ia mordê-la. Uma parte malvada, escura dentro dela queria que a mordesse. — Mmm... seu sabor é estranho... salgado.

— É a doença — sussurrou. — Faz com que a pele fique salgada.

Ele ficou rígido, e um pequeno som de dor saiu dos seus lábios. — Eu...

— Pare. — Ela agarrou seu rosto, o polegar passando pelas marcas no lado direito do seu rosto. — Não arruíne isso para mim. — Ela estava sendo egoísta, mas empurrou para o lado o pedacinho de culpa que sentia.

Um estremecimento sacudiu seu corpo, mas ele fechou os olhos e assentiu com a cabeça. Ele começou um lento bombeamento com seus quadris, e pequenas faíscas apareceram em toda sua pele. Ela enterrou suas unhas em suas costas, e ainda entredentes lhe sussurrou. — Mais forte.

O prazer de uma cachoeira atravessou sua mente à medida que se colocava mais agressivo, até que parecia um martelo contra o colchão enquanto lhe sussurrava coisas sexys, cruas em seu ouvido. As coisas que queria fazer com ela se transformaram em fotos eróticas em sua mente, impulsionando-a a borda do clímax, desejando não encontrar o fim.

Ela gritou, chamando-o por seu nome. Seu nome real.

— Não — ele lhe mordeu o lóbulo. — Me chame de Josh.

— Sim... *Josh!*

Gritou sua própria liberação, enchendo-a com um toque quente que provocou outro orgasmo, e outro. Seu corpo se sentia fora de controle, um raio de energia sensual os envolveu e os fechou em uma série de eletrizantes clímax.

Pouco a pouco, a tormenta de prazer se dissipou, e ela nunca esteve tão exausta.

Passou um longo tempo antes de ter forças para falar. Quando o fez sua voz era rouca, sua respiração ofegante. — No trem... — teve que fazer uma pausa para tragar, trazer um pouco de umidade a boca. — Disse que alguém jogou um afrodisíaco na minha bebida. Não foi um estranho, verdade?

— Não. — Rodou fora dela, mas manteve seus braços fortes ao seu redor, mantendo-a próxima. Seus bíceps apertando firmemente, sua pele estava coberta por uma fina capa de suor. — Era meu sêmen. Não era minha intenção que isto acontecesse.

Ela sacudiu seu cérebro pra trazer essa noite de volta à superfície de sua mente confusa. Ela havia estado louca de luxúria, rogando-lhe que tivesse relações sexuais com ela. — Poderia ter tirado

minha virgindade ali, mas não o fez. Por que não?

— Eu não podia. — Enterrou sua cara em seu pescoço e respirou fundo, e um ronronar suave retumbou do fundo do seu peito. — Era por isso que eu parti. Mudei de ideia sobre tudo, Serena. Apesar de que minha decisão mataria meus irmãos, também... eu não podia lhe trair desta maneira.

— Seus... *irmãos*?

— Eles estavam morrendo também. Minha doença e a deles estavam conectadas.

O tempo passou lentamente enquanto ela digeriria o que ele dissera. Ela sabia o quanto amava seus irmãos, e, no entanto, quando chegou a uma escolha entre suas vidas e a sua, escolheu a dela.

Mudou tudo o que ela alguma vez aprendeu sobre os demônios, desde que as freiras, com as quais ela havia crescido, e desde Val e sua monstruosa biblioteca de livros, de cima a baixo e de dentro para fora.

Olhou o relógio. — Gostaria de poder ficar, mas não tenho muito tempo. Byzamothe planeja iniciar a guerra das guerras em algumas horas. — Retirou suavemente o cabelo de seu rosto, seu toque foi ligeiro e terno. — Vou lhe devolver seu colar. Vou detê-lo, Serena. Ainda que seja o último que faça, vou detê-lo.

— Mas... você é um demônio.

— Então, porque eu iria querer detê-lo? — Com um movimento de cabeça, levantou um ombro em encolhimento. — A maioria dos demônios que vivem entre os seres humanos gostam das coisas como são. Imagine ter o pior cenário apocalíptico multiplicado por cem, adicione uma pitada de caos, sangue, doenças e demônios, e tem Sheoul. Tem ideia como poderia ser se fosse assim? Muitos loucos como nós ali fora. Terá um monte de demônios lutando no lado do bem nesta batalha.

— E você está lutando do lado do bem.

Moveu a língua por uma presa, em um canto da sua boca apareceu apenas o indício de um sorriso arrogante. — Bom, historicamente, o bem não pode lutar por merda. Na verdade, eles precisam de mim.

Maldito seja por encantá-la e acendê-la ao mesmo tempo, enquanto ela estava em seu leito de morte.

Uma comoção que desenvolvia do lado de fora fez Josh saltar da cama e se cobrir com um pedaço de lençol. Os sons de gritos raivosos, a execução de passos e de carne batendo em carne chegou através das paredes finas como se fosse papel.

— Serena!

— Val?

Josh entrou na frente de Val quando abriu a porta, ladeado por Eidolon. Shade lutava com David e outro homem no corredor e os sons mais distantes indicavam que uma batalha estava acontecendo em outros lugares da casa.

— Que diabos está acontecendo? — Val olhava entre Serena e Josh, que abotoava as calças. — Jesus Cristo fodido, Serena! É um demônio! — Ele deu uns passos no quarto, olhando Josh friamente com puro assassinato em seu rosto.

Serena sentou-se na cama, puxando os lençóis, embora sua camisa apenas a cobrisse. — Acalme-se Val. Sei que é um demônio...

Sua mão se apertou por reflexo no quadril, e se perguntou se tinha uma arma escondida debaixo da volumosa camisa. — Não me diga que este é o filho da puta a quem deu seu encanto.

— Então não me pergunte.

Passou sua mão por sua cara. — Oh Serena. Como pode ser tão estúpi...?

— Termina essa frase — Josh disse terminantemente, — e será a última.

Val se voltou vermelho de raiva. Por um momento, pensou que poderia explodir, mas David colocou uma mão em seu ombro. — Deixe-o papai.

Shade se moveu completamente, ficando próximo de Josh, e de repente a sala se encheu de gente. Totais estranhos. E ali estava ela, não usava nada mais que uma camiseta sem mangas e em uma cama aonde era bastante óbvio que acabara de ter relações sexuais. Com um demônio.

— Todo mundo precisa se acalmar agora. — Eidolon parou na frente de Josh e Shade.

— Foda-se — David disse. — Nós não recebemos ordens de demônios.

Josh lhe mostrou as presas. — Sim, não o faz. Porque agora sou sua melhor esperança para derrotar Byzamoth. Assim que se não quer passar a eternidade ajoelhado diante dele, terá que largar toda a merda.

†††††

Ky, Gem, Tay, Shade e *E* lotava o quarto, seguidos por seis guardas locais Aegis e seis membros do Sigil. Luc, Reaver e vários Aegis locais fizeram uma tensa reunião nos outros quartos da casa e havia mais agentes patrulhando fora.

E esse imbecil, Lore, amarrado na sala. Que. demônios aconteceu para acabar ali? Ky não fazia nem ideia.

A mão de Kynan rondava sobre seu Stang, seus dedos picaram para usá-la. A casa estava cheia até o topo de inimigos mortais, e os Guardiões foram encarregados de suportar os metamorfos.

Pólvora. Barril. Uma fagulha e o lugar explodiria.

Val alcançou Serena, seu anel de Sigil brilhando de luz pela sobrecarga. — A leve para casa.

E... essa foi à fagulha.

Um rugido terrível fez vibrar a casa. Wraith se moveu tão rápido que Ky não pôde o seguir até que o grunhido desagradável provinha da cama, onde Wraith estava de quatro patas, agachado protetoramente sobre Serena.

Cristo, seus olhos queimavam entre o laranja e o dourado, como a turbina de um jato, e suas presas se alargaram em formas de adagas. Com sua cabeleira loira caindo ao redor do seu rosto, parecia um leão de merda protegendo sua dignidade.

O familiar e sinistro som de armas saindo de seus coldres cortou a tensão. Os Guardiões e os Anciões fecharam a fila ao mesmo tempo em que *E*, Shade, e Gem se colocaram diante da cama para

estar com Wraith.

Em uma ação coordenada que recordou a Ky o quão bem ele e Tay lutaram juntos no passado, se colocaram entre os demônios e os Guardiões.

— Levarei Serena para casa, aonde pertence — Val repetiu, seu sotaque romeno tão acentuado que Kynan apenas o compreendeu.

A voz de Wraith era áspera como o cascalho. — Se tocá-la, vou acabar com todos os seus companheiros e, logo vou lhe desmembrar, pedaço por pedaço.

— Você — Val gritou, — não tem voz nisto. Ela está morrendo por sua culpa!

Os Guardiões se deslocaram, preparando-se para a batalha, e os olhos de Wraith se voltaram vermelhos. Isto ia acabar muito, muito mal.

— Shade — Ky disse tranquilamente, — acalma Wraith. — Se voltou para Val, cujo olhar escuro prometia tanto sangue como o de Wraith. — Será melhor que dê um passo atrás. Precisamos dele para obter o amuleto de Byzamoth. E você sabe que não pode lhe fazer dano. Tentá-lo seria suicídio. — Suicídio, mesmo se Wraith não estivesse de posse do encanto.

Serena colocou uma mão na de Wraith, e embora parecesse que estivesse visualizando um caixão para Val, havia deixado de grunhir.

— Val, por favor — disse com calma, como se ela não tivesse mais de cem quilos de vampiro demônio enfurecido inclinado sobre ela. — O mais importante aqui é deter a Byzamoth. Precisamos trabalhar todos juntos.

— Estávamos de acordo em trabalhar com o encantado — disse David. — Mas não sabíamos que era um demônio. Nós não trabalharemos com eles. De maneira nenhuma.

— Então se lubrifica e se prepara para chamar Byzamoth de papai. — Wraith disse, não ajudando em nada na situação.

Um dos Anciões, Juan, esclareceu a garganta. — Kynan, Tayla. Como regente e ex-regente, certamente reconhecem os problemas inerentes dos guardiões trabalharem com demônios?

— Eu sei de primeira mão. — Tayla transformou-se para sua forma híbrida Soulshredder, suas asas venosas raspavam a parede. Chiados encheram o ar. — Porque sou meio demônio. — Ela mudou de novo, encolhendo seus ombros. — Não me peçam para fazer novamente. Pinica e me coloca irritável.

David se voltou para ela, seu cenho franzido torcendo seu bonito rosto em algo horrível. — É uma traidora...

— Tenha muito cuidado com o que diz humano. — Os olhos de Eidolon havia se tornado tão vermelhos quanto os de Wraith, e agora mostrava cada centímetro do demônio que era.

Um longo silêncio tenso mantinha Kynan contraído. Por último, Val se voltou para ele, embora tenha dado uma olhada cautelosa para Tayla. — Sabia sobre ela? Sabia que era um demônio quando a recomendou ao posto de Regente?

— Sim.

— Jesus, Kynan. Que diabos estava pensando?

— Estava pensando — Kynan disse, — que ela é uma guerreira com instintos condenadamente bons. Pode pensar por si mesma. Ela sabe a diferença entre demônios bons e maus...

— Não há demônios bons — Val cuspiu.

— Neste momento nada disso importa — Kynan disse, porque não tinham tempo para discutir. — O que importa é deter Byzamothe. E confie em mim, precisam de Wraith para fazê-lo.

Uma sonora reclamação se levantou nas filas Aegis. Val levantou a mão e todo mundo ficou em silêncio. — Tem razão. Temos que nos concentrar na situação atual.

Kynan jurou que a casa deu um suspiro de alívio. Embora o quarto estivesse muito cheio de inimigos mortais. E Serena não parecia cômoda na cama, onde o estado dos lençóis e a roupa jogada no chão contavam uma história para adultos.

— Vamos sair — Kynan disse. — Precisamos somente de alguns jogadores aqui.

Houve certa discussão entre os Anciões e os Guardiões, e então a maioria deles saiu, deixando apenas Val e seu filho David. Gem e

Tayla à esquerda para manter um olho nas coisas exteriores. Reaver havia entrado, localizado no extremo da cama. Olhando com os olhos tristes para Serena.

Mais tranquilo agora, Wraith se sentou na ponta da cama, segurando a mão de Serena. Embora, olhasse Val, que esclareceu sua garganta imperiosamente.

— A cidade de Jerusalém está sendo evacuada. Centenas de Aegis e equipes militares estarão no lugar do Monte do Tempo em questão de horas — Val disse para Wraith. — Presumo que vai utilizar um Harrowgate para chegar a tempo?

— Dãã.

Shade suspirou e Eidolon esfregou as têmporas.

— Você distrairá Byzamoth para que o Aegis possa recuperar o amuleto. No caso de ganhar posseção do mesmo, imediatamente o entregará a um guardião.

Kynan fez uma careta quando Wraith se colocou de pé. — Me chupe. Este não é o seu show, e não recebo ordens de assassinos.

— Josh, Val. — A voz fraca de Serena chamou a atenção de todos. Os círculos escuros debaixo dos seus olhos pareciam ter crescido dez vezes pior nos últimos minutos. — Apenas... consigam o colar. Não briguem.

Wraith assentiu e pegou sua mão, e era imaginação de Ky, ou seu braço parecia mais fino, mais frágil? — Sinto muito. — Ele deu um olhar velado para Val, como se o que incomodava Serena houvesse sido inteiramente culpa do ser humano.

A sala ficou em silêncio, exceto pelo som de sua respiração rouca, até que Reaver falou. — Vou com você.

E arqueou uma sobrancelha. — Pensei que não poderia ajudar.

— Ao diabo com isso.

— Como pode ajudar Anjo? — Wraith perguntou, e Val e David olharam-no boquiabertos.

— Anjo? — David ecoou.

— Caído. Não se emocione. — Reaver negou com a cabeça. —

Posso lutar contra ele, mas não posso fazê-lo sozinho. É mais forte que eu. Ele se baseia no poder do mal. Eu, em troca não posso reclamar o do céu ou do inferno.

Wraith puxou Serena contra ele e passou a mão para cima e para baixo em seu braço. — Assim que marcarmos a sua equipe.

— Marcaremos sua equipe. — Reaver esteve de acordo.

E bateu nas costas de Wraith. — Eu vou com você. Tay, Luc e Ky vêm conosco. Fará uma grande quantidade de vítimas.

Decidiram não enviar Shade, porque seu dom médico seria necessário aqui para cuidar de Serena, e Gem estava ficando para trás para ajudar. Todos os Guardiões ficariam no que era agora o Comando Central. Eles se encarregariam de pedir reforços proporcionando informes sobre a situação as células Aegis em todo o mundo, e basicamente, em qualidade de segunda linha de defesa se Wraith falhasse.

Claro, se Wraith falhasse, uma segunda linha não faria nenhuma diferença.

— Que comece o jogo, então. — Wraith disse. — Sairemos juntos. Mas Shade? Ninguém levará Serena a nenhuma parte. — Wraith olhou para Val, sua voz em tom de advertência. — Ninguém.

Shade cruzou os braços sobre seu amplo peito, e se moveu para a cabeceira da cama e assentiu. — Ninguém.

Wraith beijou Serena tão ternamente que algo se sacudiu no peito de Kynan. Nunca em um milhão de anos teria acreditado que Wraith pudesse sentir algo tão forte por qualquer pessoa, sobretudo um ser humano. E que essa mulher estivesse morrendo tornava a situação incrível... e trágica.

Kynan pensou em Gem e se perguntou o que faria se inteirasse que estava morrendo. Deus, provavelmente murcharia e morreria com ela.

Ao diabo com isso. Ele não ia perdê-la para a morte ou qualquer outra coisa. Agora não, e desde que aqui as coisas pareciam sobre controle, deslizou para fora do quarto.

Na sala, entrou em um ambiente de tensão. Quatro guardiões estavam de um lado da sala, Luc do outro, e todos se olhavam

fixamente. Os Guardiões não poderiam saber que Luc era um homem lobo, mas sabiam que estava ali com os irmãos *Semi*, porque, naturalmente assumiram que era uma espécie de vilão.

Ky puxou Luc de canto. — Tem visto Gem?

— Não é meu dia de cuidá-la. — Luc grunhiu quando um dos Guardiões não tão casualmente tirou sua Stang e comprovou a ponta. — Mas a vi entrar na cozinha faz um minuto.

O olhar de Luc foi diretamente a uma guardiã que permanecia perto de uma janela e curiosamente, seu olhar se fixou intensamente nele.

— O que está acontecendo? — Kynan perguntou.

Luc sorriu, o que era mais um pouco como mostrar os dentes. — É uma Huargo. Ela sabe que eu sei, mas suponho que seus amigos humanos não. Tem medo que eu seja o que vai contar.

— Vai fazê-lo?

— Isso depende.

— Do que?

A voz de Luc baixou uma oitava. — Se me dá ou não o que eu quero.

— E o que é isso?

— Quinze minutos. Nus.

— Isso é chantagem.

Luc assoprou. — Os Huargos o chamam de negociação.

— Assim que quer quinze minutos... e o que ela quer?

— Comigo? — Luc piscou. — Duas horas.

Kynan negou com a cabeça. *Huargo*.

Encontrou Gem na cozinha, olhando a geladeira. Ele não se incomodou em pedir que viesse com ele. A pegou pela mão e a levou a única sala que estava vazia.

O banheiro. Mostrou seu maior dedo a Lore enquanto passava.

— Kynan! O que está fazendo?

Fechou a porta e a beijou. Ela fez um pequeno som de indignação, mas ele a empurrou contra a porta, enquanto a beijava, e depois de um momento ela se relaxou contra ele.

— Não me importa o que é Gem. Eu te quero. Eu te amo. E sim nossos filhos serão um quarto demônios, posso viver com isso. Se não pode, podemos adotar. Ou bem, teremos uma mãe substituta. Não me importa.

A boca de Gem se abriu. Fechou. Abriu-se de novo. — O... a que vem tudo isso?

— A mulher que Wraith ama está morrendo. Ficam-lhe apenas algumas horas juntos. Eu sei que você terá centenas de anos de vida, e eu somente posso lhe dar uma fração disso comigo, mas ver Wraith e Serena me fez perceber que não posso perder tempo. Case-se comigo, Gem. Fica comigo durante o tempo que me resta.

Seus olhos se encheram de lágrimas e o medo a cortou em pedaços. Ele sabia o que ia dizer antes que ela dissesse isso.

— Sinto muito, Ky... não posso. Talvez depois da batalha quando as coisas se acalmem, podemos ver, mas agora, acredito que está vendo o final e se agarrando ao que possa.

— Maldita seja — espremeu. — Porque me diz o que penso e o que estou sentindo?

— Porque alguém tem que fazê-lo. — Ela correu do banheiro, deixando-o olhando para a parede. Fora, escutou uma comoção, o som das armas se preparando para a batalha que se aproximava.

Bem. Tiraria suas frustrações sobre um monte de demônios, porque o que ele queria... não queria a ele.

Vinte e Sete

O pior sobre Jerusalém era de que havia poucos Harrowgates. Estava a um passo do Domo da Rocha, templo que abrigava a Pedra Fundamental e local que Byzamoth usaria para abrir o portão. Mas este, estava sob controle do inimigo, e os mais próximos depois dele, eram na periferia da cidade. O que significava que Wraith, Luc, Tay, E, Reaver, e Ky teriam que seguir a pé por quilômetros até o Monte do Templo.

A atmosfera da cidade era desoladora. As poucas pessoas nas ruas estavam em silêncio, cabeças baixas como se esperassem que fogo caísse do céu, o qual estava escuro, as nuvens turvas e riscadas de vermelho. Relâmpagos riscavam o chão e o trovão era como se rachasse a terra.

Wraith os viu à distância. Dois exércitos... um maciço, o outro maciçamente arrogante. Somente Aegis para pensar que sua justiça lhes permitiria sair vitoriosos no final da batalha, quando estavam em desvantagem numérica quarenta para um.

— Vamos fazer esta coisa — disse Wraith, e Luc saiu disparado. Ninguém gostava de uma boa luta mais do que um warg.

Ninguém além de Wraith.

Reaver puxou Kynan de lado, Eidolon agarrou Wraith. — Controle-se, irmão. Só um segundo. — Virou-se para Tayla e emoldurou o rosto dela em suas mãos tão ternamente que Wraith teve um momento de saudade de Serena. — Nenhuma mudança para sua forma Shredder. Eu não quero que nenhum idiota, militar ou Aegi, a confunda com o inimigo.

— E você fica para trás. Você não luta em nenhum momento. Você cura. Isso é tudo. — Tayla tomou o rosto de E em suas mãos e trouxe sua boca para perto dela. — Eu te amo.

Wraith se afastou para dar-lhes um momento de privacidade. Ele sempre fez piada de seu relacionamento sentimental, nunca entendeu como E poderia dar muito de si mesmo a Tayla. Agora ele entendia. Entendia tão bem que doía.

Ele daria qualquer coisa e tudo a Serena, se ela o deixasse. Se

ela vivesse.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco, mas em vez de sentir uma arma, que sempre acalmava, ele apertou o pião que ela lhe dera. Ele agarrou-o na saída de casa, um amuleto de boa sorte que ele não iria sem para a batalha.

Ele sentiu duas mãos nas costas, uma pertencente a *E*, e outra a Tayla. Ela deu-lhe um sorriso hesitante.

— Boa sorte, Wraith. — Com isso, ela saiu.

— O mesmo digo eu — *E* disse. — Eu tenho fé em você.

— Desculpe não concordar. — Wraith assistiu raios e relâmpagos atravessarem o céu, conectando as nuvens em um celestial ponto-a-ponto.

— Mas eu aprecio o sentimento.

— Eu quero dizer isso. Eu nunca lhe dei crédito suficiente. Mas eu estou vendo algo em você que eu nunca notei antes. — Eidolon lhe socou o ombro de brincadeira. — Chute o seu traseiro, mano. — Ele partiu depois de Tayla.

Wraith os assistiu ir, respirou fundo e saiu. Coisa boa que seus ombros eram largos, porque o peso do mundo... sugava.

†††††

Serena respirou fundo quando Shade liberou seu braço. Ela desmaiou logo após Josh sair pela esquerda, mas Shade fizera a coisa incandescente com o braço que sempre a deixava sentindo-se melhor. Ele recuou e ficou perto da porta como um sentinela, seus astutos olhos afiados se deslocando entre Val e David, ambos sentados em cadeiras perto de sua cama.

— Você sabe — disse Val, levando a mão dela na sua. — Eu realmente prefiro levá-la para casa, onde você estará mais confortável.

Ela balançou a cabeça. — Eu não sei se eu poderia fazer a viagem de avião. — Ela também não queria ir a qualquer lugar, até que ela soubesse que o amuleto fora recuperado. E que Josh sobrevivera.

Ela ainda não tinha certeza de como ela se sentia a respeito dele, porque sua traição havia sido tão grande, tão... horrível. Mas ela entendia porque ele pretendia seduzi-la, e quão difícil foi não ir até o fim, quando ele sabia que estava condenando seus irmãos.

Ela se contorceu em uma posição sentada, e Val ajeitou o travesseiro nas suas costas. — Shade?

Ele olhou para ela.

— Josh... Wraith disse que você e Eidolon estavam morrendo. Mas você não estava envenenado, certo?

Shade balançou a cabeça. — É uma longa história. Ele nem sabia sobre isso até depois do ataque em Philae. Ele decidiu não ir adiante com o plano para seduzi-la. Foi quando lhe dissemos que estávamos morrendo, também.

Deus, ele desistiu do seu plano ainda mais cedo do que ela pensava.

— Que diferença isso faz? — David perguntou. — Ele é um demônio.

— Ele me salvou de Byzamoth.

— Assim, ele poderia tê-la para si mesmo, sua idiota! Você realmente acredita nisso... nessa criatura?

— David! — A mão de Val apertou a de Serena dolorosamente, embora ele não parecesse perceber isso. — Isso é o suficiente. — O rosto de David ficou colorido.

Serena tossiu... e não conseguia parar. Imediatamente, Shade estava ao seu lado, a mão envolta em torno de seu pulso, dedos no seu pulso, tatuagem brilhante. Em segundos, seus pulmões estavam limpos, abertos para que ela pudesse respirar melhor. Josh disse que ele era um paramédico, e, sem dúvida, era um bom. Atencioso, eficiente, e possuindo uma confiança arrogante que era justificada. Ele sabia o que estava fazendo e ele fez isso bem. Ela apostava que ele fazia *todas coisa* bem.

— Você tem uma companhia... certo? — Ela perguntou, e seus incrivelmente longos cílios voaram de surpresa.

— Sim.

— Ela sabia o que você era quando a conheceu?

Ele resmungou. — Não, até que ela me pegou na cama com uma vampiro e um demônio Trillah.

O queixo dela caiu. — E ela ainda queria você?

— Ela queria me matar. Dizer o que. — Ele disse, dando-lhe um sorriso, sonolento, sedutor que lembrou muito o do Josh. — Eu vou lhe contar toda a sórdida história de Wraith após derrotar Byzamoth.

Ela sabia que não havia garantias de que Wraith sobrevivesse a batalha, mas ela apreciava os esforços de Shade para acalmá-la. Ele voltou para a porta, e ela bateu a mão na de Val para chamar sua atenção. Ele fixou o olhar pela janela para a aurora se aproximando e foi a algum lugar distante.

— Val? — Sua voz falhou enquanto ela falava, e ela não podia acreditar no esforço que custou para dizer apenas o seu nome.

— O que é?

Nervos tremulavam em sua barriga. — Quem mais sabia sobre a minha missão no Egito?

David falou. — Todo mundo no Sigil.

— Mas quem sabia sobre os detalhes? Onde eu estava hospedada, onde eu estaria, em que tempo... coisas assim.

Os olhos de Val se estreitaram. — Por quê?

Ela se apoiou no colchão para manter suas mãos firmes. E se Josh estivesse certo sobre Val? — Porque Byzamoth estava sempre um passo à minha frente. Ele sabia coisas que ele não deveria saber.

David enrijeceu. — O que você está dizendo? Como você se atreve a acusar meu pai de trair você.

— Eu não estou acusando Val de nada. Mas alguém estava contando ao anjo caído e tentando me matar. Ele não poderia saber que eu pararia na casa do Regente, e não há definitivamente nenhuma maneira dele saber o trem que eu tomei para sair de Aswan. Josh mudou as reservas.

— Bem, aí está sua resposta — David atirou de volta. — E

vamos chamá-lo pelo seu nome real, não é? Desde que ele praticamente roubou a identidade de Josh é como se ele roubasse todo o resto.

Ela deslizou um olhar sobre Shade, que ainda observava em silêncio, mas a forma como apertava sua mandíbula deu-lhe a impressão de que ele estava rangendo os dentes.

— Não foi ele — ela insistiu. Não teria feito sentido para Josh ter sido retirado para fora da competição.

David fez um som de nojo. — É muito mais fácil para você nos acusar ao invés de acreditar que seu amante demônio poderia ter te traído, não importa o fato de que foi tudo que ele fez desde que conheceu você.

— Você está se sentindo um pouco culpado, humano? Porque ela não está te acusando. — Shade olhou para Serena e encolheu os ombros.

— Apenas me responda. — E ele estava certo. — Val, diga-me. Todos sabiam sobre a casa do Regente e o trem?

Val não disse nada, mas ela sabia a resposta. Ele sabia... e por isso David também.

David ficou de pé com tanta força que a cadeira tombou. — Eu não vou sentar aqui e ouvir isto. Vamos, papai. Nós não precisamos disso.

Shade bloqueou a porta. — Você não tem que se sentar, mas você vai ficar.

— Eu sou treinado para matar o seu tipo.

Shade estalou os nós dos dedos. Sabiamente, David recuou, mas o seu orgulho picado o deixou puto. — Isso é culpa sua, Serena. — Ele caminhou até o fim da cama e a encarou com um olhar de ódio. — Sua filha da puta.

— Basta! — Val gritou, ficando de pé. — Você passou da linha.

— Realmente, pai? *Realmente*? Porque eu estou pensando que o seu caso com Patrice passou da linha também.

Serena ficou boquiaberta. Val a traiu. Ficou um silêncio

desconfortável no quarto até Shade declarar: — Agora as coisas estão ficando interessantes.

— Diga a Serena — disse David. — Vá em frente. Diga a ela como você traiu minha mãe durante anos. A cada vez que Patrice estalava os dedos, você saía correndo, deixando-nos sozinhos. Como, quando ela queria engravidar, você não poderia se masturbar em um copo com rapidez suficiente.

O ar do pulmão esquerdo de Serena estava com pressa, deixando-a tonta. — Isso é verdade? — Ela resmungou.

Val abriu as mãos num gesto de súplica. — Eu não poderia te dizer. Eu nem sabia que David sabia.

— Quão estúpido você acha que eu sou? — David falou. — Você acha que a mamãe não descobriu na primeira vez que viu Serena? Ela era uma cópia de você quando era pequena. — Sua voz vibrava com a raiva. — Deve ter sido um alívio para você quando Patrice desistiu de seu encanto por Serena. Você teria o melhor dos dois mundos. Sua preciosa filha estava protegida e você poderia finalmente foder Patrice...

Val atingiu David com tanta força que ele fez o seu filho voar. David ricocheteou na parede, usando o impulso para atingir Val, mas logo Shade estava entre eles, agarrou a camisa de David, facilmente segurando-o no comprimento do braço.

— Eu não me importo se vocês matarem um ao outros. Mas vai fazê-lo lá fora. Wraith terá meu traseiro, se a fêmea é pega no fogo cruzado.

— Ela já deveria estar morta — David cuspiu, e Serena ficou dormente.

— Oh, meu Deus — Val sussurrou. — Você fez isso. Você a traiu para Byzamoth.

— E daí? Minha mãe está morta por causa dela! Se você não tivesse amado a Patrice mais do que nós... — Ele se liberou de Shade e tropeçou para o canto, onde ele colocou a cabeça contra a parede. — Mamãe não soube lidar com a sua traição. Todos esses anos ela conviveu com ela, mas quando Patrice ficou grávida de novo, foi a última gota. Você a matou, pai. Você mesmo poderia muito bem ter colocado os comprimidos na garganta dela.

A verdade das palavras de David colocou dor nos olhos do Val. Ele engoliu em seco. — Eu nunca quis que isso acontecesse. Eu amava sua mãe. Eu te amo.

David limpou o sangue de sua boca com as costas da mão, e olhou para Val. — Mas você amava mais Patrice e Serena.

Serena começou a tremer de fúria. Se ela não estivesse tão fraca, ela bateria nele, ela mesma. — Você colocou o mundo todo em risco, traiu a raça humana, só para se vingar?

Ele recuou como se ela o *tivesse* ferido. — Eu não sabia o que era Byzamoth. — O terror estava em seus olhos quando ele se virou para Val. — Eu te juro, eu não sabia. E eu não sabia que Serena iria morrer, até que você contou que ela disse que alguém estava atrás dela. Eu só queria o colar. Eu queria ser especial.

Val balançou a cabeça como se tentando limpá-la, e Serena sabia como se sentia, porque ela estava confusa como o inferno. — Como você encontrou Byzamoth?

— Ele veio para a mansão depois que descobriu a identidade de Serena. Ele disse que era um mago. Acho que ele planejava tomar o encanto então. Mas você já a havia mandado para o Egito. Eu estava chateado.

— Porque você queria ir — Val interrompeu, e David deu-lhe um aceno petulante.

— Byzamoth fez um acordo comigo. Ele disse que se eu lhe dissesse onde estava, ele tomaria o encanto e me daria o Heofon.

— E você acreditou nele? — Serena ficou boquiaberta com a estupidez do homem.

— Ele agiu como se não se importasse com o colar. Pensei que queria apenas o encanto. Em seguida, ele se interessou em artefatos, e decidiu usá-lo para levá-los também.

— Então ele foi após a tábua e a moeda.

Val riu amargamente. — É claro. Uma vez que David derramou o feijão sobre aqueles, Byzamoth teria percebido que desligar o Harrowgates perturbaria gravemente a sua guerra. As portas entre o Céu e o Inferno ainda poderiam ter sido abertas com o Heofon, mas os demônios não seriam capazes de chegar até a superfície da Terra para

fazer guerra contra os humanos. Pelo menos, não até que eles destruíssem o céu. Ele fez um som de nojo quando se virou para seu filho. — Seu idiota. Você percebe que mesmo se você tivesse encontrado o colar, você não teria sido autorizado a mantê-lo.

O queixo de David se ergueu em desafio. — Ao dono do Heofon é dado o encanto.

— Se os anjos considerassem essa pessoa digna! — Val rugiu.
— *Você não é digno.*

— Eu nunca teria sido aos seus olhos. — David seguiu em direção à porta, e depois de um breve aceno de Val, Shade o deixou ir, mas não antes de sussurrar algo no ouvido de David que fez seus joelhos tremerem. Uma vez que se recompôs, saiu rapidamente dali.

Val afundou pesadamente em sua cadeira, não olhou para Serena. — Eu não tenho palavras para explicar — ele começou. — Então, pergunte o que você precisa saber.

Estando em estado de choque para falar, Serena não disse nada.

Shade foi quem quebrou o gelo. — Isso é melhor do que uma novela. Não que eu saiba. — Ele apoiou-se contra o batente da porta novamente. — Então, Aegi... por que você nunca disse a Serena que você bateu até ter o bebê^[1]?

Sim, ela gostaria da resposta a essa pergunta formulada tão estranhamente. Val enterrou o rosto nas mãos, e ela teve de se esforçar para ouvi-lo.

— Como eu poderia dizer quando eu nem sequer contei a minha própria família? Eu honestamente não acho que eles soubessem a verdade. Depois, Patrice morreu, não havia nenhum ponto em dizer qualquer coisa. Eu sabia você estaria segura e bem cuidada com as freiras. — Ele levantou a cabeça, olhava com olhos injetados de sangue. — Eu fui um covarde. E por causa disso meu filho me odeia. Odeia a sua própria irmã. Sinto muito. Então, desculpe.

— O que vai acontecer com David? — Shade perguntou, num tom que disse que lidaria com as coisas se a resposta do Val não o satisfizesse.

Val respirou fundo e terminou em um soluço. — É uma questão para o Aegis. — Ele ficou em pé. — Eu voltarei.

Shade esperou até que Val fosse embora, e então murmurou, — Família é uma merda, às vezes.

Deus, ele tinha esse direito. — Sobre a família... eu acho que você precisa saber a razão de porque Wraith não foi ver seus filhos. — Shade abriu a boca, mas Serena cortou. — Ele tem medo, Shade. Ele tem medo de compartilhar a si mesmo, como se cada peça que ele dá a alguém vai ser uma peça que vai faltar quando eles se voltarem contra ele. Ele se sente como se ele estivesse perdendo você e Eidolon para suas companheiras e filhos, e vocês eram tudo o que ele tinha.

— Por que você se importa? — Ele perguntou rispidamente. — Depois do que Wraith fez a você, você deve odiá-lo.

— Eu também o adoro, e eu não posso desligar isso. — Ela suspirou e caiu para trás sobre o travesseiro, os eventos do dia minando o que restava de sua energia.

Shade cruzou o quarto e afundou-se na cama com ela. Gentilmente, ele tomou seu pulso, e sua tatuagem - *dermoire*, ele disse em um ponto, começou a brilhar, e uma agradável sensação de formigamento se espalhou através de suas veias.

— Coisas engraçadas, os seres humanos — disse ele em voz baixa. — Justamente quando você pensa que todos são um bando de idiotas, aparece alguém inteligente e prova que você está errado.

Ela sorriu sonolenta. — Eu acredito que foi um elogio. De um demônio. Vai entender.

— Sim. Justamente quando você pensa que nós todos somos um bando de imbecis...

Um aparece e faz você se apaixonar por ele.

[1] No original a ideia é essa. Shade faz referência ao fato dele ter sido o doador do esperma,

já que a mãe dela era virgem. Foi deixado assim para dar continuidade ao parágrafo seguinte.

Vinte e Oito

Essa coisa de encanto era tão legal.

Wraith e Reaver aproximaram-se da Cúpula da Rocha com facilidade, praticamente intocados pelo exército de demônios que cercaram ao redor. Ele poderia mudar sua forma para algum demônio hediondo para tornar-se menos visível, mas não havia nenhuma graça nisso.

Não, ele andou direto através da horda como uma lança através da carne, seu longo casaco batendo em seus tornozelos, o barulho reconfortante de suas armas soando em seus ouvidos. Atenciosos seus irmãos por trazerem seu equipamento de combate.

Vários demônios tentaram assaltá-lo, não porque eles viam Wraith ou Reaver como inimigos, mas porque demônios eram geralmente apenas idiotas, mas graças ao encanto, algo sempre ficava no caminho do ataque deles. Eles tropeçavam, acertavam outro demônio, erravam-no completamente... sim, a coisa do encanto era legal.

Reaver o puxou para uma parada no topo da escada, logo abaixo da coluna arqueada em frente à mesquita da cúpula dourada. — Se isto for mal para mim, você sabe o que fazer.

Sim, ele sabia. Reaver lhe disse que só um anjo poderia matar outro... com uma exceção. Se alguém drenar um anjo até morrer, eles herdariam temporariamente a capacidade de destruir outro anjo. O problema era que ninguém poderia drenar um anjo de sangue, a menos que o anjo se voluntariasse.

Wraith esperava que ele não precisasse chegar a isso. Ele meio que gostava de Reaver.

— Conte com isso — Wraith disse, e começou a andar, mas Reaver parou novamente. — Jesus, o que é desta vez?

— Kynan. Você deve dar o amuleto a Kynan. Para ninguém mais no Aegis. Você entendeu?

— Não.

Reaver fez um barulho exasperado. — Isso tudo é predestinado — ele disse, acenando para o exército ao redor deles. — Não sei como isso

vai acabar, a batalha está fadada, o resultado não. Mas o destino de Kynan está ligado com esses eventos.

Wraith revirou os olhos. Se havia algo que ele odiasse mais que a merda enigmática, era a merda do destino. — Que seja. Vamos chutar esse feio Byzamoth, e eu quero dizer *feio*, imbecil.

Eles entraram na Cúpula da Rocha, facilmente empurrando o forte chifre dos guardas Ramreel. Eles não precisavam se preocupar com os protegidos seguidores dos anjos caídos; poucos demônios colocavam as patas em construção santa. Eles temiam a Deus muito mais do que temiam qualquer anjo caído.

Mesmo Wraith contorceu-se desconfortavelmente na mesquita, onde azulejos brilhantes e mosaicos de vidro enunciavam versos do Alcorão e representações religiosas. Byzamoth estava em pé perto do centro, ao lado da gigante Pedra Fundamental, seu olhar fixo no teto, um sorriso malvado e estático curvando sua boca.

Os sons da batalha irrompiam-se lá fora, a entrada de Wraith foi o sinal para o Aegis e os militares lançarem seus ataques.

— Byzamoth. — Reaver moveu-se ao lado de Wraith, sua pele brilhante, com uma excêntrica luz branca.

Os olhos de Byzamoth voaram abertos. — Reaver? — Ele desviou o olhar para Wraith. — *Você. Você vive?*

— Não. Isso é sua imaginação. — Wraith seguiu em direção a ele. — Inferno de uma maneira de voltar ao Céu, não acha? Quando tudo que você tem de fazer é andar no sol do meio-dia.

— Idiota. Isso apenas funciona se um anjo ainda não entrou em Sheoul.

— Falha minha. Estou enferrujado em regras de anjos caídos. Não é suposto que eles tenham um Guia de Idiotas para isso. — Wraith estudou suas unhas. — Mas uma coisa eu sei. Se você morrer, você se foi para sempre. *Poof*. Sem redenção, sem reencarnação, sem nada. Bye-bye.

Ele lançou uma estrela tão rápido que Byzamoth não teve a chance de bloqueá-la. A estrela pegou em seu ombro, foi para a direita e enterrou-se em um pilar.

Byzamoth gritou de dor, mas se recuperou em um instante. — *Você*

pensou que seria tão fácil? — Ele veio para Wraith, o pé não tocando o chão.

Reaver o encontrou de frente, e eles colidiram como dois touros. Luzes passando como um raio com vácuos pretos enrolando ao redor deles, envolvendo-os em uma nuvem de funil sobrenatural enquanto eles lutavam. Wraith arremessou uma de suas adagas na mistura, visando a parte de trás do pescoço de Byzamoth, mas a arma foi apanhada no tornado e atirada para o outro lado do edifício.

Sangue voou dos dois anjos, manchando o vórtice de um vermelho horrível. O turbilhão implodiu. Reaver voou através do ar, caindo em uma pilha que deslizou pelo chão, deixando um rastro vermelho.

Wraith atacou Byzamoth, rasgando poderosos socos na cara do macho. Uma joelhada na virilha ganhou um satisfatório rugido de dor. Um raio de energia bateu no peito de Wraith, derrubando-o no corrimão ao redor da Pedra Fundamental.

Sons de lágrimas úmidas encheram a mesquita enquanto Byzamoth mudou em sua grotesca forma de gárgula. Sua única asa se elevou no alto de sua cabeça, a ponta da garra descendo para prender na cabeça de Wraith.

Dor gritou através de Wraith enquanto garras afiadas e serrilhadas cavaram em seu crânio. Sangue escorreu por seu rosto, e raiva fluiu por suas veias. Rosnando, ele caiu em seus joelhos e se lançou para o lado, quebrando o agarre de Byzamoth. Ele rolou, evitando o que teria sido um pisar e um osso quebrado em seu quadril.

Wraith girou em sua mão, jogando as pernas para fora para seu próprio pontapé devastador. Ele pegou o macho no joelho, e embora Byzamoth grunhissem, ele não caiu. Esforçando-se para ficar de pé, Wraith tirou o sangue de seus olhos. Na distância, o ar cantou com o barulho das armas, o baque de punhos golpeando a carne, e os gritos de demônios e humanos em dor mortal.

— É uma bela música, não é? — Byzamoth afinou para os lados, mantendo seu corpo entre a Pedra Fundamental e Wraith. Relâmpagos e trovões abalaram o chão. Fora da Cúpula, uma malvada tempestade transformou-se em tornados e chuva vermelho-sangue. Através de um único buraco no Céu, veio um fluxo de luz dourada, mas em um piscar de olhos, as turvas nuvens extinguiram-no.

Byzamoth abriu seu punho para revelar o colar de Serena e um frasco de sangue. O sangue de Wraith. — O sol lançou seu primeiro e último

raio. Está na hora. Reconsidere sua luta, incubos. Fique comigo, e você colherá recompensas inimagináveis.

— Por mais tentador que pareça ser sua puta — Wraith falou, — vou ter que recusar sua oferta.

Ele lançou-se para o anjo. A asa de Byzamoth pegou-o pelo ombro, balançando seu equilíbrio, mas de alguma forma, ele ficou em pé. Eles lutaram como demônios, com Wraith saindo no topo cada vez que eles se partiram.

Mas Wraith estava sangrando muito, uma perna não funcionava direito, e ele sugava o ar com muito mais esforço do que ele gostaria.

Byzamoth parecia como se tivesse ido para uma agradável corrida. — Não posso ser morto, demônio imundo.

— Você é muito crítico com essa coisa de demônio — Wraith disse através de respirações ofegantes. — Dado que você é um demônio.

Uma risada malvada repercutiu as paredes de um lugar tão sagrado que eles pareciam se contorcer sob o som. — Sou melhor do que demônios da escória.

— *Santinho* é meio engraçado vindo de um anjo caído.

— Estou cansado de seu humor infantil. — Byzamoth abriu o frasco de sangue e girou em direção a Pedra Fundamental.

— Não! — Wraith atingiu Byzamoth nas costas, impulsinando-o em uma coluna de apoio, mas o sangue espirrou do frasco e caiu em camadas através da Pedra Fundamental.

Lá fora, a tempestade silenciou. Dentro, apenas começara.

O sangue na pedra borbulhava, liberando vapor negro no ar. Byzamoth lutou em direção a ela, chutando Wraith, o qual segurava seu tornozelo. O anjo caído segurou o colar esticado a sua frente, tentando alcançar o sangue.

— Maldição! — Byzamoth bateu seu punho no crânio de Wraith como um martelo sobre um prego. Wraith contorceu-se no chão, suas pernas não funcionando. Byzamoth moveu-se para a pedra.

— Wraith... — A mão de Reaver fechou sobre seu tornozelo. O anjo de alguma forma arrastou-se para onde ele havia caído, seu corpo uma

bagunça quebrada. — Drene-me.

Wraith roçou o sangue de seus olhos. Santo inferno. Se Reaver morresse assim, sua alma sofreria um tormento eterno. — Deixe-me tentar...

— Não há tempo — Reaver gritou. — Você deve cortar a garganta de Byzamoth... e então encher a ferida com seu próprio sangue depois de beber o meu. Rápido.

Byzamoth segurava o colar no vapor levantando do sangue na pedra, e a construção começou a balançar. Reaver expôs sua garganta. Não havia nada a dizer. Absolutamente nada.

Wraith afundou suas presas na jugular do anjo. O sangue bateu em sua língua como um choque elétrico e começou a descer por sua garganta.

— Não! — Byzamoth se lançou para Reaver, agarrando o outro anjo pelo braço, e o atirou como um Frisbee[1] através da entrada. — Quero-o arrastado para as profundezas de Sheoul! — Ele gritou, e do nada, uma horda de diabinhos tragaram Reaver e o arrastaram embora.

Rosnando, ele se virou para Wraith, esmagando um pé no peito de Wraith. Wraith lançou-se no ar e atingiu uma parede distante com uma rachadura nas costelas.

Sua visão nadou. Byzamoth correu de volta para a pedra. Com a mão tremendo, Wraith procurou em seu cinto de armas por algo para atirar - nada. Lá fora, os sons da batalha tornaram-se um rugido gritante, metal com metal e metal na carne crescendo mais perto. E então Kynan estava lá perto, do lado de Wraith.

— Necessito de Reaver — Wraith engasgou, — seu sangue.

— Tome o meu.

Wraith balançou sua cabeça, tentando dar sentido ao que Ky acabara de dizer. — Eu não preciso me alimentar.

— Eu sei. Você precisa drenar um anjo. Sangue de anjo corre por minhas veias. Não será o mesmo, mas estamos perdendo, Wraith. De qualquer maneira vou morrer.

— Não! — Wraith agarrou outra estrela de lançamento e puxou-a livre de seu lugar. — Não estou pronto...

— Wraith! — A voz de Ky foi silenciosa, mas urgente enquanto ele agarrou os ombros de Wraith e o sacudiu. — Maldito seja, vampiro. Se você quiser ver Serena de novo, você tem de fazer isso.

Byzamoth olhou sobre eles, mas não viu Kynan, um simples humano, como uma ameaça.

— A alimentação não vai ajudar você, idiota. — Byzamoth virou-se novamente para a Pedra Fundamental, a qual se perdia em um gigante buraco negro giratório que se estendia para cima da Cúpula. Estava crescendo, expandindo, engolindo o teto.

Kynan inclinou a cabeça. — Faça. — Ele engoliu, olhares travados com Wraith. — Diga a Gem... não importa.

— Foda-se — Wraith sussurrou.

— Faça.

Fechando os olhos, Wraith fechou as presas na garganta de Kynan. O humano enrijeceu, mas depois de um momento ele se curvou tanto que Wraith teve que segurá-lo.

Ele bebeu até que o coração de Kynan acelerou para compensar a perda de sangue, e então ele puxou mais forte à medida que as veias de Kynan entraram em colapso, até que seu coração gaguejou. Oh merda, ele estava fazendo isso, estava matando seu amigo.

Seu amigo.

Ele nunca teve um antes, e aquele que ele tinha, ele estava destruindo.

Kynan parou de respirar.

Poder rasgou através de Wraith, poder e dor que sentiu como se seus músculos estivessem se separando de seus ossos. Ele baixou Kynan gentilmente no chão e deixou que a raiva do que ele fez o abastecesse. Enfureceu-se que Byzamoth era a causa de tudo isso.

O demônio pagaria com sua vida.

Wraith lançou-se em Byzamoth com vingança. Eles se ataram juntos, um redemoinho vicioso de mão-a-mão, uma forma de combate em que Wraith se sobressaía. Ele não iria perder. Ele não podia perder. A morte de Kynan *não* seria em vão.

A asa de Byzamoth explodiu ao lado de Wraith e colocou-o de joelhos.

O anjo caído se ajoelhou ao lado dele e envolveu sua mão em forma de garra ao redor da garganta de Wraith.

— Eu quase não tenho tempo para isso. — Byzamoth olhou para o horizonte, onde as nuvens empurravam contra a luz do sol.

Wraith abriu a boca, mas nada saiu. Nem mesmo a respiração.

— Eu sei o que você é. Um demônio nascido de um vampiro. — Ele lambeu o corte que fizera na bochecha de Wraith. — Eu encontrei sua parideira. Ela está em Sheoul-gra.

Sheoul-gra. O lugar aonde os demônios mortos iam até suas almas poderem renascer. Mas de acordo com muitos, humanos maus, vampiros, lobisomens, e metamorfos não iriam para lá, porque eles não poderiam renascer.

— Você está se perguntando por que ela está lá em vez de sofrendo eternamente em Sheoul? — Byzamoth cavou seu dedo na ferida, e Wraith rangeu seus dentes contra a dor. — Ela está servindo lá. Servindo os demônios que estão esperando para renascer. As coisas que eles a fazem fazer...

Wraith poderia imaginar. Não precisava imaginar, na verdade.

— Ela tinha uma mensagem para você, seu querido filho. — Byzamoth socou sua mão no intestino de Wraith, e a agonia acompanhou um úmido rasgão horrível. — Ela não pode esperar para vê-lo. E ela vai fazer o que fez a você enquanto era uma criança parecer como, bem, uma brincadeira de criança.

Um arrepio percorreu Wraith, não importa quão duro ele tentara conter. Mesmo depois de todos esses anos, ela poderia atacar seus medos.

Não. Ela não iria vencer, e ele não estava indo vê-la tão cedo. Porque sua mãe não tinha mais controle de seus medos. Não quando seu maior medo era perder Serena. Ele precisava chegar até ela. Mas a mão de Byzamoth era profunda em seu corpo, cavando o caminho até seu coração.

— Agora eu vou lhe enviar para ver sua mãe.

Wraith cavou em seu bolso por uma arma. Seus dedos, escorregadios com o sangue, encontraram uma lâmina, mas ele não conseguia agarrá-la, mas espere, ele fechou seu punho ao redor do pião de

madeira. Os dedos de Byzamoth encontraram seu coração.

Byzamoth espremeu. Fracamente, Wraith esfaqueou a ponta do pão no olho de Byzamoth. O anjo caído recuou. Finalmente livre, Wraith perfurou um punhal no intestino do anjo caído. Ele afundou e Byzamoth caiu no chão.

— Mamãe — Wraith rosnou, — você vai esperar. — Com um rosnado, ele rasgou a garganta de Byzamoth. O pescoço do anjo caído abriu todo o caminho até sua espinha. Sangue fluíu em um rio, mas o local sagrado parecia estar pronto. Vapor subia enquanto o sangue queimava em cinzas. Rapidamente, Wraith cortou seu próprio pulso, deixando o sangue drenar na ferida.

Instantaneamente Byzamoth virou fumaça.

É isso? Wraith pensara que a morte do anjo seria alguma coisa mais dramática.

Lá fora, demônios gritavam enquanto eles, também, começaram a queimar. Wraith olhou para si mesmo, tendo certeza que não estava em chamas. Até agora, tudo bem. Exceto pelo buraco do tamanho de um punho em seu intestino.

Ele agarrou o amuleto do chão onde caíra quando Byzamoth desapareceu, e cambaleou para fora da Cúpula da Rocha. Na distância, Eidolon movia-se de humano para humano, curando onde conseguia. Perto dali, Tayla gritava ordens para os Guardiões menos severamente feridos. Luc estava fornecendo ajuda e parecendo um pouco desgastado, mas parecia ter todas as partes do corpo. Perto do Harrowgate, Reaver estava de pernas abertas no chão, correntes o segurando para baixo.

Wraith juntou o corpo de Kynan em seus braços e desceu mancando os degraus, que estavam grudentos com restos de demônios queimados e sangue humano. Eidolon ergueu o olhar da cura de um cara vestindo o que parecia ser um uniforme militar espanhol, sua expressão caiu quando viu Kynan.

— Ele está...

— Sim.

Ainda assim, a *dermoire* de E iluminou-se enquanto ele deitou uma mão sobre Kynan. — Ah, merda. — Seu braço caiu.

— Sim. — Wraith inclinou sua cabeça em direção a Reaver enquanto Eidolon canalizou uma onda de cura para ele. — Alguém precisa ajudar o anjo. Estou indo para Serena. — Ele olhou para o corpo mole de Kynan. — E Gem.

†††††

Lore precisava escapar. Ele não fazia ideia de quanto tempo ele esteve sentado no corredor, do qual ele descobriu, era de uma casa de Aegis, mas ele realmente poderia usar a oportunidade de esticar as pernas e aceitar o banheiro. Por que diabos seus irmãos o trouxeram aqui ao invés de deixá-lo no hospital estava além de sua compreensão.

Estar acorrentado lá era tão bom quanto estar acorrentado aqui, e provavelmente menos perigoso para sua saúde, dado a forma como os Guardiões olhavam para ele como se quisessem arrastá-lo para fora e usá-lo para praticar tiro ao alvo.

A porta em frente a ele abriu, e Shade surgiu na sala.

— Então. — Shade atravessou o corredor e parou em frente à Lore. — Qual o seu negócio? Não tivemos uma chance de conversar.

— É uma pena, também, porque você parece um cara tão legal — Lore falou arrastadamente.

Shade analisou a testa dele com a palma de sua mão. — Diz o cara que tentou matar seus próprios irmãos.

— Sim, sobre isso. — Lore olhou para seu braço, e em seguida olhou para o conjunto estabelecido de marcas que desfilavam o caminho até o antebraço de Shade. — Eu sei que você e seus irmãos é uma raça de incubos. Então estou supondo que eu também?

— O que você achou que era?

— Cara, eu nem mesmo sabia que era um demônio até que completei vinte anos.

Shade lhe deu um olhar *você-é-um-idiota*. — O fato de que você nasceu com uma *dermoire* não era uma pista?

— *Dermoire*? É assim que se chama? — Ao aceno de Shade, Lore balançou a cabeça. — Eu não nasci com ela. Apareceu quando eu estava com vinte anos. — Lembrou-se do inferno que ele atravessou

imediatamente antes do aparecimento das marcas, o louco desejo de ter relações sexuais quando, por vinte anos, ele não teve sequer uma ereção.

— *Apareceu* quando você estava com vinte anos? — Shade franziu o cenho. — Que espécie era sua mãe?

— Humana.

— Bem, há uma peça do quebra-cabeça. Você é um *Cambion*. Mestiço. É por isso que não podemos sentir você. — Ele olhou para o corredor onde dois assassinos Aegis não estavam nem mesmo tentando se esconderem enquanto os observavam. Shade lançou-os para fora e se virou para Lore. — Então, sua mãe humana o chamou de *Lore*?

— Loren — ele resmungou.

Shade o olhou com simpatia. Porque, sim, Shade era um grande nome. — Quando você nasceu?

— 1880.

— Então você foi um dos primeiros de nosso pai. O idiota também não sabia nada melhor do que engravidar uma humana, ou ele já estava enlouquecendo.

— Você sabe, não estou sentindo o amor aqui. — Lore mudou, contraindo-se aos arrepios crescendo em suas pernas, que adormeceram.

— Nosso pai gozou em coisas do caralho que ele não devia.

Lore não fazia ideia do que era suposto que ele dissesse, mas o tom de Shade não convidava a perguntas, e realmente, Lore tinha mais com que se preocupar do que as escolhas de companheiras de cama de seu pai. Além disso, Lore não tinha muito espaço para julgar.

— Onde ele está?

— Morto. — Ele apontou para a *dermoire* de Lore. — Qual o seu dom?

— Dom? — Lore riu. — É assim que você o chama? Você pode matar tudo que toca, também?

Shade levantou uma sobrancelha. — Posso matar com meu dom, mas tenho que fazer um esforço para usá-lo dessa maneira. Seu objetivo principal é forçar a ovulação nas fêmeas.

Desde que Shade era um incubos, isso fazia sentido. — Todos os demônios *Seminus* podem fazer isso?

— Wraith pode começar dentro da cabeça das fêmeas e torná-las receptivas ao sexo. Eidolon pode garantir que um óvulo está fertilizado. Você disse que pode matar tudo o que toca?

— Sim. Exceto que não afetou Eidolon.

— Pode ser coisa de irmão... ou pode ser porque *E* tenha ativado o seu próprio dom, e talvez ele rebateram um ao outro.

Deveria ser coisa de irmão. Lore nunca feriu sua irmã com seu toque, também. — Então, por que o meu *dom* é todo fudido?

— Provavelmente tenha algo a ver com a coisa *Cambion*. Não fomos feitos para cruzar com a raça humana. Coisas tendem a dar errado com a prole. Obviamente.

— Existe mais alguma coisa que eu deva saber? Você sabe, que pode dar errado?

Shade pareceu considerar isso. — Oh, sim, você provavelmente é estéril. Você sabe quando um burro e um cavalo ou uma fada da água ou fada do fogo...

— Eu peguei a dica — Lore rosnou. Por alguma razão, a coisa estéril o irritou profundamente, mas ele não fazia ideia do porque, desde que ele não poderia ter relações sexuais sem matar a porra de sua parceira. Ter filhos era um ponto discutível.

Shade disse algo em voz baixa sobre ele ser muito nervoso. — Então, por que você achou que matar Eidolon e a mim seria uma boa ideia?

— Um cara chamado Roag me pagou.

— E você não sabia quem ele era? — Shade jogou sua cabeça para trás e riu, mas o som não era de diversão. — Aquele doente filho da puta.

— Posso entrar na brincadeira?

— Ele era nosso irmão.

— Irmão? Aquele doente fudido, também?

— Sim. Sem dúvida ele sabia quem você era o tempo todo. Aposto que ele arranjou isso, então quando você pegasse o dinheiro por nos

matar, você saberia a verdade.

Cara engraçado, seu irmão insano. É claro, aquele em frente a ele não o golpeou como uma carga de risos, também. — Estou feliz que ele esteja morto.

— Bem, ele não está exatamente morto. Mas está sofrendo um destino pior que a morte. Acredite em mim.

Um tumulto na sala em frente fez com que Shade se levantasse. O bater de passos pesados e quietas maldições anunciava a chegada de alguma coisa... não boa.

Wraith seguiu para o corredor, seus braços segurando um corpo. Um macho humano, Kynan. Oh, legal.

Os gritos de Gem perfuraram o silêncio, e o sentimento de satisfação dele quebrou.

— Não... não... *não*. — Ela esteve no quarto com a mulher doente, e agora ela estava em pé na porta, descrença e horror gravado em seu rosto. Ela recuou, a mão sobre a boca, balançando sua cabeça, e enquanto Lore observava, ela tropeçou e caiu no chão.

Wraith se moveu lentamente pelo corredor em direção ao quarto, seus olhos fechados, mas seu objetivo nunca vacilando. Shade proferiu uma leve maldição e se moveu de lado enquanto Wraith levava o corpo para Gem e colocava-o diante dela.

— Não, Wraith, não. — Ela agarrou sua mão, suplicando-lhe para fazer que Kynan não estivesse morto.

Shade e Wraith ambos inclinaram suas cabeças até que Gem desabou sobre Kynan, soluços destruindo seu corpo.

Wraith parecia pesar mil libras enquanto ia para Serena.

Ninguém na sala parecia saber o que fazer, mas as lágrimas de Gem perfuraram o coração de Lore. Ele deveria usar esta oportunidade para confortá-la, para tirar proveito de sua perda. Se ele tivesse sido o único a matar Kynan, é o que ele teria feito.

Mas vê-la sofrer não era agradável.

— Shade! — O cara não se moveu. — Shade!

— *O quê?* — Ele ainda estava em pé, cabeça baixa.

— Liberte-me.

— Vá se foder.

— Shade. — Lore engoliu, sabendo que isso era louco e que não deveria funcionar porque ele não sabia como Kynan morrerá, mas ele precisava tentar. — Eu posso ser capaz de ajudá-lo. — Ele manteve sua voz baixa, não querendo dar falsas esperanças.

Shade se virou, lentamente, olhos injetados de sangue e estreitos. — Se isso for um truque, saiba que não tenho problema nenhum em matar um irmão.

Lore deu apenas um aceno com a cabeça, e Shade se agachou, liberando as correntes que o seguravam.

Com Shade em seus calcanhares, ele se moveu para Gem e Kynan. Ela estava caída sobre ele, seu rosto enterrado em sua garganta.

Tomando uma respiração profunda, Lore se agachou aos pés de Kynan. Ele agarrou o tornozelo ainda quente do humano. Concentrou-se, deixou o seu dom trabalhar a sua maneira para baixo dos seus ombros aos seus dedos, até que sua marca brilhava. Uma onda de energia se espalhou na perna do humano, em seu torso, seu peito, suas extremidades.

O coração despertou. Mas o corpo estava drenado de sangue, e levaram vários preciosos minutos para sua medula iniciar a produção de novo sangue para preencher suas veias.

Gem virou-se para Lore, seus olhos inchados quase fechados, mas a raiva possessiva brilhou através de sua miséria. — Afaste-se dele.

Shade se ajoelhou ao lado dela e sussurrou algo em seu ouvido. Ela assentiu e voltou a soluçar.

Ali. O coração bateu. Uma. Duas vezes. Ele estremeceu como se não soubesse o que fazer a seguir... e então começou em uma batida forte e constante. O peito de Kynan subiu, e seus lábios se separaram enquanto ele tomou uma gigante, sufocante respiração.

— Kynan? — Gem se embaralhou com ele. — *Kynan?*

— Sim — ele respondeu asperamente. — Merda. Sim.

Gem guinchou com alegria e jogou-se ao redor dele. Lore se levantou

e se afastou. Uma mão desceu sobre seu ombro. Shade.

— Obrigado.

— Não mencione isso — Lore disse. — *Realmente*.

Merda. Essa foi uma coisa estúpida para fazer. Lore esfregou sua mão no peito, sobre a cicatriz em forma de mão sobre o coração. Esses caras podem ter a resposta para quem ele era, mas realmente, isso importa? Ele poderia fingir ser seu próprio homem, poderia fingir ser um agente livre. Mas a verdade é que ele estava em uma pequena rédea conectada ao punho de um demônio que poderia, e pode, chamá-lo para o serviço a qualquer momento, em curto prazo, e para trabalhos verdadeiramente maus.

Ele sentiu a vida que Lore trouxe de volta, e haveria punição. No topo da punição, o não cumprimento do contrato para matar os irmãos. Se houvesse uma coisa que Detharu que não poderia suportar, era voltar atrás em um voto.

Isso, e sendo enganado, ficando sem a sua parte no dinheiro da morte.

Então Lore estava em uma porrada de dor.

Coisa boa, então, que ele gostou.

[1] Frisbees são objetos em forma de disco, geralmente feitos de plástico com diâmetro entre 20 a 25 centímetros. Seu formato permite o voo quando são lançados em rotação. O nome Frisbee é uma marca registrada da empresa Wham-O toy, mas é muito frequentemente usada para descrever todos os tipos de "discos voadores" usados para recreação.

Vinte e Nove

Wraith ignorou os Guardiões que encararam o estado de suas roupas, o sangue pingando dele, e sim, talvez a visão do pequeno pedaço do Céu na mão. Val não só olhava. Ele estava sentado calmamente em uma cadeira ao lado da cama de Serena, a cabeça curvada, segurando a mão dela.

O alívio de Kynan estar vivo era pouco pelo fato de que Serena estava deitada mortalmente quieta na cama, seu peito subindo e descendo com respirações rasas. Shade agarrou seu pulso e canalizou pouco do seu dom para ela.

— Ela está bem — ele disse em voz baixa. — Eu estou apenas mantendo-a dormindo para retardar o... — ele não precisava terminar.

— Bem, demônio? — Perguntou o Antigo chamado Juan.

— Sim, sim. Eu tenho o seu precioso amuleto. Wraith deixou o colar deslizar entre seus dedos, vendo como todos, exceto Val, estavam em pé, prendendo a respiração, esperando para ver o que ele faria.

— Você precisa entregar essa coisa, demônio. — Isso veio da única Antiga presente, Regan.

— Para você?

— Sim. — Ela estendeu a mão. — O Aegis é o mais qualificado para mantê-lo-

Wraith riu. — De verdade, vocês são tão cheios de si. — Ele andou para frente. — Eu vou entregar para Tayla, então.

— Não! — Juan parecia como se fosse ter uma convulsão. — Ela é... ela é...

— Meio demônio? — Wraith tentou ajudar. — Mas ela é uma Guardiã, e eles não são os mais qualificados para guardar isso?

A respiração crepitante de Serena lembrou-lhe que ele precisava parar a brincadeira. Lembrando o que Reaver disse, ele se agachou ao lado do único humano na sala, além de Serena, que era

digno de respirar o ar da Terra.

Kynan ainda estava sentado no chão, o suor por toda sua pele pálida, sendo apoiado, tanto quanto Wraith poderia dizer, por Gem.

Kynan ficou tenso. — Wraith, não...

Wraith fechou o colar em torno do pescoço de Kynan e encarou. — É seu cara. O destino de toda a humanidade está em suas mãos. — Ele piscou. — Sem pressão.

Enquanto os humanos ficavam boquiabertos olhando para Kynan, Wraith pegou Lore pelos ombros. — Você. Você pode trazer de volta os mortos?

O cara o olhou com calma. — Às vezes.

Wraith o empurrou contra a parede. — Sem meias respostas. Eu quero saber se algo acontecer com ela — ele apontou para Serena, — você pode consertá-la.

O olhar de Lore era vazio e escuro. — O que está matando-a?

— Infecção de demônio.

— Então, não. Tem que ser de causa natural.

Wraith fez um gesto para Kynan. — Ter seu sangue drenado por um vampiro não é exatamente uma porra de causa natural.

— Mas, sangramento é. — Lore encolheu os ombros. — O problema da sua humana é sobrenatural. Nada que eu possa fazer, a não ser fazer acontecer mais rápido.

A sugestão casualmente falada sugerindo que Lore poderia matá-la com facilidade disparou o temperamento de Wraith. Mas antes que pudesse rasgar membro por membro do cara, Shade colocou um braço em volta do seu peito e o arrastou para longe.

— Não é a hora para isso, mano — disse Shade. — Não é a hora para isso.

Shade estava certo, mas isso não impediu Wraith de mandar para Lore um olhar de *you're my fault*, enquanto ele alcançava Serena. — Estamos levando-a para UG. Agora.

Ele queria que ela estivesse ao redor de pessoas que ela

conhecia enquanto ele lutava contra Byzamoth, mas agora ele queria que ela tivesse os melhores cuidados médicos disponíveis em um ambiente que pensava como seu lar.

Lar. Na verdade, ele nunca pensou nisso dessa forma. Até agora. Porque ele acabou de perceber que lar era o lugar que você voltava quando as coisas estavam ruins.

E isso era tão ruim quanto podia ser.

†††††

Kynan estava sentado, imóvel e em estado de choque enquanto Shade e Wraith levavam Serena em direção a porta. Val tentou interferir, apenas uma vez, mas Wraith disse algo que o congelou de uma vez no chão.

Quando estavam saindo, Reaver entrou, parecendo como se tivesse passado por um moedor de carne, mas pelo menos ele estava vivo. A última vez que Kynan o viu, parecia que aquela seria sua última respiração. Então, logo após isso, Kynan deu a sua própria última respiração.

Wraith segurou Serena contra o peito, mas ele fez uma longa pausa, o suficiente para dar a Reaver um aceno respeitoso, que foi devolvido, e depois os dois irmãos foram embora.

Gem ainda não havia soltado Kynan, estava envolvida em torno dele como um cobertor. Lágrimas deixaram riscas pretas pelo seu rosto, mas ele nunca viu nada tão bonito. Se ele apenas soubesse que ele precisava morrer para recuperá-la, ele teria feito isso antes.

E espere, *como* ele voltara?

Juan virou para Kynan. — Este foi um grande erro. Entregue o colar. O Sigil vai guardá-lo.

Regan balançou a cabeça, fazendo sua longa, escura ponta de cabelo balançar em torno de suas coxas. — Uma vez que o colar é fechado, ele não pode ser removido, exceto por um anjo.

— Só se ele estiver encantado — disse Reaver, — o que ele não está. Mas, se alguém tentar levá-lo, vai ter que passar por mim.

Os Antigos pareceram menos do que entusiasmados com essa

perspectiva.

Um calor curioso emanou do cristal nublado do final do colar, aquecendo sua pele. Como poderia algo tão pequeno, do tamanho de uma bola de gude, ter causado tanto problema? Parecia bastante inocente, mas era um pedaço do Céu. Ele nem sequer conseguia envolver sua mente em torno disso, em torno do fato de que ele o tocava.

Wraith, obviamente, cometeu um grande erro ao dar a coisa para ele. O Sigil seria o melhor guardião para ele. Ele estendeu a mão para o colar, preparado para entregá-lo.

Um clarão ofuscante pegou todos eles desprevenidos. Quando a luz se apagou, Kynan quase engoliu a língua.

Em pé, no meio da sala, banhada em uma luz pálida, estava um anjo. Mulher, com fibras de ouro no cabelo e vestida com uma túnica branca que ia até joelho. Ela tinha uma espada na bainha em sua cintura, e em sua mão uma foice de ouro.

Ela olhou para todos na sala, e eles praticamente ficaram boquiabertos e reverenciaram-na. — Aegi. Guardiões da raça humana. Você me faz sentir humilde. Eu sou Gethel. Saudações.

Ela se moveu em direção Kynan, seus passos silenciosos, seu andar gracioso, e ele se sentia como um rato capturado na mira de um gato. Ele queria ajoelhar-se ou algo assim, mas ele não podia se mover mesmo que seu coração estivesse martelando tão forte que ele pensou que sua caixa torácica podia quebrar. Ela sorriu como se ela soubesse o que ele estava pensando.

— Você honra sua raça, humano. — Ela tocou-lhe no ombro, e uma estranha, incrível energia atravessou por meio dele. — Você está encantado.

Pare de ficar escancarado. — Por quê?

— Você deu sua vida para salvar tudo o que existe. — Ela sorriu. — E você mantém o amuleto.

— Você deveria dar a outra pessoa.

— Por que você acha isso? — Houve uma feroz inteligência em seus olhos que lhe disse que ela sabia sua resposta.

— Porque — disse ele, inclinando a cabeça. — Eu não sou digno.

— Você sente que não é digno, porque você se desviou do caminho em que estava?

Isso provavelmente incluía tudo. Ele perdeu a si mesmo por tanto tempo, e ele não estava cem por cento certo de que ele estava de volta.

Ela o tocou de leve no rosto. — Você foi testado. Você caiu e voltou para o seu caminho. Somente alguém com uma força extraordinária pode colocar a sua vida novamente no caminho certo. Aqueles que nunca caíram não provaram sua determinação de encontrar seu caminho de volta.

— Mas... por que eu?

— Você é descendente de Sariel.

— Grigori — Kynan respirou. — Um observador. Os Grigori foram anjos enviados à Terra para zelar pela raça humana, mas eles finalmente sucumbiram à luxúria e se relacionaram com as mulheres. O Exército estava certo.

E ele nasceu de homem e anjo morrerá em face do mal e ainda pode suportar o fardo do Céu...

Céu... ele tocou o amuleto. Heofon. *Meu Deus.*

— De fato. — Ela sorriu para ele. — Você vai ter um papel vital na Batalha Final, assim como sua prole. Eles nascerão encantados, os primeiros a ter o encanto repassado de tal forma, e você vai criá-los como guerreiros. Porque um dia, eles lutarão por toda a humanidade.

— Ok.

Ok? Um anjo disse a ele que o futuro da humanidade estava nas mãos dele e de sua prole, e ele diz, ok?

Ela riu, um leve som musical. — Ok.

Mão caindo para o punho da sua espada, ela virou para Reaver, que se apoiara contra a parede. Seu cabelo pendurado em volta do rosto, ele parecia meio selvagem, mas ele empurrou para longe da

parede e encarou Gethel, ombros para trás, o orgulho em seus olhos.

— Reaver. — Ela se virou para ele, parando a um pé de distância. — Você interferiu onde você estava proibido. Você se associou com demônios e revelou segredos divinos para eles.

— Eu fiz. — Reaver abaixou a cabeça, e quando ele levantou-a, seus olhos brilhavam em desafio. — E eu não mudaria nada.

Os dedos dela acariciavam a bainha de rubi da espada e o pulso de Kynan acelerou loucamente. Gem temia por Reaver também, seus dedos apertando o peito de Ky quando ela ficou tensa.

— Estranho, não é — disse Gethel, — que, juntando seres humanos, demônios e um anjo caído foram a salvação do mundo. — Ela se inclinou e disse baixinho, tão baixinho que mal Kynan ouviu. — Você fez bem.

Um olhar de choque passou nos olhos de Reaver quando ela recuou. Luz envolveu o ex-anjo, e de repente, ele parecia como ele era antes de cair. Ele era... de ouro. Sem sangue, sem ferimentos.

Um sorriso de êxtase passou por seu rosto quando ele inclinou a cabeça para trás e abriu os braços. A sensação de paz inundou a sala, e depois Reaver foi embora em um brilhante desaparecimento.

— Ele está em casa — Gethel disse suavemente. — Ele está em casa.



Gem não podia acreditar que isto estava acontecendo. Um anjo, um verdadeiro ser divino, deslizava ao redor da sala, falando com todos os seres humanos por um momento antes de passar para o próximo.

Gem imaginou que ela seria ignorada, mas depois Gethel estava diante dela, sorrindo amavelmente, como se Gem não fosse um demônio. Gem encarou, porque ela não podia muito bem falar com um anjo no chão.

— *Você não é um demônio* — o anjo disse, embora seus lábios não se movessem. Gem a ouvia em sua cabeça.

Mas eu sou. Meu pai...

Violou sua mãe. Você nasceu de uma mulher humana, sem escolha própria. Sua alma é humana.

Sério?

O anjo balançou a cabeça. Sim. Como você trata essa alma é escolha sua.

Mas... Kynan. Se ele precisa ter filhos encantados, eu não posso... quero dizer, eu não poderia...

Os olhos de Gethel pareciam em chamas. Você pode. E enquanto você estiver com Kynan, você vai partilhar a sua imortalidade. Você também tem um papel a desempenhar.

Gem piscou, e então ela estava de pé na sala que havia estado repleta de pessoas, mas ela estava sozinha com Kynan, que a puxou para seus braços como se ele nunca fosse deixá-la ir. Não que ela fosse deixá-lo fazer isso.

— Então — ela murmurou, — você é meio que um cara com uma profecia imortal agora, hein?

— É o que parece. — Ele colocou um dedo em uma mecha do cabelo dela. — Eu sempre quis salvar o mundo. Cuidado com o que você deseja, eu acho.

Ela piscou para conter as repentinas lágrimas que brotaram de seus olhos. — Deus, você me assustou. Quando Wraith trouxe você de volta...

— Shh. — Ele colocou um dedo sobre os lábios dela. — Acabou.

Ela o socou no ombro. — Não faça isso de novo.

— Eu sou meio que imortal agora — disse ele, — então eu estou pensando que não vai acontecer novamente. — Ele tirou os cabelos do rosto dela. — Mas Gem, onde nós estamos?

Ele estava livre de cicatrizes como um bebê recém-nascido.

— Eu acredito em você, Ky. Eu culpei você, mas o tempo todo, o problema era meu. Eu tenho sido um produto de dois mundos por tanto tempo, nenhum totalmente me aceitando, e não parecia possível que eu pudesse viver com você em apenas um mundo.

— Então o que mudou?

— Você morreu Kynan. Eu tinha tantos arrependimentos. E percebi que o que você fez não foi apenas para os seres humanos, foi para todas as espécies - humana, animal, demônio. Eu pertenço a dois mundos... mas você sabe o quê? Nós partimos do mesmo. E os nossos filhos? Eles vão pertencer a um mundo. O nosso.

— Isso soa muito... iluminado. E talvez um pouco piegas.

— Você está tirando sarro de mim.

— Sim. Ser ressuscitado me coloca de bom humor. — Ele franziu o cenho. — Como é que isso aconteceu, afinal?

— Ah, acredite, você não quer saber.

Seus lindos olhos azuis brilhavam quando seu olhar se intensificou em algo que tirou seu fôlego. — Eu te amo, Gem.

As palavras que ela esperou tanto tempo para ouvir acalmaram seu coração, onde Kynan sempre esteve, e onde ele sempre estaria. — Ainda bem, porque parece que ambos temos papéis a desempenhar.

Suas pálpebras ficaram pesadas, e sua voz ficou baixa e profunda. — Talvez devêssemos começar a desempenhar, então...

Trinta

Serena não tinha certeza como ela foi parar em um hospital, pelo menos, ela pensou que era um hospital. Sua visão estava embaçada e sua cabeça latejava, mas ela podia distinguir os equipamentos médicos. E outras coisas menos assustadoras, como correntes e garras de ferro gigantes. As paredes cinza de aço faziam o quarto parecer cavernas, escritas com cor de sangue seco e símbolos marcando-as, como desenhos rupestres.

Ela fechou seus olhos e se perguntou se estava sonhando. Sugada para estar sonhando sobre um hospital, no entanto. E os sons dos bipes eram tão reais...

— Ei.

A voz de Josh caiu sobre ela, e ela sorriu, olhos ainda fechados. — Ei. Nós ganhamos?

— Nós os esmagamos.

— O amuleto?

— Não poderia estar mais seguro.

Ela arrastou uma respiração aliviada e tentou fingir que não ouviu a agitação morta em seus pulmões. — Estou em um hospital?

— Underworld General. O centro médico do qual lhe falei. Tratamos muitos não-humanos aqui.

Ela tinha certeza que ele não estava falando de práticas veterinárias. — Onde está Val?

— Em um avião para Nova Iorque. Então, ele é seu pai?

— Aparentemente.

Ele pegou sua mão e massageou sua palma, trazendo a circulação em seus dedos gelados. — Assim que seu avião pouse, vou me certificar que você o veja.

O que não iria acontecer, e ambos sabiam. Mas foi legal da parte dele

mentir. — Eu gostaria... gostaria de poder ficar.

— Não vá — a voz de Josh se quebrou, e ela sentiu sua testa cair sobre o braço dela. — Por favor, não vá.

Necessitando vê-lo, visão embaçada ou não, ela abriu seus olhos. — Eu não mudaria nada, você sabe. Eu ainda teria feito amor com você.

Uma lágrima quente caiu no braço dela. — Eu mudaria tudo — ele respondeu asperamente. — Qualquer coisa para você não estar... não estar...

— Morrendo. — Ignorando o puxão da linha IV, ela passou os dedos pelos cabelos sedosos dele, lembrando-se da maneira que ele deslizou sobre sua pele quando ele beijou todo o caminho de seu corpo. A forma como isso fez comichar suas coxas quando ele lhe deu prazer com sua hábil língua. — Você pode dizer isso. Está tudo bem. Mas há uma coisa que eu mudaria. — Seu rosto aqueceu quando ele olhou para ela, com olhos avermelhados e lacrimejantes.

— O quê?

— Eu teria, Deus, isso vai soar estúpido, pedido para você me morder. Você sabe, a coisa vampiro.

Um canto de sua boca subiu. — Eu queria. Você não sabe o quanto eu queria.

Ela puxou um afiado suspiro. — Talvez você pudesse... poderia me transformar em um?

Ele olhou para baixo, como se estivesse envergonhado. — Eu não posso. Não sou um vampiro verdadeiro. — Ele mordeu os lábios, a ponta de uma das sexy presas fazendo uma profunda endentação. — Mas... você realmente quer?

— Tornar-se uma vampira? — Pareceu louco quando ela disse em voz alta, não importa quão fascinada ela fosse por eles. Então, novamente, ela estava em um hospital demônio. — Você está falando sério? É mesmo possível se eu estou infectada com uma doença de demônio?

— Eu não sei. Apenas... espere, tudo bem? — Ele correu a palma de sua mão pelo braço até o pescoço dela para segurar seu queixo firme enquanto roçava seus lábios sobre os dela. Ela mal sentiu o contato, mas a emoção por trás saiu forte, e aqueceu seu corpo gelado. — Se isso acontecer, quero me vincular a você.

— Vincular? Como casamento?

— Mais ou menos. Mais profundo. Mais permanente.

Ela começou a chorar. Ela não sabia exatamente o que implicava a vinculação, mas ela percebeu que por ele querer isso era um passo monumental.

— Está tudo bem — ele disse rapidamente. — Você não precisa.

— Não é isso. — Ela fungou e tentou golpear suas lágrimas, mas ela não conseguia levantar mais o seu braço. Josh sabia, e ele tentou pegá-las com seus dedos como se fossem diamantes preciosos. — Eu sempre sonhei em ter uma família, mas com o encanto, não poderia acontecer. E agora... agora que está ao meu alcance... — Ela iria morrer.

— Foda-se. — Josh gritou para seus irmãos, que estavam lá em um instante.

— O que você precisa? — Shade perguntou, enquanto Eidolon verificava sua IV e as várias máquinas ligadas a ela.

— Mantenha-a bem até eu voltar. E enquanto eu estiver fora, explique o vínculo para ela. — Ele a beijou ternamente. — Estarei de volta em pouco tempo. Não... vá a qualquer lugar.

Ela abriu a boca para dizê-lo que o amava, mas nada saiu. E agora ele nunca saberia.

†††††

Enquanto Wraith ficava na antecâmara da sala de reunião do Conselho Vampiro, ele orou para quem quisesse ouvir para que aqueles idiotas viessem depressa. Deuses, ele não podia acreditar que estava fazendo isso. Não podia acreditar que ele estava pensando em transformar a fêmea que amava na única espécie que fazia sua pele arrepiar.

Ele passou sua vida matando vampiros quando e onde ele podia, e agora ele não estava apenas indo ficar de joelhos para lhes implorar um favor, mas estava indo fazer para que ele pudesse passar a eternidade com um.

Obviamente, ser encantado não curava a loucura... porque isso, isso era loucura.

A porta de madeira repleta de ferro para a câmara principal chiou aberta, e um maciço vampiro usando um manto negro e uma espada em seu quadril encheu a porta. — O Conselho aguarda — ele zumbiu.

— Aposto que sim — Wraith murmurou, enquanto passava raspando o macho.

Dentro, velas vermelhas e negras queimavam em arandelas prateadas e candelabros de cobre, iluminando a sala no que poderia ter sido um conjunto de filmes B. Dos tapetes lançavam doses de carmesim com ouro e de tamanho natural, retratos de heróis vampiros datando todo o caminho de volta a Roma antiga, o lugar era um clichê de Hollywood.

Os membros do Conselho, dezessete deles, sentados em um semicírculo em seus altos tronos. O vampiro da mais alta patente do mundo, o Key, fez um sinal para Wraith ir para frente. Levou cada grama da força de vontade que Wraith possuía para obedecer Komir quando o que ele queria fazer era colocar uma estaca em todos eles.

— Isso é inesperado, incubos — Komir disse, enquanto Wraith parou no centro de um pentagrama estabelecido no chão com azulejos brancos de mármore. — O que o traz aqui?

— Um pedido.

Uma mulher de cabelos negros a direita de Komir riu. — Você, que zomba da lei dos vampiros e mata sua própria espécie, quer algo de nós?

— Isso resume tudo. — Assim que as palavras saíram de sua boca ele se arrependeu e ofereceu uma tensa desculpa. — Estou exausto. Você sabe, de salvar o mundo.

Uma das sobranceiras grisalhas de Komir se elevou. — Sim, nós ouvimos. — Ele bateu seus dedos no braço de seu trono. — Então o que você quer, oh, grande herói?

Burro sarcástico. Wraith respeitou isso, embora ele odiasse respeitar qualquer coisa desses estúpidos. Ele podia pedir para um dos membros vampiro da UG para transformar Serena, mas ele não podia arriscar as consequências. Era contra a lei vampira transformar um humano sem a permissão do Conselho. Aqueles que infringiam a lei estavam sujeitos a uma série de punições, incluindo a execução, um destino compartilhado por seus prodígios.

— A humana que eu gostaria de ter como companheira está morrendo. Eu, ah... humildemente... peço que ela seja transformada.
— Ele preferia ser batido a implorar por qualquer coisa. Mas isto foi por Serena, e por ela, ele imploraria até que ficasse azul.

Um baixo resmungo veio de um macho de cabelo vermelho no fim do semicírculo. — Você massacrou meu irmão. Prefiro matar você a ajudá-lo.

Vários outros murmuraram em acordo com Red, e o intestino de Wraith deslizou lentamente para seus pés. Eles iriam rejeitá-lo.

— Por favor — Wraith disse inclinando a cabeça. — Faço qualquer coisa.

Komir sentado ali, todo imperioso. Após um longo, dramático silêncio, se dirigiu ao Conselho. — Quem objeta ao pedido de Wraith?

Todos levantaram a mão, e os joelhos de Wraith ficaram como borrachas.

— Deixando o Conselho de lado, estou propenso a lhe conceder este favor — Komir disse, e o coração de Wraith saltou. — Mas isso vai contra tudo o que somos. Devemos escolher aqueles que transformamos muito cuidadosamente. Um vampiro que procria outro é responsável pela introdução do transformado a cultura dos vampiros. Passamos um ano com eles, ensinando nossas maneiras, compartilhando tudo, desde a alimentação ao sexo.

Wraith ficou tenso, não conseguindo impedir o baixo rosnado acampado em seu peito. Nenhum vampiro levaria Serena para cama. Nunca. — Eu vou fazer isso.

— Você? Você evitou a sociedade vampira e fez uma paródia da mesma. Assassinou sua própria espécie sem misericórdia.

— Eu estava errado.

— Você está mentindo.

É claro que ele estava. A vida de Serena está na linha, e ele nunca teve problema com a mentira. Ele normalmente era mais convincente, no entanto.

Ele deu um passo adiante. — Vê estes olhos? Eles deveriam ser marrons. Mas eles são azuis porque os vampiros arrancaram os que eu

nasci. Vampiros. Antes de eles me fazerem isso, eles me penduraram em vigas e descascaram minha pele. Queimaram a sola dos meus pés com maçaricos. Evisceraram-me para que meus irmãos tivessem que empurrar tudo de volta e pregar meu intestino no lugar para que não deslizesse para baixo para minhas unhas dos dedos dos pés. — Ele saiu do círculo onde era suposto estar dentro. — Então me diga, seu bando de fudidos babacas, por que eu deveria ter abraçado minha metade vampira. *Diga-me!*

Vários deles desviaram o olhar.

— Isso é o que eu pensava.

Komir ficou em pé. — Seus irmãos nos informaram sobre seu passado. Seu maior medo é a tortura, não é?

— É o meu segundo maior medo — Wraith disse, sua voz forte e segura. — Meu primeiro é perder Serena.

— Eu quase acredito em você.

— É melhor acreditar.

— Talvez você deva provar isso. — Komir andou em volta da mesa meia-lua e parou ao lado de uma plataforma manchada de sangue. — Tem havido muita dor em ambos os lados, nosso e o seu. Mas haverá mais. Se você quiser salvar sua fêmea, terá que enfrentar seu medo.

Oh merda.

— Você está disposto?

Wraith olhou para a plataforma e flashbacks de ser enforcado no armazém brilharam em sua mente.

Ele lutou para ficar em pé enquanto enfrentava Komir. O encanto não poderia protegê-lo disso se ele concordasse. — Sim.

— Então traga ela para mim.

Alívio inundou Wraith, mas terror o seguiu em seus calcanhares quando ele olhou para o altar. De jeito nenhum Serena viria aqui, para ser apresentada como um sacrifício na laje de pedra. Ele sabia como o ritual funcionava. O humano seria despido e exposto ao Conselho. Os membros inspecionariam o humano, tocando-o da maneira que desejassem até o procriador, também nu, o provesse. Sexo não era

exigido para a mudança, mas passaria de mão em mão, e muitas vezes enquanto partilhavam sangue, o procriador e a vítima fodiam enquanto o Conselho observava. Ou participava.

— Você irá até ela — Wraith disse.

Komir estalou os dedos na frente dele. — Você realmente não quer isso, não é?

— Serena está muito doente para se mover. — Para garantir, acrescentou entre os dentes. — Se isso agradá-lo.

Uma corrente de ar frio circulou na sala, trazendo consigo o desprazer de Key. Ele lampejou de onde ele estava para diretamente atrás de Wraith, pressionou seu peito nas costas de Wraith enquanto se inclinava e colocou a boca no ouvido de Wraith.

— Nada disso me agrada — ele murmurou. — Mas você pegar uma vampira como companheira depois de tudo o que você sofreu, talvez seja tempo do Conselho lhe dar um novo começo. Mas Serena será minha para doutriná-la na vida de vampira.

Wraith queria lamentar por sua dor, mas se essa era a única forma de afastá-la da morte, ele teria que lidar com isso. De alguma forma.

Mas no segundo que ela fosse liberada dos cuidados de Komir, Wraith se vincularia com ela. Ela era dele, e ele estava indo se certificar de que nenhum macho de qualquer espécie iria tocá-la novamente.

— Sim — ele respondeu asperamente. Ele limpou a garganta e disse alto, para que todos na porra da sala pudessem ouvir. — Sim.

Komir arreganhou seus dentes. — Então vamos matar sua mulher.

Trinta e Um

Wraith correu para o quarto de Serena com Komir em seus calcanhares. Shade estava sentado na cabeceira da cama de Serena, cabeça baixa, dedos enrolados com tanta força ao redor do pulso dela que sua mão estava branca. Sua *dermoire* brilhando ferozmente, e Wraith sabia que ele estava queimando uma carga de energia para mantê-la viva. Shade nem mesmo olhou para ele. Não disse uma palavra. Isso era mal. Muito, muito, mal.

Eidolon veio por trás de Wraith. Ele estava de uniforme, seu estetoscópio envolto ao redor do seu pescoço, parecendo como o médico que era, incluindo sua expressão sombria.

— Sinto muito, Wraith — ele disse suavemente, — mas no momento que Shade soltar...

— Então não solte. — Wraith virou-se para Komir.

— Talvez se ela for capaz de engolir sangue — Komir balançou a cabeça. — Há sempre um risco, completamente dez por cento de certeza que não tome. E com ela estando longe...

— Ah... o que está acontecendo? — Eidolon olhou para Komir. — Isso é o que acho que é?

— Se você está pensando que seu irmão quer transformar esta humana em vampiro, então sim, é o que você pensa que é.

— Sinos do Inferno — Shade murmurou, ainda não olhando para cima.

— Não vou discutir sobre isso — Wraith disse. *E* ergueu as mãos e deu um passo para trás.

Komir se moveu para o lado de Serena, e a frequência cardíaca de Wraith aumentou. Nervos e ciúmes iriam destruí-lo. Embora o vampiro mais velho, provavelmente, sentiu as ondas de calor vindas de Wraith, ele as ignorou. Ele andou ao redor da cabeceira da cama e segurou o rosto de Serena em suas mãos. Gentilmente ele inclinou a cabeça dela para o lado. Suas presas se estenderam, enormes ventosas que, em um momento, seriam enterradas no pescoço de Serena.

— Seria melhor se eu estivesse deitado com ela.

— Não! — Wraith gritou e *E* o agarrou antes que ele fizesse algo estúpido, como colocar o vampiro para fora. A escrita nas paredes começaram a pulsar enquanto a ameaça de violência crescia.

— Fique calmo, irmão — *E* disse, e Wraith se apoiou em direção a porta, uma dor terrível e possessiva centrou em seu peito. Talvez se ele não assistisse...

Komir liberou Serena, e oh merda, Wraith tinha apenas estragado tudo. O vampiro passou por ele. — Venha comigo.

Wraith não teve outra escolha senão seguir, e uma vez que estavam fora da sala, Komir virou-se para ele. — Bata-me.

O feitiço Haven impedia a violência, mas, com o encanto de Serena, se a pessoa queria a violência, isto era diferente. — Por quê?

— Libere sua agressividade agora, demônio. O ritual não pode ser interrompido.

Wraith cerrou os punhos. — Não temos tempo para isso.

— Então posso acertar você?

— Tudo bem, vamos ir em frente com... — O punho de Komir bateu na boca de Wraith com a força de uma bola de demolição, derrubando-o de lado e espirrando sangue na parede. Outro golpe veio para ele, mas Wraith girou fora do alcance e chocou seu punho na mandíbula de Komir.

O vampiro bateu contra um carrinho e deslizou nada gracioso para o chão. Ele olhou para suas juntas sangrando e estremeceu. — Você tem um gancho de direita forte e um rosto duro. — Ele sacudiu a mão e a empurrou em sua boca. Todo seu corpo ficou tenso, e ele puxou sua mão de seus lábios. Ele olhou para ela. Então olhou para Wraith. — Você tem gosto de... anjo.

— Ah, isso. Eu meio que drenei um hoje.

Komir ficou em seus pés e deslizou seu cabelo grisalho para trás como se tivesse ficado confuso durante a briga. — Então você não precisa de mim.

Esperança elevou-se através de Wraith, seguida imediatamente pela

confusão. — O que você quer dizer?

— Nossa raça, ela foi criada por anjos caídos. O sangue deles flui em nossas veias. É o sangue do anjo caído que ativa a transformação.

— Então, se Serena beber meu sangue antes do sangue de Reaver filtrar...

— Sim. Vá.

— Eu não sei como. Os detalhes. — A admissão o envergonhou. Ele passou muitos anos mergulhado no ódio para aprender alguma coisa sobre vampiros, além de como caçá-los e matá-los.

— É o instinto, Wraith. — Komir disse. — Alimento além do ponto sem retorno, mas não até que o coração pare completamente. Em seguida dê o seu sangue. Tanto quanto ela tomar. Quanto mais, melhor.

— E depois disso?

— Você vem para mim. Tem uma promessa para cumprir.

Então, mesmo que ele transformasse Serena, eles ainda iriam torturá-lo. Bastardos.

— Obrigado.

Komir inclinou sua cabeça. — O que você fez no Monte do Templo lhe facilitou a gratidão do Conselho.

— Você tem um jeito engraçado de mostrá-la — ele murmurou, mas não deixou o tempo passar. Ele disparou para o quarto de Serena e caiu de joelhos ao lado da cama. Sem perder tempo, ele afundou seus dentes no fino pulso dela, tão gentilmente quanto era possível.

O sangue de Serena bateu na língua dele, o rico sabor o fazendo gemer e estremecer. O sabor da morte manchou o doce tempero. Derramou na garganta dele em uma cascata de seda quente, e ele desejou como o inferno que ele estivesse bebendo dela em um frenesi de paixão ao invés de drenando-a na esperança que ela voltasse para ele.

O fluxo começou lento e fino, mesmo quando o coração dela tentava freneticamente compensar a perda de sangue. O pulso dela bateu contra os dentes dele quando ela atingiu a fase crítica que seduzia todos os vampiros. Neste ponto eles tinham uma escolha: parar e

deixar suas presas vivas ou tomar um pouco mais e sentir-se chapado enquanto a vítima começava a morrer.

Wraith precisava que ela morresse.

Ele tomou mais dois fortes puxões. O pulso dela estava fraco e filiforme, mal existia. Rapidamente, ele saltou em seus pés e usou suas presas para abrir uma veia em seu pulso. Ele segurou o pulso nos lábios dela. Sangue correu em um espesso fluxo abaixo de seu queixo.

— E? Por que ela não está se alimentando? — Pânico fez sua pergunta um grito.

— Ela está muito longe. — Eidolon amaldiçoou. — Bem, teremos que fazer com que beba a força. — Ele espalmou a testa dela com uma mão e colocou a outra para abrir a boca dela, estilo respiração cardiorrespiratória. — Podemos precisar inserir um tubo de alimentação.

Wraith acendeu seu dom e mergulhou na mente dela. Era toda luz girando lá, nenhuma substância, nenhuma consciência, exceto por uma tristeza e um coração arrasado.

— Oh não minha *lirsha* — ele sussurrou. — Volte. Volte para seus sonhos. Estou aqui. Estou esperando. — Ele se inseriu no turbilhão de luz, forçando a substância se formar ao seu redor. Ele colocou-se diante da Grande Pirâmide, com areia douradas ao redor dele.

E então, ela estava lá. Em pé em frente a ele em um vestido transparente e fluente branco. — Onde você estava? Eu estive tão perdida.

— Eu estive bem aqui, baby. Eu sempre estarei aqui. — Ele a pegou pelos ombros e a trouxe para ele. — Eu vou ter que deixar você ir, mas apenas por pouco tempo.

— Mas...

— Você confia em mim?

Seus líquidos olhos sorriram para ele. — Sim.

Ele a atingiu, enterrando suas presas em sua garganta. Ela ofegou antes de suspirar e relaxar contra ele. Ela tinha um gosto bom aqui, nenhuma mancha de morte. Apenas o néctar puro e doce que somente ela poderia ter correndo em suas veias. Ele queria fazer amor com ela

no sonho, mas mesmo agora ele sentiu a fraqueza dela em seus braços.

Relutantemente, ele desengatou suas presas. Levantando, ele cortou sua própria garganta com a lâmina que imaginou em suas mãos.

— Josh!

— Shh. Está tudo bem. Beba. Bega agora, e beba forte. Depressa, Serena!

Ela se agarrou como se não tivesse sido alimentada por séculos. Ela era uma caçadora, com instintos assassinos como se ela estivesse procurando relíquias antigas ou tirando sangue. Tão. Malditamente. Quente.

Distantemente, ele ouviu a voz de Eidolon. — É isso aí Serena. Engula.

Estava funcionando. Ela estava bebendo no sonho e na vida real, e... ela tinha ido embora. Ele estava sozinho na areia.

Ele voltou ao quarto do hospital, onde ela estava engolindo fracamente enquanto o sangue dele fluía em sua língua.

O monitor cardíaco bipava calmamente. A máquina de pressão arterial sibilou enquanto liberava o ar do punho ao redor do braço dela. A IV pingava uma solução salina incessantemente para dentro do tubo conectado nas costas de uma das mãos. E ele ficou ali, sentindo frio e vazio.

Foda-se. Isso não seria uma operação clínica. A mulher que ele amava o tomaria a maneira como isto deve acontecer. Com ele enroscado a ela.

Em um movimento suave, ele girou em cima da cama estreita e se estendeu ao lado dela. Enquanto Serena engolia, ele esfregou sua garganta e lhe sussurrou palavras tranquilas, reconfortantes, que ele estava surpreso por conhecer. Ela estava gelada, muito gelada, e muito ainda.

Ele não sabia quanto tempo passou quando Eidolon afastou seu braço da boca dela e mandou uma onda de cura nele para selar a ferida.

— Ela não está bebendo mais — *E* disse. — Se isso deu certo, ela vai acordar amanhã ao anoitecer.

— Isso dará certo — Wraith disse ferozmente. — Tem que dar. — Ele

passou mais alguns quietos momentos com Serena antes de Eidolon sacudir seu ombro gentilmente. — É a hora, mano.

— Não.

— Wraith, Shade está prestes a entrar em colapso.

Wraith olhou para seu irmão, que estava tremendo tão forte que seus dentes rangiam. O brilho de sua *dermoire* desapareceu e começou a cintilar.

— Você tem que deixá-la ir.

Um soluço brotou na garganta de Wraith. No momento que Shade deixasse Serena, ela morreria. E se a transformação não acontecesse...

Eu a perderei para sempre.

Eidolon deu um pequeno aperto no ombro de Wraith. Oh deuses, Wraith fechou seus olhos e assentiu. Instantaneamente o poder de Shade cortou, e o peito de Serena parou de se mover. O coração dela bateu uma vez. Duas vezes.

E não bateu mais.

O único som na sala depois disso era o som do grito de Wraith.

Trinta e Dois

Escuridão rodopiou em um infinito vazio. Não havia nada lá, apenas um vento frio e uma solidão perturbante e implacável.

E fome. Fome... como Serena nunca experimentara.

Ela sentia como se seu estômago estivesse desmoronando sobre ele mesmo com fome extrema. Mas a fome era mais profunda que isso. Até o osso. Até a alma.

Ela não conseguia abrir os olhos, então ela ficou imóvel e ouviu. Ela ouviu o baque sibilante de um coração batendo. Sussurros de leves respirações. Outro sentido rugiu para a vida: cheiro.

Ela sentiu o cheiro de algo fumegante, talvez enxofre? Então houve o inebriante, almiscarado odor de... Josh.

Calor queimou ao seu lado, um forte, agradável calor que se alongava de seus ombros até seus pés. Ela abriu seus olhos, mas fechou imediatamente contra a intensidade da luz acima. Depois de um momento, ela tentou novamente, impulsionada pela fome insana.

Semicerrando no que ela agora percebeu era uma penumbra, avermelhada, ela olhou para o teto escuro e as estranhas correntes e polias que ela nunca viu antes. Josh estava estendido na cama ao lado dela, uma perna por cima dela, um braço envolto em sua cintura. Seu rosto estava dobrado contra a curva do seu pescoço e o ombro. Ele não poderia chegar mais perto se ele quisesse.

— Josh — ela disse. Ou tentou dizer. Seus lábios se moveram, mas nenhum som saiu. Ela lambeu seus lábios, sua língua pegando em uma afiada ponta... ai.

Aquilo era... presas?

Os últimos dias passaram por ela como uma avalanche, cortando sua respiração... respiração? Espere, ela estava respirando? Mais ou menos.

Vampira.

Ela conversou com Josh sobre se tornar vampira, mas isso era tudo

que ela se lembrava. Até agora.

Uma pontada de fome cortou através dela. Com um uivo, ela dobrou-se em um sentar.

Josh estava ali em seu rosto, olhos arregalados e boca aberta. — Serena!

— Dói — ela gemeu, apertando a barriga. — Dói.

Josh levantou o lábio superior dela com seu polegar e deixou escapar um grito de vitória. — Baby, funcionou. Oh, homem, maldição funcionou!

Um véu de cor vermelha desceu sobre sua visão e o som de um coração batendo a levou a beira da loucura. Ela queria atacá-lo, devastar o pescoço dele com a boca, devastar seu corpo com suas...

Ele parecia saber, e a puxou para si, inclinando a cabeça de lado e expondo sua garganta. — Pegue o que você precisa — ele sussurrou. — Tome agora, e não se preocupe em me ferir... *uow!*

Ela enterrou seus novos dentes no pescoço dele, instinto a guiando lindamente. E não, ela não estava preocupada sobre machucá-lo afinal. Ela sentiu um momento de arrependimento quando ele latiu em dor, mas então ele gemeu e a puxou para baixo em cima dele.

Em algum nível, ela pensou que deveria estar enjoada pelo fato que ela estava bebendo o sangue dele, mas a fome sequestrou seu corpo, e a necessidade de estar com ele sequestrou seu coração e sua mente.

Uma profunda e latejante dor começou entre suas coxas, e mais uma vez, ele sabia, porque ele deixou cair uma mão e colocou em forma de concha intimamente nela. Ela estava nua sob o lençol. Tão conveniente.

Os dedos dele eram mágicos em seu núcleo, deslizando através de seu centro escorregadio e roçando seu clitóris com a quantidade certa de pressão. Sua outra mão se atrapalhou com seu jeans, e em segundos ela sentiu seu comprimento duro esfregando onde seus dedos tinham estado. Ele fez um som áspero de necessidade que combinava com o dela. Isso não seria um encontro longo e lento. Os desejos dela rugiram através, em um nível primitivo que ela não conseguia entender.

Ele se arqueou enquanto ela agarrava seu rígido pênis e se abaixava

sobre ele. A ampla cabeça esticou sua abertura sensível, a superfície de veludo um corajoso contraste para o grosso, texturizado pênis, enquanto deslizava profundamente. No momento em que se trancaram juntos, ela gozou mais intensamente, o orgasmo mais duradouro da vida dela. Josh se juntou a ela, seu grito de êxtase tocando em seus ouvidos.

— Vincule-se comigo — ele ofegou enquanto descia. — Seja minha companheira.

Ele pegou a mão dela e cruzou seus dedos através dos dele. As marcas em seus braços começaram a pulsar. Sentindo calor, um pouco bêbada, e muito bem saciada, ela levantou a cabeça de sua garganta.

— Lamba os furos — ele falou. — Pare o sangramento.

Ela fez, e ele gemeu, pressionando seus quadris tão duro nos joelhos dela que saíram do colchão. Outra liberação rugiu através dela, um orgasmo de corpo inteiro zumbia através de suas veias todo o caminho até seu crânio.

Josh a observava com olhos dourados. — Você é tão bonita — a voz dele era como um trovão erótico, e isso rolou através dela como outro orgasmo. Ele gozou, também, e antes do último tremor silenciar, ele disse novamente. — Vincule-se comigo.

Shade e Eidolon explicaram o ritual, os benefícios, e as consequências, embora ela tivesse desvanecido dentro e fora durante boa parte da conversa. Se o que ela lembrava era verdade, o ritual envolvia a partilha de sangue, o que obviamente não era um problema, e quando acabasse ela teria marcas em seu braço para combinar com Josh. Eles estariam ligados para vida, e nenhum poderia ter sexo com outros.

Ela desceu seus dedos pelo peito dele. — Explique-me os benefícios.

Ele agarrou seus quadris e a segurava ainda, porque cada pequeno movimento o fazia sibilar. — Malditos orgasmos explodindo em sua mente. Uma conexão mental. Sem solidão. Ou sexo vazio. Você terá um protetor. Um parceiro. Alguém que irá te amar para sempre.

— Querido, você me ganhou com os orgasmos.

— Deuses, eu amo você.

Ela sorriu, e ele estendeu o braço, acariciando uma de suas presas com o polegar. Uma sensação incrível disparou para seu núcleo, e ela quase

chegou ao clímax novamente. — Oh, oh, meu. Falando sobre uma zona erógena.

— Elas são tão quentes — ele disse. — Nunca pensei que diria isso.

— Elas se sentem... certas.

— Elas parecem certas.

Ela era uma maldita *vampira*! Que legal! — Então, vamos fazer essa coisa de vínculo?

— Oh, sim. Você já tomou meu sangue, então sua metade do ritual está feita. — Ele jogou a cabeça para trás e fechou seus olhos. — Cavalgue-me. Cavalgue-me duro.

Ele não teve que pedir duas vezes. Ela começou a balançar em cima dele, sentiu a eletricidade crescer rapidamente entre suas coxas. Ele alcançou a parte de trás de sua cabeça e a puxou para baixo. Ela pensou que ele iria beijá-la, mas quando ele afundou suas presas em seu pescoço, ela arfou.

E aconteceu. O mundo ao redor dela estilhaçou, e ela ouviu um grito, vagamente percebendo que veio dela.

Ele estava lá com ela. Ele agarrou sua mão esquerda com a direita dele, e o braço dele iluminou. Fogo atirou dos dedos dela para seu ombro, e uma sensação de realização derramou sobre ela enquanto desabou no peito dele. Por um longo tempo, eles ficaram assim, emaranhados, exaustos, a respiração dela vindo em ofegantes jatos.

— Sou uma vampira — ela conseguiu dizer alguns minutos depois. — Por que estou respirando?

— Eidolon disse que é reflexo. Como se o corpo não se lembrasse que não precisa respirar.

— Interessante. Acho que temos muito que aprender. — Ela suspirou, porque ela se tornou parte de um novo mundo, mas no antigo, ela tinha um pai cuja descrição do trabalho incluía matar vampiros. Falando sobre sua disfuncional família. — Acho que precisarei chamar Val. Deixá-lo saber que não estou morta.

— Bem, você meio que está. Meio morta de qualquer maneira. E sim. Ligue. Ele deixou cerca de mil mensagens em seu celular.

— E ele não ficará emocionado ao saber que sou vampira — ela murmurou. Ela puxou uma dura respiração, lembrando-se da aversão de Josh com eles. — E você? Sei como se sente sobre eles. Nós. — Deus, isso era surreal.

Ele virou a cabeça dela para a sua com um dedo sob seu queixo. — Eu não ligo para o que você é. Quem você é não muda só porque cresceram presas e está em uma dieta de líquidos.

— Mas, é mais do que isso, não é? Eu sou... má?

Ele bufou. — Se você acredita naqueles Aegis idiotas.

— Então, eu não sou?

A mão dele subiu para tirar seus cabelos de seu rosto. — Tornar-se vampiro destila certos aspectos de sua personalidade em uma forma mais pura, então você está um pouco mais honesta sobre quem você é, seja isso bom ou ruim, ainda é você.

— Eu não entendo, como você pode aceitar a coisa toda de vampiro, depois de tudo...

— Pare. — Ele se virou e se apoiou sobre um cotovelo, de modo que ela olhasse para ele. — Eu estava totalmente fodido e de saco cheio por muito tempo. O que minha mãe e seu clã fizeram para mim... bem, não há palavras para isso. Mas eu culpava todos os vampiros. Infernos, eu culpava o mundo inteiro. Tenho muitas desculpas para pedir. Começando com meus irmãos.

Ela inclinou a cabeça, observando-o, porque algo estava diferente... — Seu rosto! A tatuagem desapareceu. E você tem uma nova, não, duas, ao redor do seu pescoço.

Seus dedos tocaram suas bochechas onde as marcas estavam e depois desceu por sua garganta. — Uma significa que estou na pós-*s'genesis*, e a outra significa que estou acasalado.

Ela não fazia ideia do que era a coisa *s'genesis*, mas ela tinha muito tempo para perguntar sobre isso. — Bem, acho que elas são melhor que anéis de casamento — ela brincou. — Você não pode tirá-las.

— Convencida — ele balançou sua cabeça para o braço dela. — Isso é o que você recebe por ser tão convencida.

Ela ergueu o braço esquerdo e assistiu com espanto como a réplica da

tatuagem dele começava a aparecer em sua pele.

— Você é minha agora — ele disse. — Não há escapatória.

— Você acha que quero escapar?

— Espero que não, porque sou um caçador, lembra? Consigo o que quero.

Ela sorriu. — E o que você quer? Neste minuto?

Ele mostrou a ela. Exatamente naquele minuto.

†††††

Wraith esperou até que Serena caiu em um profundo e exausto sono antes de ele descer da cama e a deixar se recuperar da alimentação, o sexo, o vínculo, e a pequena coisa de mudar de humano para vampiro.

Deixá-la era uma das coisas mais difíceis que ele já fez, mas ele tinha algumas coisas para fazer, como se preparar a tortura dos vampiros e encontrar seus irmãos. Considerando o que ele precisava dizer a Shade e E, a tortura parecia divertida.

Ele os encontrou logo no fim do corredor, na sala de descanso, porta aberta. Eles o encontraram no limiar.

— Tudo bem? — Shade perguntou, e Wraith o socou no ombro.

— Você sabe que sim. — Como incubos, eles sabiam quando havia sexo ocorrendo nas proximidades.

— Então, Serena é toda cheia de presa?

— E vinculada.

Eidolon levantou uma sobrancelha. — Sim, a falta da *dermoire* no seu rosto é bastante reveladora. — Ele bateu na traseira de Wraith. — Parabéns cara. É bom saber que está feliz.

— Sim, sobre isso. — Wraith entrou no quarto. — Devo a vocês um pedido de desculpas. Mais que isso, mas não sei como posso reconciliar tantos anos de inferno.

Seus irmãos apenas ficaram lá parados, ou atordoados ou não

comprando uma palavra. Provavelmente o último. Ele nunca deu a eles uma razão para acreditar em qualquer coisa que ele disse ou fez.

— Então, ah, eu sinto muito. Vocês têm me livrado de muitas situações. Eu nunca poderei recompensar vocês. — Wraith teve que sorrir para o silêncio de seus irmãos, porque agora eles não estavam encontrando seu olhar. Um porcaria de um macho meloso era constrangedor para eles. Coisa boa, porque ele odiava ficar sozinho nessa.

— Está tudo bem — a voz de Shade era baixa e áspera com emoção.

Eidolon assentiu. — Acho que estamos todos bem.

— Besteira. — Wraith golpeou um par de laranjas para fora da cesta de Gem sobre o balcão e golpeou seus irmãos com elas. — Eu coloquei vocês através do inferno muitas vezes, e sessenta segundos bajulando seus trabalhos não vão apagar isso.

— Bem, nos golpear com as frutas não vai ajudar! — Shade gritou, devolvendo o fogo. A laranja girou para a esquerda, respingando na parede.

— Olá — Wraith insultou. — Encantor.

— Não tem mais a quem bajular? — *E* disse, mas sua boca se contorceu em um meio sorriso.

— Tenho. — Wraith foi direto à cafeteria, necessitando levar sua mente fora, pois implorar perdão estava exigindo demais dele. — Mas isso vai demorar muito tempo. Estou disposto a fazer o que for preciso para fazer as pazes com vocês.

E e Shade caíram em um silêncio novamente.

— Olha, por que não mudamos de assunto?

Seus irmãos assentiram com veemência.

— Tudo bem, então. Como está Tayla? — Mais do que uma mudança de assunto, Wraith realmente se importava. Ele queria matar a assassina no começo, mas ele não poderia negar que ela era perfeita para *E*. — Os caras do Aegis não levaram a coisa de demônio dela muito bem.

— Eles queriam executá-la — *E* rosnou. — Kynan os fez ver a luz.

Shade sorriu. — Agora que você o fez a pessoa mais importante do planeta, ele ameaçou sair se o Aegis não deixá-la ficar.

— Ah, chantagem. Eu sempre soube o que aquele humano tinha algo nele. — Wraith teria gostado de ver aquela cena. — Então, eles deram as boas vindas a Ky também?

— Eles fizeram dele um Ancião — Eidolon sorriu. — Aquele filho da puta está agora a cargo de toda a maldita organização.

Agora, isso era engraçado como o inferno. — E sobre Gem?

— Ela está ajudando Kynan na mudança para sua casa enquanto conversamos. — Eidolon se curvou para recuperar a laranja que Wraith jogara nele.

— Bom para ela — disse Wraith. — Então o que há com o novo irmão? E por que ele foi capaz de trazer Ky de volta?

— Um acasalamento com uma humana que deu errado. — Shade disse. — Seu dom é todo fudido. Ele mata tudo que toca, mas aparentemente, ele pode trazer os mortos de volta dentro de um breve período de tempo...

— E somente se eles não estão morrendo de uma doença de demônio — Wraith terminou, ainda ligeiramente amargo sobre isso. — Onde ele está?

— Foi embora — Shade disse. — Acho que ele tinha coisas a fazer. Pessoas para matar. Não sei.

Eidolon jogou a laranja dentro do cesto. — Acho que ele está sobrecarregado pela instantânea família. Ele voltará.

— Falando em família — disse Wraith para Shade, — quando posso conhecer os sobrinhos? — Houve uma longa pausa, muito longa, e Wraith acrescentou rapidamente. — Não vou comê-los ou qualquer coisa. Eu juro.

Shade ficou rígido. — Por que agora?

— Quero pertencer a uma família — Wraith falou sem pensar antes que ele pudesse repensar, soando como um burro doce. — Quero dizer, eu tenho Serena, mas ela é uma vampira, o que significa que não pode ter crianças... — Ele se sentia mal por isso, não apenas por ela, mas estranhamente, por ele. Com ela ao seu lado, encorajando-o,

ele sabia que poderia ser um bom pai. — Eu só estava pensando que talvez eu pudesse, você sabe, apenas passar tempo junto... porra, eu não sei. Isso é estúpido. Deixe para lá.

Shade e Eidolon trocaram olhares, como se tivessem um segredo entre eles. Por um momento ele foi tentado a entrar na cabeça de Shade da maneira que ele sempre fez e descobrir o que eles estavam escondendo dele. Mas Shade odiava isso, e violar a mente de seu irmão faria o seu bonito pedido de perdão mais uma mentira.

— Eu entendo. — Wraith se apoiou em direção a porta, batendo contra o quadro. — É tarde demais...

Ele não poderia se imaginar fazendo churrasco de cachorros quentes e jogando as porras de jogos de tabuleiro de família de qualquer jeito.

— Wraith, não é isso — disse Shade.

— Não importa. Serena está acordando. Preciso ir até ela.

Shade chamou seu nome enquanto ele saía, mas Wraith apenas ergueu a mão para cortá-lo, e continuou. Eles não podiam confiar nele para ser um membro funcional da família ainda, mas eles iriam. Ele ganharia finalmente a confiança deles, mas agora, seu foco era todo para Serena.

Ela estava amarrando um par de calças quando ele entrou. — Ei — ela disse, inclinando a cabeça para o lado enquanto o estudava. — É tão estranho vê-lo sem a tatuagem em seu rosto.

— Acho que estarei em um inferno de um choque na próxima vez que me olhar no espelho. — Um bom choque, porém, como ele teve quando viu que sua marca de ampolheta se estabeleceu na forma correta novamente. Ele pegou a mão dela e a puxou contra ele, divertindo-se com a sensação de suas curvas suaves contra seu corpo rígido. — Você está se sentindo bem?

— Nunca estive melhor. — Ela sorriu, e as pontas de suas presas saíram de seus lábios separados. Era tão malditamente sexy que Wraith queria jogá-la para baixo e entrar dentro dela enquanto ela afundava aqueles pequenos dentes sexys em sua garganta.

Que diferença fez um dia. Ele estava realmente começando a compreender o tesão dela por vampiros. Ele estava ficando com tesão um ele mesmo. Literalmente. — Baby, temos que sair daqui. — Seu pênis crescendo foi a maneira de abortar esse plano.

— Para onde vamos?

Total confiança. Sua fé nele puxou seu coração e ao mesmo tempo ficou com medo de fazer merda. E se ele quebrasse essa confiança, falhasse com ela?

— Você não vai — ela disse suavemente.

— Como você sabia o que eu estava pensando?

— Senti seu medo. Não preciso ser um gênio para descobrir do que se tratava.

Ele rosnou brincando. — Esse vínculo vai ser uma dor na bunda.

— Realmente? — Ela o alcançou e o abraçou. — Porque posso sentir sua excitação também... e está definitivamente acendendo a minha.

Oh, sim. Ele podia sentir isso vindo através do vínculo como um toque erótico. — Então, talvez o vínculo não seja tão mal. — Suas palavras saíram em um gemido graças às carícias que ela começou.

— Então, você estava dizendo?

— Certo. Estamos indo para o meu lugar... ah, deuses, mantenha isso à frente, apenas como isso. — Ele arqueou para seu toque. — E depois que eu devastar você, começarei a ensinar-lhe sobre a vida em meu mundo. Você está bem com isso?

Ela desabotoou o botão superior em sua braguilha. — As lições têm de começar agora mesmo?

— Provavelmente é uma boa ideia — ele rangeu, mas então ela caiu de joelhos. — Lições? Que lições?

— Isso é o que eu pensava. — O olhar fixo em seu olhar, a promessa erótica, a confiança, o amor, trouxe-lhe de joelhos na frente dela. Ela significava as profundezas para ele, e naquele momento, ele sabia.

Ele nunca falharia com ela.

E a fé nos olhos dela disse que ela sabia, também.

Trinta e Três

— Já estão aqui! — Serena se obrigou a andar tranquilamente para a porta principal, apesar de que queria correr a toda velocidade. Runa, Shade e seus filhos estariam do outro lado e ela e Wraith os conheceriam pela primeira vez.

Passou quase uma semana desde que ela e Wraith chegaram a sua casa - um andar de solteiro muito masculino, em Manhattan - e depois de dias de não fazer nada exceto desfrutar um do outro, decidiram que era hora de curtir sua família.

Principalmente porque a família dela já havia chegado e já tinha ido embora.

Ela chamou Val no momento em que ela e Wraith deixaram o hospital, e ele ficou tão feliz que ela estivesse viva que o fato que ela havia se transformado em um vampiro não lhe incomodou.

Muito. Veio de visita ontem e não tiveram tempo suficiente para resolver todos os problemas que enfrentavam, desde a relação que teve com sua mãe até suas razões para esconder a verdade de David, até o engano de Wraith e ela se transformando em vampiro... bem, na verdade, ainda era uma confusão.

Mas Val estava disposto a reparar o mal e curar todas as feridas. O mais provável era que ele e Wraith nunca se dessem bem durante um jogo de golf, mas pensava que não passaria muito tempo antes que parassem de se olharem com receio sobre as bordas de seus copos de uísque. O fato de que não tentaram matar um ao outro era um começo.

Quanto a David... tinha uma sensação de que as coisas não ficariam bem entre ela e seu meio irmão. Se ele alguma vez fosse colocado em liberdade da custódia do Aegis por trair a raça humana com um Anjo caído, de qualquer modo.

Wraith, ela finalmente havia se acostumado a chamá-lo assim, encontrou-a no vestibulo. — Você está pronta para isso? — Ele pegou sua mão. — Porque podemos fazer isso em outro momento. Eles estarão no casamento de Kynan e Gem.

Tal notícia havia sido divertida. O casal descera esta manhã para convidá-los ao Havaí na próxima semana; um casamento sob as estrelas, uma cerimônia noturna para que ela, como um vampiro, pudesse assistir. Wraith reclamou e bufou sobre ser o padrinho de Kynan, mas ela o pegou sorrindo durante horas depois que Ky e Gem foram embora.

— Eu estou pronta.

Ele a advertiu que seus irmãos e cunhadas poderiam ser esmagadores, mas os mais novos a deixariam muito mais nervosa; e ele sabia.

Ela sempre desejou ter filhos, mas como um vampiro, ela soube que seria incapaz de conceber. A dor maternal a perfurou profundamente, mas não podia se queixar. Ela estava saudável e viva. Algo assim, como Wraith gostava de zombar dela.

— Vamos conhecer a família. — Ela abriu a porta, surpresa ao encontrar apenas Shade de pé com um pacote coberto por uma manta que se contorcia em seus braços, junto a ele, Eidolon.

— Runa vai ficar chateada por você ter perdido alguma das crianças.
— Disse Wraith, arrastando as palavras.

Os olhos escuros de Shade brilhavam com uma emoção que ela não podia definir. — Nossos três bebês estão na casa de Runa.

Wraith e Serena deram um passo para trás para permitir que seus irmãos entrassem. — Então, o quê? — Disse Wraith. — Você recolhe crianças na rua agora?

— É seu, irmão.

— Meu o que?

— Filho. — Eidolon tirou a manta, deixando descoberto o braço direito do bebê e a *dermoire* que o marcava. — É seu.

Serena não estava certa de quem entendeu; quem realmente entendeu primeiro, Wraith ou ela. Ele olhou para o bebê, com os olhos fora de órbitas. Ela ficou ali, com medo de que o que Eidolon disse não fosse verdade. Que se tratava de uma brincadeira de mau gosto.

Wraith havia feito um bebê em outra pessoa, um fato que poderia tê-la incomodado se ele não tivesse lhe explicado sua raça, seu passado... e se ela não entendesse quanto ele estava comprometido com ela.

Mas de alguma forma ela não podia ver esta vida inocente como qualquer coisa senão como um presente maravilhoso e uma resposta as suas orações.

Shade colocou o bebê perto de seu peito, suavemente, protetor e se virou para Wraith, que continuava olhando o bebê sem saber o que fazer.

— Ei. — Disse ela em voz baixa. — Você está bem?

Ele assentiu com a cabeça, aturdido.

Cercada de silêncio, Serena se aproximou de Shade. O bebê se acalmou, seus grandes olhos marrons a olharam com a sabedoria que todos os recém-nascidos pareciam nascer. Era lindo, com o nariz e a boca de Wraith e em um instante, ela se apaixonou.

— Posso? — Ela perguntou, e mesmo que Shade hesitasse, entregou o bebê para ela. Em seus braços ele pareceu bem, e seu coração se inflamou.

Ela se aproximou de Wraith, lentamente, com medo de assustá-lo porque ele ainda tinha esse olhar meio selvagem em seus olhos. — Veja-o. Olhe para o seu filho.

Engoliu saliva, travou seu olhar com o dela. — Meu... filho. Eu nunca pensei...

— Apenas o olhe. É lindo.

No momento em que seus olhos se conectaram com o de seu filho, sua expressão se suavizou; se transformou em uma de maravilha. — A mãe? — Murmurou, e Eidolon limpou a garganta,

— Suresh.

A mão de Wraith tremeu enquanto cuidadosamente oferecia seu dedo ao bebê, que envolveu seu pequeno dedo ao seu redor. — Você será capaz de tele-transportar algum dia, pequenino. — Ele olhou para Serena. — Desculpe. Isto não deve ser fácil para você. A mulher...

— Está tudo bem. — Ela disse, e não estava mentindo. — Eu sei o que você é e o que era antes de nos conhecermos. — Ela colocou o bebê nos braços de Wraith. Ele segurou seu filho como se o bebê fosse de cristal. — É seu, e agora é nosso.

Wraith fechou os olhos. — Tem certeza? Por que... eu tenho medo.

— Não tenha medo. Vamos aprender sobre isto de sermos pais, juntos. Você será maravilhoso. Seu coração é tão grande.

Ele colocou seu braço ao redor de seu pescoço e a puxou para perto, para que todos compartilhassem um grande abraço. Este era o momento pelo qual havia vivido toda a sua vida. O que queria deter e nunca se esquecer.

— Eu te amo, *Lirsha* — murmurou. — Tudo o que eu tinha antes de você eram pesadelos. Mas agora eu sonho. Graças a você.

— Eu sempre sonhei — sussurrou ela. — Mas nunca pensei que se tornaria realidade. — Ela pressionou um terno beijo na testa do bebê e depois roçou seus lábios sobre os de Wraith. — Eu tenho o que sonhei e muito mais.

E quando Wraith lhe sorriu, ela sabia que ele sentia a mesma coisa. Por toda a eternidade.

Fim...

A série Demonica continua em : **Eternity**

Embraced



Esta obra foi traduzida pelo grupo de Tradução After Dark (TAD), de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. A Comunidade tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, a Traduções After Dark, sem prévio aviso quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se de postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.